

O Evangelho

segundo o

Espiritismo

Allan Kardec

Tradução nova e integral feita do original francês
evangelhoespiritismo.com.br

O Evangelho segundo o Espiritismo, de Allan Kardec. Título original: *L'Évangile selon le spiritisme* (Paris, 1864). Obra em domínio público.

Tradução nova e integral, feita direto do original francês, publicada em evangelhoespiritismo.com.br, onde o livro pode ser lido de graça, com áudio, mensagem do dia e Evangelho no Lar guiado.

Edição digital gratuita. Versão de Novembro de 2026.

Sumário

Prefácio 5

Introdução 6

I. Não vim destruir a Lei 37

II. Meu reino não é deste mundo 48

III. Há muitas moradas na casa de meu Pai 55

IV. Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo 67

V. Bem-aventurados os aflitos 82

VI. O Cristo consolador 115

VII. Bem-aventurados os pobres de espírito 121

VIII. Bem-aventurados os que têm o coração puro 136

IX. Bem-aventurados os que são mansos e pacíficos 150

X. Bem-aventurados os misericordiosos 158

XI. Amar o próximo como a si mesmo 173

XII. Amai os vossos inimigos 188

XIII. Que a vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita 203

XIV. Honrai vosso pai e vossa mãe 228

XV. Fora da caridade não há salvação 240

XVI. Não se pode servir a Deus e a Mamon 249

XVII. Sede perfeitos 269
XVIII. Muitos os chamados e poucos os escolhidos 285
XIX. A fé transporta montanhas 299
XX. Os trabalhadores da última hora 308
XXI. Haverá falsos cristos e falsos profetas 316
XXII. Não separeis o que Deus uniu 330
XXIII. Moral estranha 334
XXIV. Não ponhais a candeia debaixo do alqueire 346
XXV. Buscai e achareis 356
XXVI. Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes 363
XXVII. Pedi e obtereis 369
XXVIII. Coletânea de preces espíritas 385

Prefácio

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, como um imenso exército que se põe em marcha assim que recebe a ordem, espalham-se por toda a superfície da Terra; semelhantes a estrelas que caem do céu, vêm iluminar o caminho e abrir os olhos dos cegos.

Em verdade vos digo: chegaram os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas em seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do céu ressoam como o som da trombeta, e os coros dos anjos se reúnem. Homens, nós vos convidamos ao divino concerto; que vossas mãos tomem a lira; que vossas vozes se unam e, num hino sagrado, se estendam e vibrem de uma extremidade a outra do universo.

Homens, irmãos que amamos, estamos junto de vós; amai-vos também uns aos outros e dizei, do fundo do vosso coração, fazendo a vontade do Pai que está no céu: “Senhor! Senhor!”, e podereis entrar no reino dos céus.

O Espírito de Verdade

Nota. A instrução acima, transmitida por via mediúnica, resume ao mesmo tempo o verdadeiro caráter do Espiritismo e o objetivo desta obra; por isso foi colocada aqui como prefácio.

Introdução

I. Objetivo desta obra. II. Autoridade da Doutrina Espírita: controle universal do ensino dos Espíritos. III. Notícias históricas. IV. Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo.

I. Objetivo desta obra

Podem-se dividir as matérias contidas nos Evangelhos em cinco partes: os atos comuns da vida do Cristo, os milagres, as predições, as palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas da Igreja e o ensino moral. Se as quatro primeiras partes foram objeto de controvérsias, a última permaneceu inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva; é o terreno onde todos os cultos podem se encontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam as suas crenças, pois ele nunca foi motivo das disputas religiosas, sempre e por toda parte suscitadas pelas questões de dogma; aliás, discutindo-o, as seitas teriam encontrado nele a sua própria condenação, porque a maioria delas se apegou mais à parte mística do que à parte moral, que exige a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, é uma regra de conduta que abrange todas as circunstâncias da vida privada ou pública, o princípio de todas as relações sociais fundadas na mais rigorosa justiça; é, enfim, e acima de tudo, o caminho infalível da felicidade futura, uma ponta do véu erguida sobre a vida futura. É essa parte que constitui o objeto exclusivo desta obra.

Todo o mundo admira a moral evangélica; cada um lhe proclama a sublimidade e a necessidade, mas muitos o fazem por confiança, com base no que ouviram dizer, ou fiando-se em algumas máximas

que se tornaram proverbiais; poucos, porém, a conhecem a fundo, e menos ainda a compreendem e sabem deduzir dela as consequências. A razão disso está, em grande parte, na dificuldade que apresenta a leitura do Evangelho, ininteligível para o maior número. A forma alegórica e o misticismo intencional da linguagem fazem com que a maioria o leia por desencargo de consciência e por dever, como lê as orações sem as compreender, isto é, sem proveito. Os preceitos morais, disseminados aqui e ali, confundidos na massa das outras narrativas, passam despercebidos; torna-se então impossível apreender o seu conjunto e fazer deles objeto de uma leitura e de uma meditação à parte.

É verdade que se escreveram tratados de moral evangélica, mas a adaptação ao estilo literário moderno lhes tira a simplicidade primitiva que constitui, ao mesmo tempo, o seu encanto e a sua autenticidade. O mesmo acontece com as máximas destacadas, reduzidas à sua mais simples expressão proverbial; já não passam, então, de aforismos que perdem parte do seu valor e do seu interesse, pela ausência dos elementos acessórios e das circunstâncias em que foram dados.

Para obviar a esses inconvenientes, reunimos nesta obra os artigos que podem constituir, propriamente falando, um código de moral universal, sem distinção de culto; nas citações, conservamos tudo o que era útil ao desenvolvimento do pensamento, suprimindo apenas as coisas alheias ao assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução original de Sacy, bem como a divisão em versículos. Mas, em vez de nos prendermos a uma ordem cronológica impossível e sem vantagem real num assunto como este, as máximas foram agrupadas e classificadas metodicamente segundo a sua natureza, de modo que decorram, tanto quanto possível, umas das ou-

tras. A indicação dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite recorrer à classificação usual, se assim se julgar conveniente.

Isso não era mais que um trabalho material que, sozinho, teria apenas utilidade secundária; o essencial era pô-lo ao alcance de todos, pela explicação das passagens obscuras e pelo desenvolvimento de todas as consequências, tendo em vista a aplicação às diferentes situações da vida. Foi o que procuramos fazer com o auxílio dos bons Espíritos que nos assistem.

Muitos pontos do Evangelho, da Bíblia e dos autores sagrados em geral só são ininteligíveis, muitos até só parecem irracionais, por falta da chave para compreender o seu verdadeiro sentido; essa chave está inteira no Espiritismo, como já puderam convencer-se aqueles que o estudaram seriamente, e como se reconhecerá melhor ainda mais tarde. O Espiritismo se encontra por toda parte na Antiguidade e em todas as épocas da humanidade; por toda parte se encontram vestígios dele nos escritos, nas crenças e nos monumentos; é por isso que, se ele abre horizontes novos para o futuro, lança uma luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

Como complemento de cada preceito, acrescentamos algumas instruções escolhidas entre as que foram ditadas pelos Espíritos em diversos países e por intermédio de diferentes médiuns. Se essas instruções tivessem saído de uma fonte única, poderiam ter sofrido uma influência pessoal ou a do meio, ao passo que a diversidade de origens prova que os Espíritos dão os seus ensinamentos por toda parte e que ninguém é privilegiado sob esse aspecto[1].

Esta obra é para uso de todos; cada um pode encontrar nela os meios de conformar a sua conduta à moral do Cristo. Os espíritas encontra-

rão nela, além disso, as aplicações que lhes dizem respeito mais especialmente. Graças às comunicações estabelecidas daqui em diante de maneira permanente entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, ensinada a todas as nações pelos próprios Espíritos, não será mais letra morta, porque cada um a compreenderá e será incessantemente solicitado a pô-la em prática pelos conselhos de seus guias espirituais. As instruções dos Espíritos são verdadeiramente as vozes do céu que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho.

II. Autoridade da Doutrina Espírita

Controle universal do ensino dos Espíritos

Se a Doutrina Espírita fosse uma concepção puramente humana, teria por garantia apenas as luzes daquele que a tivesse concebido; ora, ninguém neste mundo poderia ter a pretensão fundada de possuir sozinho a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se tivessem manifestado a um único homem, nada lhe garantiria a origem, pois seria preciso acreditar sob palavra naquele que dissesse ter recebido o seu ensino. Mesmo admitindo de sua parte perfeita sinceridade, quando muito ele poderia convencer as pessoas do seu círculo; poderia ter sectários, mas jamais conseguiria reunir todo o mundo.

Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por um caminho mais rápido e mais autêntico; é por isso que encarregou os Espíritos de levá-la de um polo a outro, manifestando-se por toda parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir a sua palavra. Um homem pode ser enganado, pode enganar-se a si mesmo; não poderia ser assim quando milhões veem e ouvem a mesma coisa: é uma garantia para cada um e para todos. Além disso, pode-se fazer desa-

parecer um homem, mas não se fazem desaparecer as massas; podem-se queimar os livros, mas não se podem queimar os Espíritos; ora, ainda que se queimassem todos os livros, a fonte da doutrina não seria menos inesgotável, precisamente porque não está na Terra, porque surge de toda parte e porque cada um pode beber nela. Na falta de homens para difundi-la, haverá sempre os Espíritos, que alcançam a todos e que ninguém pode alcançar.

São, pois, na realidade, os próprios Espíritos que fazem a propaganda, com o auxílio dos inumeráveis médiuns que suscitam por todos os lados. Se tivesse tido um único intérprete, por mais favorecido que fosse, o Espiritismo mal seria conhecido; esse mesmo intérprete, qualquer que fosse a classe a que pertencesse, teria sido objeto de prevenções da parte de muita gente; nem todas as nações o teriam aceitado, ao passo que os Espíritos, comunicando-se por toda parte, a todos os povos, a todas as seitas e a todos os partidos, são aceitos por todos; o Espiritismo não tem nacionalidade; está fora de todos os cultos particulares; não é imposto por nenhuma classe da sociedade, pois cada um pode receber instruções de seus parentes e de seus amigos de além-túmulo. Era preciso que fosse assim para que ele pudesse chamar todos os homens à fraternidade; se não se tivesse colocado num terreno neutro, teria mantido as dissensões em vez de apaziguá-las.

Essa universalidade no ensino dos Espíritos faz a força do Espiritismo; aí está também a causa da sua propagação tão rápida; enquanto a voz de um só homem, mesmo com o socorro da imprensa, teria levado séculos para chegar aos ouvidos de todos, eis que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os pontos da Terra para proclamar os mesmos princípios e transmiti-los aos mais ignorantes como aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado. É

uma vantagem de que não gozou nenhuma das doutrinas que surgiram até hoje. Se, pois, o Espiritismo é uma verdade, não teme nem a má vontade dos homens, nem as revoluções morais, nem as convulsões físicas do globo, porque nenhuma dessas coisas pode atingir os Espíritos.

Mas não é essa a única vantagem que resulta dessa posição excepcional; o Espiritismo encontra nela uma garantia todo-poderosa contra os cismas que poderiam suscitar quer a ambição de alguns, quer as contradições de certos Espíritos. Essas contradições são, sem dúvida, um escolho, mas um escolho que traz em si o remédio ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em consequência da diferença que existe em suas capacidades, estão longe de possuir individualmente toda a verdade; que não é dado a todos penetrar certos mistérios; que o seu saber é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares não sabem mais que os homens, e sabem menos que certos homens; que há entre eles, como entre estes últimos, presunçosos e falsos sábios que julgam saber o que não sabem; sistemáticos que tomam as suas ideias pela verdade; enfim, que somente os Espíritos da ordem mais elevada, os que estão completamente desmaterializados, se despojaram das ideias e dos preconceitos terrestres; mas sabe-se também que os Espíritos enganadores não têm escrúpulo em se abrigar sob nomes de empréstimo para fazer aceitar as suas utopias. Daí resulta que, em tudo o que está fora do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um pode obter têm um caráter individual, sem autenticidade; que devem ser consideradas como opiniões pessoais deste ou daquele Espírito, e que haveria imprudência em aceitá-las e promulgá-las levianamente como verdades absolutas.

O primeiro controle é, sem contestação, o da razão, ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos; toda teoria em contradição manifesta com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possuem, por mais respeitável que seja o nome que a assine, deve ser rejeitada. Mas esse controle é incompleto em muitos casos, em consequência da insuficiência das luzes de certas pessoas e da tendência de muitos a tomar o seu próprio juízo como único árbitro da verdade. Em casos assim, que fazem os homens que não têm em si mesmos uma confiança absoluta? Tomam o parecer do maior número, e a opinião da maioria é o seu guia. Assim deve ser em relação ao ensino dos Espíritos, que nos fornecem eles mesmos os meios para isso.

A concordância no ensino dos Espíritos é, pois, o melhor controle; mas é preciso ainda que ela se dê em certas condições. A menos segura de todas é quando um médium interroga ele mesmo vários Espíritos sobre um ponto duvidoso; é bem evidente que, se ele estiver sob o domínio de uma obsessão, ou se estiver lidando com um Espírito enganador, esse Espírito pode dizer-lhe a mesma coisa sob nomes diferentes. Também não há garantia suficiente na conformidade que se possa obter por meio dos médiuns de um único centro, porque eles podem sofrer a mesma influência.

A única garantia séria do ensino dos Espíritos está na concordância que existe entre as revelações feitas espontaneamente, por intermédio de um grande número de médiuns estranhos uns aos outros, e em diversas regiões.

Compreende-se que não se trata aqui das comunicações relativas a interesses secundários, mas do que se liga aos próprios princípios da doutrina. A experiência prova que, quando um princípio novo deve receber a sua solução, ele é ensinado espontaneamente em diferen-

tes pontos ao mesmo tempo, e de maneira idêntica, se não na forma, pelo menos no fundo. Se, pois, agradar a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado apenas em suas próprias ideias e fora da verdade, pode-se ter certeza de que esse sistema ficará circunscrito e cairá diante da unanimidade das instruções dadas em toda parte, como já se viram vários exemplos. Foi essa unanimidade que fez cair todos os sistemas parciais surgidos na origem do Espiritismo, quando cada um explicava os fenômenos à sua maneira, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Essa é a base em que nos apoiamos quando formulamos um princípio da doutrina; não é por estar de acordo com as nossas ideias que o damos como verdadeiro; não nos colocamos de modo algum como árbitro supremo da verdade e não dizemos a ninguém: “Crede em tal coisa, porque nós vo-lo dizemos.” Nossa opinião não é, aos nossos próprios olhos, mais que uma opinião pessoal, que pode ser justa ou falsa, porque não somos mais infalível que outro qualquer. Também não é porque um princípio nos é ensinado que ele é para nós a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância.

Em nossa posição, recebendo as comunicações de cerca de mil centros espíritas sérios, disseminados pelos diversos pontos do globo, estamos em condições de ver os princípios sobre os quais essa concordância se estabelece; é essa observação que nos guiou até hoje, e é também ela que nos guiará nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar. É assim que, estudando atentamente as comunicações vindas de diversos lados, tanto da França como do estrangeiro, reconhecemos, pela natureza muito especial das revelações, que há uma tendência a entrar num novo caminho e que chegou o momento de dar um passo à frente. Essas revelações, feitas às vezes

em termos velados, frequentemente passaram despercebidas para muitos dos que as obtiveram; muitos outros acreditaram ser os únicos a tê-las. Tomadas isoladamente, elas seriam para nós sem valor; só a coincidência lhes dá peso; depois, quando chega o momento de entregá-las à luz da publicidade, cada um se lembra de ter recebido instruções no mesmo sentido. É esse movimento geral que observamos e estudamos, com a assistência de nossos guias espirituais, e que nos ajuda a julgar da oportunidade de fazermos uma coisa ou de nos abstermos.

Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. É aí que, no futuro, se buscará o critério da verdade. O que fez o êxito da doutrina formulada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* é que em toda parte cada um pôde receber diretamente dos Espíritos a confirmação do que eles contêm. Se, de todos os lados, os Espíritos tivessem vindo contradizê-los, esses livros teriam há muito tempo sofrido a sorte de todas as concepções fantasiosas. Nem mesmo o apoio da imprensa os teria salvado do naufrágio, ao passo que, privados desse apoio, nem por isso deixaram de fazer um caminho rápido, porque tiveram o dos Espíritos, cuja boa vontade compensou, e de sobra, a má vontade dos homens. Assim acontecerá com todas as ideias que emanarem dos Espíritos ou dos homens e que não puderem suportar a prova desse controle, cujo poder ninguém pode contestar.

Suponhamos, pois, que agrade a certos Espíritos ditar, sob um título qualquer, um livro em sentido contrário; suponhamos mesmo que, com intenção hostil e com o fim de desacreditar a doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas: que influência poderiam ter esses escritos, se fossem desmentidos de todos os lados pelos

Espíritos? É da adesão destes últimos que seria preciso certificar-se antes de lançar um sistema em seu nome. Do sistema de um só ao de todos vai a distância da unidade ao infinito. Que podem mesmo todos os argumentos dos detratores sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, partidas do espaço, vêm de todos os cantos do universo, e no seio de cada família, combatê-los em brecha? A experiência, sob esse aspecto, já não confirmou a teoria? Que fim levaram todas aquelas publicações que deviam, segundo diziam, aniquilar o Espiritismo? Qual delas chegou sequer a deter a sua marcha? Até hoje não se havia encarado a questão sob esse ponto de vista, sem dúvida um dos mais graves; cada um contou consigo mesmo, mas sem contar com os Espíritos.

O princípio da concordância é ainda uma garantia contra as alterações que poderiam fazer o Espiritismo sofrer as seitas que quisessem apoderar-se dele em proveito próprio e acomodá-lo a seu gosto. Quem quer que tentasse desviá-lo do seu objetivo providencial fracassaria, pela razão muito simples de que os Espíritos, pela universalidade do seu ensino, farão cair toda modificação que se afaste da verdade.

De tudo isso decorre uma verdade capital: quem quisesse pôr-se de través à corrente de ideias estabelecida e sancionada poderia, é certo, causar uma pequena perturbação local e momentânea, mas jamais dominar o conjunto, nem mesmo no presente, e menos ainda no futuro.

Decorre ainda que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos da doutrina ainda não elucidados não poderiam fazer lei enquanto permanecerem isoladas; que, por conseguinte, só devem ser aceitas com todas as reservas e a título de informação.

Daí a necessidade de empregar na sua publicação a maior prudência; e, caso se julgue dever publicá-las, importa apresentá-las apenas como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, mas que, em todo caso, necessitam de confirmação. É essa confirmação que é preciso esperar antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, se não se quiser ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Os Espíritos superiores procedem em suas revelações com extrema sabedoria; só abordam as grandes questões da doutrina gradualmente, à medida que a inteligência está apta a compreender verdades de ordem mais elevada e que as circunstâncias são propícias à emissão de uma ideia nova. É por isso que, desde o começo, não disseram tudo, e ainda hoje não disseram tudo, nunca cedendo à impaciência das pessoas apressadas demais, que querem colher os frutos antes da maturidade. Seria, pois, supérfluo querer adiantar-se ao tempo marcado para cada coisa pela Providência, porque então os Espíritos verdadeiramente sérios recusam positivamente o seu concurso; mas os Espíritos levianos, pouco se importando com a verdade, respondem a tudo; é por essa razão que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não são fruto de uma teoria pessoal, mas a consequência forçosa das condições em que os Espíritos se manifestam. É bem evidente que, se um Espírito diz uma coisa de um lado, enquanto milhões de Espíritos dizem o contrário em outros lugares, a presunção de verdade não pode estar com aquele que está sozinho, ou quase, na sua opinião; ora, pretender ter razão sozinho contra todos seria tão ilógico da parte de um Espírito quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente sábios, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, nunca a decidem de ma-

neira absoluta; declaram tratá-la apenas do seu ponto de vista e eles mesmos aconselham que se aguarde a confirmação.

Por maior, mais bela e mais justa que seja uma ideia, é impossível que ela reúna, desde o início, todas as opiniões. Os conflitos que daí resultam são a consequência inevitável do movimento que se opera; são até necessários para fazer sobressair melhor a verdade, e é útil que ocorram no começo, para que as ideias falsas se desgastem mais depressa. Os espíritas que concebessem alguns receios a esse respeito devem, pois, ficar perfeitamente tranquilos. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força das coisas, diante do grande e poderoso critério do controle universal.

Não é à opinião de um homem que as pessoas se unirão, mas à voz unânime dos Espíritos; não é um homem, nem nós nem outro qualquer, que fundará a ortodoxia espírita; tampouco é um Espírito que venha impor-se a quem quer que seja: é a universalidade dos Espíritos comunicando-se em toda a Terra por ordem de Deus; aí está o caráter essencial da Doutrina Espírita; aí está a sua força, aí está a sua autoridade. Deus quis que a sua lei fosse assentada sobre uma base inabalável; é por isso que não a fez repousar sobre a cabeça frágil de um só.

É diante desse poderoso areópago, que não conhece nem panelinhas, nem rivalidades ciumentas, nem seitas, nem nações, que virão quebrar-se todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; que nós mesmos nos quebraríamos, se quiséssemos substituir os seus decretos soberanos pelas nossas próprias ideias; é ele somente que decidirá todas as questões litigiosas, que fará calar as dissidências e dará razão ou não a quem de direito. Diante desse imponente acordo de todas as vozes do céu, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos que a gota d'água

que se perde no oceano, menos que a voz da criança abafada pela tempestade.

A opinião universal, eis, pois, o juiz supremo, aquele que pronuncia em última instância; ela se forma de todas as opiniões individuais; se uma delas é verdadeira, tem apenas o seu peso relativo na balança; se é falsa, não pode prevalecer sobre todas as outras. Nesse imenso concurso, as individualidades se apagam, e esse é um novo revés para o orgulho humano.

Esse conjunto harmonioso já se delineia; ora, este século não passará sem que ele resplandeça com todo o seu brilho, de maneira a dissipar todas as incertezas; pois até lá vozes poderosas terão recebido a missão de se fazer ouvir para reunir os homens sob a mesma bandeira, assim que o campo estiver suficientemente lavrado. Enquanto isso, quem hesitasse entre dois sistemas opostos pode observar em que sentido se forma a opinião geral: é o indício seguro do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos sobre os diversos pontos a respeito dos quais se comunicam; é um sinal não menos seguro de qual dos dois sistemas prevalecerá.

III. Notícias históricas

Para bem compreender certas passagens dos Evangelhos, é necessário conhecer o valor de várias palavras que neles são frequentemente empregadas e que caracterizam o estado dos costumes e da sociedade judaica naquela época. Essas palavras, não tendo mais para nós o mesmo sentido, foram muitas vezes mal interpretadas e, por isso mesmo, deixaram uma espécie de incerteza. A compreensão do seu significado explica, além disso, o verdadeiro sentido de certas máximas que à primeira vista parecem estranhas.

Samaritanos. Depois do cisma das dez tribos, Samaria tornou-se a capital do reino dissidente de Israel. Destruída e reconstruída várias vezes, foi, sob os romanos, a sede da Samaria, uma das quatro divisões da Palestina. Herodes, chamado o Grande, embelezou-a com suntuosos monumentos e, para lisonjear Augusto, deu-lhe o nome de Augusta, em grego Sebaste.

Os samaritanos estiveram quase sempre em guerra com os reis de Judá; uma aversão profunda, datada da separação, perpetuou-se constantemente entre os dois povos, que evitavam qualquer relação recíproca. Os samaritanos, para tornar mais profunda a cisão e não terem de ir a Jerusalém para a celebração das festas religiosas, construíram para si um templo particular e adotaram certas reformas; admitiam apenas o Pentateuco, que contém a lei de Moisés, e rejeitavam todos os livros que lhe foram acrescentados depois. Seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebraicos da mais alta antiguidade. Aos olhos dos judeus ortodoxos, eram hereges e, por isso mesmo, desprezados, anatematizados e perseguidos. O antagonismo das duas nações tinha, pois, por único princípio a divergência das opiniões religiosas, embora as suas crenças tivessem a mesma origem; eram os protestantes daquele tempo.

Ainda hoje se encontram samaritanos em algumas regiões do Levante, particularmente em Naplusa e em Jafa. Observam a lei de Moisés com mais rigor que os outros judeus e só contraem casamento entre si.

Nazarenos, nome dado, na antiga lei, aos judeus que faziam voto, seja por toda a vida, seja por um tempo, de conservar perfeita pureza; comprometiam-se à castidade, à abstinência de bebidas fermentadas e à conservação da cabeleira. Sansão, Samuel e João Batista eram nazarenos.

Mais tarde os judeus deram esse nome aos primeiros cristãos, em alusão a Jesus de Nazaré.

Foi também o nome de uma seita herética dos primeiros séculos da era cristã que, assim como os ebionitas, cujos princípios adotava em parte, misturava as práticas do mosaísmo aos dogmas cristãos. Essa seita desapareceu no século IV.

Publicanos. Assim se chamavam, na Roma antiga, os cavaleiros arrendatários das taxas públicas, encarregados da cobrança dos impostos e das rendas de toda natureza, seja na própria Roma, seja nas outras partes do império. Eram o equivalente dos arrendatários-gerais e dos contratadores de impostos do Antigo Regime na França, tais como ainda existem em certas regiões. Os riscos que corriam faziam fechar os olhos às riquezas que frequentemente adquiriam e que, em muitos deles, eram produto de extorsões e de lucros escandalosos. O nome de publicano estendeu-se mais tarde a todos os que manejavam os dinheiros públicos e aos agentes subalternos. Hoje essa palavra é tomada em mau sentido para designar os financistas e agentes de negócios pouco escrupulosos; diz-se às vezes: "Ávido como um publicano; rico como um publicano", referindo-se a uma fortuna de má procedência.

Da dominação romana, o imposto foi o que os judeus aceitaram com mais dificuldade e o que mais irritação causou entre eles; seguiram-se várias revoltas, e fez-se dele uma questão religiosa, porque o consideravam contrário à lei. Formou-se até um partido poderoso, à frente do qual estava um certo Judas, chamado o Gaulonita, que tinha por princípio a recusa do imposto. Os judeus tinham, pois, horror ao imposto e, por consequência, a todos os encarregados de cobrá-lo; daí a sua aversão aos publicanos de todas as categorias, entre os quais podiam encontrar-se pessoas muito estimáveis, mas que,

em razão das suas funções, eram desprezadas, assim como os que as frequentavam, os quais eram confundidos na mesma reprovação. Os judeus de posição julgariam comprometer-se mantendo com eles relações de intimidade.

Os *Portageiros* eram os cobradores de categoria inferior, encarregados principalmente da arrecadação dos direitos de entrada nas cidades. Suas funções correspondiam mais ou menos às dos aduaneiros e dos recebedores de taxas municipais de entrada; partilhavam a reprovação dos publicanos em geral. É por essa razão que, no Evangelho, se encontra frequentemente o nome de publicano associado ao de *gente de má vida*; essa qualificação não implicava a de devassos e pessoas sem eira nem beira; era um termo de desprezo, sinônimo de *gente de má companhia*, indigna de frequentar as pessoas de bem.

Fariseus (do hebraico *parasch*, divisão, separação). A tradição formava uma parte importante da teologia judaica; consistia na coletânea das interpretações sucessivas dadas sobre o sentido das Escrituras e que se tinham tornado artigos de dogma. Era, entre os doutores, objeto de intermináveis discussões, na maioria das vezes sobre simples questões de palavras ou de formas, no gênero das disputas teológicas e das sutilezas da escolástica da Idade Média; daí nasceram diferentes seitas, que pretendiam ter, cada uma, o monopólio da verdade e, como quase sempre acontece, se detestavam cordialmente umas às outras.

Entre essas seitas, a mais influente era a dos fariseus, que teve por chefe Hillel, doutor judeu nascido na Babilônia, fundador de uma escola célebre onde se ensinava que a fé só era devida às Escrituras. Sua origem remonta ao ano 180 ou 200 antes de Jesus Cristo. Os fariseus foram perseguidos em diversas épocas, notadamente sob Hircano, sumo pontífice e rei dos judeus, Aristóbulo e Alexandre, rei da

Síria; entretanto, este último, tendo-lhes restituído as honras e os bens, eles reconquistaram o seu poder, que conservaram até a ruína de Jerusalém, no ano 70 da era cristã, época em que o seu nome desapareceu em consequência da dispersão dos judeus.

Os fariseus tomavam parte ativa nas controvérsias religiosas. Observadores servis das práticas exteriores do culto e das cerimônias, cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios; mas, sob as aparências de uma devoção meticulosa, ocultavam costumes dissolutos, muito orgulho e, acima de tudo, um amor excessivo ao domínio. A religião era para eles antes um meio de subir na vida que o objeto de uma fé sincera. Tinham apenas a aparência e a ostentação da virtude; mas por esse meio exerciam grande influência sobre o povo, a cujos olhos passavam por santos personagens; por isso eram muito poderosos em Jerusalém.

Acreditavam, ou pelo menos professavam acreditar, na Providência, na imortalidade da alma, na eternidade das penas e na ressurreição dos mortos. (Cap. IV, nº 4.) Jesus, que prezava acima de tudo a simplicidade e as qualidades do coração, que preferia na lei o *espírito que vivifica à letra que mata*, empenhou-se, durante toda a sua missão, em desmascarar a hipocrisia deles e, por conseguinte, fez deles inimigos encarniçados; é por isso que se aliaram aos príncipes dos sacerdotes para amotinar o povo contra ele e fazê-lo perecer.

Escribas, nome dado a princípio aos secretários dos reis de Judá e a certos intendentes dos exércitos judeus; mais tarde essa designação foi aplicada especialmente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e a interpretavam para o povo. Faziam causa comum com os fariseus, de quem partilhavam os princípios e a antipatia pelos inovadores; é por isso que Jesus os envolve na mesma reprovação.

Sinagoga (do grego *sunagogê*, assembleia, congregação). Havia na Judeia um único templo, o de Salomão, em Jerusalém, onde se celebravam as grandes cerimônias do culto. Os judeus para lá se dirigiam todos os anos em peregrinação, por ocasião das festas principais, como as da Páscoa, da Dedicação e dos Tabernáculos. Foi nessas ocasiões que Jesus fez várias viagens até lá. As outras cidades não tinham templos, mas sinagogas, edifícios onde os judeus se reuniam nos dias de sábado para fazer orações públicas, sob a direção dos anciãos, dos escribas ou doutores da lei; faziam-se ali também leituras tiradas dos livros sagrados, que eram explicadas e comentadas; qualquer um podia tomar parte; é por isso que Jesus, sem ser sacerdote, ensinava nas sinagogas nos dias de sábado.

Desde a ruína de Jerusalém e a dispersão dos judeus, as sinagogas, nas cidades em que eles habitam, lhes servem de templos para a celebração do culto.

Saduceus, seita judaica que se formou por volta do ano 248 antes de Jesus Cristo, assim chamada por causa de Sadoc, seu fundador. Os saduceus não acreditavam nem na imortalidade da alma, nem na ressurreição, nem nos anjos bons e maus. Entretanto acreditavam em Deus, mas, nada esperando depois da morte, só o serviam em vista de recompensas temporais, às quais, segundo eles, se limitava a sua providência; assim, a satisfação dos sentidos era, a seus olhos, o objetivo essencial da vida. Quanto às Escrituras, atinham-se ao texto da lei antiga, não admitindo nem a tradição nem qualquer interpretação; colocavam as boas obras e a execução pura e simples da lei acima das práticas exteriores do culto. Eram, como se vê, os materialistas, os deístas e os sensualistas da época. Essa seita era pouco numerosa, mas contava com personagens importantes e tornou-se um partido político constantemente oposto aos fariseus.

Essênios ou *esseus*, seita judaica fundada por volta do ano 150 antes de Jesus Cristo, no tempo dos Macabeus, e cujos membros, que habitavam em espécies de mosteiros, formavam entre si uma sorte de associação moral e religiosa. Distinguiam-se por costumes brandos e virtudes austeras, ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma, e acreditavam na ressurreição. Viviam no celibato, condenavam a escravidão e a guerra, punham os seus bens em comum e dedicavam-se à agricultura. Opostos aos saduceus sensuais, que negavam a imortalidade, e aos fariseus, rígidos nas práticas exteriores e nos quais a virtude era apenas aparente, não tomaram parte alguma nas querelas que dividiram essas duas seitas. Seu gênero de vida aproximava-se do dos primeiros cristãos, e os princípios morais que professavam levaram algumas pessoas a pensar que Jesus fez parte dessa seita antes do início da sua missão pública. O que é certo é que ele deve tê-la conhecido, mas nada prova que lhe fosse filiado, e tudo o que se escreveu sobre esse assunto é hipotético[2].

Terapeutas (do grego *therapeutai*, derivado de *therapeuein*, servir, cuidar, isto é, servidores de Deus ou curadores); sectários judeus contemporâneos do Cristo, estabelecidos principalmente em Alexandria, no Egito. Tinham grande afinidade com os essênios, cujos princípios professavam; como estes, entregavam-se à prática de todas as virtudes. Sua alimentação era de extrema frugalidade; votados ao celibato, à contemplação e à vida solitária, formavam uma verdadeira ordem religiosa. Fílon, filósofo judeu platônico de Alexandria, foi o primeiro a falar dos terapeutas; ele os considera uma seita do judaísmo. Eusébio, São Jerônimo e outros Padres pensam que eram cristãos. Fossem judeus ou cristãos, é evidente que, assim como os essênios, eles formam o traço de união entre o judaísmo e o cristianismo.

IV. Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo

Do fato de Jesus ter conhecido a seita dos essênios, seria errado concluir que nela buscou a sua doutrina e que, se tivesse vivido em outro meio, teria professado outros princípios. As grandes ideias nunca irrompem de repente; as que têm por base a verdade têm sempre precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos; depois, quando chega o tempo, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar esses elementos esparsos, e de formar com eles um corpo; desse modo a ideia, não chegando bruscamente, encontra, ao aparecer, espíritos plenamente dispostos a aceitá-la. Assim aconteceu com a ideia cristã, que foi pressentida vários séculos antes de Jesus e dos essênios, e da qual Sócrates e Platão foram os principais precursores.

Sócrates, assim como o Cristo, nada escreveu, ou pelo menos não deixou nenhum escrito; como ele, morreu da morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por ter atacado as crenças estabelecidas e posto a virtude real acima da hipocrisia e do simulacro das formas; numa palavra, por ter combatido os preconceitos religiosos. Assim como Jesus foi acusado pelos fariseus de corromper o povo com os seus ensinamentos, também ele foi acusado pelos fariseus do seu tempo — pois os houve em todas as épocas — de corromper a juventude, ao proclamar o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. Assim também como só conhecemos a doutrina de Jesus pelos escritos dos seus discípulos, só conhecemos a de Sócrates pelos escritos do seu discípulo Platão. Julgamos útil resumir aqui os seus pontos mais salientes, para mostrar a sua concordância com os princípios do cristianismo.

Aos que considerassem este paralelo uma profanação e pretendessem que não pode haver paridade entre a doutrina de um pagão e a do Cristo, responderemos que a doutrina de Sócrates não era pagã, pois tinha por objetivo combater o paganismo; que a doutrina de Jesus, mais completa e mais depurada que a de Sócrates, nada tem a perder com a comparação; que a grandeza da missão divina do Cristo não poderia ser diminuída por isso; que, além do mais, trata-se de história, que não pode ser abafada. O homem chegou a um ponto em que a luz sai por si mesma de debaixo do alqueire; ele está maduro para encará-la de frente; tanto pior para os que não ousam abrir os olhos. Chegou o tempo de considerar as coisas com amplitude e do alto, e não mais do ponto de vista mesquinho e estreito dos interesses de seitas e de castas.

Estas citações provarão, além disso, que, se Sócrates e Platão pressentiram a ideia cristã, encontram-se igualmente em sua doutrina os princípios fundamentais do Espiritismo.

Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão

I. O homem é uma alma encarnada. Antes da sua encarnação, ela existia unida aos tipos primordiais, às ideias do verdadeiro, do bem e do belo; separa-se deles ao encarnar-se e, lembrando-se do seu passado, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele.

Não se pode enunciar mais claramente a distinção e a independência do princípio inteligente e do princípio material; é, além disso, a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela conserva de um outro mundo ao qual aspira, da sua sobrevivência ao corpo, da sua saída do mundo espiritual para encarnar-se e do seu regresso a esse mesmo mundo após a morte; é, enfim, o germe da doutrina dos anjos decaídos.

II. A alma se extravia e se perturba quando se serve do corpo para considerar algum objeto; tem vertigens, como se estivesse embriagada, porque se prende a coisas que são, por natureza, sujeitas a mudanças; ao passo que, quando contempla a sua própria essência, dirige-se para o que é puro, eterno, imortal, e, sendo da mesma natureza, permanece ligada a isso tanto tempo quanto pode; então cessam os seus extravios, pois está unida ao que é imutável, e esse estado da alma é o que se chama sabedoria.

Assim, o homem que considera as coisas de baixo, rente ao chão, do ponto de vista material, se ilude; para apreciá-las com justeza, é preciso vê-las do alto, isto é, do ponto de vista espiritual. O verdadeiro sábio deve, pois, de certo modo, isolar a alma do corpo, para ver com os olhos do espírito. É o que ensina o Espiritismo. (Cap. II, nº 5.)

III. Enquanto tivermos o nosso corpo e a alma se achar mergulhada nessa corrupção, jamais possuiremos o objeto dos nossos desejos: a verdade. Com efeito, o corpo nos suscita mil obstáculos pela necessidade em que estamos de cuidar dele; além disso, enche-nos de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil tolices, de maneira que com ele é impossível ser sábio um só instante. Mas, se não é possível conhecer nada puramente enquanto a alma está unida ao corpo, de duas uma: ou nunca se conhecerá a verdade, ou ela será conhecida depois da morte. Libertos da loucura do corpo, conversaremos então, é de esperar, com homens igualmente livres, e conheceremos por nós mesmos a essência das coisas. É por isso que os verdadeiros filósofos se exercitam em morrer, e a morte de modo algum lhes parece temível. (O *Céu e o Inferno*, 1ª parte, cap. II; 2ª parte, cap. I.)

Aí está o princípio das faculdades da alma obscurecidas pela intermediação dos órgãos corporais, e da expansão dessas faculdades de-

pois da morte. Mas trata-se aqui somente das almas de escol, já depuradas; o mesmo não acontece com as almas impuras.

IV. A alma impura, nesse estado, fica pesada e é arrastada de novo para o mundo visível pelo horror do que é invisível e imaterial; erra então, diz-se, em torno dos monumentos e dos túmulos, junto dos quais se têm visto às vezes fantasmas tenebrosos, como devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo sem estarem inteiramente puras e que retêm alguma coisa da forma material, o que faz que o olho as possa perceber. Não são as almas dos bons, mas as dos maus, que são forçadas a errar nesses lugares, onde carregam a pena da sua primeira vida e onde continuam a errar até que os apetites inerentes à forma material que se deram as reconduzam a um corpo; e então retomam, sem dúvida, os mesmos costumes que, durante a sua primeira vida, eram objeto das suas predileções.

Não só o princípio da reencarnação está aqui claramente expresso, como o estado das almas que ainda estão sob o domínio da matéria é descrito tal como o Espiritismo o mostra nas evocações. Mais ainda: diz-se que a reencarnação num corpo material é uma consequência da impureza da alma, ao passo que as almas purificadas estão libertas dela. O Espiritismo não diz outra coisa; apenas acrescenta que a alma que tomou boas resoluções na erraticidade, e que tem conhecimentos adquiridos, traz ao renascer menos defeitos, mais virtudes e mais ideias intuitivas do que tinha na sua existência precedente; e que, assim, cada existência marca para ela um progresso intelectual e moral. (O *Céu e o Inferno*, 2ª parte: Exemplos.)

V. Depois da nossa morte, o gênio (*daimon*, demônio) que nos fora designado durante a vida conduz-nos a um lugar onde se reúnem todos os que devem ser levados ao Hades para serem julgados. As al-

mas, depois de terem permanecido no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida em numerosos e longos períodos.

É a doutrina dos anjos guardiães ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas após intervalos mais ou menos longos de erraticidade.

VI. Os demônios preenchem o intervalo que separa o céu da Terra; são o laço que une o Grande Todo consigo mesmo. Não entrando a divindade jamais em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses se relacionam e conversam com ele, seja durante a vigília, seja durante o sono.

A palavra *daimon*, da qual se fez demônio, não era tomada em mau sentido na Antiguidade como entre os modernos; não se aplicava exclusivamente aos seres malfazejos, mas a todos os Espíritos em geral, entre os quais se distinguiam os Espíritos superiores, chamados *deuses*, e os Espíritos menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que se comunicavam diretamente com os homens. O Espiritismo diz também que os Espíritos povoam o espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos Espíritos puros, encarregados de transmitir a sua vontade; que os Espíritos se comunicam com eles durante a vigília e durante o sono. Substituí a palavra *demônio* pela palavra *Espírito*, e tereis a Doutrina Espírita; ponde a palavra *anjo*, e tereis a doutrina cristã.

VII. A preocupação constante do filósofo (tal como o entendiam Sócrates e Platão) é ter o maior cuidado com a alma, menos por esta vida, que é apenas um instante, do que em vista da eternidade. Se a alma é imortal, não é sábio viver em vista da eternidade?

O cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.

VIII. Se a alma é imaterial, deve dirigir-se, depois desta vida, a um mundo igualmente invisível e imaterial, assim como o corpo, ao decompor-se, retorna à matéria. Apenas importa distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se nutre, como Deus, de ciência e de pensamentos, da alma mais ou menos manchada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se para o divino e a retêm nos lugares da sua permanência terrena.

Sócrates e Platão, como se vê, compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma; insistem na diferença de situação que resulta para elas do seu maior ou menor grau de pureza. O que eles diziam por intuição, o Espiritismo o prova pelos numerosos exemplos que põe diante dos nossos olhos. (*O Céu e o Inferno*, 2ª parte.)

IX. Se a morte fosse a dissolução do homem inteiro, seria um grande ganho para os maus serem, depois da morte, libertados ao mesmo tempo do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que adornou a sua alma, não com um enfeite alheio, mas com o que lhe é próprio, só esse poderá esperar tranquilamente a hora da sua partida para o outro mundo.

Em outras palavras, isso equivale a dizer que o materialismo, que proclama o nada depois da morte, seria a anulação de toda responsabilidade moral ulterior e, por conseguinte, um estímulo ao mal; que o mau tem tudo a ganhar com o nada; que somente o homem que se despojou dos seus vícios e se enriqueceu de virtudes pode esperar tranquilamente o despertar na outra vida. O Espiritismo nos mostra, pelos exemplos que diariamente põe diante dos nossos olhos, quanto é penosa para o mau a passagem de uma vida para a outra e a entrada na vida futura. (*O Céu e o Inferno*, 2ª parte, cap. I.)

X. O corpo conserva os vestígios bem marcados dos cuidados que se tiveram com ele ou dos acidentes que sofreu; o mesmo acontece com a alma; quando está despojada do corpo, traz os traços evidentes do seu caráter, das suas afeições e as marcas que cada um dos atos da sua vida nela deixou. Assim, a maior desgraça que pode acontecer ao homem é ir para o outro mundo com a alma carregada de crimes. Vês, Cálicles, que nem tu, nem Polo, nem Górgias sabereis provar que se deva levar uma outra vida que nos seja útil quando estivermos lá. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é que vale mais sofrer uma injustiça do que cometê-la, e que, antes de todas as coisas, devemos aplicar-nos não a parecer homem de bem, mas a sê-lo. (Diálogos de Sócrates com os seus discípulos na prisão.)

Aqui se encontra este outro ponto capital, hoje confirmado pela experiência: a alma não depurada conserva as ideias, as tendências, o caráter e as paixões que tinha na Terra. Esta máxima: *Vale mais sofrer uma injustiça do que cometê-la*, não é inteiramente cristã? É o mesmo pensamento que Jesus exprime por esta figura: "Se alguém vos bater numa face, oferecei-lhe também a outra." (Cap. XII, nºs 7 e 8.)

XI. De duas uma: ou a morte é uma destruição absoluta, ou é a passagem da alma para outro lugar. Se tudo deve extinguir-se, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonho e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Mas, se a morte é apenas uma mudança de morada, a passagem para um lugar onde os mortos devem reunir-se, que felicidade encontrar lá aqueles que conhecemos! Meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa morada e distinguir ali, como aqui, os que são sábios dos que julgam sê-lo e não o são. Mas é tempo de nos separarmos: eu para morrer, vós para viver. (Sócrates aos seus juízes.)

Segundo Sócrates, os homens que viveram na Terra se reencontram depois da morte e se reconhecem. O Espiritismo no-los mostra continuando as relações que tiveram, de tal sorte que a morte não é nem uma interrupção nem uma cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade.

Se Sócrates e Platão tivessem conhecido os ensinamentos que o Cristo deu quinhentos anos mais tarde, e os que dão agora os Espíritos, não teriam falado de outro modo. Nisso nada há que deva surpreender, se considerarmos que as grandes verdades são eternas e que os Espíritos adiantados devem tê-las conhecido antes de virem à Terra, para onde as trouxeram; que Sócrates, Platão e os grandes filósofos do seu tempo podem ter estado, mais tarde, entre os que secundaram o Cristo na sua divina missão, e que foram escolhidos precisamente porque estavam, mais que outros, em condições de compreender os seus sublimes ensinamentos; que podem, enfim, fazer parte hoje da plêiade dos Espíritos encarregados de vir ensinar aos homens as mesmas verdades.

XII. Nunca se deve retribuir injustiça com injustiça, nem fazer mal a ninguém, qualquer que seja o dano que nos tenham causado. Poucas pessoas, entretanto, admitirão esse princípio, e os que estão divididos a esse respeito não podem senão desprezar-se uns aos outros.

Não é esse o princípio da caridade, que nos ensina a não pagar o mal com o mal e a perdoar aos nossos inimigos?

XIII. É pelos frutos que se conhece a árvore. É preciso qualificar cada ação segundo o que ela produz: chamá-la má quando dela provém o mal, boa quando dela nasce o bem.

Esta máxima: “É pelos frutos que se conhece a árvore”, encontra-se textualmente repetida várias vezes no Evangelho.

XIV. A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza não ama nem a si mesmo nem ao que é seu, mas uma coisa que lhe é ainda mais estranha do que aquilo que é seu. (Cap. XVI.)

XV. As mais belas preces e os mais belos sacrifícios agradam menos à Divindade do que uma alma virtuosa que se esforça por assemelhar-se a ela. Seria coisa grave que os deuses tivessem mais consideração pelas nossas oferendas do que pela nossa alma; por esse meio, os mais culpados poderiam torná-los propícios. Mas não: só são verdadeiramente justos e sábios os que, por suas palavras e por seus atos, cumprem o que devem aos deuses e aos homens. (Cap. X, nºs 7 e 8.)

XVI. Chamo homem vicioso a esse amante vulgar que ama o corpo mais do que a alma. O amor está por toda parte na natureza, que nos convida a exercer a nossa inteligência; encontramo-lo até no movimento dos astros. É o amor que adorna a natureza com os seus ricos tapetes; ele se enfeita e fixa a sua morada onde encontra flores e perfumes. É ainda o amor que dá a paz aos homens, a calma ao mar, o silêncio aos ventos e o sono à dor.

O amor, que deve unir os homens por um laço fraterno, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal como lei da natureza. Tendo Sócrates dito que “o amor não é nem um deus nem um mortal, mas um grande demônio”, isto é, um grande Espírito que preside ao amor universal, essa frase lhe foi sobretudo imputada como crime.

XVII. A virtude não pode ser ensinada; ela vem por um dom de Deus aos que a possuem.

É mais ou menos a doutrina cristã sobre a graça; mas, se a virtude é um dom de Deus, é um favor, e pode-se perguntar por que não é concedida a todos; por outro lado, se é um dom, ela não tem mérito para

quem a possui. O Espiritismo é mais explícito; diz que quem possui a virtude a adquiriu pelos seus esforços, nas suas existências sucessivas, despojando-se pouco a pouco das suas imperfeições. A graça é a força com que Deus favorece todo homem de boa vontade para se despojar do mal e fazer o bem.

XVIII. Há uma disposição natural em cada um de nós: a de perceber muito menos os nossos defeitos do que os dos outros.

O Evangelho diz: "Vedes o cisco no olho do vosso vizinho, e não vedes a trave que está no vosso." (Cap. X, nºs 9 e 10.)

XIX. Se os médicos fracassam na maior parte das doenças, é porque tratam o corpo sem a alma, e, não estando o todo em bom estado, é impossível que a parte esteja bem.

O Espiritismo dá a chave das relações que existem entre a alma e o corpo e prova que há uma reação incessante de um sobre o outro. Abre assim um caminho novo para a ciência; mostrando-lhe a verdadeira causa de certas afecções, dá-lhe os meios de combatê-las. Quando ela levar em conta a ação do elemento espiritual no organismo, fracassará menos vezes.

XX. Todos os homens, a começar pela infância, fazem muito mais mal do que bem.

Esta frase de Sócrates toca na grave questão da predominância do mal na Terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação da Terra, onde habita apenas uma fração muito pequena da humanidade. Só o Espiritismo lhe dá a solução, que é desenvolvida adiante, nos capítulos II, III e V.

XXI. Há sabedoria em não julgar saber o que não sabes.

Isto se dirige às pessoas que criticam aquilo de que muitas vezes não sabem a primeira palavra. Platão completa esse pensamento de Sócrates dizendo: “Tratemos primeiro, se possível, de torná-los mais honestos nas palavras; senão, não nos preocupemos com eles e busquemos apenas a verdade. Procuremos instruir-nos, mas não nos injuriemos.” É assim que os espíritas devem agir para com os seus opositores de boa ou de má-fé. Se Platão revivesse hoje, encontraria as coisas mais ou menos como no seu tempo e poderia usar a mesma linguagem; Sócrates também encontraria pessoas para zombar da sua crença nos Espíritos e tratá-lo de louco, assim como ao seu discípulo Platão.

Foi por ter professado esses princípios que Sócrates foi primeiro ridicularizado, depois acusado de impiedade e condenado a beber cicuta; tão verdade é que as grandes verdades novas, levantando contra si os interesses e os preconceitos que ferem, não podem estabelecer-se sem luta e sem fazer mártires.

Notas

1. Poderíamos, sem dúvida, dar sobre cada assunto um número maior de comunicações obtidas numa multidão de outras cidades e centros espíritas além dos que citamos; mas tivemos, antes de tudo, de evitar a monotonia das repetições inúteis e limitar a nossa escolha àquelas que, pelo fundo e pela forma, se enquadravam mais especialmente no plano desta obra, reservando para publicações posteriores as que não puderam encontrar lugar aqui. Quanto aos médiuns, abstivemo-nos de nomear qualquer um deles; a maioria não foi designada a seu próprio pedido e, sendo assim, não convinha abrir exceções. Os nomes dos médiuns, aliás, não teriam acrescentado nenhum valor à obra dos Espíritos; não teria sido, pois, mais que uma satisfação de amor-próprio, à qual os médiuns verdadeiramente sérios de modo algum se apegam; eles compreendem que, sendo o seu papel puramente passivo, o valor das comunicações em nada realça o seu mérito pessoal, e que seria pueril

envaidecer-se de um trabalho de inteligência para o qual se presta apenas um concurso mecânico.

2. A *Morte de Jesus*, supostamente escrito por um irmão essênio, é um livro completamente apócrifo, escrito com o fim de servir a uma opinião, e que traz em si mesmo a prova da sua origem moderna.

CAPÍTULO I

Não vim destruir a Lei

As três revelações: Moisés, o Cristo, o Espiritismo. Aliança da ciência e da religião. Instruções dos Espíritos: A nova era.

1. *Não penseis que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas; não vim destruí-los, mas cumpri-los; pois em verdade vos digo que o céu e a terra não passarão sem que tudo o que está na lei seja perfeitamente cumprido, até um só iota e um só ponto.* (Mateus, 5:17-18)

Moisés

2. Há duas partes distintas na lei mosaica: a lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida por Moisés; uma é invariável; a outra, adaptada aos costumes e ao caráter do povo, modifica-se com o tempo.

A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

I. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis outros deuses estrangeiros diante de mim. Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma de tudo o que está em cima no céu e embaixo na terra, nem de tudo o que está nas águas debaixo da terra. Não as adorareis, nem lhes prestareis o culto supremo.

II. Não tomareis em vão o nome do Senhor vosso Deus.

III. Lembrai-vos de santificar o dia do sábado.

IV. Honrai vosso pai e vossa mãe, a fim de que vivais longamente na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.

V. Não matareis.

VI. Não cometereis adultério.

VII. Não furtareis.

VIII. Não prestareis falso testemunho contra o vosso próximo.

IX. Não desejareis a mulher do vosso próximo.

X. Não desejareis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma de tudo o que lhe pertence.

Essa lei é de todos os tempos e de todos os países e, por isso mesmo, tem caráter divino. Bem diferentes são as leis estabelecidas por Moisés, obrigado a conter pelo temor um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual tinha de combater abusos arraigados e preconceitos herdados da servidão no Egito. Para dar autoridade às suas leis, teve de lhes atribuir uma origem divina, como fizeram todos os legisladores dos povos primitivos; a autoridade do homem precisava apoiar-se na autoridade de Deus; mas só a ideia de um Deus terrível podia impressionar homens ignorantes, nos quais o senso moral e o sentimento de uma justiça apurada ainda eram pouco desenvolvidos. É bem evidente que aquele que havia posto entre os seus mandamentos: “Não matarás; não farás mal ao teu próximo”, não poderia contradizer-se fazendo do extermínio um dever. As leis mosaicas propriamente ditas tinham, pois, um caráter essencialmente transitório.

O Cristo

3. Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o seu verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens; por isso encontramos nessa lei o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constitui a base da sua doutrina. Quanto às leis de Moisés propriamente ditas, ele, ao contrário, as modificou profundamente, tanto no fundo quanto na forma; combateu constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, e não poderia submetê-las a uma reforma mais radical do que reduzindo-as a estas palavras: "Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo", e dizendo: nisto está toda a lei e os profetas.

Com estas palavras: "O céu e a terra não passarão sem que tudo se cumpra, até um só iota", Jesus quis dizer que era preciso que a lei de Deus recebesse o seu cumprimento, isto é, fosse praticada sobre toda a Terra, em toda a sua pureza, com todos os seus desdobramentos e todas as suas consequências; pois de que serviria ter estabelecido essa lei, se ela devesse permanecer privilégio de alguns homens ou mesmo de um só povo? Todos os homens, sendo filhos de Deus, são, sem distinção, objeto de uma mesma solicitude.

4. Mas o papel de Jesus não foi simplesmente o de um legislador moralista, sem outra autoridade além da sua palavra; ele veio cumprir as profecias que haviam anunciado a sua vinda; sua autoridade vinha da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina; veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não está na Terra, mas no reino dos céus; ensinar-lhes o caminho que a ele conduz, os meios de se reconciliarem com Deus, e fazê-los pressentir a marcha das coisas futuras para o cumprimento dos destinos humanos. En-

tretanto, não disse tudo, e sobre muitos pontos limitou-se a lançar o germe de verdades que, como ele mesmo declara, ainda não podiam ser compreendidas; falou de tudo, mas em termos mais ou menos explícitos; para apreender o sentido oculto de certas palavras, era preciso que novas ideias e novos conhecimentos viessem dar-lhes a chave, e essas ideias não podiam surgir antes de certo grau de maturidade do espírito humano. A ciência devia contribuir poderosamente para o despontar e o desenvolvimento dessas ideias; era preciso, portanto, dar à ciência tempo para progredir.

O Espiritismo

5. O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corporal; ele no-lo mostra não mais como uma coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente atuantes da natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos até então incompreendidos e, por essa razão, relegados ao domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo faz alusão em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que ele disse permaneceram ininteligíveis ou foram falsamente interpretadas. O Espiritismo é a chave com a qual tudo se explica com facilidade.

6. A Lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés; a do Novo Testamento, no Cristo; o Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não está personificado em nenhum indivíduo, porque é o produto do ensino dado, não por um homem, mas pelos Espíritos, que são as vozes do céu, em todos os pontos da Terra e por uma multidão inumerável de intermediários; é, de certo modo, um ser

coletivo que abrange o conjunto dos seres do mundo espiritual, vindo cada um trazer aos homens o tributo das suas luzes, para lhes dar a conhecer esse mundo e a sorte que nele os espera.

7. Assim como o Cristo disse: "Não venho destruir a lei, mas cumpri-la", o Espiritismo diz igualmente: "Não venho destruir a lei cristã, mas cumpri-la." Ele nada ensina de contrário ao que ensina o Cristo, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros para todos, o que só havia sido dito sob forma alegórica; vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou, e preparar o cumprimento das coisas futuras. É, pois, obra do Cristo, que preside ele mesmo, como igualmente anunciou, à regeneração que se opera, e prepara o reino de Deus sobre a Terra.

Aliança da ciência e da religião

8. A ciência e a religião são as duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material, e a outra, as leis do mundo moral; mas umas e outras, tendo o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se; se uma fosse a negação da outra, uma necessariamente estaria errada e a outra certa, pois Deus não pode querer destruir a sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou ver entre essas duas ordens de ideias provém de uma falta de observação e de exclusivismo demasiado de parte a parte; daí um conflito do qual nasceram a incredulidade e a intolerância.

Chegaram os tempos em que os ensinamentos do Cristo devem receber o seu complemento; em que o véu lançado propositalmente sobre algumas partes desse ensino deve ser levantado; em que a ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve levar em conta o elemento espiritual, e em que a religião, deixando de desconhe-

cer as leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças, apoiando-se uma na outra e caminhando juntas, se prestarão mútuo apoio. Então a religião, não recebendo mais desmentidos da ciência, adquirirá um poder inabalável, porque estará de acordo com a razão e já não se lhe poderá opor a lógica irresistível dos fatos.

A ciência e a religião não puderam entender-se até hoje porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, repeliam-se mutuamente. Era preciso alguma coisa para preencher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse; esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e as suas relações com o mundo corporal, leis tão imutáveis quanto as que regulam o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez constatadas essas relações pela experiência, fez-se uma luz nova: a fé dirigiu-se à razão, a razão nada encontrou de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido. Mas nisso, como em todas as coisas, há pessoas que ficam para trás, até serem arrastadas pelo movimento geral, que as esmaga se quiserem resistir a ele em vez de se deixarem levar. É toda uma revolução moral que se opera neste momento e trabalha os espíritos; depois de se elaborar durante mais de dezoito séculos, ela está perto de se cumprir e vai marcar uma nova era na humanidade. As consequências dessa revolução são fáceis de prever; ela deve trazer às relações sociais inevitáveis modificações, às quais ninguém tem o poder de se opor, porque estão nos desígnios de Deus e decorrem da lei do progresso, que é uma lei de Deus.

Instruções dos Espíritos

A nova era

9. Deus é único, e Moisés é o Espírito que Deus enviou em missão para fazê-lo conhecido, não apenas dos hebreus, mas também dos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que Deus se serviu para fazer a sua revelação por meio de Moisés e dos profetas, e as vicissitudes desse povo destinavam-se a impressionar os olhos e fazer cair o véu que ocultava aos homens a divindade.

Os mandamentos de Deus dados por Moisés trazem o germe da mais ampla moral cristã; os comentários da Bíblia restringiam-lhe o sentido, porque, posta em prática em toda a sua pureza, ela não teria sido compreendida naquela época; mas os dez mandamentos de Deus nem por isso deixavam de permanecer como o frontispício brilhante, como o farol que devia iluminar a humanidade no caminho que ela tinha de percorrer.

A moral ensinada por Moisés era adequada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos que ela era chamada a regenerar, e esses povos, meio selvagens quanto ao aperfeiçoamento da alma, não teriam compreendido que se pudesse adorar a Deus de outro modo que não por holocaustos, nem que fosse preciso perdoar a um inimigo. Sua inteligência, notável do ponto de vista da matéria, e mesmo do das artes e das ciências, era muito atrasada em moralidade e não se teria convertido sob o domínio de uma religião inteiramente espiritual; precisavam de uma representação semimaterial, tal como a que a religião hebraica então oferecia. Assim, os holocaustos falavam aos seus sentidos, enquanto a ideia de Deus falava ao seu espírito.

O Cristo foi o iniciador da moral mais pura, mais sublime: da moral evangélica cristã, que deve renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que deve fazer brotar de todos os corações humanos a caridade e o amor ao próximo, e criar entre todos os homens uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que deve transformar a Terra e fazer dela uma morada para Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, à qual a natureza está submetida, que se cumpre, e o Espiritismo é a alavanca de que Deus se serve para fazer a humanidade avançar.

Chegaram os tempos em que as ideias morais devem desenvolver-se para realizar os progressos que estão nos desígnios de Deus; elas devem seguir o mesmo caminho que percorreram as ideias de liberdade, que foram as suas precursoras. Mas não se deve crer que esse desenvolvimento se fará sem lutas; não: para chegarem à maturidade, elas precisam de abalos e de discussões, a fim de atraírem a atenção das massas; uma vez fixada a atenção, a beleza e a santidade da moral impressionarão os espíritos, e eles se ligarão a uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e lhes abre as portas da felicidade eterna. Foi Moisés quem abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá.

Um Espírito israelita (Mulhouse, 1861)

10. Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu ao homem ver a verdade romper as trevas; esse dia foi o advento do Cristo. Depois da luz viva, as trevas voltaram; o mundo, após alternâncias de verdade e de obscuridade, perdia-se de novo. Então, semelhantes aos profetas do Antigo Testamento, os Espíritos se põem a falar e a vos advertir; o mundo está abalado em suas bases; o trovão vai ribombar; sede firmes!

O Espiritismo é de ordem divina, pois repousa sobre as próprias leis da natureza, e crede bem que tudo o que é de ordem divina tem um objetivo grande e útil. Vosso mundo se perdia; a ciência, desenvolvida à custa do que é de ordem moral, ao mesmo tempo que vos conduzia ao bem-estar material, revertia em proveito do espírito das trevas. Vós o sabeis, cristãos: o coração e o amor devem caminhar unidos à ciência. O reino do Cristo, ai!, depois de dezoito séculos, e apesar do sangue de tantos mártires, ainda não chegou. Cristãos, voltai ao Mestre que vos quer salvar. Tudo é fácil para quem crê e ama; o amor o enche de uma alegria inefável. Sim, meus filhos, o mundo está abalado; os bons Espíritos vo-lo dizem bastante; curvai-vos ao sopro precursor da tempestade, a fim de não serdes derrubados; isto é, preparai-vos, e não vos assemelheis às virgens loucas, que foram apanhadas desprevenidas à chegada do esposo.

A revolução que se prepara é antes moral que material; os grandes Espíritos, mensageiros divinos, insuflam a fé, para que todos vós, trabalhadores esclarecidos e ardentes, façais ouvir a vossa humilde voz; pois sois o grão de areia, mas sem grãos de areia não haveria montanhas. Assim, pois, que esta frase: “Somos pequenos” não tenha mais sentido para vós. A cada um a sua missão, a cada um o seu trabalho. A formiga não constrói o edifício da sua república, e animálculos imperceptíveis não erguem continentes? A nova cruzada começou; apóstolos da paz universal e não de uma guerra, São Bernardos modernos, olhai e marchai para a frente: a lei dos mundos é a lei do progresso.

Fénelon (Poitiers, 1861)

11. Santo Agostinho é um dos maiores divulgadores do Espiritismo; manifesta-se quase por toda parte; encontramos a razão disso na

vida desse grande filósofo cristão. Ele pertence àquela vigorosa falange dos Padres da Igreja a quem a cristandade deve os seus alicerces mais sólidos. Como muitos, foi arrancado ao paganismo, digamos melhor, à mais profunda impiedade, pelo esplendor da verdade. Quando, em meio aos seus desregramentos, sentiu em sua alma aquela vibração estranha que o chamou a si mesmo e lhe fez compreender que a felicidade estava em outro lugar que não nos prazeres debilitantes e fugazes; quando enfim, no seu caminho de Damasco, ouviu também ele a voz santa a bradar-lhe: Saulo, Saulo, por que me persegues?, exclamou: Meu Deus! Meu Deus! Perdoai-me, eu creio, sou cristão! E desde então tornou-se um dos mais firmes sustentáculos do Evangelho. Podem-se ler, nas notáveis confissões que nos deixou esse eminente Espírito, as palavras características, e ao mesmo tempo proféticas, que pronunciou depois de perder Santa Mônica: "Estou convencido de que minha mãe voltará a me visitar e a me dar conselhos, revelando-me o que nos espera na vida futura." Que ensinamento nessas palavras, e que previsão luminosa da futura doutrina! É por isso que hoje, vendo chegada a hora da divulgação da verdade que outrora pressentira, ele se fez seu ardente propagador e se multiplica, por assim dizer, para responder a todos os que o chamam.

Erasto, discípulo de Paulo (Paris, 1863)

Observação. Viria então Santo Agostinho derrubar o que ele mesmo edificou? Certamente que não; mas, como tantos outros, vê com os olhos do espírito o que não via como homem; sua alma liberta entrevê novas claridades; compreende o que antes não compreendia; ideias novas revelaram-lhe o verdadeiro sentido de certas palavras; na Terra, julgava as coisas segundo os conhecimentos que possuía, mas, quando uma nova luz se fez para ele, pôde julgá-las de maneira

mais sã; foi assim que teve de rever a sua crença a respeito dos Espíritos íncubos e súcubos, e o anátema que lançara contra a teoria dos antípodas. Agora que o cristianismo lhe aparece em toda a sua pureza, ele pode, sobre certos pontos, pensar de modo diferente do que pensava quando vivo, sem deixar de ser o apóstolo cristão; pode, sem renegar a sua fé, fazer-se propagador do Espiritismo, porque nele vê o cumprimento das coisas preditas. Ao proclamá-lo hoje, nada mais faz do que nos reconduzir a uma interpretação mais sã e mais lógica dos textos. O mesmo se dá com os outros Espíritos que se encontram em posição análoga.

CAPÍTULO II

Meu reino não é deste mundo

A vida futura. A realeza de Jesus. O ponto de vista. Instruções dos Espíritos: Uma realeza terrestre.

1. Pilatos, *tendo então entrado de novo no palácio e mandado vir Jesus, disse-lhe: Sois o rei dos judeus? Jesus lhe respondeu: Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, minha gente teria combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas meu reino não é daqui.*

Pilatos lhe disse então: Sois, pois, rei? Jesus lhe replicou: Vós o dizeis; eu sou rei; não nasci e não vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade; todo aquele que pertence à verdade escuta a minha voz. (João, 18:33, 36-37)

A vida futura

2. Com essas palavras, Jesus designa claramente a vida futura, que ele apresenta em todas as circunstâncias como o termo a que chega a humanidade e como devendo ser o objeto das principais preocupações do homem na Terra; todas as suas máximas se referem a esse grande princípio. Sem a vida futura, de fato, a maior parte de seus preceitos morais não teria nenhuma razão de ser; é por isso que aqueles que não creem na vida futura, imaginando que ele fala apenas da vida presente, não os compreendem, ou os acham pueris.

Esse dogma pode, portanto, ser considerado o eixo do ensinamento do Cristo; é por isso que foi colocado entre os primeiros, no início desta obra, porque deve ser o ponto de mira de todos os homens; só

ele pode justificar as anomalias da vida terrestre e conciliar-se com a justiça de Deus.

3. Os judeus tinham apenas ideias muito incertas a respeito da vida futura; acreditavam nos anjos, que consideravam os seres privilegiados da criação, mas não sabiam que os homens pudessem um dia tornar-se anjos e partilhar de sua felicidade. Segundo eles, a observância das leis de Deus era recompensada pelos bens da Terra, pela supremacia de sua nação, pelas vitórias sobre seus inimigos; as calamidades públicas e as derrotas eram o castigo de sua desobediência. Moisés não podia dizer mais a um povo pastor e ignorante, que devia ser tocado antes de tudo pelas coisas deste mundo. Mais tarde, Jesus veio revelar-lhes que existe um outro mundo, onde a justiça de Deus segue o seu curso; é esse mundo que ele promete aos que observam os mandamentos de Deus, e onde os bons encontrarão sua recompensa; esse mundo é o seu reino; é lá que ele está em toda a sua glória, e é para lá que vai voltar ao deixar a Terra.

Entretanto, Jesus, ajustando seu ensinamento ao estado dos homens de sua época, não julgou que devesse dar-lhes uma luz completa, que os teria ofuscado sem os esclarecer, porque eles não a teriam compreendido; limitou-se a estabelecer, de certo modo, a vida futura como princípio, como uma lei da natureza à qual ninguém pode escapar. Todo cristão crê, pois, forçosamente na vida futura; mas a ideia que muitos fazem dela é vaga, incompleta e, por isso mesmo, falsa em vários pontos; para grande número, não passa de uma crença sem certeza absoluta; daí as dúvidas e até a incredulidade.

O Espiritismo veio completar nesse ponto, como em muitos outros, o ensinamento do Cristo, quando os homens se tornaram maduros para compreender a verdade. Com o Espiritismo, a vida futura já não é um simples artigo de fé, uma hipótese; é uma realidade mate-

rial demonstrada pelos fatos, pois são testemunhas oculares que vêm descrevê-la em todas as suas fases e em todas as suas peripécias; de tal sorte que não apenas a dúvida já não é possível, como a inteligência mais comum pode representá-la sob o seu verdadeiro aspecto, assim como se representa um país do qual se lê uma descrição minuciosa; ora, essa descrição da vida futura é tão circunstanciada, as condições de existência feliz ou infeliz dos que nela se encontram são tão racionais, que cada um diz a si mesmo, mesmo sem querer, que não pode ser de outro modo, e que é bem essa a verdadeira justiça de Deus.

A realeza de Jesus

4. Que o reino de Jesus não é deste mundo, todos o compreendem; mas não terá ele também na Terra uma realeza? O título de rei nem sempre implica o exercício do poder temporal; é dado, por consentimento unânime, àquele que o seu gênio coloca na primeira fila numa ordem qualquer de ideias, que domina o seu século e influi no progresso da humanidade. É nesse sentido que se diz: o rei ou o príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores etc. Essa realeza, nascida do mérito pessoal e consagrada pela posteridade, não tem muitas vezes uma preponderância bem maior do que aquela que traz o diadema? É imperecível, ao passo que a outra é joguete das vicissitudes; é sempre bendita pelas gerações futuras, ao passo que a outra é às vezes amaldiçoada. A realeza terrestre acaba com a vida; a realeza moral governa ainda, e sobretudo, depois da morte. Nesse sentido, Jesus não é rei mais poderoso do que muitos potentados? Era, pois, com razão que ele dizia a Pilatos: Eu sou rei, mas meu reino não é deste mundo.

O ponto de vista

5. A ideia clara e precisa que se faz da vida futura dá uma fé inabalável no porvir, e essa fé tem consequências imensas sobre a moralização dos homens, porque muda completamente o ponto de vista sob o qual eles encaram a vida terrestre. Para aquele que se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é indefinida, a vida corporal já não é mais que uma passagem, uma curta parada num país ingrato. As vicissitudes e as tribulações da vida já não são senão incidentes que ele aceita com paciência, porque sabe que são de curta duração e devem ser seguidos de um estado mais feliz; a morte já nada tem de assustador: já não é a porta do nada, mas a da libertação, que abre ao exilado a entrada de uma morada de felicidade e de paz. Sabendo que está num lugar temporário e não definitivo, ele encara as preocupações da vida com mais indiferença, e disso resulta para ele uma calma de espírito que lhe suaviza a amargura.

Pela simples dúvida sobre a vida futura, o homem volta todos os seus pensamentos para a vida terrestre; incerto do porvir, entrega tudo ao presente; não entrevendo bens mais preciosos do que os da Terra, é como a criança que nada vê além de seus brinquedos; para obtê-los, não há nada que não faça; a perda do menor de seus bens é um desgosto pungente; uma decepção, uma esperança frustrada, uma ambição não satisfeita, uma injustiça de que é vítima, o orgulho ou a vaidade feridos são outros tantos tormentos que fazem de sua vida uma angústia perpétua, infligindo-se assim, voluntariamente, uma verdadeira tortura a todo instante. Tomando seu ponto de vista na vida terrestre, em cujo centro está colocado, tudo adquire à sua volta vastas proporções; o mal que o atinge, assim como o bem que cabe aos outros, tudo assume a seus olhos uma grande importância. Do mesmo modo, para quem está no interior de uma cidade, tudo pare-

ce grande: os homens que estão no alto da escala, assim como os monumentos; mas, se ele subir a uma montanha, homens e coisas vão parecer-lhe bem pequenos.

Assim acontece com aquele que encara a vida terrestre do ponto de vista da vida futura: a humanidade, como as estrelas do firmamento, perde-se na imensidão; ele percebe então que grandes e pequenos se confundem como as formigas sobre um torrão de terra; que proletários e potentados são do mesmo tamanho, e lamenta esses seres efêmeros que tanto se afligem para conquistar ali um lugar que os eleva tão pouco e que devem conservar por tão pouco tempo. É assim que a importância atribuída aos bens terrestres está sempre na razão inversa da fé na vida futura.

6. Se todo o mundo pensasse assim, dirão, ninguém mais se ocupando das coisas da Terra, tudo nela entraria em decadência. Não; o homem busca instintivamente o seu bem-estar e, mesmo com a certeza de estar por pouco tempo num lugar, ainda assim quer estar nele o melhor ou o menos mal possível; não há ninguém que, encontrando um espinho sob a mão, não o retire para não se picar. Ora, a busca do bem-estar obriga o homem a melhorar todas as coisas, impelido como é pelo instinto do progresso e da conservação, que está nas leis da natureza. Ele trabalha, pois, por necessidade, por gosto e por dever, e nisso cumpre os desígnios da Providência, que o colocou na Terra para esse fim. Apenas, aquele que considera o porvir só atribui ao presente uma importância relativa, e consola-se facilmente de seus fracassos pensando no destino que o aguarda.

Deus não condena, portanto, os prazeres terrestres, mas o abuso desses prazeres em prejuízo das coisas da alma; é contra esse abuso que estão prevenidos aqueles que aplicam a si mesmos esta palavra de Jesus: Meu reino não é deste mundo.

Aquele que se identifica com a vida futura é semelhante a um homem rico que perde uma pequena quantia sem se abalar; aquele que concentra seus pensamentos na vida terrestre é como um homem pobre que perde tudo o que possui e se desespera.

7. O Espiritismo amplia o pensamento e lhe abre novos horizontes; em vez dessa visão estreita e mesquinha que o concentra na vida presente, que faz do instante que se passa na Terra o único e frágil eixo do porvir eterno, ele mostra que esta vida não é mais que um elo no conjunto harmonioso e grandioso da obra do Criador; mostra a solidariedade que liga todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos; dá, assim, uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, ao passo que a doutrina da criação da alma no momento do nascimento de cada corpo torna todos os seres estranhos uns aos outros. Essa solidariedade das partes de um mesmo todo explica o que é inexplicável quando se considera um só ponto. É esse conjunto que, no tempo do Cristo, os homens não teriam podido compreender; é por isso que ele reservou o seu conhecimento para outros tempos.

Instruções dos Espíritos

Uma realeza terrestre

8. Quem melhor do que eu pode compreender a verdade desta palavra de Nosso Senhor: Meu reino não é deste mundo? O orgulho me perdeu na Terra; quem, pois, compreenderia o nada dos reinos deste mundo, se eu não o compreendesse? Que levei comigo de minha realeza terrestre? Nada, absolutamente nada; e, como para tornar a lição mais terrível, ela não me acompanhou nem sequer até o túmulo! Rainha eu era entre os homens; rainha eu julgava entrar no reino

dos céus. Que desilusão! que humilhação quando, em vez de ser ali recebida como soberana, vi acima de mim, e muito acima, homens que eu julgava bem pequenos e que desprezava, porque não eram de sangue nobre! Oh! como compreendi então a esterilidade das honras e das grandezas que se buscam com tanta avidez na Terra!

Para preparar um lugar nesse reino, são necessárias a abnegação, a humildade, a caridade em toda a sua celeste prática, a benevolência para com todos; não vos perguntam o que fostes, que posição ocupastes, mas o bem que fizestes, as lágrimas que enxugastes.

Oh! Jesus, tu o disseste: teu reino não é deste mundo, pois é preciso sofrer para chegar ao céu, e os degraus do trono não vos aproximam dele; são as veredas mais penosas da vida que conduzem a ele; procurai, pois, o caminho através das sarças e dos espinhos, e não entre as flores.

Os homens correm atrás dos bens terrestres como se devessem conservá-los para sempre; mas aqui não há mais ilusão; eles logo percebem que só agarraram uma sombra e negligenciaram os únicos bens sólidos e duradouros, os únicos que lhes aproveitam na morada celeste, os únicos que lhes podem abrir o acesso a ela.

Tende piedade dos que não ganharam o reino dos céus; ajudai-os com vossas preces, pois a prece aproxima o homem do Altíssimo; é o traço de união entre o céu e a Terra: não o esqueçais.

Uma rainha da França (*Le Havre*, 1863)

CAPÍTULO III

Há muitas moradas na casa de meu Pai

Diferentes estados da alma na erraticidade. Diferentes categorias de mundos habitados. Destinação da Terra. Causa das misérias terrestres. Instruções dos Espíritos: Mundos superiores e mundos inferiores. Mundos de expiações e de provas. Mundos regeneradores. Progressão dos mundos.

1. *Que o vosso coração não se perturbe. Credes em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, eu já vo-lo teria dito, pois vou-me embora para preparar o lugar; e, depois que eu tiver partido e vos tiver preparado o lugar, voltarei e vos tomarei para junto de mim, a fim de que, onde eu estiver, vós estejais também.* (João, 14:1-3)

Diferentes estados da alma na erraticidade

2. A casa do Pai é o universo; as diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem aos Espíritos encarnados habitações apropriadas ao seu adiantamento.

Independentemente da diversidade dos mundos, essas palavras podem também ser entendidas como referentes ao estado feliz ou infeliz do Espírito na erraticidade. Conforme ele esteja mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, o meio em que se encontra, o aspecto das coisas, as sensações que experimenta, as percepções que possui variam ao infinito; enquanto uns não conseguem afastar-se da esfera em que viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; enquanto certos Espíritos culpados vagueiam

nas trevas, os felizes gozam de uma claridade resplandecente e do sublime espetáculo do infinito; enquanto, enfim, o mau, atormentado pelos remorsos e pelos pesares, muitas vezes sozinho, sem consolações, separado dos objetos de sua afeição, geme sob o aperto dos sofrimentos morais, o justo, reunido àqueles que ama, saboreia as doçuras de uma felicidade indizível. Também aí, portanto, há muitas moradas, embora não sejam nem circunscritas nem localizadas.

Diferentes categorias de mundos habitados

3. Do ensinamento dado pelos Espíritos resulta que os diversos mundos se encontram em condições muito diferentes uns dos outros quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade de seus habitantes. Entre eles, há alguns cujos habitantes são ainda inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros estão no mesmo grau, e outros lhe são mais ou menos superiores em todos os aspectos. Nos mundos inferiores, a existência é toda material, as paixões reinam soberanas, a vida moral é quase nula. À medida que esta se desenvolve, a influência da matéria diminui, de tal modo que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual.

4. Nos mundos intermediários, há mistura de bem e de mal, com predominância de um ou de outro conforme o grau de adiantamento. Embora não se possa fazer dos diversos mundos uma classificação absoluta, pode-se, no entanto, em razão de seu estado e de sua destinação, e com base nas diferenças mais marcadas, dividi-los de maneira geral do seguinte modo, a saber: os mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; os mundos de expiações e de provas, onde o mal predomina; os mundos regeneradores, onde as almas que ainda têm o que expiar haurem novas for-

ças, enquanto repousam das fadigas da luta; os mundos felizes, onde o bem prevalece sobre o mal; os mundos celestes ou divinos, morada dos Espíritos depurados, onde o bem reina sem partilha. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiações e de provas; é por isso que o homem nela está exposto a tantas misérias.

5. Os Espíritos encarnados num mundo não estão presos a ele indefinidamente, nem percorrem nele todas as fases progressivas que devem percorrer para chegar à perfeição. Quando atingiram num mundo o grau de adiantamento que ele comporta, passam para outro mais adiantado, e assim sucessivamente, até chegarem ao estado de Espíritos puros. São outras tantas estações, em cada uma das quais encontram elementos de progresso proporcionais ao seu adiantamento. É para eles uma recompensa passar para um mundo de ordem mais elevada, assim como é um castigo prolongar sua permanência num mundo infeliz, ou ser relegados a um mundo ainda mais infeliz do que aquele que são forçados a deixar, quando se obstinaram no mal.

Destinação da Terra. Causas das misérias humanas

6. Muitos se espantam de encontrar na Terra tanta maldade e tantas más paixões, tantas misérias e enfermidades de toda espécie, e concluem daí que a espécie humana é uma coisa triste. Esse julgamento provém do ponto de vista limitado em que se colocam, e que dá uma falsa ideia do conjunto. É preciso considerar que na Terra não se vê toda a humanidade, mas uma fração muito pequena da humanidade. Com efeito, a espécie humana compreende todos os seres dotados de razão que povoam os inumeráveis mundos do universo; ora, que é a população da Terra perto da população total desses mundos?

Bem menos do que a de uma aldeia em relação à de um grande império. A situação material e moral da humanidade terrestre já nada tem que espante, se se levar em conta a destinação da Terra e a natureza dos que a habitam.

7. Far-se-ia uma ideia muito falsa dos habitantes de uma grande cidade se fossem julgados pela população dos bairros mais baixos e sórdidos. Num hospital, só se veem doentes ou aleijados; num presídio de trabalhos forçados, veem-se todas as torpezas, todos os vícios reunidos; nas regiões insalubres, a maior parte dos habitantes é pálida, franzina e enfermiça. Pois bem! imagine-se a Terra como sendo um subúrbio, um hospital, uma penitenciária, uma região insalubre, pois ela é tudo isso ao mesmo tempo, e se compreenderá por que as aflições superam os prazeres; pois não se mandam para o hospital as pessoas que estão com saúde, nem para as casas de correção os que não fizeram nenhum mal; e nem os hospitais nem as casas de correção são lugares de delícias.

Ora, assim como numa cidade a população inteira não está nos hospitais ou nas prisões, a humanidade inteira não está na Terra; assim como se sai do hospital quando se está curado, e da prisão quando se cumpriu a pena, o homem deixa a Terra por mundos mais felizes quando está curado de suas enfermidades morais.

Instruções dos Espíritos

Mundos inferiores e mundos superiores

8. A qualificação de mundos inferiores e de mundos superiores é mais relativa do que absoluta; tal mundo é inferior ou superior em relação aos que estão acima ou abaixo dele na escala progressiva.

Tomando-se a Terra como ponto de comparação, pode-se fazer uma ideia do estado de um mundo inferior supondo nele o homem no grau das raças selvagens ou das nações bárbaras que ainda se encontram em sua superfície e que são os restos de seu estado primitivo. Nos mais atrasados, os seres que os habitam são de certo modo rudimentares; têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza; os instintos não são ali temperados por nenhum sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem pelas noções do justo e do injusto; só a força bruta faz a lei. Sem indústria, sem invenções, os habitantes gastam a vida na conquista do alimento. Entretanto, Deus não abandona nenhuma de suas criaturas; no fundo das trevas da inteligência jaz, latente, a vaga intuição de um Ser supremo, mais ou menos desenvolvida. Esse instinto basta para torná-los superiores uns aos outros e preparar o seu desabrochar para uma vida mais completa; pois não são seres degradados, mas crianças que crescem.

Entre esses graus inferiores e os mais elevados há inumeráveis degraus, e nos Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, custa reconhecer os que animaram esses seres primitivos, assim como no homem adulto custa reconhecer o embrião.

9. Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições da vida moral e material são completamente diferentes, mesmo em relação à Terra. A forma do corpo é sempre, como em toda parte, a forma humana, mas embelezada, aperfeiçoada e sobretudo purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre e, por conseguinte, não está sujeito nem às necessidades, nem às doenças, nem às deteriorações que a predominância da matéria engendra; os sentidos, mais apurados, têm percepções que aqui embaixo a grosseria dos órgãos abafa; a leveza específica dos corpos torna a locomoção rápida e fácil; em vez de se arrastar penosamente sobre o solo, ele desliza, por

assim dizer, pela superfície, ou paira na atmosfera sem outro esforço senão o da vontade, à maneira como se representam os anjos, ou como os antigos imaginavam os manes nos Campos Elísios. Os homens conservam à vontade os traços de suas migrações passadas e aparecem aos amigos tais como estes os conheceram, mas iluminados por uma luz divina, transfigurados pelas impressões interiores, que são sempre elevadas. Em vez de rostos baços, devastados pelos sofrimentos e pelas paixões, a inteligência e a vida irradiam aquele brilho que os pintores traduziram pelo nimbo ou pela auréola dos santos.

A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e a infância curta ou quase nula; a vida, isenta de preocupações e de angústias, é proporcionalmente muito mais longa do que na Terra. Em princípio, a longevidade é proporcional ao grau de adiantamento dos mundos. A morte nada tem ali dos horrores da decomposição; longe de ser motivo de pavor, é considerada uma transformação feliz, porque lá a dúvida sobre o futuro não existe. Durante a vida, a alma, não estando encerrada numa matéria compacta, irradia e goza de uma lucidez que a coloca num estado quase permanente de emancipação e permite a livre transmissão do pensamento.

10. Nesses mundos felizes, as relações de povo a povo, sempre amistosas, nunca são perturbadas pela ambição de subjugar o vizinho, nem pela guerra que dela decorre. Não há senhores, nem escravos, nem privilegiados de nascimento; somente a superioridade moral e intelectual estabelece a diferença das condições e confere a supremacia. A autoridade é sempre respeitada, porque só é dada ao mérito e se exerce sempre com justiça. O homem não procura elevar-se acima do homem, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se. Seu objetivo é

chegar à categoria dos Espíritos puros, e esse desejo incessante não é um tormento, mas uma nobre ambição que o faz estudar com ardor para chegar a igualá-los. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana encontram-se ali engrandecidos e purificados; os ódios, os ciúmes mesquinhos, as baixas cobiças da inveja ali são desconhecidos; um laço de amor e de fraternidade une todos os homens; os mais fortes ajudam os mais fracos. Possuem mais ou menos, conforme tenham adquirido mais ou menos por sua inteligência, mas ninguém sofre por falta do necessário, porque ninguém ali está em expiação; numa palavra, o mal ali não existe.

11. Em vosso mundo, tendes necessidade do mal para sentir o bem, da noite para admirar a luz, da doença para apreciar a saúde; lá, esses contrastes não são necessários; a eterna luz, a eterna beleza, a eterna calma da alma proporcionam uma eterna alegria, que não é perturbada nem pelas angústias da vida material, nem pelo contato dos maus, que ali não têm acesso. Eis o que o espírito humano tem mais dificuldade em compreender; foi engenhoso para pintar os tormentos do inferno, mas nunca pôde representar as alegrias do céu; e por quê? Porque, sendo inferior, só suportou penas e misérias, e não entreviu as claridades celestes; só pode falar do que conhece; mas, à medida que se eleva e se depura, o horizonte se clareia, e ele compreende o bem que está diante de si, como compreendeu o mal que ficou para trás.

12. Entretanto, esses mundos afortunados não são mundos privilegiados, pois Deus não é parcial para com nenhum de seus filhos; dá a todos os mesmos direitos e as mesmas facilidades para chegarem lá; faz todos partirem do mesmo ponto e não dota nenhum mais do que os outros; as primeiras posições são acessíveis a todos: cabe a eles conquistá-las por seu trabalho; cabe a eles atingi-las o mais cedo pos-

sível, ou definhar durante séculos e séculos nas profundezas da humanidade.

Resumo do ensinamento de todos os Espíritos superiores

Mundos de expiações e de provas

13. Que vos direi dos mundos de expiações que já não saibais, uma vez que vos basta considerar a Terra que habitais? A superioridade da inteligência em grande número de seus habitantes indica que ela não é um mundo primitivo, destinado à encarnação de Espíritos mal saídos das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo são a prova de que já viveram e de que realizaram certo progresso; mas também os numerosos vícios a que são inclinados são o indício de uma grande imperfeição moral; é por isso que Deus os colocou numa terra ingrata, para nela expiarem suas faltas por meio de um trabalho penoso e das misérias da vida, até que tenham merecido ir para um mundo mais feliz.

14. Entretanto, nem todos os Espíritos encarnados na Terra são enviados a ela em expiação. As raças que chamais selvagens são Espíritos mal saídos da infância, que nela estão, por assim dizer, em educação, e se desenvolvem ao contato de Espíritos mais adiantados. Vêm em seguida as raças semicivilizadas, formadas desses mesmos Espíritos em progresso. São essas, de certo modo, as raças indígenas da Terra, que cresceram pouco a pouco ao longo de extensos períodos seculares, e algumas das quais puderam atingir o aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação são nela, se assim se pode dizer, exóticos; já viveram em outros mundos, de onde foram excluídos em consequência de sua obstinação no mal e porque ali eram uma causa de pertur-

bação para os bons; foram relegados, por um tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, que eles têm a missão de fazer avançar, pois trouxeram consigo sua inteligência desenvolvida e o germe dos conhecimentos adquiridos; é por isso que os Espíritos punidos se encontram entre as raças mais inteligentes; são também essas as raças para as quais as misérias da vida têm mais amargura, porque há nelas mais sensibilidade, e são mais provadas pelos atritos do que as raças primitivas, cujo senso moral é mais obtuso.

15. A Terra fornece, pois, um dos tipos dos mundos expiatórios, cujas variedades são infinitas, mas que têm por caráter comum servir de lugar de exílio aos Espíritos rebeldes à lei de Deus. Ali esses Espíritos têm de lutar ao mesmo tempo contra a perversidade dos homens e contra a inclemência da natureza, duplo e penoso trabalho que desenvolve a um só tempo as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz o próprio castigo reverter em proveito do progresso do Espírito.

Santo Agostinho (Paris, 1862)

Mundos regeneradores

16. Entre essas estrelas que cintilam na abóbada azulada, quantos mundos há, como o vosso, designados pelo Senhor para a expiação e a prova! Mas há também mundos mais miseráveis e mundos melhores, assim como há os de transição, que se podem chamar regeneradores. Cada turbilhão planetário, correndo no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de prova, de regeneração e de felicidade. Já vos falaram desses mundos onde a alma nascente é colocada quando, ainda ignorante do bem e do mal, pode caminhar para Deus, senhora de si mesma, de posse de seu livre-arbítrio; já vos disseram de que amplas faculdades

a alma foi dotada para fazer o bem; mas, ah! há as que sucumbem, e Deus, não querendo aniquilá-las, permite-lhes ir para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, se regeneram, e voltarão dignas da glória que lhes estava destinada.

17. Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes; a alma que se arrepende encontra neles a calma e o repouso, enquanto acaba de se depurar. Sem dúvida, nesses mundos o homem ainda está sujeito às leis que regem a matéria; a humanidade experimenta as vossas sensações e os vossos desejos, mas está livre das paixões desordenadas de que sois escravos; ali já não há o orgulho que faz calar o coração, nem a inveja que o tortura, nem o ódio que o sufoca; a palavra amor está escrita em todas as frontes; uma perfeita equidade regula as relações sociais; todos mostram Deus uns aos outros e procuram ir a ele seguindo as suas leis.

Ali, entretanto, ainda não está a felicidade perfeita, mas é a aurora da felicidade. O homem ali ainda é carne e, por isso mesmo, sujeito a vicissitudes de que só estão isentos os seres completamente desmaterializados; ainda tem provas a sofrer, mas elas não têm as angústias pungentes da expiação. Comparados à Terra, esses mundos são muito felizes, e muitos dentre vós ficariam satisfeitos em se deter neles, pois é a calma depois da tempestade, a convalescença depois de uma cruel doença; mas o homem, menos absorvido pelas coisas materiais, entrevê o futuro melhor do que vós; compreende que há outras alegrias que o Senhor promete aos que delas se tornam dignos, quando a morte tiver novamente ceifado seus corpos para lhes dar a verdadeira vida. É então que a alma liberta pairará sobre todos os horizontes; não mais sentidos materiais e grosseiros, mas os sentidos de um perispírito puro e celeste, aspirando as emanações do pró-

prio Deus sob os perfumes de amor e de caridade que se espalham de seu seio.

18. Mas, ah! nesses mundos o homem ainda é falível, e o Espírito do mal não perdeu ali completamente o seu império. Não avançar é recuar, e, se ele não estiver firme no caminho do bem, pode recair nos mundos de expiação, onde o esperam novas e mais terríveis provas.

Contemplai, pois, essa abóbada azulada, à noite, na hora do repouso e da prece, e, entre essas esferas inumeráveis que brilham sobre vossas cabeças, perguntai-vos quais são as que conduzem a Deus, e pedi-lhe que um mundo regenerador vos abra o seu seio depois da expiação da Terra.

Santo Agostinho (Paris, 1862)

Progressão dos mundos

19. O progresso é uma das leis da natureza; todos os seres da criação, animados e inanimados, estão submetidos a ele pela bondade de Deus, que quer que tudo cresça e prospere. A própria destruição, que aos homens parece o termo das coisas, não é senão um meio de chegar, pela transformação, a um estado mais perfeito, pois tudo morre para renascer, e nada volta ao nada.

Ao mesmo tempo que os seres vivos progridem moralmente, os mundos que eles habitam progridem materialmente. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diversas fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos que serviram para constituí-lo, vê-lo-ia percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas por graus imperceptíveis para cada geração, e oferecer a seus habitantes uma morada mais agradável à medida que estes avançam também no caminho do progresso. Assim caminham paralelamente

o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação, pois nada é estacionário na natureza. Quanto essa ideia é grande e digna da majestade do Criador! e quanto, ao contrário, é pequena e indigna de seu poder aquela que concentra a sua solicitude e a sua providência no imperceptível grão de areia que é a Terra e restringe a humanidade aos poucos homens que a habitam!

A Terra, segundo essa lei, esteve material e moralmente num estado inferior ao que é hoje, e atingirá, sob esse duplo aspecto, um grau mais adiantado. Chegou a um de seus períodos de transformação, em que, de mundo expiatório, vai tornar-se mundo regenerador; então os homens nela serão felizes, porque a lei de Deus nela reinará.

Santo Agostinho (Paris, 1862)

CAPÍTULO IV

Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo

Ressurreição e reencarnação. Laços de família fortalecidos pela reencarnação e rompidos pela unicidade da existência. Instruções dos Espíritos: Limites da encarnação. A encarnação é um castigo?

1. Tendo Jesus chegado às cercanias de Cesareia de Filipe, interrogou seus discípulos e lhes disse: Que dizem os homens a respeito do Filho do Homem? Quem dizem que eu sou? Eles lhe responderam: Uns dizem que sois João Batista; outros, Elias; outros, Jeremias ou algum dos profetas. Jesus lhes disse: E vós, quem dizeis que eu sou? Simão Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: Sois o Cristo, o Filho do Deus vivo. Jesus lhe respondeu: Bem-aventurado sois, Simão, filho de João, porque não foram a carne e o sangue que vos revelaram isto, mas meu Pai que está nos céus. (Mateus, 16:13-17; Marcos, 8:27-30)

2. Entretanto, Herodes, o Tetrarca, ouviu falar de tudo o que Jesus fazia, e seu espírito estava perplexo, porque uns diziam que João havia ressuscitado dentre os mortos; outros, que Elias havia aparecido; e outros, que um dos antigos profetas havia ressuscitado. Herodes disse então: Mandei cortar a cabeça de João; mas quem é este de quem ouço dizer tão grandes coisas? E tinha vontade de vê-lo. (Marcos, 6:14-15; Lucas, 9:7-9)

3. (Depois da transfiguração.) Seus discípulos então o interrogaram e lhe disseram: Por que, pois, dizem os escribas que é preciso que Elias venha antes? Mas Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias deve voltar e restabelecer todas as coisas; mas eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o reconheceram, mas o trataram como lhes aprouve. É assim que farão so-

frer o Filho do Homem. Então seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes havia falado. (Mateus, 17:10-13; Marcos, 9:10-12)

Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas judaicos sob o nome de ressurreição; somente os saduceus, que pensavam que tudo acaba com a morte, não acreditavam nela. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque eles tinham apenas noções vagas e incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo. Acreditavam que um homem que viveu podia reviver, sem se darem conta precisa da maneira como a coisa podia acontecer; designavam pela palavra *ressurreição* o que o Espiritismo chama, mais judiciosamente, *reencarnação*. Com efeito, a ressurreição supõe o retorno à vida do corpo que morreu, o que a ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo estão há muito tempo dispersos e absorvidos. A reencarnação é o retorno da alma ou Espírito à vida corporal, mas em outro corpo, novamente formado para ele, e que nada tem em comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia, assim, aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, pois, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, uma vez que se tinha visto João criança e se conheciam seu pai e sua mãe. João podia, portanto, ser Elias *reencarnado*, mas não *ressuscitado*.

5. *Ora, havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus, que veio à noite procurar Jesus e lhe disse: Mestre, sabemos*

que viestes da parte de Deus para nos instruir como um doutor; pois ninguém poderia fazer os milagres que fazeis, se Deus não estivesse com ele.

Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade vos digo: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.

Nicodemos lhe disse: Como pode nascer um homem que já é velho? Pode ele voltar ao ventre de sua mãe, para nascer uma segunda vez?

Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade vos digo: Se um homem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é Espírito. Não vos admireis do que vos disse, que é preciso que nasçais de novo. O Espírito sopra onde quer, e ouvis a sua voz, mas não sabeis de onde ele vem nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que nasceu do Espírito.

Nicodemos lhe respondeu: Como pode isso fazer-se? Jesus lhe disse: Como! sois mestre em Israel e ignorais estas coisas! Em verdade, em verdade vos digo que só dizemos o que sabemos e só damos testemunho do que vimos; e, no entanto, não recebeis o nosso testemunho. Mas, se não me credes quando vos falo das coisas da terra, como me crereis quando vos falar das coisas do céu? (João, 3:1-12)

6. A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra encontra-se em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas que foram relatadas acima (nºs 1, 2, 3). Se essa crença fosse um erro, Jesus não teria deixado de combatê-la, como combateu tantas outras; longe disso, ele a sanciona com toda a sua autoridade e a estabelece como princípio e como condição necessária, quando diz: *Ninguém pode ver o reino dos céus se não nascer de novo*; e insiste, acrescentando: *Não vos admireis do que vos digo, que é preciso que nasçais de novo.*

7. Estas palavras: *Se um homem não renascer da água e do Espírito*, foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo; mas o texto primitivo dizia simplesmente: *Não renascer da água e do Espírito*, ao passo que, em certas traduções, em lugar de *do Espírito* se pôs *do Santo Espírito*, o que já não corresponde ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários feitos sobre o Evangelho, como um dia será comprovado sem equívoco possível.[1]

8. Para compreender o verdadeiro sentido dessas palavras, é preciso igualmente reportar-se ao significado da palavra *água*, que não era empregada em sua acepção própria.

Os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas eram muito imperfeitos; acreditavam que a Terra havia saído das águas, e por isso consideravam a *água* como o elemento gerador absoluto; é assim que no Gênesis se diz: "O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava à superfície das águas; Que o firmamento seja feito no meio das águas; Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar, e que o elemento árido apareça; Que as águas produzam animais vivos que nadem na água, e aves que voem sobre a terra e sob o firmamento."

Segundo essa crença, a água tornara-se o símbolo da natureza material, assim como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: "Se o homem não renascer da água e do Espírito, ou em água e em Espírito", significam, pois: "Se o homem não renascer com seu corpo e sua alma." Foi nesse sentido que foram compreendidas no princípio.

Essa interpretação é, aliás, justificada por estas outras palavras: *O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é Espírito*. Jesus

faz aqui uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. O *que nasceu da carne é carne* indica claramente que só o corpo procede do corpo, e que o Espírito é independente do corpo.

9. *O Espírito sopra onde quer; ouvis a sua voz, mas não sabeis nem de onde ele vem nem para onde vai*: isso pode entender-se do Espírito de Deus, que dá a vida a quem quer, ou da alma do homem; nesta última acepção, "não sabeis de onde ele vem nem para onde vai" significa que não se conhece nem o que foi nem o que será o Espírito. Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, saber-se-ia de onde ele vem, pois se conheceria o seu começo. Em todo caso, essa passagem é a consagração do princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, da pluralidade das existências.

10. *Ora, desde o tempo de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado pela violência, e são os violentos que o arrebatam; pois, até João, todos os profetas, assim como a lei, profetizaram; e, se quiserdes compreender o que vos digo, ele mesmo é o Elias que há de vir. Ouça aquele que tem ouvidos para ouvir.* (Mateus, 11:12-15)

11. Se o princípio da reencarnação expresso em João podia, a rigor, ser interpretado num sentido puramente místico, o mesmo não poderia acontecer com esta passagem de Mateus, que não dá margem a nenhum equívoco: *ele mesmo é o Elias que há de vir*; aqui não há nem figura nem alegoria: é uma afirmação positiva. "Desde o tempo de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado pela violência." Que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, dizendo: "Se quiserdes compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir." Ora, não sendo João outro senão Elias, Jesus faz alusão ao tempo em que João vivia com o nome de Elias. "Até agora o reino dos céus é tomado pela violência" é outra alusão à violência da lei mosaica, que ordenava o ex-

termínio dos infiéis para conquistar a Terra Prometida, Paraíso dos hebreus, ao passo que, segundo a nova lei, o céu se ganha pela caridade e pela brandura.

Depois acrescenta: *Ouça aquele que tem ouvidos para ouvir.* Essas palavras, tão frequentemente repetidas por Jesus, dizem claramente que nem todos estavam em condições de compreender certas verdades.

12. *Os de vosso povo a quem fizeram morrer viverão de novo; os que eram mortos no meio de mim ressuscitarão. Despertai de vosso sono e cantai os louvores de Deus, vós que habitais no pó; porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz, e arruinareis a terra e o reino dos gigantes.* (Isaías, 26:19)

13. Essa passagem de Isaías é igualmente explícita: "Os de vosso povo a quem fizeram morrer viverão de novo." Se o profeta tivesse querido falar da vida espiritual, se tivesse querido dizer que aqueles a quem fizeram morrer não estavam mortos em Espírito, teria dito: *vivem ainda*, e não *viverão de novo*. No sentido espiritual, essas palavras seriam um contrassenso, uma vez que implicariam uma interrupção na vida da alma. No sentido de regeneração moral, seriam a negação das penas eternas, uma vez que estabelecem como princípio que todos os que morreram reviverão.

14. *Mas, quando o homem morreu uma vez, quando seu corpo, separado de seu espírito, está consumido, que é feito dele? Tendo o homem morrido uma vez, poderia ele de fato reviver de novo? Nesta guerra em que me encontro todos os dias de minha vida, espero que chegue a minha mudança.* (Jó, 14:10, 14. Tradução de Le Maistre de Sacy.)

Quando o homem morre, perde toda a sua força, expira; depois, onde está ele? Se o homem morre, reviverá? Esperarei todos os dias de meu

combate, até que me sobrevenha alguma mudança? (Id. Tradução protestante de Osterwald.)

Quando o homem está morto, vive sempre; ao terminar os dias de minha existência terrestre, esperarei, pois a ela voltarei de novo. (Id. Versão da Igreja grega.)

15. O princípio da pluralidade das existências está claramente expresso nessas três versões. Não se pode supor que Jó tenha querido falar da regeneração pela água do batismo, que ele certamente não conhecia. "Tendo o homem morrido uma vez, poderia ele de fato reviver de novo?" A ideia de morrer uma vez e de reviver implica a de morrer e reviver várias vezes. A versão da Igreja grega é ainda mais explícita, se é possível: "Ao terminar os dias de minha existência terrestre, esperarei, pois a ela voltarei"; isto é, voltarei à existência terrestre. Isso é tão claro como se alguém dissesse: "Saio de minha casa, mas a ela voltarei."

"Nesta guerra em que me encontro todos os dias de minha vida, espero que chegue a minha mudança." Jó quer evidentemente falar da luta que sustenta contra as misérias da vida; espera a sua mudança, isto é, resigna-se. Na versão grega, *esperarei* parece antes aplicar-se à nova existência: "Quando minha existência terrestre tiver terminado, esperarei, pois a ela voltarei"; Jó parece colocar-se, depois de sua morte, no intervalo que separa uma existência da outra, e dizer que ali aguardará o seu retorno.

16. Não há, pois, dúvida de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era uma das crenças fundamentais dos judeus, e de que ele é confirmado por Jesus e pelos profetas de maneira formal; donde se segue que negar a reencarnação é renegar as palavras do Cristo. Suas palavras um dia farão autoridade sobre esse ponto,

como sobre muitos outros, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas.

17. Mas a essa autoridade, do ponto de vista religioso, vem juntar-se, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos; quando dos efeitos se quer remontar às causas, a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, como uma condição inerente à humanidade, numa palavra, como uma lei da natureza; ela se revela por seus resultados de maneira, por assim dizer, material, como o motor oculto se revela pelo movimento; só ela pode dizer ao homem *de onde vem*, *para onde vai*, *por que está na Terra*, e justificar todas as anomalias e todas as injustiças aparentes que a vida apresenta.[2]

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, a maior parte das máximas do Evangelho é ininteligível; é por isso que elas deram lugar a interpretações tão contraditórias; esse princípio é a chave que deve restituir-lhes o seu verdadeiro sentido.

Laços de família fortalecidos pela reencarnação e rompidos pela unicidade da existência

18. Os laços de família não são destruídos pela reencarnação, como pensam certas pessoas; ao contrário, são fortalecidos e estreitados: é o princípio oposto que os destrói.

Os Espíritos formam no espaço grupos ou famílias unidos pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações; esses Espíritos, felizes por estarem juntos, procuram-se; a encarnação só os separa momentaneamente, pois, depois de sua volta à erraticidade, eles se reencontram como amigos ao regresso de uma viagem. Mui-

tas vezes, até, seguem-se na encarnação, em que se reúnem numa mesma família ou num mesmo círculo, trabalhando juntos para o seu mútuo adiantamento. Se uns estão encarnados e os outros não, nem por isso estão menos unidos pelo pensamento; os que estão livres velam pelos que estão em cativeiro; os mais adiantados procuram fazer progredir os retardatários. Depois de cada existência, deram um passo no caminho da perfeição; cada vez menos apegados à matéria, sua afeição é mais viva, justamente por ser mais depurada, por já não ser perturbada pelo egoísmo nem pelas nuvens das paixões. Podem, pois, percorrer assim um número ilimitado de existências corporais sem que nenhum dano seja causado à sua mútua afeição.

Fica bem entendido que se trata aqui da afeição real de alma para alma, a única que sobrevive à destruição do corpo, pois os seres que neste mundo só se unem pelos sentidos não têm nenhum motivo para se procurarem no mundo dos Espíritos. Só são duráveis as afeições espirituais; as afeições carnais extinguem-se com a causa que as fez nascer; ora, essa causa já não existe no mundo dos Espíritos, ao passo que a alma existe sempre. Quanto às pessoas unidas apenas pelo móvel do interesse, elas realmente nada são uma para a outra: a morte as separa na Terra e no céu.

19. A união e a afeição que existem entre parentes são o indício da simpatia anterior que os aproximou; por isso se diz, falando de uma pessoa cujo caráter, gostos e inclinações não têm nenhuma semelhança com os de seus familiares, que ela não é da família. Dizendo isso, enuncia-se uma verdade maior do que se pensa. Deus permite, nas famílias, essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos, com o duplo fim de servir de prova para uns e de meio de adiantamento para outros. Depois, os maus melhoram pouco a pouco

ao contato dos bons e pelos cuidados que deles recebem; seu caráter se abranda, seus costumes se depuram, as antipatias se apagam; é assim que se estabelece a fusão entre as diferentes categorias de Espíritos, como ela se estabelece na Terra entre as raças e os povos.

20. O temor do aumento indefinido do parentesco, em consequência da reencarnação, é um temor egoísta, que prova que não se sente um amor bastante amplo para estendê-lo a grande número de pessoas. Um pai que tem vários filhos ama-os, por isso, menos do que se tivesse um só? Mas que os egoístas se tranquilizem: esse temor não tem fundamento. Do fato de um homem ter tido dez encarnações não se segue que ele reencontrará no mundo dos Espíritos dez pais, dez mães, dez esposas e um número proporcional de filhos e de novos parentes; ali reencontrará sempre apenas os mesmos objetos de sua afeição, que lhe terão estado ligados na Terra a títulos diferentes, e talvez ao mesmo título.

21. Vejamos agora as consequências da doutrina da não reencarnação. Essa doutrina anula necessariamente a preexistência da alma; sendo as almas criadas ao mesmo tempo que o corpo, não existe entre elas nenhum laço anterior; são completamente estranhas umas às outras; o pai é estranho ao filho; a filiação das famílias fica assim reduzida apenas à filiação corporal, sem nenhum laço espiritual. Não há, portanto, nenhum motivo para se gloriar de ter tido por antepassados tais ou tais personagens ilustres. Com a reencarnação, antepassados e descendentes podem ter-se conhecido, ter vivido juntos, ter-se amado, e encontrar-se reunidos mais tarde para estreitar seus laços de simpatia.

22. Isso quanto ao passado. Quanto ao futuro, segundo um dos dogmas fundamentais que decorrem da não reencarnação, a sorte das almas é irrevogavelmente fixada depois de uma única existência; a

fixação definitiva da sorte implica a cessação de todo progresso, pois, se há algum progresso, já não há sorte definitiva; conforme tenham vivido bem ou mal, elas vão imediatamente para a morada dos bem-aventurados ou para o inferno eterno; ficam assim imediatamente separadas para sempre, e sem esperança de jamais se aproximarem, de tal sorte que pais, mães e filhos, maridos e esposas, irmãos, irmãs, amigos nunca têm a certeza de se reverem: é a ruptura mais absoluta dos laços de família.

Com a reencarnação, e o progresso que é a sua consequência, todos os que se amaram se reencontram na Terra e no espaço, e gravitam juntos para chegar a Deus. Se há alguns que fraquejam no caminho, retardam seu adiantamento e sua felicidade, mas nem toda esperança está perdida; ajudados, encorajados e amparados pelos que os amam, sairão um dia do lamaçal em que estão atolados. Com a reencarnação, enfim, há solidariedade perpétua entre os encarnados e os desencarnados; daí o estreitamento dos laços de afeição.

23. Em resumo, quatro alternativas se apresentam ao homem quanto ao seu futuro de além-túmulo: 1º o nada, segundo a doutrina materialista; 2º a absorção no todo universal, segundo a doutrina panteísta; 3º a individualidade com fixação definitiva da sorte, segundo a doutrina da Igreja; 4º a individualidade com progressão indefinida, segundo a doutrina espírita. Segundo as duas primeiras, os laços de família são rompidos depois da morte, e não há nenhuma esperança de reencontro; com a terceira, há possibilidade de se reverem, contanto que se esteja no mesmo meio, e esse meio pode ser tanto o inferno como o paraíso; com a pluralidade das existências, que é inseparável da progressão gradual, há certeza na continuidade das relações entre os que se amaram, e é isso que constitui a verdadeira família.

Instruções dos Espíritos

Limite da encarnação

24. *Quais são os limites da encarnação?*

A encarnação não tem, propriamente falando, limites nitidamente traçados, se por isso se entende o envoltório que constitui o corpo do Espírito, visto que a materialidade desse envoltório diminui à medida que o Espírito se purifica. Em certos mundos mais adiantados que a Terra, ele já é menos compacto, menos pesado e menos grosseiro e, por conseguinte, sujeito a menos vicissitudes; num grau mais elevado, é diáfano e quase fluídico; de grau em grau, desmaterializa-se e acaba por se confundir com o perispírito. Conforme o mundo em que é chamado a viver, o Espírito toma o envoltório apropriado à natureza desse mundo.

O próprio perispírito sofre transformações sucessivas; eteriza-se cada vez mais, até a depuração completa que constitui os Espíritos puros. Se mundos especiais são destinados, como estações, aos Espíritos muito adiantados, estes não ficam presos a eles como nos mundos inferiores; o estado de desprendimento em que se encontram permite-lhes transportar-se a toda parte aonde os chamam as missões que lhes são confiadas.

Se se considera a encarnação do ponto de vista material, tal como ocorre na Terra, pode-se dizer que ela está limitada aos mundos inferiores; depende, por conseguinte, do Espírito libertar-se dela mais ou menos prontamente, trabalhando por sua depuração.

Deve-se considerar também que, no estado errante, isto é, no intervalo das existências corporais, a situação do Espírito está em relação com a natureza do mundo ao qual o liga o seu grau de adiantamento;

e que assim, na erraticidade, ele é mais ou menos feliz, livre e esclarecido, conforme esteja mais ou menos desmaterializado.

São Luís (Paris, 1859)

Necessidade da encarnação

25. *A encarnação é uma punição, e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a ela?*

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia; é necessária para eles mesmos, porque a atividade que são obrigados a desenvolver auxilia o desenvolvimento da inteligência. Deus, sendo soberanamente justo, deve dar parte igual a todos os seus filhos; é por isso que dá a todos um mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de agir; todo privilégio seria uma preferência, e toda preferência, uma injustiça. Mas a encarnação não é, para todos os Espíritos, senão um estado transitório; é uma tarefa que Deus lhes impõe no início da vida, como primeira prova do uso que farão de seu livre-arbítrio. Os que cumprem essa tarefa com zelo transpõem rapidamente e com menos dificuldade esses primeiros graus da iniciação, e gozam mais cedo do fruto de seus trabalhos. Os que, ao contrário, fazem mau uso da liberdade que Deus lhes concede retardam o seu adiantamento; é assim que, por sua obstinação, podem prolongar indefinidamente a necessidade de se reencarnar, e é então que a encarnação se torna um castigo.

São Luís (Paris, 1859)

26. *Observação*. Uma comparação comum fará compreender melhor essa diferença. O estudante só chega aos graus da ciência depois de

ter percorrido a série de classes que a eles conduzem. Essas classes, qualquer que seja o trabalho que exijam, são um meio de alcançar o objetivo, e não uma punição. O estudante aplicado abrevia o caminho e nele encontra menos espinhos; o mesmo não se dá com aquele a quem a negligência e a preguiça obrigam a repetir certas classes. Não é o trabalho da classe que é uma punição, mas a obrigação de recomeçar o mesmo trabalho.

Assim acontece com o homem na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está quase no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de desenvolver a inteligência; mas, para o homem esclarecido, em quem o senso moral está amplamente desenvolvido e que é obrigado a repetir as etapas de uma vida corporal cheia de angústias, quando já poderia ter chegado ao objetivo, é um castigo, pela necessidade em que se encontra de prolongar sua permanência nos mundos inferiores e infelizes. Aquele, ao contrário, que trabalha ativamente por seu progresso moral pode não só abreviar a duração da encarnação material, mas também transpor de uma só vez os graus intermediários que o separam dos mundos superiores.

Não poderiam os Espíritos encarnar-se uma única vez no mesmo globo e cumprir suas diferentes existências em esferas diferentes? Essa opinião só seria admissível se todos os homens estivessem, na Terra, exatamente no mesmo nível intelectual e moral. As diferenças que existem entre eles, desde o selvagem até o homem civilizado, mostram os graus que são chamados a transpor. A encarnação, aliás, deve ter um fim útil; ora, qual seria o das encarnações efêmeras das crianças que morrem em tenra idade? Teriam sofrido sem proveito para si nem para outrem: Deus, cujas leis são todas soberanamente sábias, nada faz de inútil. Pela reencarnação no mesmo globo, ele quis que os mesmos Espíritos, encontrando-se novamente em conta-

to, tivessem ocasião de reparar seus erros recíprocos; em virtude de suas relações anteriores, quis, além disso, fundar os laços de família sobre uma base espiritual e apoiar numa lei da natureza os princípios de solidariedade, de fraternidade e de igualdade.

Notas

1. A tradução de Osterwald está conforme ao texto primitivo; ela traz: *não renascer da água e do Espírito*; a de Sacy diz: *do Santo Espírito*; a de Lamennais: *do Espírito Santo*.
2. Ver, para os desenvolvimentos do dogma da reencarnação, *O Livro dos Espíritos*, caps. IV e V; *O que é o Espiritismo?*, cap. II, por Allan Kardec; *A pluralidade das existências*, por Pezzani.

CAPÍTULO V

Bem-aventurados os aflitos

Justiça das aflições. Causas atuais das aflições. Causas anteriores das aflições. Esquecimento do passado. Motivos de resignação. O suicídio e a loucura. Instruções dos Espíritos: Sofrer bem e sofrer mal. O mal e o remédio. A felicidade não é deste mundo. Perda das pessoas amadas. Mortes prematuras. Se fosse um homem de bem, teria morrido. Os tormentos voluntários. A desgraça real. A melancolia. Provas voluntárias. O verdadeiro cilício. Deve-se pôr termo às provas do próximo? É permitido abreviar a vida de um doente que sofre sem esperança de cura? Sacrifício da própria vida. Proveito dos sofrimentos para outrem.

1. *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque o reino dos céus é deles.* (Mateus, 5:5-6, 10)

2. *Bem-aventurados sois vós, que sois pobres, porque o reino dos céus é vosso. Bem-aventurados sois vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Felizes sois vós, que agora chorais, porque rireis.* (Lucas, 6:20-21)

Mas ai de vós, ricos, porque tendes a vossa consolação no mundo. Ai de vós, que estais saciados, porque tereis fome. Ai de vós, que agora rides, porque sereis reduzidos ao pranto e às lágrimas. (Lucas, 6:24-25)

Justiça das aflições

3. As compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra só podem realizar-se na vida futura; sem a certeza do futuro, essas máximas seriam um contrassenso; mais ainda, seriam um engodo. Mesmo

com essa certeza, compreende-se com dificuldade a utilidade de sofrer para ser feliz. É, dizem, para ter mais mérito; mas então se pergunta por que uns sofrem mais que outros; por que uns nascem na miséria e outros na opulência, sem nada terem feito para justificar essa posição; por que a uns nada dá certo, enquanto a outros tudo parece sorrir. Mas o que se compreende menos ainda é ver os bens e os males tão desigualmente repartidos entre o vício e a virtude; ver os homens virtuosos sofrerem ao lado dos maus que prosperam. A fé no futuro pode consolar e fazer ter paciência, mas não explica essas anomalias, que parecem desmentir a justiça de Deus.

Entretanto, desde que se admite Deus, não se pode concebê-lo sem o infinito das perfeições; ele deve ser todo poder, todo justiça, todo bondade; sem isso não seria Deus. Se Deus é soberanamente bom e justo, não pode agir por capricho nem com parcialidade. As vicissitudes da vida têm, portanto, uma causa, e, uma vez que Deus é justo, essa causa deve ser justa. Eis do que cada um deve se compenetrar bem. Deus pôs os homens no caminho dessa causa pelos ensinamentos de Jesus e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, revela-a inteira por meio do Espiritismo, isto é, pela voz dos Espíritos.

Causas atuais das aflições

4. As vicissitudes da vida são de duas espécies, ou, se quisermos, têm duas fontes bem diferentes, que importa distinguir: umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida.

Remontando à fonte dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são a consequência natural do caráter e da conduta daqueles que os suportam.

Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição!

Quanta gente arruinada por falta de ordem, de perseverança, por má conduta ou por não ter sabido limitar seus desejos!

Quantas uniões infelizes, porque são um cálculo de interesse ou de vaidade, e o coração nada tem a ver com elas!

Quantas dissensões, quantas querelas funestas se poderiam ter evitado com mais moderação e menos suscetibilidade!

Quantas doenças e enfermidades são consequência da intemperança e dos excessos de toda espécie!

Quantos pais são infelizes com seus filhos porque não combateram as más tendências destes desde o princípio! Por fraqueza ou indiferença, deixaram desenvolver-se neles os germes do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade, que ressecam o coração; depois, mais tarde, colhendo o que semearam, espantam-se e afligem-se com a falta de deferência e com a ingratidão deles.

Que todos aqueles que são feridos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida interroguem friamente a própria consciência; que remontem, passo a passo, à fonte dos males que os afligem, e verão se, na maioria das vezes, não podem dizer: Se eu tivesse feito, ou não tivesse feito, tal coisa, não estaria em tal situação.

A quem, pois, atribuir todas essas aflições, senão a si mesmo? O homem é assim, num grande número de casos, o artífice de seus próprios infortúnios; mas, em vez de reconhecê-lo, acha mais simples, menos humilhante para a sua vaidade, acusar a sorte, a Providência, o azar, a sua má estrela, ao passo que a sua má estrela está no seu descuido.

Os males dessa natureza formam, seguramente, uma parcela muito considerável das vicissitudes da vida; o homem os evitará quando trabalhar por sua melhoria moral tanto quanto por sua melhoria intelectual.

5. A lei humana alcança certas faltas e as pune; o condenado pode, então, dizer a si mesmo que sofre a consequência do que fez. Mas a lei não alcança nem pode alcançar todas as faltas; ela atinge mais especialmente as que causam prejuízo à sociedade, e não as que só prejudicam a quem as comete. Deus, porém, quer o progresso de todas as suas criaturas; é por isso que não deixa impune nenhum desvio do caminho reto; não há uma só falta, por mais leve que seja, uma só infração à sua lei, que não tenha consequências forçosas e inevitáveis, mais ou menos penosas; donde se segue que, nas pequenas coisas como nas grandes, o homem é sempre punido por onde pecou. Os sofrimentos que daí decorrem são para ele um aviso de que agiu mal; dão-lhe a experiência, fazem-lhe sentir a diferença entre o bem e o mal e a necessidade de melhorar-se para evitar, no futuro, o que foi para ele fonte de desgostos; sem isso, não teria nenhum motivo para se emendar; confiante na impunidade, retardaria o seu adiantamento e, por conseguinte, a sua felicidade futura.

Mas a experiência vem às vezes um pouco tarde: quando a vida foi desperdiçada e perturbada, quando as forças estão gastas e o mal não tem remédio, então o homem começa a dizer: Se no começo da vida eu soubesse o que sei agora, quantos passos em falso teria evitado! Se fosse para recomeçar, eu agiria de modo inteiramente diferente; mas já não há tempo! Assim como o operário preguiçoso diz: Perdi o meu dia, também ele diz a si mesmo: Perdi a minha vida. Mas, assim como para o operário o sol se levanta no dia seguinte, e começa uma nova jornada que lhe permite reparar o tempo perdido, também

para ele, depois da noite do túmulo, brilhará o sol de uma nova vida, na qual poderá aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.

Causas anteriores das aflições

6. Mas, se há males de que o homem é a causa primeira nesta vida, há outros aos quais ele é, pelo menos na aparência, completamente alheio, e que parecem atingi-lo como por fatalidade. Tal é, por exemplo, a perda de seres queridos e a dos arrimos de família; tais são ainda os acidentes que nenhuma previdência podia impedir; os reveses da fortuna que frustram todas as medidas de prudência; os flagelos naturais; e também as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho: as deformidades, a idiotia, o cretinismo etc.

Os que nascem em semelhantes condições certamente nada fizeram nesta vida para merecer uma sorte tão triste, sem compensação, que não podiam evitar, que são impotentes para mudar por si mesmos e que os deixa à mercê da comiseração pública. Por que, então, seres tão desfavorecidos, enquanto ao lado, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos em todos os aspectos?

Que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e da vida só conheceram os sofrimentos? Problemas que nenhuma filosofia pôde ainda resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar, e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, na hipótese de que a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo e de que a sua sorte é fixada irrevogavelmente após uma permanência de alguns instantes na Terra. Que fizeram essas almas, recém-saídas das mãos do Criador, para suportar tantas misérias neste

mundo e merecer no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, quando não puderam fazer nem o bem nem o mal?

Entretanto, em virtude do axioma de que todo efeito tem uma causa, essas misérias são efeitos que devem ter uma causa; e, desde que se admite um Deus justo, essa causa deve ser justa. Ora, como a causa sempre precede o efeito, se ela não está na vida atual, deve ser anterior a esta vida, isto é, pertencer a uma existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir pelo bem que se fez nem pelo mal que não se fez, se somos punidos é porque fizemos o mal; se não fizemos o mal nesta vida, fizemo-lo em outra. É uma alternativa da qual é impossível escapar, e na qual a lógica diz de que lado está a justiça de Deus.

O homem, portanto, nem sempre é punido, ou completamente punido, em sua existência presente, mas nunca escapa às consequências de suas faltas. A prosperidade do mau é apenas momentânea, e, se ele não expia hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. A desgraça que, à primeira vista, parece imerecida tem, pois, a sua razão de ser, e aquele que sofre sempre pode dizer: “Perdoai-me, Senhor, porque pequei.”

7. Os sofrimentos por causas anteriores são muitas vezes, como os das faltas atuais, a consequência natural da falta cometida; isto é, por uma rigorosa justiça distributiva, o homem suporta o que fez os outros suportarem: se foi duro e desumano, poderá ser, por sua vez, tratado com dureza e desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer numa condição humilhante; se foi avarento, egoísta, ou se fez mau uso de sua fortuna, poderá ser privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer com seus filhos etc.

Assim se explicam, pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a repartição da felicidade e da desgraça entre os bons e os maus neste mundo. Essa anomalia só existe aparentemente porque se toma como ponto de vista apenas a vida presente; mas, se nos elevarmos pelo pensamento de modo a abranger uma série de existências, veremos que a cada um é dada a parte que merece, sem prejuízo da que lhe cabe no mundo dos Espíritos, e que a justiça de Deus nunca é interrompida.

O homem nunca deve perder de vista que está num mundo inferior, onde só é retido por suas imperfeições. A cada vicissitude, deve dizer a si mesmo que, se pertencesse a um mundo mais adiantado, aquilo não aconteceria, e que depende dele não voltar mais para cá, trabalhando por sua melhoria.

8. As tribulações da vida podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou ignorantes demais para fazer uma escolha com conhecimento de causa; mas são livremente escolhidas e aceitas por Espíritos arrependidos, que querem reparar o mal que fizeram e experimentar fazer melhor. Tal é aquele que, tendo feito mal a sua tarefa, pede para recomeçá-la, a fim de não perder o benefício do seu trabalho. Essas tribulações são, pois, ao mesmo tempo expiações pelo passado, que elas castigam, e provas para o futuro, que elas preparam. Rendamos graças a Deus, que, em sua bondade, concede ao homem a faculdade da reparação e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta.

9. Não se deveria crer, entretanto, que todo sofrimento suportado neste mundo seja necessariamente o indício de uma falta determinada; muitas vezes são simples provas escolhidas pelo Espírito para concluir a sua depuração e apressar o seu adiantamento. Assim, a ex-

piação sempre serve de prova, mas a prova nem sempre é uma expiação; mas, provas ou expiações, são sempre sinais de uma inferioridade relativa, pois o que é perfeito não tem mais necessidade de ser provado. Um Espírito pode, portanto, ter adquirido certo grau de elevação e, querendo adiantar-se ainda mais, solicitar uma missão, uma tarefa a cumprir, pela qual será tanto mais recompensado, se sair vitorioso, quanto mais penosa tiver sido a luta. Tais são, mais especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parecem não ter trazido nada de mau de sua existência precedente e que suportam com uma resignação toda cristã as maiores dores, pedindo a Deus para suportá-las sem murmurar. Pode-se, ao contrário, considerar como expiações as aflições que provocam murmúrios e levam o homem à revolta contra Deus.

O sofrimento que não provoca murmúrios pode, sem dúvida, ser uma expiação, mas é o indício de que foi antes escolhido voluntariamente do que imposto, e a prova de uma forte resolução, o que é um sinal de progresso.

10. Os Espíritos só podem aspirar à felicidade perfeita quando são puros: toda mancha lhes interdita a entrada nos mundos felizes. São como os passageiros de um navio atingido pela peste, aos quais a entrada numa cidade é proibida até que se tenham purificado. É em suas diversas existências corporais que os Espíritos se despojam pouco a pouco de suas imperfeições. As provas da vida fazem adiantar quando são bem suportadas; como expiações, elas apagam as faltas e purificam; são o remédio que limpa a ferida e cura o doente; quanto mais grave é o mal, mais enérgico deve ser o remédio. Aquele, pois, que sofre muito deve dizer a si mesmo que tinha muito a expiar e alegrar-se por estar logo curado; depende dele, por sua resignação, tor-

nar esse sofrimento proveitoso e não lhe perder o fruto por seus murmúrios, sem o que teria de recomeçar.

Esquecimento do passado

11. É em vão que se objeta o esquecimento como um obstáculo a que se possa aproveitar a experiência das existências anteriores. Se Deus julgou conveniente lançar um véu sobre o passado, é que isso devia ser útil. Com efeito, essa lembrança teria inconvenientes muito graves; poderia, em certos casos, humilhar-nos estranhamente, ou então exaltar o nosso orgulho e, por isso mesmo, entravar o nosso livre-arbítrio; em todos os casos, teria trazido uma perturbação inevitável às relações sociais.

O Espírito renasce muitas vezes no mesmo meio em que já viveu e se encontra em relação com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes fez. Se reconhecesse nelas as que odiou, o seu ódio talvez despertasse; e, em todo caso, ele se sentiria humilhado diante das que tivesse ofendido.

Deus nos deu, para nos melhorarmos, exatamente o que nos é necessário e pode nos bastar: a voz da consciência e as nossas tendências instintivas; tira-nos o que poderia nos prejudicar.

O homem traz ao nascer o que adquiriu; nasce como se fez; cada existência é para ele um novo ponto de partida; pouco lhe importa saber o que foi: se é punido, é porque fez o mal; suas más tendências atuais são o indício do que resta a corrigir nele, e é nisso que deve concentrar toda a sua atenção, pois daquilo de que se corrigiu completamente não resta mais vestígio. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, que o adverte do que é bem ou mal e lhe dá forças para resistir às más tentações.

De resto, esse esquecimento só ocorre durante a vida corporal. De volta à vida espiritual, o Espírito recobra a lembrança do passado: não é, pois, mais que uma interrupção momentânea, como a que ocorre na vida terrestre durante o sono, e que não impede que nos lembremos, no dia seguinte, do que fizemos na véspera e nos dias anteriores.

E não é somente depois da morte que o Espírito recobra a lembrança do seu passado; pode-se dizer que nunca a perde, pois a experiência prova que, na encarnação, durante o sono do corpo, quando goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre com justiça; a lembrança só se apaga durante a vida exterior de relação. Mas, na falta de uma lembrança precisa, que poderia ser-lhe penosa e prejudicar as suas relações sociais, ele haure novas forças nesses instantes de emancipação da alma, se souber aproveitá-los.

Motivos de resignação

12. Por estas palavras: *Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados*, Jesus indica ao mesmo tempo a compensação que espera os que sofrem e a resignação que faz bendizer o sofrimento como o prelúdio da cura.

Essas palavras podem ainda ser traduzidas assim: Deveis considerar-vos felizes por sofrer, porque as vossas dores deste mundo são a dívida de vossas faltas passadas, e essas dores, suportadas pacientemente na Terra, vos poupam séculos de sofrimento na vida futura. Deveis, pois, ser felizes porque Deus reduz a vossa dívida, permitindo-vos quitá-la desde agora, o que vos assegura a tranquilidade para o futuro.

O homem que sofre é semelhante a um devedor que deve uma grande soma e a quem o credor diz: “Se me pagardes hoje mesmo a centésima parte, eu vos dou por quite de todo o resto e estareis livre; se não o fizerdes, eu vos perseguirei até que tenhais pago o último óbolo.” Não seria feliz o devedor em suportar toda espécie de privações para se libertar pagando apenas a centésima parte do que deve? Em vez de se queixar do credor, não lhe dirá obrigado?

Tal é o sentido destas palavras: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”; são felizes porque se quitam e, depois da quitação, serão livres. Mas se, enquanto se quita de um lado, a pessoa se endivida do outro, jamais chegará à libertação. Ora, cada falta nova aumenta a dívida, porque não há uma só, qualquer que seja, que não traga consigo a sua punição forçosa, inevitável; se não for hoje, será amanhã; se não for nesta vida, será na outra. Entre essas faltas, é preciso colocar em primeiro lugar a falta de submissão à vontade de Deus; portanto, se nas aflições se murmura, se não são aceitas com resignação e como algo que se deve ter merecido, se se acusa Deus de injustiça, contrai-se uma nova dívida, que faz perder o benefício que se poderia tirar do sofrimento; é por isso que será preciso recomeçar, exatamente como se, a um credor que vos atormenta, pagásseis prestações enquanto, a cada vez, lhe tomásseis novo empréstimo.

Ao entrar no mundo dos Espíritos, o homem é ainda como o operário que se apresenta no dia do pagamento. A uns o patrão dirá: “Eis o preço de vossas jornadas de trabalho”; a outros, aos felizes da Terra, aos que tiverem vivido na ociosidade, que tiverem posto a sua felicidade nas satisfações do amor-próprio e nos prazeres mundanos, dirá: “A vós nada é devido, pois recebestes o vosso salário na Terra. Ide e recomeçai a vossa tarefa.”

13. O homem pode suavizar ou aumentar o amargor de suas provas pela maneira como encara a vida terrestre. Sofre tanto mais quanto mais longa vê a duração do sofrimento; ora, aquele que se coloca do ponto de vista da vida espiritual abrange num relance a vida corporal; vê-a como um ponto no infinito, compreende-lhe a brevidade e diz a si mesmo que esse momento penoso logo passará; a certeza de um futuro próximo mais feliz o sustenta e encoraja e, em vez de se queixar, ele agradece ao céu as dores que o fazem adiantar-se. Para aquele, ao contrário, que só vê a vida corporal, esta lhe parece interminável, e a dor pesa sobre ele com todo o seu peso. O resultado dessa maneira de encarar a vida é diminuir a importância das coisas deste mundo, levar o homem a moderar os seus desejos e a contentar-se com a sua posição sem invejar a dos outros, atenuar a impressão moral dos reveses e das decepções que experimenta; ele haure nela uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo quanto à da alma, ao passo que, pela inveja, pelo ciúme e pela ambição, ele se submete voluntariamente à tortura e acrescenta assim às misérias e às angústias de sua curta existência.

O suicídio e a loucura

14. A calma e a resignação hauridas na maneira de encarar a vida terrestre e na fé no futuro dão ao espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a loucura e o suicídio. Com efeito, é certo que a maioria dos casos de loucura se deve ao abalo produzido pelas vicissitudes que o homem não tem força para suportar; se, portanto, pela maneira como o Espiritismo lhe faz encarar as coisas deste mundo, ele recebe com indiferença, e até com alegria, os reveses e as decepções que o teriam desesperado em outras circunstâncias, é

evidente que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, preserva a sua razão dos abalos que, sem isso, a teriam perturbado.

15. O mesmo acontece com o suicídio; se excetuarmos os que se consumam na embriaguez e na loucura, e que podem ser chamados inconscientes, é certo que, quaisquer que sejam os seus motivos particulares, ele tem sempre por causa um descontentamento; ora, aquele que está certo de ser infeliz apenas um dia e de estar melhor nos dias seguintes facilmente tem paciência; só se desespera se não vê termo para os seus sofrimentos. Que é, pois, a vida humana em relação à eternidade, senão bem menos que um dia? Mas aquele que não crê na eternidade, que crê que tudo acaba para ele com a vida, se está acabrunhado pelo desgosto e pelo infortúnio, só vê termo para isso na morte; nada esperando, acha muito natural, e até muito lógico, abreviar as suas misérias pelo suicídio.

16. A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas, numa palavra, são os maiores incitamentos ao suicídio: elas produzem a covardia moral. E quando se veem homens de ciência apoiarem-se na autoridade do seu saber para se esforçarem por provar aos seus ouvintes ou leitores que nada têm a esperar depois da morte, não é levá-los a esta conclusão: que, se são infelizes, nada têm de melhor a fazer do que se matar? Que poderiam dizer-lhes para os desviar disso? Que compensação podem oferecer-lhes? Que esperança podem dar-lhes? Nenhuma outra coisa senão o nada. Donde se deve concluir que, se o nada é o único remédio heroico, a única perspectiva, mais vale cair nele imediatamente do que mais tarde, e assim sofrer por menos tempo.

A propagação das ideias materialistas é, portanto, o veneno que inocula em grande número de pessoas a ideia do suicídio, e os que se fazem seus apóstolos assumem uma terrível responsabilidade. Com o

Espiritismo, não sendo mais permitida a dúvida, o aspecto da vida muda; o crente sabe que a vida se prolonga indefinidamente além do túmulo, mas em condições inteiramente diferentes; daí a paciência e a resignação, que afastam muito naturalmente a ideia do suicídio; daí, numa palavra, a coragem moral.

17. O Espiritismo tem ainda, sob esse aspecto, outro resultado igualmente positivo, e talvez mais determinante. Mostra-nos os próprios suicidas vindo dar conta de sua situação infeliz e provar que ninguém viola impunemente a lei de Deus, que proíbe ao homem abreviar a sua vida. Entre os suicidas, há os que têm um sofrimento que, por ser apenas temporário em vez de eterno, nem por isso é menos terrível, e de natureza a dar o que pensar a quem quer que se sinta tentado a partir daqui antes da ordem de Deus. O espírita tem, pois, como contrapeso à ideia do suicídio, vários motivos: a certeza de uma vida futura, na qual sabe que será tanto mais feliz quanto mais infeliz e resignado tiver sido na Terra; a certeza de que, abreviando a sua vida, chega a um resultado inteiramente diverso do que esperava; de que se livra de um mal para ter outro pior, mais longo e mais terrível; de que se engana se crê, ao se matar, ir mais depressa para o céu; de que o suicídio é um obstáculo a que se reúna, no outro mundo, aos objetos de suas afeições que esperava lá reencontrar; donde a consequência de que o suicídio, só lhe trazendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses. Por isso, o número de suicídios impedidos pelo Espiritismo é considerável, e pode-se concluir que, quando todos forem espíritas, não haverá mais suicídios conscientes. Comparando, pois, os resultados das doutrinas materialista e espírita apenas do ponto de vista do suicídio, verifica-se que a lógica de uma conduz a ele, ao passo que a lógica da outra dele afasta, o que é confirmado pela experiência.

Instruções dos Espíritos

Sofrer bem e sofrer mal

18. Quando o Cristo disse: “Bem-aventurados os aflitos, o reino dos céus é deles”, não se referia aos que sofrem em geral, pois todos os que estão neste mundo sofrem, estejam no trono ou na palha; mas, ai!, poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao reino de Deus. O desânimo é uma falta; Deus vos recusa consolações porque vos falta coragem. A prece é um amparo para a alma, mas não basta: é preciso que se apoie numa fé viva na bondade de Deus. Muitas vezes vos foi dito que ele não põe um fardo pesado sobre ombros fracos; mas o fardo é proporcional às forças, como a recompensa será proporcional à resignação e à coragem; a recompensa será mais magnífica do que a aflição é penosa; mas essa recompensa é preciso merecê-la, e é por isso que a vida está cheia de tribulações.

O soldado que não é mandado ao fogo não fica contente, porque o repouso do acampamento não lhe proporciona promoção; sede, pois, como o soldado, e não desejeis um repouso no qual o vosso corpo se debilitaria e a vossa alma se entorpeceria. Ficai satisfeitos quando Deus vos envia a luta. Essa luta não é o fogo da batalha, mas os amargores da vida, onde às vezes é preciso mais coragem do que num combate sangrento, pois quem permanece firme diante do inimigo pode vergar sob o aperto de uma dor moral. O homem não recebe recompensa por essa espécie de coragem, mas Deus lhe reserva coroas e um lugar glorioso. Quando vos sobrevier um motivo de dor ou de contrariedade, procurai sobrepor-vos a ele e, quando tiverdes conseguido dominar os ímpetos da impaciência, da cólera ou do desespero, dizei a vós mesmos, com justa satisfação: “Fui o mais forte.”

Bem-aventurados os aflitos pode, pois, traduzir-se assim: Bem-aventurados os que têm ocasião de provar a sua fé, a sua firmeza, a sua perseverança e a sua submissão à vontade de Deus, porque terão cem vezes mais a alegria que lhes falta na Terra, e depois do labor virá o repouso.

Lacordaire (*Le Havre*, 1863)

O mal e o remédio

19. A vossa Terra é, então, um lugar de alegria, um paraíso de delícias? A voz do profeta já não ressoa aos vossos ouvidos? Não clamou ela que haveria prantos e ranger de dentes para os que nascessem neste vale de dores? Vós que vindes viver nele, esperai, pois, as lágrimas ardentes e as penas amargas e, quanto mais agudas e profundas forem as vossas dores, olhai o céu e bendizei o Senhor por ter querido provar-vos!... Ó homens! Só reconhecereis, então, o poder do vosso Senhor quando ele tiver curado as chagas do vosso corpo e coroado os vossos dias de bem-aventurança e de alegria! Só reconhecereis, então, o seu amor quando ele tiver adornado o vosso corpo de todas as glórias e lhe tiver restituído o brilho e a brancura! Imitai aquele que vos foi dado como exemplo: chegado ao último grau da abjeção e da miséria, estendido sobre um monturo, ele diz a Deus: “Senhor! Conheci todas as alegrias da opulência, e vós me reduzistes à mais profunda miséria; obrigado, obrigado, meu Deus, por vos dignardes provar o vosso servo!” Até quando os vossos olhares se deterão nos horizontes marcados pela morte? Quando a vossa alma quererá enfim lançar-se além dos limites de um túmulo? Mas, ainda que tivésseis de chorar e sofrer uma vida inteira, que é isso ao lado da eternidade de glória reservada àquele que tiver passado pela prova com fé, amor e resignação? Buscai, pois, consolações para os vossos males

no futuro que Deus vos prepara, e a causa dos vossos males no vosso passado; e vós que mais sofreis, considerai-vos os bem-aventurados da Terra.

No estado de desencarnados, quando pairáveis no espaço, escolhestes a vossa prova porque vos julgastes bastante fortes para suportá-la; por que murmurar agora? Vós que pedistes a fortuna e a glória, foi para sustentar a luta da tentação e vencê-la. Vós que pedistes para lutar de espírito e de corpo contra o mal moral e físico, é porque sabíeis que, quanto mais forte fosse a prova, mais gloriosa seria a vitória, e que, se dela saísseis triunfantes, ainda que a vossa carne fosse lançada num monturo, à sua morte ela deixaria escapar uma alma resplandecente de brancura e tornada novamente pura pelo batismo da expiação e do sofrimento.

Que remédio, então, prescrever aos que são atingidos por obsessões cruéis e por males pungentes? Um só é infalível: é a fé, é o olhar voltado para o céu. Se, no acesso de vossos mais cruéis sofrimentos, a vossa voz cantar o Senhor, o anjo, à vossa cabeceira, vos mostrará com a mão o sinal da salvação e o lugar que deveis ocupar um dia... A fé é o remédio certo do sofrimento; ela mostra sempre os horizontes do infinito, diante dos quais se apagam os poucos dias sombrios do presente. Não nos perguntei, pois, mais que remédio é preciso empregar para curar tal úlcera ou tal chaga, tal tentação ou tal prova; lembrai-vos de que aquele que crê é forte com o remédio da fé, e de que aquele que duvida um segundo da sua eficácia é punido no mesmo instante, porque sente imediatamente as pungentes angústias da aflição.

O Senhor marcou com o seu selo todos os que creem nele. O Cristo vos disse que com a fé se transportam montanhas, e eu vos digo que aquele que sofre e tiver a fé por amparo será colocado sob a sua égide

e não sofrerá mais; os momentos das mais fortes dores serão para ele as primeiras notas de alegria da eternidade. A sua alma se desprenderá de tal modo do corpo que, enquanto este se contorcer em convulsões, ela pairará nas regiões celestes, cantando com os anjos os hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor.

Felizes os que sofrem e choram! Que as suas almas estejam na alegria, porque serão cumuladas por Deus.

Santo Agostinho (Paris, 1863)

A felicidade não é deste mundo

20. Não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim!, exclama geralmente o homem em todas as posições sociais. Isso, meus caros filhos, prova melhor do que todos os raciocínios possíveis a verdade desta máxima do Eclesiastes: "A felicidade não é deste mundo." Com efeito, nem a fortuna, nem o poder, nem mesmo a juventude florescente são as condições essenciais da felicidade; digo mais: nem mesmo a reunião dessas três condições tão invejadas, pois se ouvem sem cessar, no meio das classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades queixarem-se amargamente de sua condição.

Diante de tal resultado, é inconcebível que as classes trabalhadoras e militantes invejem com tanta cobiça a posição daqueles que a fortuna parece ter favorecido. Neste mundo, faça-se o que se fizer, cada um tem a sua parte de labor e de miséria, o seu quinhão de sofrimentos e de decepções. Donde é fácil chegar a esta conclusão: a Terra é um lugar de provas e de expiações.

Assim, pois, os que pregam que a Terra é a única morada do homem, e que só nela, e numa única existência, lhe é permitido atingir o mais alto grau das felicidades que a sua natureza comporta, esses se

iludem e enganam os que os escutam, visto que está demonstrado, por uma experiência multissecular, que este globo só excepcionalmente encerra as condições necessárias à felicidade completa do indivíduo.

Em tese geral, pode-se afirmar que a felicidade é uma utopia em cuja perseguição as gerações se lançam sucessivamente, sem jamais conseguir alcançá-la; pois, se o homem sábio é uma raridade neste mundo, o homem absolutamente feliz também não se encontra nele.

Aquilo em que consiste a felicidade na Terra é coisa tão efêmera, para quem não é guiado pela sabedoria, que, por um ano, um mês, uma semana de completa satisfação, todo o resto se escoa numa série de amarguras e de decepções; e notai, meus caros filhos, que falo aqui dos felizes da Terra, daqueles que são invejados pelas multidões.

Consequentemente, se a morada terrestre está destinada às provas e à expiação, é forçoso admitir que existem em outros lugares moradas mais favorecidas, onde o Espírito do homem, ainda aprisionado numa carne material, possui em sua plenitude os gozos inerentes à vida humana. É por isso que Deus semeou no vosso turbilhão esses belos planetas superiores, para os quais os vossos esforços e as vossas tendências vos farão gravitar um dia, quando estiverdes suficientemente purificados e aperfeiçoados.

Todavia, não deduzais de minhas palavras que a Terra esteja para sempre votada a uma destinação penitenciária; não, certamente! Pois, dos progressos realizados, podeis facilmente deduzir os progressos futuros e, das melhorias sociais conquistadas, novas e mais fecundas melhorias. Tal é a imensa tarefa que deve cumprir a nova doutrina que os Espíritos vos revelaram.

Assim, pois, meus caros filhos, que uma santa emulação vos anime e que cada um de vós se despoje energicamente do homem velho. Todos vós vos deveis à divulgação deste Espiritismo, que já iniciou a vossa própria regeneração. É um dever fazer os vossos irmãos participarem dos raios da luz sagrada. Mãos à obra, pois, meus muito caros filhos! Que nesta reunião solene todos os vossos corações aspirem a esse objetivo grandioso de preparar para as gerações futuras um mundo onde a felicidade não será mais uma palavra vã.

François-Nicolas-Madeleine, cardeal Morlot (Paris, 1863)

Perda das pessoas amadas. Mortes prematuras

21. Quando a morte vem ceifar em vossas famílias, levando sem medida os jovens antes dos velhos, dizeis muitas vezes: Deus não é justo, pois sacrifica o que é forte e cheio de futuro para conservar os que viveram longos anos cheios de decepções; pois leva os que são úteis e deixa os que não servem mais para nada; pois despedaça o coração de uma mãe, privando-a da criaturinha inocente que era toda a sua alegria.

Humanos, é nisso que precisais elevar-vos acima do terra a terra da vida para compreender que o bem está muitas vezes onde julgais ver o mal, a sábia previdência onde julgais ver a cega fatalidade do destino. Por que medir a justiça divina pelo valor da vossa? Podeis pensar que o Senhor dos mundos queira, por simples capricho, infligir-vos penas cruéis? Nada se faz sem um objetivo inteligente e, seja o que for que aconteça, cada coisa tem a sua razão de ser. Se perscrutásseis melhor todas as dores que vos atingem, encontraríeis nelas sempre a razão divina, razão regeneradora, e os vossos mesquinhos interesses seriam uma consideração secundária, que relegaríeis ao último plano.

Crede-me: a morte é preferível, para a encarnação de vinte anos, a esses desregramentos vergonhosos que desolam as famílias honradas, despedaçam o coração de uma mãe e fazem, antes do tempo, embranquecer os cabelos dos pais. A morte prematura é muitas vezes um grande benefício que Deus concede àquele que parte, e que fica assim preservado das misérias da vida ou das seduções que poderiam tê-lo arrastado à perdição. Aquele que morre na flor da idade não é vítima da fatalidade; é que Deus julga que lhe é útil não permanecer mais tempo na Terra.

É uma desgraça terrível, dizeis, que uma vida tão cheia de esperanças seja tão cedo interrompida! De que esperanças quereis falar? Das da Terra, onde aquele que parte poderia ter brilhado, feito carreira e fortuna? Sempre essa visão estreita, que não consegue elevar-se acima da matéria. Sabeis qual teria sido a sorte dessa vida tão cheia de esperanças, segundo vós? Quem vos diz que ela não teria sido saturada de amarguras? Contais então por nada as esperanças da vida futura, para lhes preferirdes as da vida efêmera que arrastais na Terra? Pensais então que vale mais ter uma posição entre os homens do que entre os Espíritos bem-aventurados?

Alegrai-vos em vez de vos queixar quando apraz a Deus retirar um de seus filhos deste vale de misérias. Não há egoísmo em desejar que ele aqui ficasse para sofrer convosco? Ah! essa dor se concebe naquele que não tem fé e que vê na morte uma separação eterna; mas vós, espíritas, sabeis que a alma vive melhor livre do seu envoltório corporal; mães, sabeis que os vossos filhos bem-amados estão perto de vós; sim, estão bem perto; os seus corpos fluídicos vos envolvem, os seus pensamentos vos protegem, a vossa lembrança os embriaga de alegria; mas também as vossas dores desarrazoadas os afligem, porque denotam falta de fé e são uma revolta contra a vontade de Deus.

Vós que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações do vosso coração chamando esses queridos bem-amados e, se orardes a Deus para bendizê-lo, sentireis em vós aquelas consolações poderosas que secam as lágrimas, aquelas aspirações maravilhosas que vos mostrarão o futuro prometido pelo soberano Senhor.

Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris (1863)

Se fosse um homem de bem, teria morrido

22. Dizeis muitas vezes, falando de um homem mau que escapa de um perigo: *Se fosse um homem de bem, teria morrido*. Pois bem, dizendo isso estais com a verdade, porque efetivamente acontece com muita frequência que Deus dá a um Espírito ainda jovem nos caminhos do progresso uma prova mais longa do que a um bom, que receberá, em recompensa do seu mérito, o favor de que a sua prova seja tão curta quanto possível. Assim, pois, quando vos servis desse axioma, não suspeitais que estais cometendo uma blasfêmia.

Se morre um homem de bem e ao lado de sua casa está a de um mau, apressai-vos a dizer: *Seria bem melhor que fosse este*. Estais muito enganados, pois aquele que parte terminou a sua tarefa, e aquele que fica talvez ainda não a tenha começado. Por que, então, quereríeis que o mau não tivesse tempo de concluí-la e que o outro permanecesse preso à gleba terrestre? Que diríeis de um prisioneiro que tivesse cumprido a sua pena e que fosse retido na prisão, enquanto se desse a liberdade a quem não tem direito a ela? Sabei, pois, que a verdadeira liberdade está na libertação dos laços do corpo e que, enquanto estais na Terra, estais em cativeiro.

Habituai-vos a não censurar o que não podeis compreender, e crede que Deus é justo em todas as coisas; muitas vezes o que vos parece

um mal é um bem; mas as vossas faculdades são tão limitadas que o conjunto do grande todo escapa aos vossos sentidos obtusos. Esforçai-vos por sair, pelo pensamento, da vossa estreita esfera e, à medida que vos elevardes, a importância da vida material diminuirá aos vossos olhos, pois ela vos aparecerá apenas como um incidente na duração infinita da vossa existência espiritual, a única existência verdadeira.

Fénelon (Sens, 1861)

Os tormentos voluntários

23. O homem está incessantemente em busca da felicidade, que lhe escapa sem cessar, porque a felicidade sem mistura não existe na Terra. Entretanto, apesar das vicissitudes que formam o cortejo inevitável desta vida, ele poderia pelo menos gozar de uma felicidade relativa; mas a procura nas coisas perecíveis e sujeitas às mesmas vicissitudes, isto é, nos gozos materiais, em vez de procurá-la nos gozos da alma, que são uma antecipação dos gozos celestes imperecíveis; em vez de buscar a paz do coração, única felicidade real neste mundo, ele é ávido de tudo o que pode agitá-lo e perturbá-lo; e, coisa singular, parece criar para si, de propósito, tormentos que só dele dependeria evitar.

Haverá maiores que os causados pela inveja e pelo ciúme? Para o invejoso e o ciumento não há repouso: estão perpetuamente com febre; o que não têm e o que outros possuem lhes causa insônias; os êxitos de seus rivais lhes dão vertigem; a sua emulação só se exerce em eclipsar os vizinhos; toda a sua alegria é excitar nos insensatos como eles a raiva de ciúme de que estão possuídos. Pobres insensatos, com efeito, que não pensam que amanhã, talvez, terão de deixar todos esses brinquedos cuja cobiça lhes envenena a vida! Não é a eles

que se aplica esta palavra: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”, pois as suas preocupações não são das que têm compensação no céu.

Quantos tormentos, ao contrário, poupa a si mesmo aquele que sabe contentar-se com o que tem, que vê sem inveja o que não tem, que não procura parecer mais do que é! Ele é sempre rico, pois, se olhar para baixo de si em vez de olhar para cima, verá sempre pessoas que têm ainda menos; é calmo, porque não cria para si necessidades quiméricas; e a calma no meio das tempestades da vida não é felicidade?

Fénelon (Lyon, 1860)

A desgraça real

24. Todo mundo fala da desgraça, todo mundo a sentiu e julga conhecer o seu caráter múltiplo. Eu venho dizer-vos que quase todo mundo se engana e que a desgraça real não é de modo algum o que os homens, isto é, os desgraçados, supõem. Eles a veem na miséria, na lareira sem fogo, no credor ameaçador, no berço vazio do anjo que sorria, nas lágrimas, no caixão que se acompanha de cabeça descoberta e coração despedaçado, na angústia da traição, no despojamento do orgulho que quisera envolver-se na púrpura e que mal esconde a sua nudez sob os andrajos da vaidade; tudo isso, e muitas outras coisas ainda, se chama desgraça na linguagem humana. Sim, é a desgraça para os que só veem o presente; mas a verdadeira desgraça está mais nas consequências de uma coisa do que na própria coisa. Dizei-me se o acontecimento mais feliz no momento, mas que tem consequências funestas, não é na realidade mais desgraçado do que aquele que causa primeiro uma viva contrariedade e acaba por produzir o bem. Dizei-me se a tempestade que quebra as vossas árvores,

mas saneia o ar dissipando os miasmas insalubres que teriam causado a morte, não é antes uma felicidade do que uma desgraça.

Para julgar uma coisa, é preciso, pois, ver-lhe a sequência; é assim que, para apreciar o que é realmente feliz ou desgraçado para o homem, é preciso transportar-se para além desta vida, porque é lá que as consequências se fazem sentir; ora, tudo o que ele chama desgraça segundo a sua curta visão cessa com a vida e encontra a sua compensação na vida futura.

Vou revelar-vos a desgraça sob uma forma nova, sob a forma bela e florida que acolheis e desejais com todas as forças de vossas almas iludidas. A desgraça é a alegria, é o prazer, é o ruído, é a vã agitação, é a louca satisfação da vaidade, que fazem calar a consciência, que comprimem a ação do pensamento, que aturdem o homem quanto ao seu futuro; a desgraça é o ópio do esquecimento que invocais com todos os vossos votos.

Esperai, vós que chorais! Tremei, vós que rides, porque o vosso corpo está satisfeito! Não se engana a Deus; não se foge ao destino; e as provas, credoras mais impiedosas que a matilha desencadeada pela miséria, espreitam o vosso repouso enganador para vos mergulhar de súbito na agonia da verdadeira desgraça, daquela que surpreende a alma amolecida pela indiferença e pelo egoísmo.

Que o Espiritismo vos esclareça, pois, e recoloque em sua verdadeira luz a verdade e o erro, tão estranhamente desfigurados pela vossa cegueira! Então agireis como bravos soldados que, longe de fugir do perigo, preferem as lutas dos combates arriscados à paz que não lhes pode dar nem glória nem promoção. Que importa ao soldado perder na refrega as suas armas, a sua bagagem e as suas roupas, contanto que saia vencedor e com glória! Que importa àquele que tem fé no

futuro deixar no campo de batalha da vida a sua fortuna e o seu manto de carne, contanto que a sua alma entre radiante no reino celeste?

Delphine de Girardin (Paris, 1861)

A melancolia

25. Sabeis por que uma vaga tristeza se apodera às vezes de vossos corações e vos faz achar a vida tão amarga? É o vosso Espírito que aspira à felicidade e à liberdade e que, preso ao corpo que lhe serve de prisão, se esgota em vãos esforços para sair dele. Mas, vendo que são inúteis, cai no desânimo e, sofrendo o corpo a sua influência, o langor, o abatimento e uma espécie de apatia se apoderam de vós, e vos achais infelizes.

Crede-me: resisti com energia a essas impressões que enfraquecem em vós a vontade. Essas aspirações a uma vida melhor são inatas no espírito de todos os homens, mas não as procureis neste mundo; e agora que Deus vos envia os seus Espíritos para vos instruir sobre a felicidade que vos reserva, esperai pacientemente o anjo da libertação, que deve ajudar-vos a romper os laços que mantêm cativo o vosso Espírito. Pensai que tendes de cumprir, durante a vossa prova na Terra, uma missão de que não suspeitais, seja dedicando-vos à vossa família, seja cumprindo os diversos deveres que Deus vos confiou. E se, no curso dessa prova e no desempenho da vossa tarefa, virdes as preocupações, as inquietações, os desgostos abaterem-se sobre vós, sede fortes e corajosos para suportá-los. Enfrentai-os francamente; são de curta duração e devem conduzir-vos para junto dos amigos que chorais, que se alegram com a vossa chegada entre eles e vos estenderão os braços para vos conduzir a um lugar onde os desgostos da Terra não têm acesso.

François de Genève (Bordeaux)

Provas voluntárias. O verdadeiro cilício

26. Perguntais se é permitido suavizar as próprias provas; essa pergunta equivale a esta: É permitido a quem se afoga procurar salvar-se? A quem cravou um espinho, retirá-lo? A quem está doente, chamar o médico? As provas têm por objetivo exercitar a inteligência tanto quanto a paciência e a resignação; um homem pode nascer numa posição penosa e difícil precisamente para obrigá-lo a procurar os meios de vencer as dificuldades. O mérito consiste em suportar sem murmurar as consequências dos males que não se podem evitar, em perseverar na luta, em não se desesperar se não se é bem-sucedido, mas não num deixar-andar que seria mais preguiça do que virtude.

Essa pergunta traz naturalmente outra. Uma vez que Jesus disse: "Bem-aventurados os aflitos", há mérito em procurar as aflições, agravando as próprias provas com sofrimentos voluntários? A isso responderei muito claramente: Sim, há um grande mérito quando os sofrimentos e as privações têm por objetivo o bem do próximo, pois é a caridade pelo sacrifício; não, quando só têm por objetivo a si mesmo, pois é o egoísmo pelo fanatismo.

Há aqui uma grande distinção a fazer: quanto a vós, pessoalmente, contentai-vos com as provas que Deus vos envia e não aumenteis a sua carga, já às vezes tão pesada; aceitai-as sem murmurar e com fé; é tudo o que ele vos pede. Não enfraqueçais o vosso corpo com privações inúteis e macerações sem propósito, pois tendes necessidade de todas as vossas forças para cumprir a vossa missão de trabalho na Terra. Torturar e martirizar voluntariamente o vosso corpo é contrariar a lei de Deus, que vos dá os meios de sustentá-lo e fortificá-lo;

enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usai, mas não abuseis: tal é a lei; o abuso das melhores coisas traz a sua punição por suas consequências inevitáveis.

É diferente com os sofrimentos que alguém se impõe para o alívio do próximo. Se suportais o frio e a fome para aquecer e alimentar quem tem necessidade, e se o vosso corpo sofre com isso, eis o sacrifício que é abençoado por Deus. Vós que deixais os vossos aposentos perfumados para ir levar consolação à mansarda infecta; vós que sujais as vossas mãos delicadas tratando as chagas; vós que vos privais do sono para velar à cabeceira de um doente que não é senão vosso irmão em Deus; vós, enfim, que gastais a vossa saúde na prática das boas obras, eis o vosso cilício, verdadeiro cilício de bênção, pois as alegrias do mundo não ressecaram o vosso coração; não adormecestes no seio das volúpias debilitantes da fortuna, mas vos fizestes os anjos consoladores dos pobres deserdados.

Mas vós que vos retirais do mundo para evitar as suas seduções e viver no isolamento, de que utilidade sois na Terra? Onde está a vossa coragem nas provas, uma vez que fugis da luta e desertais do combate? Se quereis um cilício, aplicai-o à vossa alma, e não ao vosso corpo; mortificai o vosso Espírito, e não a vossa carne; fustigai o vosso orgulho; recebei as humilhações sem vos queixar; feri o vosso amor-próprio; enrijecei-vos contra a dor da injúria e da calúnia, mais pungente que a dor corporal. Eis o verdadeiro cilício, cujas feridas vos serão levadas em conta, porque atestarão a vossa coragem e a vossa submissão à vontade de Deus.

Um anjo guardião (Paris, 1863)

Deve-se pôr termo às provas do próximo?

27. *Deve-se pôr termo às provas do próximo quando se pode, ou é preciso, por respeito aos desígnios de Deus, deixá-las seguir o seu curso?*

Nós vos dissemos e repetimos muitas vezes que estais nesta Terra de expiação para concluir as vossas provas, e que tudo o que vos acontece é uma consequência de vossas existências anteriores, os juros da dívida que tendes de pagar. Mas esse pensamento provoca em certas pessoas reflexões que é necessário deter, pois poderiam ter consequências funestas.

Alguns pensam que, desde que se está na Terra para expiar, é preciso que as provas sigam o seu curso. Há mesmo quem vá ao ponto de crer que não só não se deve fazer nada para atenuá-las, mas que é preciso, ao contrário, contribuir para torná-las mais proveitosas, tornando-as mais intensas. É um grande erro. Sim, as vossas provas devem seguir o curso que Deus lhes traçou; mas conheceis esse curso? Sabeis até que ponto elas devem ir, e se o vosso Pai misericordioso não disse ao sofrimento de tal ou qual de vossos irmãos: "Não irás mais longe"? Sabeis se a sua providência não vos escolheu, não como um instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo de consolação que deve cicatrizar as feridas que a sua justiça havia aberto? Não digais, pois, quando virdes um de vossos irmãos atingido: É a justiça de Deus, é preciso que ela siga o seu curso; mas dizei a vós mesmos, ao contrário: Vejamos que meios o nosso Pai misericordioso pôs ao meu alcance para suavizar o sofrimento de meu irmão. Vejamos se as minhas consolações morais, o meu apoio material, os meus conselhos não poderão ajudá-lo a transpor essa prova com mais força, paciência e resignação. Vejamos até se Deus não pôs em minhas mãos o meio de fazer cessar esse so-

frimento; se não me foi dado, a mim, também como prova, talvez como expiação, deter o mal e substituí-lo pela paz.

Ajudai-vos, pois, sempre uns aos outros em vossas respectivas provas, e nunca vos considereis instrumentos de tortura; esse pensamento deve revoltar todo homem de coração, sobretudo todo espírita; pois o espírita, melhor que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. O espírita deve pensar que a sua vida inteira deve ser um ato de amor e de devotamento; que, faça o que fizer para contrariar as decisões do Senhor, a justiça dele seguirá o seu curso. Pode, pois, sem receio, fazer todos os esforços para suavizar o amargor da expiação; mas só Deus pode detê-la ou prolongá-la, conforme julgar conveniente.

Não haveria um orgulho muito grande, da parte do homem, em julgar-se no direito de revolver, por assim dizer, a arma na ferida? De aumentar a dose de veneno no peito daquele que sofre, a pretexto de que tal é a sua expiação? Oh! considerai-vos sempre como um instrumento escolhido para fazê-la cessar. Resumamos aqui: estais todos na Terra para expiar; mas todos, sem exceção, deveis fazer todos os esforços para suavizar a expiação de vossos irmãos, segundo a lei de amor e de caridade.

Bernardin, Espírito protetor (Bordeaux, 1863)

É permitido abreviar a vida de um doente que sofre sem esperança de cura?

28. *Um homem está agonizando, presa de cruéis sofrimentos; sabe-se que o seu estado é sem esperança; é permitido poupar-lhe alguns instantes de angústia apressando o seu fim?*

Quem, pois, vos daria o direito de prejulgar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir um homem à beira da cova para dela retirá-lo, a fim de fazê-lo voltar-se para si mesmo e levá-lo a outros pensamentos? Em qualquer extremidade em que se encontre um moribundo, ninguém pode dizer com certeza que a sua última hora chegou. A ciência nunca se enganou em suas previsões?

Sei bem que há casos que se podem considerar, com razão, desesperados; mas, se não há nenhuma esperança fundada de um retorno definitivo à vida e à saúde, não se têm inúmeros exemplos de que, no momento de dar o último suspiro, o doente se reanima e recobra as suas faculdades por alguns instantes? Pois bem! Essa hora de graça que lhe é concedida pode ser para ele da maior importância; pois ignorais as reflexões que o seu Espírito pôde fazer nas convulsões da agonia, e quantos tormentos lhe pode poupar um relâmpago de arrependimento.

O materialista, que só vê o corpo e não leva em nenhuma conta a alma, não pode compreender essas coisas; mas o espírita, que sabe o que se passa além do túmulo, conhece o valor do último pensamento. Suavizai os últimos sofrimentos tanto quanto estiver em vós; mas guardai-vos de abreviar a vida, ainda que seja de um minuto, pois esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro.

São Luís (Paris, 1860)

Sacrifício da própria vida

29. *Aquele que está desgostoso da vida, mas não quer se matar, é culpado por procurar a morte num campo de batalha, com o pensamento de tornar a sua morte útil?*

Quer o homem se dê a morte, quer a faça dar a si, o objetivo é sempre abreviar a sua vida e, por conseguinte, há suicídio de intenção, se não de fato. O pensamento de que a sua morte servirá para alguma coisa é ilusório; não passa de um pretexto para colorir a sua ação e desculpá-la aos seus próprios olhos; se ele tivesse seriamente o desejo de servir o seu país, procuraria viver, defendendo-o, e não morrer, pois, uma vez morto, não lhe serve mais para nada. O verdadeiro devotamento consiste em não temer a morte quando se trata de ser útil, em enfrentar o perigo, em fazer de antemão e sem pesar o sacrifício da própria vida, se isso for necessário; mas a *intenção premeditada* de procurar a morte expondo-se a um perigo, mesmo para prestar um serviço, anula o mérito da ação.

30. *Um homem se expõe a um perigo iminente para salvar a vida de um de seus semelhantes, sabendo de antemão que ele próprio sucumbirá; isso pode ser considerado um suicídio?*

Desde que não haja a intenção de procurar a morte, não há suicídio, mas devotamento e abnegação, ainda que se tenha a certeza de perecer. Mas quem pode ter essa certeza? Quem diz que a Providência não reserva um meio inesperado de salvação no momento mais crítico? Não pode ela salvar até mesmo aquele que estivesse diante da boca de um canhão? Muitas vezes ela pode querer levar a prova da resignação até o seu último limite, e então uma circunstância inesperada desvia o golpe fatal.

São Luís (Paris, 1860)

Proveito dos sofrimentos para outrem

31. *Os que aceitam os seus sofrimentos com resignação, por submissão à vontade de Deus e em vista de sua felicidade futura, trabalham apenas*

para si mesmos, e podem tornar os seus sofrimentos proveitosos a outros?

Esses sofrimentos podem ser proveitosos a outrem material e moralmente. Materialmente, se, pelo trabalho, pelas privações e pelos sacrifícios que se impõem, contribuem para o bem-estar material de seus próximos; moralmente, pelo exemplo que dão de sua submissão à vontade de Deus. Esse exemplo do poder da fé espírita pode incitar infelizes à resignação, salvá-los do desespero e de suas funestas consequências para o futuro.

São Luís (Paris, 1860)

CAPÍTULO VI

O Cristo consolador

O jugo leve. Consolador prometido. Instruções dos Espíritos: Advento do Espírito de Verdade.

O jugo leve

1. *Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis o repouso para as vossas almas; pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.* (Mateus, 11:28-30)

2. Todos os sofrimentos — misérias, decepções, dores físicas, perda de seres queridos — encontram consolação na fé no futuro, na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele, ao contrário, que nada espera depois desta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições pesam com todo o seu peso, e nenhuma esperança vem suavizar-lhes o amargor. Eis o que leva Jesus a dizer: *Vinde a mim, todos vós que estais cansados, e eu vos aliviarei.*

Entretanto, Jesus põe uma condição à sua assistência e à felicidade que promete aos aflitos; essa condição está na lei que ele ensina; o seu jugo é a observância dessa lei; mas esse jugo é leve e essa lei é suave, pois impõem como dever o amor e a caridade.

Consolador prometido

3. *Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai, e ele vos enviará outro consolador, para que permaneça eternamente convosco: o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não*

o vê e não o conhece. Mas vós o conhecereis, porque ele permanecerá convosco e estará em vós. Mas o consolador, que é o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que eu vos disse. (João, 14:15-17, 26)

4. Jesus promete outro consolador: é o *Espírito de Verdade*, que o mundo ainda não conhece, porque não está maduro para compreendê-lo, e que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para fazer lembrar o que o Cristo disse. Se, portanto, o Espírito de Verdade deve vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não disse tudo; se vem fazer lembrar o que o Cristo disse, é que isso terá sido esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo vem, no tempo marcado, cumprir a promessa do Cristo: o Espírito de Verdade preside ao seu estabelecimento; ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo só disse em parábolas. O Cristo disse: "Ouçam os que têm ouvidos para ouvir"; o Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, pois fala sem figuras e sem alegorias; levanta o véu deixado de propósito sobre certos mistérios; vem, enfim, trazer uma suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, dando uma causa justa e um objetivo útil a todas as dores.

O Cristo disse: "Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados"; mas como sentir-se feliz por sofrer, se não se sabe por que se sofre? O Espiritismo mostra a sua causa nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado; mostra o seu objetivo, no fato de que os sofrimentos são como as crises salutares que trazem a cura, e de que são a depuração que assegura a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento; sabe que esse sofrimento ajuda o seu adiantamento e o aceita sem murmurar, como o operário aceita

o trabalho que deve valer-lhe o salário. O Espiritismo lhe dá uma fé inabalável no futuro, e a dúvida pungente não tem mais poder sobre a sua alma; fazendo-o ver as coisas do alto, a importância das vicissitudes terrestres se perde no vasto e esplêndido horizonte que ele abrange, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até o fim do caminho.

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do consolador prometido: conhecimento das coisas, que faz que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra; chamamento aos verdadeiros princípios da lei de Deus; e consolação pela fé e pela esperança.

Instruções dos Espíritos

Advento do Espírito de Verdade

5. Venho, como outrora, entre os filhos transviados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como outrora a minha palavra, deve lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinar a planta e levanta as ondas. Revelei a doutrina divina; como um ceifeiro, juntei em feixes o bem esparso na humanidade e disse: Vinde a mim, todos vós que sofreis!

Mas os homens ingratos desviaram-se do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai e se perderam nas ásperas veredas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos — isto é, mortos segundo a carne, pois a morte não existe —, vos socorrais, e que, não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz dos que já não existem neste

mundo se faça ouvir para vos clamar: Orai e crede! pois a morte é a ressurreição, e a vida é a prova escolhida, durante a qual as vossas virtudes cultivadas devem crescer e desenvolver-se como o cedro.

Homens fracos, que compreendeis as trevas de vossas inteligências, não afasteis o facho que a clemência divina põe em vossas mãos para iluminar o vosso caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.

Estou demasiadamente tocado de compaixão por vossas misérias, por vossa imensa fraqueza, para não estender uma mão socorredora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem no abismo do erro. Crede, amai, meditai as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com o bom grão, as utopias com as verdades.

Espíritas! amai-vos: eis o primeiro ensinamento; instruí-vos: eis o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros que nele se enraizaram são de origem humana; e eis que, além do túmulo, que julgáveis ser o nada, vozes vos clamam: Irmãos! nada perece; Jesus Cristo é o vencedor do mal; sede os vencedores da impiedade.

O Espírito de Verdade (Paris, 1860)

6. Venho ensinar e consolar os pobres deserdados; venho dizer-lhes que elevem a sua resignação ao nível de suas provas; que chorem, pois a dor foi sagrada no jardim das Oliveiras; mas que esperem, pois os anjos consoladores virão também enxugar-lhes as lágrimas.

Operários, traçai o vosso sulco; recomeçai no dia seguinte a rude jornada da véspera; o labor de vossas mãos fornece o pão terrestre aos vossos corpos, mas as vossas almas não são esquecidas; e eu, o divino jardineiro, as cultivo no silêncio de vossos pensamentos; quando ti-

ver soado a hora do repouso, quando a trama vos escapar das mãos e os vossos olhos se fecharem para a luz, sentireis brotar e germinar em vós a minha preciosa semente. Nada se perde no reino de nosso Pai, e os vossos suores, as vossas misérias formam o tesouro que deve tornar-vos ricos nas esferas superiores, onde a luz substitui as trevas e onde o mais despojado de todos vós será talvez o mais resplandecente.

Em verdade vos digo: os que carregam os seus fardos e assistem os seus irmãos são os meus bem-amados; instruí-vos na preciosa doutrina que dissipa o erro das revoltas e que vos ensina o objetivo sublime da prova humana. Como o vento varre a poeira, que o sopro dos Espíritos dissipe as vossas invejas contra os ricos do mundo, que muitas vezes são muito miseráveis, pois as suas provas são mais perigosas que as vossas. Estou convosco, e o meu apóstolo vos ensina. Bebei na fonte viva do amor e preparai-vos, cativos da vida, para vos lançardes um dia, livres e alegres, no seio daquele que vos criou fracos para vos tornar perfectíveis e que quer que modeleis vós mesmos a vossa argila maleável, a fim de serdes os artífices da vossa imortalidade.

O Espírito de Verdade (Paris, 1861)

7. Eu sou o grande médico das almas e venho trazer-vos o remédio que deve curá-las; os fracos, os sofredores e os enfermos são os meus filhos prediletos, e venho salvá-los. Vinde, pois, a mim, todos vós que sofreis e estais sobrecarregados, e sereis aliviados e consolados; não procureis em outra parte a força e a consolação, pois o mundo é impotente para dá-las. Deus faz aos vossos corações um apelo supremo pelo Espiritismo; escutai-o. Que a impiedade, a mentira, o erro, a incredulidade sejam extirpados de vossas almas doloridas; são

monstros que se abeberam do vosso sangue mais puro e que vos abrem chagas quase sempre mortais. Que, no futuro, humildes e submissos ao Criador, pratiqueis a sua lei divina. Amai e orai; sede dóceis aos Espíritos do Senhor; invocai-o do fundo do coração; então ele vos enviará o seu Filho bem-amado para vos instruir e vos dizer estas boas palavras: Eis-me aqui; venho a vós, porque me chamastes.

O Espírito de Verdade (Bordeaux, 1861)

8. Deus consola os humildes e dá força aos aflitos que lha pedem. O seu poder cobre a Terra e, em toda parte, ao lado de uma lágrima, ele pôs um bálsamo que consola. O devotamento e a abnegação são uma prece contínua e encerram um ensinamento profundo; a sabedoria humana reside nessas duas palavras. Possam todos os Espíritos sofredores compreender essa verdade, em vez de clamarem contra as dores, contra os sofrimentos morais que são neste mundo o vosso quinhão. Tomai, pois, por divisa estas duas palavras: *devotamento e abnegação*, e sereis fortes, porque elas resumem todos os deveres que vos impõem a caridade e a humildade. O sentimento do dever cumprido vos dará o repouso do espírito e a resignação. O coração bate melhor, a alma se acalma e o corpo não tem mais desfalecimentos, pois o corpo sofre tanto mais quanto mais profundamente atingido está o espírito.

O Espírito de Verdade (Le Havre, 1863)

CAPÍTULO VII

Bem-aventurados os pobres de espírito

O que se deve entender por pobres de espírito. Todo aquele que se eleva será rebaixado. Mistérios ocultos aos sábios e aos prudentes. Instruções dos Espíritos: O orgulho e a humildade. Missão do homem inteligente na Terra.

O que se deve entender por pobres de espírito

1. *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.* (Mateus, 5:3)

2. A incredulidade divertiu-se com esta máxima: *Bem-aventurados os pobres de espírito*, como com muitas outras coisas, sem compreendê-la. Por pobres de espírito, Jesus não entende os homens desprovidos de inteligência, mas os humildes: ele diz que o reino dos céus é para eles, e não para os orgulhosos.

Os homens de ciência e de espírito, segundo o mundo, têm geralmente uma opinião tão alta de si mesmos e de sua superioridade que consideram as coisas divinas indignas de sua atenção; seus olhares, concentrados na própria pessoa, não conseguem elevar-se até Deus. Essa tendência a se julgarem acima de tudo leva-os com demasiada frequência a negar aquilo que, estando acima deles, poderia rebaixá-los, a negar até mesmo a Divindade; ou, se consentem em admiti-la, contestam-lhe um de seus mais belos atributos: sua ação providencial sobre as coisas deste mundo, persuadidos de que só eles bastam para governá-lo bem. Tomando a própria inteligência como medida da inteligência universal, e julgando-se aptos a tudo compreender,

não conseguem crer na possibilidade daquilo que não compreendem; quando se pronunciam, seu julgamento é, para eles, inapelável.

Se se recusam a admitir o mundo invisível e uma potência extra-humana, não é, contudo, porque isso esteja acima de seu alcance, mas porque seu orgulho se revolta à ideia de uma coisa acima da qual não podem colocar-se e que os faria descer de seu pedestal. Por isso só têm sorrisos de desdém para tudo o que não pertence ao mundo visível e tangível; atribuem-se demasiado espírito e ciência para crer em coisas boas, segundo eles, para gente simples, tomando por pobres de espírito os que as levam a sério.

Entretanto, digam o que disserem, terão de entrar, como os outros, nesse mundo invisível que ridicularizam; é lá que seus olhos se abrirão e que reconhecerão o seu erro. Mas Deus, que é justo, não pode receber com o mesmo título aquele que desconheceu o seu poder e aquele que se submeteu humildemente às suas leis, nem dar-lhes parte igual.

Ao dizer que o reino dos céus é dos simples, Jesus quer dizer que ninguém é nele admitido sem a simplicidade do coração e a humildade do espírito; que o ignorante que possui essas qualidades será preferido ao sábio que crê mais em si do que em Deus. Em todas as circunstâncias, ele coloca a humildade entre as virtudes que aproximam de Deus, e o orgulho entre os vícios que dele afastam; e isso por uma razão muito natural: a humildade é um ato de submissão a Deus, ao passo que o orgulho é uma revolta contra ele. Mais vale, pois, para a felicidade futura do homem, ser pobre de espírito, no sentido do mundo, e rico em qualidades morais.

Todo aquele que se eleva será rebaixado

3. *Naquele mesmo tempo, os discípulos aproximaram-se de Jesus e lhe disseram: Quem é o maior no reino dos céus? Jesus, tendo chamado uma criancinha, colocou-a no meio deles e lhes disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como criancinhas, não entrareis no reino dos céus. Todo aquele, pois, que se humilhar e se fizer pequeno como esta criança, esse será o maior no reino dos céus; e quem recebe em meu nome uma criança tal como acabo de dizer, é a mim mesmo que recebe.* (Mateus, 18:1-5)

4. *Então a mãe dos filhos de Zebedeu aproximou-se dele com seus dois filhos e o adorou, dando-lhe a entender que queria pedir-lhe alguma coisa. Ele lhe disse: Que quereis? Ordenai, disse-lhe ela, que estes meus dois filhos se sentem em vosso reino, um à vossa direita e o outro à vossa esquerda. Mas Jesus lhes respondeu: Não sabeis o que pedis; podeis beber o cálice que eu vou beber? Eles lhe disseram: Podemos. Ele lhes respondeu: É verdade que bebereis o cálice que eu beberei; mas, quanto a sentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não cabe a mim vo-lo conceder, mas será para aqueles a quem meu Pai o preparou. Os outros dez apóstolos, tendo ouvido isso, indignaram-se contra os dois irmãos. E Jesus, tendo-os chamado a si, disse-lhes: Sabeis que os príncipes das nações as dominam e que os grandes as tratam com autoridade. Não deve ser assim entre vós; mas aquele que quiser tornar-se o maior seja vosso servo; e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós seja vosso escravo; assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para a redenção de muitos.* (Mateus, 20:20-28)

5. *Num dia de sábado, Jesus entrou na casa de um dos principais fariseus para ali tomar sua refeição, e os que lá estavam o observavam. Então, notando como os convidados escolhiam os primeiros lugares,*

propôs-lhes esta parábola, dizendo: Quando fordes convidados para um casamento, não tomeis o primeiro lugar, para que não aconteça de haver entre os convidados uma pessoa mais importante que vós, e aquele que vos convidou venha dizer-vos: Dai o vosso lugar a este, e então sejais obrigados a ficar, envergonhados, no último lugar. Mas, quando fordes convidados, ide colocar-vos no último lugar, a fim de que, quando chegar aquele que vos convidou, ele vos diga: Meu amigo, sobe mais para cima. E então isso será motivo de honra diante dos que estiverem à mesa convosco; porque todo aquele que se eleva será rebaixado, e todo aquele que se rebaixa será elevado. (Lucas, 14:1, 7-11)

6. Essas máximas são consequências do princípio de humildade que Jesus não cessa de apresentar como condição essencial da felicidade prometida aos eleitos do Senhor, e que ele formulou com estas palavras: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus." Ele toma uma criança como modelo da simplicidade do coração e diz: Será o maior no reino dos céus aquele que se humilhar e se fizer pequeno como uma criança; isto é, aquele que não tiver nenhuma pretensão à superioridade ou à infalibilidade.

O mesmo pensamento fundamental se encontra nesta outra máxima: "Aquele que quiser tornar-se o maior seja vosso servo", e nesta: "Todo aquele que se rebaixa será elevado, e todo aquele que se eleva será rebaixado."

O Espiritismo vem sancionar a teoria pelo exemplo, mostrando-nos grandes no mundo dos Espíritos aqueles que eram pequenos na Terra, e muitas vezes bem pequenos aqueles que nela eram os maiores e os mais poderosos. É que os primeiros levaram consigo, ao morrer, aquilo que é o único a constituir a verdadeira grandeza no céu e que não se perde: as virtudes; ao passo que os outros tiveram de deixar aquilo que fazia a sua grandeza na Terra e que não se leva: a fortuna,

os títulos, a glória, o nascimento. Nada mais tendo, chegam ao outro mundo desprovidos de tudo, como náufragos que tudo perderam, até as próprias roupas; conservaram apenas o orgulho, que torna sua nova posição ainda mais humilhante, pois veem acima deles, resplandecentes de glória, aqueles que pisaram aos pés na Terra.

O Espiritismo nos mostra outra aplicação desse princípio nas encarnações sucessivas, em que aqueles que foram os mais elevados numa existência são rebaixados ao último lugar numa existência seguinte, se foram dominados pelo orgulho e pela ambição. Não procureis, pois, o primeiro lugar na Terra, nem vos colocar acima dos outros, se não quiserdes ser obrigados a descer; procurai, ao contrário, o mais humilde e o mais modesto, pois Deus saberá dar-vos um mais elevado no céu, se o merecerdes.

Mistérios ocultos aos sábios e aos prudentes

7. *Então Jesus disse estas palavras: Eu vos dou glória, meu Pai, Senhor do céu e da terra, por terdes ocultado estas coisas aos sábios e aos prudentes e as terdes revelado aos simples e aos pequenos.* (Mateus, 11:25)

8. Pode parecer singular que Jesus renda graças a Deus por ter revelado essas coisas aos simples e aos pequenos, que são os pobres de espírito, e por tê-las ocultado aos sábios e aos prudentes, em aparência mais aptos a compreendê-las. É que se deve entender pelos primeiros os humildes, que se humilham diante de Deus e não se julgam superiores a todo mundo; e pelos segundos, os orgulhosos, envaidecidos de sua ciência mundana, que se julgam prudentes porque negam, tratando Deus de igual para igual quando não o renegam; pois, na Antiguidade, *sábio* era sinônimo de *erudito*. É por isso que Deus

lhes deixa a pesquisa dos segredos da Terra e revela os do céu aos simples e aos humildes que se inclinam diante dele.

9. Assim acontece hoje com as grandes verdades reveladas pelo Espiritismo. Certos incrédulos se admiram de que os Espíritos façam tão pouco esforço para convencê-los; é que estes se ocupam dos que buscam a luz de boa-fé e com humildade, de preferência aos que julgam possuir toda a luz e parecem pensar que Deus deveria sentir-se muito feliz em trazê-los de volta a si, provando-lhes que existe.

O poder de Deus manifesta-se nas menores coisas como nas maiores; ele não põe a luz debaixo do alqueire, pois a derrama em ondas por toda parte; cegos, portanto, aqueles que não a veem. Deus não quer abrir-lhes os olhos à força, já que lhes agrada mantê-los fechados. A vez deles chegará, mas antes é preciso que sintam as angústias das trevas e reconheçam Deus, e não o acaso, na mão que fere o seu orgulho. Para vencer a incredulidade, ele emprega os meios que lhe convêm segundo os indivíduos; não cabe ao incrédulo prescrever-lhe o que deve fazer e dizer-lhe: Se quiserdes convencer-me, deveis proceder de tal ou tal maneira, em tal momento e não em outro, porque esse momento me convém.

Que os incrédulos não se admirem, pois, se Deus, e os Espíritos que são os agentes de suas vontades, não se submetem às suas exigências. Perguntem-se o que diriam se o último de seus servidores quisesse impor-se a eles. Deus impõe as suas condições e não se sujeita às de ninguém; ouve com bondade os que se dirigem a ele com humildade, e não os que se julgam mais do que ele.

10. Deus, dirão, não poderia tocá-los pessoalmente por meio de sinais retumbantes diante dos quais o incrédulo mais empedernido teria de se inclinar? Sem dúvida o poderia; mas, então, onde estaria o

mérito deles e, aliás, de que serviria isso? Não se veem todos os dias pessoas que se recusam à evidência e chegam a dizer: Ainda que eu visse, não acreditaria, porque sei que é impossível? Se se recusam a reconhecer a verdade, é que seu espírito ainda não está maduro para compreendê-la, nem seu coração para senti-la. O orgulho é a catarata que lhes obscurece a vista; de que serve apresentar a luz a um cego? É preciso, pois, primeiro curar a causa do mal; por isso, como médico hábil, ele castiga primeiro o orgulho. Ele não abandona, portanto, seus filhos perdidos; sabe que cedo ou tarde seus olhos se abrirão, mas quer que seja por sua própria vontade; e é então que, vencidos pelos tormentos da incredulidade, eles se lançarão por si mesmos em seus braços e, como o filho pródigo, lhe pedirão perdão!

Instruções dos Espíritos

O orgulho e a humildade

11. Que a paz do Senhor esteja convosco, meus caros amigos! Venho até vós para encorajar-vos a seguir o bom caminho.

Aos pobres Espíritos que outrora habitaram a Terra, Deus dá a missão de vir esclarecer-vos. Bendito seja ele pela graça que nos concede de podermos ajudar o vosso aperfeiçoamento. Que o Espírito Santo me ilumine e me ajude a tornar compreensível a minha palavra, e que me conceda a graça de colocá-la ao alcance de todos! Vós todos, encarnados, que estais no sofrimento e buscais a luz, que a vontade de Deus me ajude a fazê-la brilhar aos vossos olhos!

A humildade é uma virtude bem esquecida entre vós; os grandes exemplos que dela vos foram dados são muito pouco seguidos e, no entanto, sem a humildade, podeis ser caridosos para com o vosso

próximo? Oh! não, pois esse sentimento nivela os homens; diz-lhes que são irmãos, que devem ajudar-se mutuamente, e os conduz ao bem. Sem a humildade, vós vos enfeitais com virtudes que não tendes, como se usásseis uma veste para esconder as deformidades do vosso corpo. Lembrai-vos daquele que nos salvou; lembrai-vos de sua humildade, que o fez tão grande e o colocou acima de todos os profetas.

O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se o Cristo prometia o reino dos céus aos mais pobres, é porque os grandes da Terra imaginam que os títulos e as riquezas são recompensas dadas ao seu mérito e que a sua essência é mais pura que a do pobre; julgam que isso lhes é devido, e por isso, quando Deus lhos retira, acusam-no de injustiça. Oh! irrisão e cegueira! Faz Deus distinção entre vós pelo corpo? O invólucro do pobre não é o mesmo que o do rico? O Criador fez duas espécies de homens? Tudo o que Deus faz é grande e sábio; nunca lhe atribuais as ideias que os vossos cérebros orgulhosos engendram.

Ó rico, enquanto dormes sob teus tetos dourados, ao abrigo do frio, não sabes que milhares de teus irmãos, que valem tanto quanto tu, jazem sobre a palha? O infeliz que sofre de fome não é teu igual? A esta palavra, teu orgulho se revolta, bem o sei; consentirás em dar-lhe uma esmola, mas apertar-lhe fraternalmente a mão, jamais! “Como!”, dizes; “eu, nascido de sangue nobre, grande da Terra, seria igual a este miserável coberto de andrajos! Vã utopia dos pretensos filósofos! Se fôssemos iguais, por que Deus o teria colocado tão baixo e a mim tão alto?” É verdade que as vossas roupas pouco se parecem; mas, despojados delas ambos, que diferença haverá entre vós? A nobreza do sangue, dirás; mas a química não encontrou diferença alguma entre o sangue do grande senhor e o do plebeu, entre o do senhor

e o do escravo. Quem te diz que tu também não foste miserável e infeliz como ele? Que não pediste esmola? Que não a pedirás um dia àquele mesmo que hoje desprezas? As riquezas são eternas? Não acabam elas com este corpo, invólucro perecível do teu Espírito? Oh! um retorno de humildade sobre ti mesmo! Lança enfim os olhos sobre a realidade das coisas deste mundo, sobre o que faz a grandeza e o rebaixamento no outro; pensa que a morte não te poupará mais do que a qualquer outro; que teus títulos não te preservarão dela; que ela pode atingir-te amanhã, hoje, dentro de uma hora; e, se te sepultares no teu orgulho, oh! então eu te lastimo, pois serás digno de piedade!

Orgulhosos! que éreis antes de serdes nobres e poderosos? Talvez estivésseis mais abaixo que o último de vossos criados. Curvai, pois, as vossas frontes altivas, que Deus pode abaixar no momento em que as levantais mais alto. Todos os homens são iguais na balança divina; somente as virtudes os distinguem aos olhos de Deus. Todos os Espíritos são de uma mesma essência, e todos os corpos são amassados com o mesmo barro; os vossos títulos e os vossos nomes nada mudam nisso; ficam no túmulo, e não são eles que dão a felicidade prometida aos eleitos; a caridade e a humildade são os seus títulos de nobreza.

Pobre criatura! és mãe, teus filhos sofrem; têm frio; têm fome; tu vais, curvada sob o peso da tua cruz, humilhar-te para conseguir-lhes um pedaço de pão. Oh! eu me inclino diante de ti; como és nobremente santa e grande aos meus olhos! Espera e ora; a felicidade ainda não é deste mundo. Aos pobres oprimidos que confiam nele, Deus dá o reino dos céus.

E tu, jovem, pobre criança votada ao trabalho e às privações, por que esses pensamentos tristes? por que chorar? Que o teu olhar se eleve,

piedoso e sereno, para Deus: aos passarinhos ele dá o alimento; tem confiança nele, e ele não te abandonará. O ruído das festas e dos prazeres do mundo faz bater o teu coração; também tu gostarias de enfeitar a cabeça com flores e misturar-te aos felizes da Terra; dizes a ti mesma que poderias, como essas mulheres que vês passar, levianas e risonhas, ser rica também. Oh! cala-te, criança! Se soubesses quantas lágrimas e dores sem nome se escondem sob essas roupas bordadas, quantos soluços são abafados sob o ruído dessa orquestra alegre, preferirias o teu humilde retiro e a tua pobreza. Permanece pura aos olhos de Deus, se não queres que o teu anjo guardião volte para junto dele, com o rosto escondido sob as asas brancas, e te deixe com os teus remorsos, sem guia, sem amparo, neste mundo onde estarias perdida, à espera de seres punida no outro.

E vós todos que sofreis com as injustiças dos homens, sede indulgentes para com as faltas de vossos irmãos, dizendo a vós mesmos que também não estais isentos de culpa: isso é caridade, mas é também humildade. Se sofreis com as calúnias, curvai a fronte sob essa prova. Que vos importam as calúnias do mundo? Se a vossa conduta é pura, não pode Deus recompensar-vos? Suportar com coragem as humilhações dos homens é ser humilde e reconhecer que só Deus é grande e poderoso.

Oh! meu Deus, será preciso que o Cristo volte uma segunda vez a esta Terra para ensinar aos homens as tuas leis, que eles esquecem? Deverá ainda expulsar os vendilhões do templo, que mancham a tua casa, que é apenas um lugar de oração? E quem sabe? ó homens! se Deus vos concedesse essa graça, talvez o renegásseis como outrora; vós o chamaríeis de blasfemo, porque ele abateria o orgulho dos fariseus modernos; talvez o fizésseis percorrer de novo o caminho do Gólgota.

Quando Moisés subiu ao monte Sinai para receber os mandamentos de Deus, o povo de Israel, entregue a si mesmo, abandonou o verdadeiro Deus; homens e mulheres deram seu ouro e suas joias para fazer um ídolo, que adoraram. Homens civilizados, vós fazeis como eles; o Cristo vos deixou a sua doutrina; deu-vos o exemplo de todas as virtudes, e vós abandonastes exemplo e preceitos; cada um de vós trazendo as suas paixões, fizestes para vós um Deus ao vosso gosto: segundo uns, terrível e sanguinário; segundo outros, indiferente aos interesses do mundo; o Deus que fizestes para vós é ainda o bezerro de ouro, que cada um adapta aos seus gostos e às suas ideias.

Voltai a vós, meus irmãos, meus amigos; que a voz dos Espíritos toque os vossos corações; sede generosos e caridosos sem ostentação, isto é, fazei o bem com humildade; que cada um demola pouco a pouco os altares que erguestes ao orgulho; numa palavra, sede verdadeiros cristãos, e tereis o reinado da verdade. Não duvideis mais da bondade de Deus, quando ele vos dá tantas provas dela. Nós vimos preparar os caminhos para o cumprimento das profecias. Quando o Senhor vos der uma manifestação mais brilhante de sua clemência, que o enviado celeste não encontre mais em vós senão uma grande família; que os vossos corações, mansos e humildes, sejam dignos de ouvir a palavra divina que ele virá trazer-vos; que o eleito não encontre em seu caminho senão as palmas depositadas por vosso retorno ao bem, à caridade, à fraternidade, e então o vosso mundo se tornará o paraíso terrestre. Mas, se permanecerdes insensíveis à voz dos Espíritos enviados para depurar e renovar a vossa sociedade civilizada, rica em ciências e, no entanto, tão pobre em bons sentimentos, ai de nós! só nos restará chorar e gemer sobre a vossa sorte. Mas não, não será assim; voltai a Deus, vosso pai, e então todos nós, que tivermos servido ao cumprimento de sua vontade, entoaremos o

cântico de ação de graças para agradecer ao Senhor sua inesgotável bondade e para glorificá-lo por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

Lacordaire (*Constantine*, 1863)

12. Homens, por que vos queixais das calamidades que vós mesmos acumulastes sobre as vossas cabeças? Desconhecestes a santa e divina moral do Cristo; não vos admireis, pois, de que a taça da iniquidade tenha transbordado por todos os lados.

O mal-estar torna-se geral; a quem atribuí-lo, senão a vós, que procurais sem cessar esmagar-vos uns aos outros? Não podeis ser felizes sem benevolência mútua, e como pode a benevolência existir com o orgulho? O orgulho, eis a fonte de todos os vossos males; empenhai-vos, pois, em destruí-lo, se não quiserdes ver perpetuarem-se as suas funestas consequências. Um único meio se vos oferece para isso, mas esse meio é infalível: tomar como regra invariável da vossa conduta a lei do Cristo, lei que vós ou rejeitastes, ou falseastes em sua interpretação.

Por que tendes em tão grande estima o que brilha e encanta os olhos, mais do que o que toca o coração? Por que o vício na opulência é objeto de vossas adulações, ao passo que só tendes um olhar de desdém para o verdadeiro mérito na obscuridade? Basta que um rico devasso, perdido de corpo e de alma, se apresente em algum lugar, e todas as portas se lhe abrem, todas as atenções são para ele, enquanto mal se digna conceder uma saudação protetora ao homem de bem que vive do seu trabalho. Quando a consideração que se concede às pessoas é medida pelo peso do ouro que possuem ou pelo nome que trazem, que interesse podem elas ter em corrigir-se de seus defeitos?

Seria muito diferente se o vício dourado fosse fustigado pela opinião como o vício em andrajos; mas o orgulho é indulgente com tudo o que o lisonjeia. Século de cupidez e de dinheiro, dizeis. Sem dúvida; mas por que deixastes as necessidades materiais invadirem o bom senso e a razão? Por que cada um quer elevar-se acima de seu irmão? Hoje a sociedade sofre as consequências disso.

Não o esqueçais: semelhante estado de coisas é sempre sinal de decadência moral. Quando o orgulho atinge os últimos limites, é indício de uma queda próxima, pois Deus sempre fere os soberbos. Se às vezes os deixa subir, é para lhes dar tempo de refletir e de se emendar sob os golpes que, de tempos em tempos, desfere em seu orgulho para adverti-los; mas, em vez de se abaixarem, eles se revoltam; então, quando a medida está cheia, ele os derruba por completo, e a sua queda é tanto mais terrível quanto mais alto haviam subido.

Pobre raça humana, cujo egoísmo corrompeu todos os caminhos, retoma coragem, todavia; em sua misericórdia infinita, Deus te envia um poderoso remédio para os teus males, um socorro inesperado em tua aflição. Abre os olhos à luz: eis as almas daqueles que já não existem na Terra, que vêm lembrar-te os teus verdadeiros deveres; elas te dirão, com a autoridade da experiência, quão pouca coisa são as vaidades e as grandezas da vossa passageira existência ao lado da eternidade; dir-te-ão que o maior é aquele que foi o mais humilde entre os pequenos daqui de baixo; que aquele que mais amou seus irmãos é também aquele que será mais amado no céu; que os poderosos da Terra, se abusaram de sua autoridade, serão reduzidos a obedecer aos seus servidores; que a caridade e a humildade, enfim, essas duas irmãs que se dão as mãos, são os títulos mais eficazes para obter graça diante do Eterno.

Adolfo, bispo de Argel (Marmande, 1862)

Missão do homem inteligente na Terra

13. Não vos orgulheis do que sabeis, pois esse saber tem limites bem estreitos no mundo que habitais. Mas, supondo que sejais uma das sumidades intelectuais deste globo, não tendes nenhum direito de tirar disso vaidade. Se Deus, em seus desígnios, vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver a vossa inteligência, é porque quer que dela façais uso para o bem de todos; pois é uma missão que ele vos dá, colocando em vossas mãos o instrumento com o auxílio do qual podeis, por vossa vez, desenvolver as inteligências retardatárias e conduzi-las a Deus. A natureza do instrumento não indica o uso que dele se deve fazer? A enxada que o jardineiro põe nas mãos de seu trabalhador não lhe mostra que ele deve cavar? E que diríeis se esse trabalhador, em vez de trabalhar, levantasse a enxada para golpear o seu patrão? Diríeis que é horrível e que ele merece ser expulso. Pois bem, não acontece o mesmo com aquele que se serve de sua inteligência para destruir a ideia de Deus e da Providência entre seus irmãos? Não levanta ele contra o seu senhor a enxada que lhe foi dada para arrotear o terreno? Tem ele direito ao salário prometido e não merece, ao contrário, ser expulso do jardim? Sê-lo-á, não duvideis, e arrastará existências miseráveis e cheias de humilhações até que se tenha curvado diante daquele a quem tudo deve.

A inteligência é rica de méritos para o futuro, mas com a condição de que dela se faça bom uso; se todos os homens que a possuem se servissem dela segundo as vistas de Deus, a tarefa dos Espíritos seria fácil para fazer a humanidade avançar; infelizmente, muitos fazem dela um instrumento de orgulho e de perdição para si mesmos. O homem abusa de sua inteligência como de todas as suas outras faculdades e, no entanto, não lhe faltam lições para adverti-lo de que uma mão poderosa pode retirar-lhe o que lhe deu.

Ferdinand, Espírito protetor (Bordeaux, 1862)

CAPÍTULO VIII

Bem-aventurados os que têm o coração puro

Deixai vir a mim as criancinhas. Pecado por pensamento. Adultério. Verdadeira pureza. Mãos não lavadas. Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a. Instruções dos Espíritos: Deixai vir a mim as criancinhas. Bem-aventurados os que têm os olhos fechados.

Deixai vir a mim as criancinhas

1. *Bem-aventurados os que têm o coração puro, porque verão a Deus.* (Mateus, 5:8)

2. *Então lhe apresentaram criancinhas, para que ele as tocasse; e, como seus discípulos repeliam com palavras ásperas os que as apresentavam, Jesus, vendo isso, indignou-se e lhes disse: Deixai vir a mim as criancinhas, e não as impeçais, pois o reino dos céus é para os que se lhes assemelham. Em verdade vos digo: quem não receber o reino de Deus como uma criança não entrará nele. E, tendo-as abraçado, abençoou-as, impondo-lhes as mãos.* (Marcos, 10:13-16)

3. A pureza do coração é inseparável da simplicidade e da humildade; exclui todo pensamento de egoísmo e de orgulho; por isso Jesus toma a infância como emblema dessa pureza, assim como a tomou como emblema da humildade.

Essa comparação poderia não parecer justa, se se considerar que o Espírito da criança pode ser muito antigo e que traz, ao renascer para a vida corporal, as imperfeições de que não se despojou em suas existências precedentes; somente um Espírito chegado à perfeição

poderia dar-nos o modelo da verdadeira pureza. Mas ela é exata do ponto de vista da vida presente, pois a criancinha, não tendo ainda podido manifestar nenhuma tendência perversa, oferece-nos a imagem da inocência e da candura; por isso Jesus não diz de maneira absoluta que o reino de Deus é para elas, mas *para os que se lhes assemelham*.

4. Uma vez que o Espírito da criança já viveu, por que não se mostra, desde o nascimento, tal como é? Tudo é sábio nas obras de Deus. A criança precisa de cuidados delicados que somente a ternura materna lhe pode dispensar, e essa ternura cresce com a fraqueza e a ingenuidade da criança. Para uma mãe, seu filho é sempre um anjo, e era preciso que assim fosse para cativar a sua solicitude; ela não poderia ter com ele o mesmo abandono se, em vez da graça ingênua, encontrasse nele, sob traços infantis, um caráter viril e as ideias de um adulto, e menos ainda se conhecesse o seu passado.

Era preciso, aliás, que a atividade do princípio inteligente fosse proporcional à fraqueza do corpo, que não poderia resistir a uma atividade demasiado grande do Espírito, como se vê nos indivíduos excessivamente precoces. É por isso que, desde a aproximação da encarnação, o Espírito, entrando em perturbação, perde pouco a pouco a consciência de si mesmo; fica, durante certo período, numa espécie de sono, durante o qual todas as suas faculdades permanecem em estado latente. Esse estado transitório é necessário para dar ao Espírito um novo ponto de partida e fazê-lo esquecer, em sua nova existência terrena, as coisas que poderiam tê-lo entravado. Seu passado, contudo, reage sobre ele; ele renasce para a vida mais crescido, mais forte moral e intelectualmente, sustentado e auxiliado pela intuição que conserva da experiência adquirida.

A partir do nascimento, suas ideias retomam gradualmente o seu impulso, à medida que os órgãos se desenvolvem; donde se pode dizer que, durante os primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, porque as ideias que formam o fundo de seu caráter ainda estão adormecidas. Durante o tempo em que seus instintos dormitam, ele é mais maleável e, por isso mesmo, mais acessível às impressões que podem modificar a sua natureza e fazê-lo progredir, o que torna mais fácil a tarefa imposta aos pais.

O Espírito reveste, pois, por um tempo, a túnica da inocência, e Jesus está com a verdade quando, apesar da anterioridade da alma, toma a criança como emblema da pureza e da simplicidade.

Pecado por pensamento. Adultério

5. *Aprendestes que foi dito aos antigos: Não cometereis adultério. Mas eu vos digo que todo aquele que olhar para uma mulher com mau desejo por ela já cometeu adultério com ela em seu coração.* (Mateus, 5:27-28)

6. A palavra *adultério* não deve ser entendida aqui no sentido exclusivo de sua acepção própria, mas num sentido mais geral; Jesus muitas vezes a empregou por extensão para designar o mal, o pecado e qualquer mau pensamento, como, por exemplo, nesta passagem: “Pois, se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras no meio desta raça adúltera e pecadora, o Filho do homem também se envergonhará dele quando vier acompanhado dos santos anjos na glória de seu Pai.” (Marcos, 8:38)

A verdadeira pureza não está somente nos atos; está também no pensamento, pois aquele que tem o coração puro nem sequer pensa no mal; foi isso que Jesus quis dizer: ele condena o pecado, mesmo em pensamento, porque é um sinal de impureza.

7. Esse princípio conduz naturalmente a esta pergunta: *Sofrem-se as consequências de um mau pensamento que não se tenha traduzido em ato?*

Há aqui uma distinção importante a fazer. À medida que a alma, empenhada no mau caminho, avança na vida espiritual, ela se esclarece e se despoja pouco a pouco de suas imperfeições, segundo a maior ou menor boa vontade que para isso emprega em virtude de seu livre-arbítrio. Todo mau pensamento é, portanto, resultado da imperfeição da alma; mas, segundo o desejo que ela concebeu de se depurar, esse mesmo mau pensamento se torna para ela uma ocasião de adiantamento, porque ela o repele com energia; é o indício de uma mancha que ela se esforça por apagar; ela não cederá se se apresentar a ocasião de satisfazer um mau desejo; e, depois de ter resistido, sentir-se-á mais forte e alegre com a sua vitória.

Aquela, ao contrário, que não tomou boas resoluções procura a ocasião, e, se não pratica o ato mau, não é por efeito de sua vontade, mas porque lhe falta a ocasião; ela é, pois, tão culpada como se o cometesse.

Em resumo, na pessoa que nem sequer concebe o pensamento do mal, o progresso está realizado; naquela a quem esse pensamento ocorre, mas que o repele, o progresso está em vias de se realizar; naquela, enfim, que tem esse pensamento e nele se compraz, o mal ainda está em toda a sua força. Numa, o trabalho está feito; na outra, está por fazer. Deus, que é justo, leva em conta todas essas nuances na responsabilidade dos atos e dos pensamentos do homem.

Verdadeira pureza. Mãos não lavadas

8. Então alguns escribas e fariseus, que tinham vindo de Jerusalém, aproximaram-se de Jesus e lhe disseram: Por que vossos discípulos violam a tradição dos antigos? pois não lavam as mãos quando tomam suas refeições.

Mas Jesus lhes respondeu: Por que vós mesmos violais o mandamento de Deus para seguir a vossa tradição? Pois Deus deu este mandamento: Honrai vosso pai e vossa mãe; e este outro: Aquele que disser palavras ultrajantes a seu pai ou a sua mãe seja punido com a morte. Mas vós dizeis: Todo aquele que tiver dito a seu pai ou a sua mãe: Toda oferta que faço a Deus vos é útil, satisfaz a lei, ainda que depois disso não honre nem assista seu pai ou sua mãe; e assim tornastes inútil o mandamento de Deus pela vossa tradição.

Hipócritas, bem profetizou Isaías a vosso respeito, quando disse: Este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim; e é em vão que me honram, ensinando máximas e preceitos humanos.

Depois, tendo chamado o povo, disse-lhes: Escutai e compreendei bem isto: Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro; mas é o que sai da boca do homem que o torna impuro. O que sai da boca procede do coração, e é isso que torna o homem impuro; pois é do coração que procedem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicações, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias e as maledicências; são estas as coisas que tornam o homem impuro; mas comer sem ter lavado as mãos não é o que torna um homem impuro.

Então seus discípulos, aproximando-se dele, disseram-lhe: Sabeis que os fariseus, tendo ouvido o que acabais de dizer, ficaram escandalizados? Mas ele respondeu: Toda planta que meu Pai celeste não plantou será ar-

rancada. Deixai-os; são cegos que conduzem cegos; se um cego conduz outro, caem ambos na cova. (Mateus, 15:1-20)

9. *Enquanto ele falava, um fariseu pediu-lhe que fosse jantar em sua casa; e Jesus, tendo ido, pôs-se à mesa. O fariseu começou então a dizer consigo mesmo: Por que ele não lavou as mãos antes de jantar? Mas o Senhor lhe disse: Vós, fariseus, tendes grande cuidado em limpar o exterior do copo e do prato; mas o interior de vossos corações está cheio de rapinas e de iniquidades. Insensatos que sois! aquele que fez o exterior não fez também o interior?* (Lucas, 11:37-40)

10. Os judeus haviam negligenciado os verdadeiros mandamentos de Deus para se apegarem à prática dos regulamentos estabelecidos pelos homens, dos quais os observantes rigorosos faziam casos de consciência; o fundo, muito simples, acabara por desaparecer sob a complicação da forma. Como era mais fácil observar atos exteriores do que se reformar moralmente, lavar as mãos do que limpar o coração, os homens se iludiram a si mesmos e se julgavam quites para com Deus, porque se conformavam a essas práticas, embora continuassem a ser o que eram; pois lhes ensinavam que Deus não pedia mais do que isso. É por isso que o profeta diz: *É em vão que este povo me honra com os lábios, ensinando máximas e preceitos humanos.*

Assim aconteceu também com a doutrina moral do Cristo, que acabou sendo posta em segundo plano, o que faz que muitos cristãos, a exemplo dos antigos judeus, julguem sua salvação mais assegurada pelas práticas exteriores do que pelas da moral. É a esses acréscimos feitos pelos homens à lei de Deus que Jesus alude quando diz: *Toda planta que meu Pai celeste não plantou será arrancada.*

O objetivo da religião é conduzir o homem a Deus; ora, o homem só chega a Deus quando é perfeito; portanto, toda religião que não tor-

na o homem melhor não atinge o objetivo; aquela em que se julga poder apoiar-se para fazer o mal é falsa ou falseada em seu princípio. Tal é o resultado de todas aquelas em que a forma prevalece sobre o fundo. A crença na eficácia dos sinais exteriores é nula se não impede de cometer homicídios, adultérios, espoliações, de proferir calúnias e de prejudicar o próximo no que quer que seja. Ela faz supersticiosos, hipócritas ou fanáticos, mas não faz homens de bem.

Não basta, pois, ter as aparências da pureza; é preciso, antes de tudo, ter a do coração.

Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a

11. *Ai do mundo por causa dos escândalos; pois é necessário que venham escândalos; mas ai do homem por quem o escândalo vem.*

Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe seria que lhe pendurassem ao pescoço uma dessas mós que um jumento faz girar e que o lançassem ao fundo do mar.

Tende muito cuidado em não desprezar nenhum destes pequeninos; eu vos declaro que, no céu, seus anjos veem sem cessar a face de meu Pai que está nos céus; pois o Filho do homem veio salvar o que estava perdido.

Se a vossa mão ou o vosso pé vos é motivo de escândalo, cortai-os e lançai-os para longe de vós; é muito melhor para vós entrardes na vida com um só pé ou uma só mão do que, tendo dois, serdes lançados no fogo eterno. E, se o vosso olho vos é motivo de escândalo, arrancai-o e lançai-o para longe de vós; é melhor para vós entrardes na vida com um só olho

do que, tendo dois, serdes precipitados no fogo do inferno. (Mateus, 18:6-10)

12. No sentido vulgar, *escândalo* diz-se de toda ação que fere a moral ou as conveniências de maneira ostensiva. O escândalo não está na ação em si mesma, mas na repercussão que ela pode ter. A palavra escândalo implica sempre a ideia de certo alarde. Muitas pessoas se contentam em evitar o escândalo, porque seu orgulho sofreria com ele e sua reputação ficaria diminuída entre os homens; contanto que suas torpezas sejam ignoradas, isso lhes basta, e sua consciência fica tranquila. São, segundo as palavras de Jesus, "sepulcros caiados por fora, mas cheios de podridão por dentro; vasos limpos por fora e sujos por dentro".

No sentido evangélico, a acepção da palavra *escândalo*, tão frequentemente empregada, é muito mais geral; por isso, em certos casos, não se compreende o seu sentido. Já não é apenas o que fere a consciência alheia, é tudo o que resulta dos vícios e das imperfeições dos homens, toda reação má de indivíduo para indivíduo, com ou sem repercussão. O escândalo, nesse caso, é o resultado efetivo do mal moral.

13. *É preciso que haja escândalo no mundo*, disse Jesus, porque os homens, sendo imperfeitos na Terra, são inclinados a fazer o mal, e porque árvores más dão maus frutos. Deve-se, pois, entender por essas palavras que o mal é uma consequência da imperfeição dos homens, e não que haja para eles obrigação de praticá-lo.

14. *É necessário que o escândalo venha*, porque os homens, estando em expiação na Terra, punem-se a si mesmos pelo contato de seus vícios, dos quais são as primeiras vítimas e cujos inconvenientes acabam por compreender. Quando estiverem cansados de sofrer o mal, pro-

curarão o remédio no bem. A reação desses vícios serve, pois, ao mesmo tempo de castigo para uns e de prova para outros; é assim que Deus faz sair o bem do mal, e que os próprios homens aproveitam as coisas más ou de refugo.

15. Se é assim, dirão, o mal é necessário e durará sempre; pois, se viesse a desaparecer, Deus ficaria privado de um poderoso meio de castigar os culpados; logo, é inútil procurar melhorar os homens. Mas, se não houvesse mais culpados, não haveria mais necessidade de castigos. Suponhamos a humanidade transformada em homens de bem: nenhum procurará fazer mal ao próximo, e todos serão felizes, porque serão bons. Tal é o estado dos mundos adiantados, dos quais o mal está excluído; tal será o da Terra quando ela tiver progredido suficientemente. Mas, enquanto certos mundos avançam, outros se formam, povoados de Espíritos primitivos, e que servem, além disso, de habitação, de exílio e de lugar de expiação para os Espíritos imperfeitos, rebeldes, obstinados no mal, que são rejeitados dos mundos que se tornaram felizes.

16. *Mas ai daquele por quem o escândalo vem*; isto é, sendo o mal sempre o mal, aquele que, sem o saber, serviu de instrumento à justiça divina, e cujos maus instintos foram aproveitados, não deixou por isso de fazer o mal e deve ser punido. Assim, por exemplo, um filho ingrato é uma punição ou uma prova para o pai que sofre com isso, porque esse pai talvez tenha sido ele próprio um mau filho que fez sofrer o seu pai, e sofre a pena de talião; mas o filho não é por isso mais desculpável, e deverá ser castigado, por sua vez, em seus próprios filhos ou de outra maneira.

17. *Se a vossa mão vos é causa de escândalo, cortai-a*; figura enérgica que seria absurdo tomar ao pé da letra, e que significa simplesmente que é preciso destruir em si toda causa de escândalo, isto é, de mal;

arrancar do coração todo sentimento impuro e todo princípio vicioso; quer dizer ainda que seria melhor para um homem ter tido a mão cortada do que ter feito dessa mão o instrumento de uma má ação; ser privado da vista do que ter tido os olhos como fonte de maus pensamentos. Jesus nada disse de absurdo para quem apreende o sentido alegórico e profundo de suas palavras; mas muitas coisas não podem ser compreendidas sem a chave que o Espiritismo oferece.

Instruções dos Espíritos

Deixai vir a mim as criancinhas

18. O Cristo disse: "Deixai vir a mim as criancinhas." Essas palavras, profundas em sua simplicidade, não continham apenas o simples chamado às crianças, mas o das almas que gravitam nos círculos inferiores, onde o infortúnio desconhece a esperança. Jesus chamava a si a infância intelectual da criatura formada: os fracos, os escravos, os viciosos; nada podia ensinar à infância física, presa à matéria, submetida ao jugo do instinto e não pertencendo ainda à ordem superior da razão e da vontade que se exercem em torno dela e para ela.

Jesus queria que os homens viessem a ele com a confiança desses pequenos seres de passos vacilantes, cujo chamado lhe conquistava o coração das mulheres, que são todas mães; submetia assim as almas à sua terna e misteriosa autoridade. Ele foi a tocha que ilumina as trevas, o clarim matinal que toca o despertar; foi o iniciador do Espiritismo, que deve, por sua vez, chamar a si não as criancinhas, mas os homens de boa vontade. A ação viril está empenhada; já não se trata de crer instintivamente e de obedecer maquinalmente; é preci-

so que o homem siga a lei inteligente que lhe revela a sua universalidade.

Meus bem-amados, eis chegado o tempo em que os erros explicados serão verdades; nós vos ensinaremos o sentido exato das parábolas e vos mostraremos a poderosa correlação que liga o que foi e o que é. Em verdade vos digo: a manifestação espírita cresce no horizonte; e eis o seu enviado, que vai resplandecer como o sol sobre o cume dos montes.

João Evangelista (Paris, 1863)

19. Deixai vir a mim as criancinhas, pois eu possuo o leite que fortalece os fracos. Deixai vir a mim os que, medrosos e débeis, precisam de apoio e de consolação. Deixai vir a mim os ignorantes, para que eu os esclareça; deixai vir a mim todos os que sofrem, a multidão dos aflitos e dos infelizes; eu lhes ensinarei o grande remédio para suavizar os males da vida, eu lhes darei o segredo de curar suas feridas! Qual é, meus amigos, esse bálsamo soberano, que possui a virtude por excelência, esse bálsamo que se aplica a todas as chagas do coração e as fecha? É o amor, é a caridade! Se tiverdes esse fogo divino, que temereis? Direis a todos os instantes da vossa vida: Meu Pai, que seja feita a vossa vontade e não a minha; se vos apraz provar-me pela dor e pelas tribulações, sede bendito, pois é para o meu bem, eu o sei, que a vossa mão pesa sobre mim. Se vos convém, Senhor, ter piedade da vossa fraca criatura, se dais ao seu coração as alegrias permitidas, sede ainda bendito; mas fazei que o amor divino não adormeça em sua alma, e que sem cessar ela faça subir aos vossos pés a voz do seu reconhecimento!...

Se tiverdes o amor, tereis tudo o que se pode desejar na vossa Terra, possuireis a pérola por excelência, que nem os acontecimentos nem

as maldades daqueles que vos odeiam e vos perseguem poderão roubar-vos. Se tiverdes o amor, tereis colocado os vossos tesouros onde os vermes e a ferrugem não os podem alcançar, e vereis apagar-se insensivelmente da vossa alma tudo o que lhe pode manchar a pureza; sentireis o peso da matéria aliviar-se dia após dia e, semelhantes à ave que plana nos ares e já não se lembra da terra, subireis sem cessar, subireis sempre, até que a vossa alma inebriada possa saciar-se em seu elemento de vida no seio do Senhor.

Um Espírito protetor (Bordeaux, 1861)

Bem-aventurados os que têm os olhos fechados [1]

20. Meus bons amigos, vós me chamastes; por quê? Será para que eu imponha as mãos sobre a pobre sofredora que aqui está e a cure? Ah! que sofrimento, bom Deus! Ela perdeu a vista, e as trevas se fazem para ela. Pobre criança! que ela ore e espere; eu não sei fazer milagres sem a vontade do bom Deus. Todas as curas que pude obter, e que vos foram relatadas, não as atribuais senão àquele que é o Pai de todos nós. Em vossas aflições, olhai, pois, sempre para o céu e dizei do fundo do vosso coração: "Meu Pai, curai-me, mas fazei que a minha alma enferma seja curada antes das enfermidades do meu corpo; que a minha carne seja castigada, se for preciso, para que a minha alma se eleve até vós com a alvura que tinha quando a criastes." Depois dessa prece, meus bons amigos, que o bom Deus sempre ouvirá, a força e a coragem vos serão dadas, e talvez também a cura que não tiverdes pedido senão timidamente, em recompensa da vossa abnegação.

Mas, já que estou aqui, numa assembleia em que se trata antes de tudo de estudos, eu vos direi que aqueles que estão privados da vista deveriam considerar-se os bem-aventurados da expiação. Lembrai-

vos de que o Cristo disse que era preciso arrancar o vosso olho se ele fosse mau, e que era melhor que ele fosse lançado ao fogo do que ser a causa da vossa condenação. Ah! quantos há na vossa Terra que um dia, nas trevas, amaldiçoarão o terem visto a luz! Oh! sim, como são felizes aqueles que, na expiação, são atingidos na vista! seu olho não será motivo de escândalo e de queda; podem viver inteiramente da vida das almas; podem ver mais do que vós, que vedes claramente... Quando Deus me permite ir abrir a pálpebra de algum desses pobres sofredores e restituir-lhe a luz, digo a mim mesmo: Querida alma, por que não conheces todas as delícias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Não pedirias para ver imagens menos puras e menos suaves do que aquelas que te é dado entrever em tua cegueira.

Oh! sim, bem-aventurado o cego que quer viver com Deus; mais feliz que vós que aqui estais, ele sente a felicidade, toca-a, vê as almas e pode lançar-se com elas nas esferas espíritas que os próprios predestinados da vossa Terra não veem. O olho aberto está sempre pronto a fazer a alma cair; o olho fechado, ao contrário, está sempre pronto a fazê-la subir a Deus. Crede-me, meus bons e caros amigos, a cegueira dos olhos é muitas vezes a verdadeira luz do coração, ao passo que a vista é muitas vezes o anjo tenebroso que conduz à morte.

E agora algumas palavras para ti, minha pobre sofredora: espera e tem coragem! Se eu te dissesse: Minha filha, teus olhos vão abrir-se, como ficarias alegre! e quem sabe se essa alegria não te perderia? Tem confiança no bom Deus, que fez a felicidade e permitiu a tristeza! Farei por ti tudo o que me for permitido; mas, por tua vez, ora e, sobretudo, pensa em tudo o que acabo de te dizer.

Antes que eu me afaste, vós todos que aqui estais, recebei a minha bênção.

Vianney, cura d'Ars (Paris, 1863)

21. *Observação*. Quando uma aflição não é consequência dos atos da vida presente, é preciso procurar a sua causa numa vida anterior. O que se chama de caprichos da sorte nada mais é do que os efeitos da justiça de Deus. Deus não inflige punições arbitrárias; quer que entre a falta e a pena haja sempre correlação. Se, em sua bondade, lançou um véu sobre os nossos atos passados, põe-nos, contudo, no caminho, ao dizer: "Quem matou pela espada perecerá pela espada", palavras que podem traduzir-se assim: "Somos sempre punidos por onde pecamos." Se, pois, alguém é afligido pela perda da vista, é que a vista foi para ele uma causa de queda. Talvez também tenha sido causa da perda da vista de outro; talvez alguém tenha ficado cego pelo excesso de trabalho que ele lhe impôs, ou em consequência de maus-tratos, de falta de cuidados etc., e então ele sofre a pena de talião. Ele próprio, em seu arrependimento, pode ter escolhido essa expiação, aplicando a si esta palavra de Jesus: "Se o vosso olho vos é motivo de escândalo, arrancai-o."

Notas

1. Esta comunicação foi dada a propósito de uma pessoa cega, para a qual se havia evocado o Espírito de J.-B. Vianney, cura d'Ars.

CAPÍTULO IX

Bem-aventurados os que são mansos e pacíficos

Injúrias e violências. Instruções dos Espíritos: A afabilidade e a mansidão. A paciência. Obediência e resignação. A cólera.

Injúrias e violências

1. *Bem-aventurados os que são mansos, porque possuirão a terra.* (Mateus, 5:4)

2. *Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.* (Mateus, 5:9)

3. *Aprendestes que foi dito aos antigos: Não matareis, e todo aquele que matar merecerá ser condenado pelo tribunal. Mas eu vos digo que todo aquele que se encolerizar contra seu irmão merecerá ser condenado pelo tribunal; que aquele que disser a seu irmão: Raca, merecerá ser condenado pelo conselho; e que aquele que lhe disser: Sois louco, merecerá ser condenado ao fogo do inferno.* (Mateus, 5:21-22)

4. Por essas máximas, Jesus faz uma lei da mansidão, da moderação, da brandura, da afabilidade e da paciência; condena, por conseguinte, a violência, a cólera e até mesmo toda expressão descortês para com os semelhantes. *Raca* era, entre os hebreus, um termo de desprezo que significava *homem sem valor*, e se pronunciava cuspindo e virando a cabeça. Ele vai ainda mais longe, pois ameaça com o fogo do inferno aquele que disser a seu irmão: *Sois louco.*

É evidente que aqui, como em qualquer circunstância, a intenção agrava ou atenua a falta; mas em que uma simples palavra pode ter gravidade bastante para merecer uma reprovação tão severa? É que toda palavra ofensiva é a expressão de um sentimento contrário à lei de amor e de caridade que deve reger as relações dos homens e manter entre eles a concórdia e a união; é um golpe desferido contra a benevolência recíproca e a fraternidade; ela alimenta o ódio e a animosidade; enfim, depois da humildade para com Deus, a caridade para com o próximo é a primeira lei de todo cristão.

5. Mas que entende Jesus por estas palavras: "Bem-aventurados os que são mansos, porque possuirão a terra", ele que manda renunciar aos bens deste mundo e promete os do céu?

Enquanto aguarda os bens do céu, o homem precisa dos da terra para viver; Jesus apenas lhe recomenda que não dê a estes últimos mais importância do que aos primeiros.

Com essas palavras, ele quer dizer que, até hoje, os bens da terra são açambarcados pelos violentos em prejuízo dos que são mansos e pacíficos; que a estes muitas vezes falta o necessário, ao passo que outros têm o supérfluo; ele promete que justiça lhes será feita *na terra como no céu*, porque são chamados filhos de Deus. Quando a lei de amor e de caridade for a lei da humanidade, não haverá mais egoísmo; o fraco e o pacífico não serão mais explorados nem esmagados pelo forte e pelo violento. Tal será o estado da Terra quando, segundo a lei do progresso e a promessa de Jesus, ela se tiver tornado um mundo feliz pela expulsão dos maus.

Instruções dos Espíritos

A afabilidade e a mansidão

6. A benevolência para com os semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a mansidão, que são a sua manifestação. Entretanto, nem sempre se deve confiar nas aparências; a educação e o trato social podem dar o verniz dessas qualidades. Quantos há cuja fingida bonomia não passa de uma máscara para o exterior, de uma veste cujo corte calculado dissimula as deformidades ocultas! O mundo está cheio dessas pessoas que têm o sorriso nos lábios e o veneno no coração; que são mansas contanto que nada as contrarie, mas que mordem à menor contrariedade; cuja língua dourada, quando falam de frente, se transforma em dardo envenenado quando estão por trás.

A essa classe pertencem ainda aqueles homens de aparência benigna que, em casa, tiranos domésticos, fazem sua família e seus subordinados sofrerem o peso de seu orgulho e de seu despotismo; parecem querer compensar-se do constrangimento que se impuseram em outros lugares; não ousando exercer autoridade sobre estranhos, que os poriam em seu lugar, querem ao menos fazer-se temer daqueles que não lhes podem resistir; sua vaidade se deleita em poder dizer: “Aqui eu mando e sou obedecido”, sem pensar que poderiam acrescentar com mais razão: “E sou detestado.”

Não basta que dos lábios escorram o leite e o mel; se o coração não toma parte nisso, é hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e mansidão não são fingidas nunca se desmente; é o mesmo diante do mundo e na intimidade; sabe, aliás, que, se se enganam os homens com aparências, não se engana a Deus.

Lázaro (*Paris*, 1861)

A paciência

7. A dor é uma bênção que Deus envia aos seus eleitos; não vos aflijais, pois, quando sofreis, mas, ao contrário, bendizei o Deus todo-poderoso, que vos marcou pela dor aqui na Terra para a glória no céu.

Sede pacientes; a paciência também é uma caridade, e deveis praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil das caridades; mas há uma bem mais penosa e, consequentemente, bem mais meritória: é perdoar àqueles que Deus colocou em nosso caminho para serem os instrumentos de nossos sofrimentos e porem à prova a nossa paciência.

A vida é difícil, eu o sei; compõe-se de mil nadas que são alfinetadas e acabam por ferir; mas é preciso olhar para os deveres que nos são impostos, para as consolações e as compensações que temos por outro lado, e então veremos que as bênçãos são mais numerosas que as dores. O fardo parece menos pesado quando se olha para o alto do que quando se curva a fronte para a terra.

Coragem, amigos, o Cristo é o vosso modelo; ele sofreu mais que qualquer um de vós e nada tinha de que se censurar, ao passo que vós tendes de expiar o vosso passado e de vos fortalecer para o futuro. Sede, pois, pacientes; sede cristãos: essa palavra encerra tudo.

Um Espírito amigo (*Le Havre*, 1862)

Obediência e resignação

8. A doutrina de Jesus ensina em toda parte a obediência e a resignação, duas virtudes companheiras da mansidão, muito ativas, embora os homens as confundam erradamente com a negação do sentimento e da vontade. A *obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração*; ambas são forças ativas, pois carregam o fardo das provas que a revolta insensata deixa cair. O covarde não pode ser resignado, assim como o orgulhoso e o egoísta não podem ser obedientes. Jesus foi a encarnação dessas virtudes desprezadas pela Antiguidade materialista. Veio no momento em que a sociedade romana perecia nos desfalecimentos da corrupção; veio fazer brilhar, no seio da humanidade abatida, os triunfos do sacrifício e da renúncia carnal.

Cada época é assim marcada pelo cunho da virtude ou do vício que deve salvá-la ou perdê-la. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral. Digo apenas atividade, pois o gênio se eleva de repente e descobre, sozinho, horizontes que a multidão só verá depois dele, ao passo que a atividade é a reunião dos esforços de todos para atingir um objetivo menos brilhante, mas que prova a elevação intelectual de uma época. Submetei-vos ao impulso que vimos dar aos vossos espíritos; obedecei à grande lei do progresso, que é a palavra da vossa geração. Ai do espírito preguiçoso, daquele que fecha o seu entendimento! Ai dele! pois nós, que somos os guias da humanidade em marcha, nós o fustigaremos com o chicote e forçaremos a sua vontade rebelde com o duplo esforço do freio e da espora; toda resistência orgulhosa terá de ceder cedo ou tarde; mas bem-aventurados os que são mansos, pois prestarão ouvido dócil aos ensinamentos.

Lázaro (Paris, 1863)

A cólera

9. O orgulho vos leva a vos julgardes mais do que sois; a não poderdes suportar uma comparação que possa rebaixar-vos; a vos verdes, ao contrário, de tal modo acima de vossos irmãos, seja em inteligência, seja em posição social, seja mesmo em vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e vos fere; e que acontece então? Vós vos entregais à cólera.

Procurai a origem desses acessos de demência passageira que vos assemelham ao bruto, fazendo-vos perder o sangue-frio e a razão; procurai, e encontrareis quase sempre como base o orgulho ferido. Não é o orgulho ferido por uma contradição que vos faz rejeitar as observações justas, que vos faz repelir com cólera os mais sábios conselhos? Até as impaciências causadas por contrariedades muitas vezes pueris provêm da importância que se dá à própria personalidade, diante da qual se julga que tudo deve curvar-se.

Em seu frenesi, o homem colérico investe contra tudo, contra a natureza bruta, contra os objetos inanimados, que despedaça porque não lhe obedecem. Ah! se nesses momentos ele pudesse ver-se com sangue-frio, teria medo de si mesmo ou se acharia muito ridículo! Julgue por aí a impressão que deve causar nos outros. Ainda que fosse apenas por respeito a si mesmo, deveria esforçar-se por vencer uma inclinação que faz dele um objeto de piedade.

Se pensasse que a cólera não remedeia nada, que lhe altera a saúde e compromete até a sua vida, veria que é ele a sua primeira vítima; mas outra consideração deveria sobretudo detê-lo: o pensamento de que torna infelizes todos os que o rodeiam; se tem coração, não é para ele um remorso fazer sofrer os seres que mais ama? E que pesar

mortal se, num acesso de arrebatamento, cometesse um ato de que tivesse de se censurar por toda a vida!

Em suma, a cólera não exclui certas qualidades do coração; mas impede de fazer muito bem e pode levar a fazer muito mal; isso deve bastar para estimular os esforços por dominá-la. O espírita é, além disso, solicitado por outro motivo: ela é contrária à caridade e à humildade cristãs.

Um Espírito protetor (Bordeaux, 1863)

10. Partindo da ideia muito falsa de que não se pode reformar a própria natureza, o homem se julga dispensado de fazer esforços para se corrigir dos defeitos nos quais de bom grado se compraz, ou que exigiriam demasiada perseverança; é assim, por exemplo, que o homem inclinado à cólera quase sempre se desculpa com o seu temperamento; em vez de se confessar culpado, lança a culpa sobre o seu organismo, acusando assim a Deus de seus próprios malfeitos. É ainda uma consequência do orgulho, que se encontra misturado a todas as suas imperfeições.

Sem dúvida, há temperamentos que se prestam mais que outros aos atos violentos, como há músculos mais flexíveis que se prestam melhor às proezas de força; mas não creiais que esteja aí a causa primeira da cólera, e ficai certos de que um Espírito pacífico, ainda que num corpo bilioso, será sempre pacífico, e de que um Espírito violento, num corpo linfático, nem por isso será mais manso; apenas a violência tomará outro caráter: não tendo um organismo próprio para secundar a sua violência, a cólera será concentrada, e, no outro caso, será expansiva.

O corpo não dá a cólera a quem não a tem, assim como não dá os outros vícios; todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito; sem isso, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O homem que é disforme não pode tornar-se direito, porque o Espírito nada tem a ver com isso; mas pode modificar o que é do Espírito quando tem a firme vontade de fazê-lo. A experiência não vos prova, espíritas, até onde pode ir o poder da vontade, pelas transformações verdadeiramente miraculosas que vedes realizar-se? Dizei-vos, pois, que o homem só permanece vicioso porque quer permanecer vicioso; mas que aquele que quer corrigir-se sempre o pode; do contrário, a lei do progresso não existiria para o homem.

Hahnemann (Paris, 1863)

CAPÍTULO X

Bem-aventurados os misericordiosos

Perdoai para que Deus vos perdoe. Entender-se com os adversários. O sacrifício mais agradável a Deus. O cisco e a trave no olho. Não julgueis, para que não sejais julgados. Aquele que estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra. Instruções dos Espíritos: O perdão das ofensas. A indulgência. É permitido repreender os outros, observar as imperfeições alheias, divulgar o mal alheio?

Perdoai para que Deus vos perdoe

1. *Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles mesmos alcançarão misericórdia.* (Mateus, 5:7)

2. *Se perdoardes aos homens as faltas que cometem contra vós, vosso Pai celestial também vos perdoará os vossos pecados; mas, se não perdoardes aos homens quando vos tiverem ofendido, vosso Pai tampouco vos perdoará os vossos pecados.* (Mateus, 6:14-15)

3. *Se vosso irmão pecou contra vós, ide mostrar-lhe a falta em particular, entre vós e ele; se ele vos ouvir, tereis ganho o vosso irmão. Então Pedro, aproximando-se, disse-lhe: Senhor, quantas vezes perdoarei a meu irmão, quando ele tiver pecado contra mim? Até sete vezes? Jesus lhe respondeu: Não vos digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.* (Mateus, 18:15, 21-22)

4. A misericórdia é o complemento da brandura, pois quem não é misericordioso não pode ser brando e pacífico; ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor denotam uma alma sem elevação nem grandeza; o esquecimento das ofensas é pró-

prio da alma elevada, que está acima dos golpes que lhe possam desferir. Uma vive sempre ansiosa, com uma suscetibilidade desconfiada e cheia de fel; a outra é calma, cheia de mansidão e de caridade.

Ai daquele que diz: Nunca perdoarei! Pois, se não for condenado pelos homens, certamente o será por Deus. Com que direito reclamaria o perdão das próprias faltas, se ele mesmo não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando diz que se perdoe ao irmão não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

Há, porém, duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem segundas intenções, que poupa com delicadeza o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda que este tenha toda a culpa; a outra, pela qual o ofendido, ou quem se julga tal, impõe ao outro condições humilhantes e faz sentir o peso de um perdão que irrita em vez de acalmar; se estende a mão, não o faz com benevolência, mas com ostentação, para poder dizer a todos: Vede como sou generoso! Em tais circunstâncias, é impossível que a reconciliação seja sincera de parte a parte. Não, isso não é generosidade; é uma maneira de satisfazer o orgulho. Em toda contenda, aquele que se mostra mais conciliador, que dá mais provas de desinteresse, de caridade e de verdadeira grandeza de alma, sempre conquistará a simpatia das pessoas imparciais.

Entender-se com os adversários

5. *Entendei-vos o quanto antes com o vosso adversário, enquanto estais a caminho com ele, para que o vosso adversário não vos entregue ao juiz, e o juiz não vos entregue ao oficial de justiça, e não sejais lançados na prisão. Em verdade vos digo que não saireis de lá enquanto não tiverdes pago até o último óbolo.* (Mateus, 5:25-26)

6. Há na prática do perdão, e na do bem em geral, mais do que um efeito moral: há também um efeito material. A morte, como se sabe, não nos livra dos nossos inimigos; os Espíritos vingativos muitas vezes perseguem com o seu ódio, para além do túmulo, aqueles contra quem guardaram rancor; por isso o provérbio que diz: "Morto o bicho, acaba-se o veneno" é falso quando aplicado ao homem. O Espírito mau espera que aquele a quem quer mal esteja preso ao seu corpo e menos livre, para atormentá-lo com mais facilidade, atingi-lo em seus interesses ou em suas afeições mais caras. Nesse fato se deve ver a causa da maior parte dos casos de obsessão, sobretudo daqueles que apresentam certa gravidade, como a subjugação e a possessão. O obsidiado e o possesso são, pois, quase sempre vítimas de uma vingança anterior, à qual provavelmente deram motivo por sua conduta. Deus o permite para puni-los do mal que eles mesmos fizeram, ou, se não o fizeram, por terem faltado com a indulgência e a caridade, não perdoando. Importa, pois, do ponto de vista da tranquilidade futura, reparar o quanto antes os erros que se tenham cometido para com o próximo, perdoar aos inimigos, a fim de extinguir, antes de morrer, todo motivo de dissensão, toda causa fundada de animosidade posterior; por esse meio, de um inimigo encarniçado neste mundo pode-se fazer um amigo no outro; ou, pelo menos, põe-se o direito do seu lado, e Deus não deixa exposto à vingança aquele que perdoou. Quando Jesus recomenda que nos entendamos o quanto antes com o adversário, não é apenas com o fim de apaziguar as discórdias durante a existência atual, mas para evitar que elas se perpetuem nas existências futuras. Não saireis de lá, diz ele, enquanto não tiverdes pago até o último óbolo, isto é, enquanto não tiverdes satisfeito completamente a justiça de Deus.

O sacrifício mais agradável a Deus

7. *Se, pois, quando apresentardes a vossa oferenda no altar, vos lembrardes de que vosso irmão tem alguma coisa contra vós, deixai ali a vossa oferta, diante do altar, e ide primeiro reconciliar-vos com vosso irmão; depois voltareis para apresentar a vossa oferta.* (Mateus, 5:23-24)

8. Quando Jesus diz: "Ide reconciliar-vos com vosso irmão antes de apresentar a vossa oferenda no altar", ensina que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o do próprio ressentimento; que, antes de se apresentar a ele para ser perdoado, é preciso ter perdoado, e que, se se cometeu algum erro contra um irmão, é preciso tê-lo reparado; só então a oferenda será aceita, porque virá de um coração puro de todo mau pensamento. Ele materializa esse preceito porque os judeus ofereciam sacrifícios materiais; precisava ajustar suas palavras aos costumes deles. O cristão não oferece dons materiais; espiritualizou o sacrifício, mas o preceito ganha com isso ainda mais força; ele oferece a sua alma a Deus, e essa alma deve estar purificada; ao entrar no templo do Senhor, deve deixar do lado de fora todo sentimento de ódio e de animosidade, todo mau pensamento contra o seu irmão; só então a sua prece será levada pelos anjos aos pés do Eterno. Eis o que Jesus ensina com estas palavras: Deixai a vossa oferenda diante do altar e ide primeiro reconciliar-vos com vosso irmão, se quiserdes ser agradáveis ao Senhor.

O cisco e a trave no olho

9. *Por que vedes um cisco no olho de vosso irmão, vós que não vedes uma trave no vosso olho? Ou como dizeis a vosso irmão: Deixai-me tirar um cisco do vosso olho, vós que tendes uma trave no vosso? Hipócritas, tirai*

primeiro a trave do vosso olho, e então vereis como podereis tirar o cisco do olho de vosso irmão. (Mateus, 7:3-5)

10. Um dos defeitos da humanidade é ver o mal alheio antes de ver o que existe em nós. Para julgar a si mesmo, seria preciso poder olhar-se num espelho, transportar-se de algum modo para fora de si e considerar-se como outra pessoa, perguntando-se: Que pensaria eu se visse alguém fazer o que eu faço? É incontestavelmente o orgulho que leva o homem a esconder de si mesmo os próprios defeitos, tanto no moral como no físico. Esse defeito é essencialmente contrário à caridade, pois a verdadeira caridade é modesta, simples e indulgente; a caridade orgulhosa é um contrassenso, já que esses dois sentimentos se neutralizam um ao outro. Com efeito, como pode um homem bastante vaidoso para acreditar na importância de sua pessoa e na supremacia de suas qualidades ter, ao mesmo tempo, abnegação suficiente para realçar nos outros o bem que poderia eclipsá-lo, em vez do mal que poderia engrandecê-lo? Se o orgulho é o pai de muitos vícios, é também a negação de muitas virtudes; encontramo-lo no fundo e como móvel de quase todas as ações. É por isso que Jesus se empenhou em combatê-lo como o principal obstáculo ao progresso.

Não julgueis, para que não sejais julgados. Aquele que estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra

11. *Não julgueis, para que não sejais julgados; porque sereis julgados conforme tiverdes julgado os outros, e com a mesma medida com que tiverdes medido os outros sereis medidos.* (Mateus, 7:1-2)

12. *Então os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher que tinha sido surpreendida em adultério e, pondo-a de pé no meio do povo, disse-*

ram a Jesus: Mestre, esta mulher acaba de ser surpreendida em adultério; ora, Moisés nos ordena na lei que apedrejemos as adúlteras. Qual é, pois, o vosso parecer sobre isso? Diziam isso para pô-lo à prova, a fim de terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra. Como continuassem a interrogá-lo, ele se ergueu e lhes disse: Aquele dentre vós que estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra. E, *inclinando-se de novo, continuou a escrever na terra. Eles, porém, ouvindo-o falar assim, retiraram-se um após outro, saindo primeiro os mais velhos; e assim Jesus ficou só com a mulher, que estava no meio da praça.*

Então Jesus, erguendo-se, disse-lhe: Mulher, onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou? Ela lhe disse: Ninguém, Senhor. Jesus lhe respondeu: Também eu não te condenarei. Vai-te e, daqui em diante, não peques mais. (João, 8:3-11)

13. "Aquele que estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra", disse Jesus. Essa máxima faz da indulgência um dever para nós, porque não há ninguém que dela não precise para si mesmo. Ensina-nos que não devemos julgar os outros com mais severidade do que julgamos a nós mesmos, nem condenar nos outros o que desculpamos em nós. Antes de censurar alguém por uma falta, vejamos se a mesma censura não pode recair sobre nós.

A censura lançada sobre a conduta alheia pode ter dois móveis: reprimir o mal ou desacreditar a pessoa cujos atos se criticam. Este último motivo nunca tem desculpa, pois é maledicência e maldade. O primeiro pode ser louvável, e chega mesmo a ser um dever em certos casos, já que deve resultar dele um bem, e sem isso o mal jamais seria reprimido na sociedade; aliás, não deve o homem ajudar o progresso do seu semelhante? Não se deveria, pois, tomar em sentido absoluto

este princípio: “Não julgueis, se não quiserdes ser julgados”, pois a letra mata, e o espírito vivifica.

Jesus não podia proibir que se censurasse o que é mau, pois ele mesmo nos deu o exemplo disso, e o fez em termos enérgicos; mas quis dizer que a autoridade da censura está em proporção da autoridade moral de quem a pronuncia; tornar-se culpado daquilo que se condena nos outros é abdicar dessa autoridade; é, além disso, privar-se do direito de repreender. A consciência íntima, aliás, recusa todo respeito e toda submissão voluntária àquele que, investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios que tem o encargo de aplicar. *Aos olhos de Deus, não há autoridade legítima senão a que se apoia no exemplo que dá do bem*; é o que também se depreende das palavras de Jesus.

Instruções dos Espíritos

O perdão das ofensas

14. Quantas vezes perdoarei a meu irmão? Vós lhe perdoareis não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes. Eis uma dessas palavras de Jesus que mais devem impressionar a vossa inteligência e falar mais alto ao vosso coração. Aproximai essas palavras de misericórdia da oração tão simples, tão resumida e tão grande em suas aspirações que Jesus deu aos seus discípulos, e encontrareis sempre o mesmo pensamento. Jesus, o justo por excelência, responde a Pedro: Perdoarás, mas sem limites; perdoarás cada ofensa tantas vezes quantas a ofensa te for feita; ensinarás a teus irmãos esse esquecimento de si mesmo que torna invulnerável contra os ataques, os maus procedimentos e as injúrias; serás brando e humilde de coração, nunca medindo a tua mansidão; farás, enfim, o que desejas que o Pai celestial

faça por ti; não tem ele de te perdoar muitas vezes, e conta ele o número de vezes que o seu perdão desce para apagar as tuas faltas?

Escutai, pois, essa resposta de Jesus e, como Pedro, aplicai-a a vós mesmos; perdoai, usai de indulgência, sede caridosos, generosos, pródigos até do vosso amor. Dai, porque o Senhor vos restituirá; perdoai, porque o Senhor vos perdoará; abaixai-vos, porque o Senhor vos elevará; humilhai-vos, porque o Senhor vos fará sentar à sua direita.

Ide, meus bem-amados, estudai e comentai estas palavras que vos dirijo da parte daquele que, do alto dos esplendores celestes, olha sempre para vós e continua com amor a tarefa ingrata que começou há dezoito séculos. Perdoai, pois, a vossos irmãos, assim como precisais que vos perdoem. Se os atos deles vos foram pessoalmente prejudiciais, é um motivo a mais para serdes indulgentes, porque o mérito do perdão é proporcional à gravidade do mal; não haveria mérito algum em passar por cima dos erros de vossos irmãos se eles só vos tivessem feito feridas leves.

Espíritas, nunca vos esqueçais de que, em palavras como em ações, o perdão das injúrias não deve ser uma palavra vã. Se vos dizeis espíritas, sede-o de fato; esquecei o mal que vos possam ter feito e pensai numa só coisa: o bem que podeis retribuir. Quem entrou nesse caminho não deve afastar-se dele nem mesmo em pensamento, porque sois responsáveis pelos vossos pensamentos, que Deus conhece. Fazei, pois, que estejam despojados de todo sentimento de rancor; Deus sabe o que permanece no fundo do coração de cada um. Feliz, pois, aquele que pode adormecer todas as noites dizendo: *Nada tenho contra o meu próximo*.

Simeão (Bordeaux, 1862)

15. Perdoar aos inimigos é pedir perdão para si mesmo; perdoar aos amigos é dar-lhes uma prova de amizade; perdoar as ofensas é mostrar que se está ficando melhor. Perdoai, pois, meus amigos, para que Deus vos perdoe; porque, se sois duros, exigentes, inflexíveis, se guardais rigor até por uma ofensa leve, como quereis que Deus esqueça que todos os dias tendes a maior necessidade de indulgência? Oh! ai daquele que diz: "Nunca perdoarei", pois pronuncia a sua própria condenação. Quem sabe, aliás, se, descendo ao fundo de vós mesmos, não fostes vós o agressor? Quem sabe se, nessa luta que começa com uma alfinetada e termina numa ruptura, não fostes vós que desferistes o primeiro golpe? se não vos escapou uma palavra ofensiva? se usastes de toda a moderação necessária? Sem dúvida o vosso adversário erra ao mostrar-se suscetível demais, mas essa é para vós uma razão para serdes indulgentes e não merecerdes a censura que lhe dirigis. Admitamos que tenhais sido realmente o ofendido numa circunstância: quem diz que não envenenastes a coisa com represálias e que não fizestes degenerar em briga séria o que facilmente poderia ter caído no esquecimento? Se dependia de vós impedir-lhe as consequências e não o fizestes, sois culpados. Admitamos, enfim, que não tenhais absolutamente nada de que vos censurar: tanto maior será o vosso mérito em vos mostrardes clementes.

Mas há duas maneiras bem diferentes de perdoar: há o perdão dos lábios e o perdão do coração. Muita gente diz do seu adversário: "Eu o perdoo", enquanto interiormente sente um secreto prazer com o mal que lhe acontece, dizendo consigo mesma que ele só tem o que merece. Quantos dizem: "Perdoo", e acrescentam: "mas nunca me reconciliarei; não o verei nunca mais na vida". É esse o perdão segundo o Evangelho? Não; o verdadeiro perdão, o perdão cristão, é aquele que lança um véu sobre o passado; é o único que vos será leva-

do em conta, porque Deus não se contenta com a aparência: ele sonda o fundo dos corações e os pensamentos mais secretos; ninguém o engana com palavras e vãos simulacros. O esquecimento completo e absoluto das ofensas é próprio das grandes almas; o rancor é sempre sinal de baixeza e de inferioridade. Não vos esqueçais de que o verdadeiro perdão se reconhece muito mais pelos atos do que pelas palavras.

Paulo, apóstolo (Lyon, 1861)

A indulgência

16. Espíritas, queremos falar-vos hoje da indulgência, esse sentimento tão doce, tão fraterno, que todo homem deve ter para com seus irmãos, mas do qual bem poucos fazem uso.

A indulgência não vê os defeitos alheios, ou, se os vê, guarda-se de falar deles, de espalhá-los; ao contrário, esconde-os, para que só ela os conheça, e, se a malevolência os descobre, tem sempre pronta uma desculpa para atenuá-los, isto é, uma desculpa plausível, séria, e não daquelas que, parecendo atenuar a falta, a fazem sobressair com pérfida habilidade.

A indulgência nunca se ocupa dos maus atos alheios, a não ser para prestar um serviço, e ainda assim tem o cuidado de atenuá-los o quanto possível. Não faz observações chocantes, não tem censuras nos lábios, mas apenas conselhos, quase sempre velados. Quando lançais a crítica, que conclusão se deve tirar das vossas palavras? Que vós, que censurais, não teríeis feito o que reprovais, que valeis mais do que o culpado. Ó homens! quando julgareis os vossos próprios corações, os vossos próprios pensamentos, os vossos próprios

atos, sem vos ocupardes do que fazem os vossos irmãos? Quando só abrireis os vossos olhos severos sobre vós mesmos?

Sede, pois, severos para convosco, indulgentes para com os outros. Pensai naquele que julga em última instância, que vê os pensamentos secretos de cada coração e que, por conseguinte, muitas vezes desculpa as faltas que censurais ou condena o que desculpais, porque conhece o móvel de todos os atos, e que vós, que gritais tão alto: anátema!, talvez tivésseis cometido faltas mais graves.

Sede indulgentes, meus amigos, porque a indulgência atrai, acalma, corrige, ao passo que o rigor desanima, afasta e irrita.

José, Espírito protetor (Bordeaux, 1863)

17. Sede indulgentes com as faltas alheias, quaisquer que sejam; não julgueis com severidade senão as vossas próprias ações, e o Senhor usará de indulgência para convosco, assim como dela tiverdes usado para com os outros.

Amparai os fortes: encorajai-os à perseverança; fortalecei os fracos, mostrando-lhes a bondade de Deus, que leva em conta o menor arrependimento; mostrai a todos o anjo do arrependimento estendendo a sua asa branca sobre as faltas dos humanos e velando-as assim aos olhos daquele que não pode ver o que é impuro. Compreendei todos a misericórdia infinita do vosso Pai e nunca vos esqueçais de lhe dizer pelo pensamento, e sobretudo pelos atos: “Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como perdoamos aos que nos ofenderam.” Compreendei bem o valor dessas sublimes palavras; não é só a letra que é admirável, mas também o ensinamento que ela encerra.

Que pedis ao Senhor quando lhe pedis o vosso perdão? Será apenas o esquecimento das vossas ofensas? Esquecimento que vos deixa no

nada, pois, se Deus se contenta em esquecer as vossas faltas, não pune, mas também não recompensa. A recompensa não pode ser o prêmio do bem que não se fez, e menos ainda do mal que se fez, ainda que esse mal fosse esquecido. Ao pedir-lhe perdão das vossas transgressões, pedis-lhe o favor das suas graças para não recairdes nelas; a força necessária para entrar num caminho novo, caminho de submissão e de amor, no qual podereis acrescentar a reparação ao arrependimento.

Quando perdoardes a vossos irmãos, não vos contenteis em estender o véu do esquecimento sobre as faltas deles; esse véu muitas vezes é bem transparente aos vossos olhos; levai-lhes o amor ao mesmo tempo que o perdão; fazei por eles o que pedireis ao vosso Pai celestial que faça por vós. Substituí a cólera que mancha pelo amor que purifica. Pregai pelo exemplo essa caridade ativa, infatigável, que Jesus vos ensinou; pregai-a como ele mesmo o fez durante todo o tempo em que viveu na Terra, visível aos olhos do corpo, e como ainda a prega sem cessar desde que já não é visível senão aos olhos do espírito. Segui esse divino modelo; caminhai em suas pegadas: elas vos conduzirão ao lugar de refúgio onde encontrareis o repouso depois da luta. Como ele, carregai todos a vossa cruz e subi penosamente, mas corajosamente, o vosso calvário: no cume está a glorificação.

João, bispo de Bordeaux (1862)

18. Caros amigos, sede severos para convosco, indulgentes para com as fraquezas dos outros; essa é ainda uma prática da santa caridade que bem poucas pessoas observam. Todos vós tendes más inclinações a vencer, defeitos a corrigir, hábitos a modificar; todos tendes um fardo mais ou menos pesado a depor para subir ao cume da montanha do progresso. Por que, então, ser tão perspicazes para com o

próximo e tão cegos para convosco? Quando deixareis de perceber no olho de vosso irmão o fiapo de palha que o fere, sem olhar no vosso a trave que vos cega e vos faz caminhar de queda em queda? Crede em vossos irmãos, os Espíritos: todo homem bastante orgulhoso para se julgar superior em virtude e em mérito a seus irmãos encarnados é insensato e culpado, e Deus o castigará no dia da sua justiça. O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em ver apenas superficialmente os defeitos alheios para se dedicar a fazer valer o que há neles de bom e de virtuoso; porque, se o coração humano é um abismo de corrupção, sempre existe, em algumas de suas dobras mais ocultas, o germe de alguns bons sentimentos, centelha viva da essência espiritual.

Espiritismo, doutrina consoladora e bendita, felizes os que te conhecem e aproveitam os salutares ensinamentos dos Espíritos do Senhor! Para eles o caminho está iluminado, e ao longo de toda a estrada podem ler estas palavras, que lhes indicam o meio de chegar à meta: caridade prática, caridade de coração, caridade para com o próximo como para consigo mesmo; numa palavra, caridade para com todos e amor a Deus acima de todas as coisas, porque o amor a Deus resume todos os deveres, e é impossível amar realmente a Deus sem praticar a caridade, da qual ele fez uma lei para todas as suas criaturas.

Dufêtre, bispo de Nevers (Bordeaux)

19. *Não sendo ninguém perfeito, segue-se daí que ninguém tem o direito de repreender o próximo?*

Certamente que não, pois cada um de vós deve trabalhar pelo progresso de todos, e sobretudo daqueles cuja tutela vos foi confiada; mas essa é uma razão para fazê-lo com moderação, com um fim útil,

e não, como se faz na maioria das vezes, pelo prazer de denegrir. Neste último caso, a censura é uma maldade; no primeiro, é um dever que a caridade manda cumprir com todos os cuidados possíveis; e ainda assim, a censura que se lança sobre os outros, deve-se ao mesmo tempo dirigi-la a si mesmo e perguntar-se se não a merece.

São Luís (Paris, 1860)

20. *É repreensível observar as imperfeições dos outros, quando disso não pode resultar nenhum proveito para eles e quando não as divulgamos?*

Tudo depende da intenção. Certamente não é proibido ver o mal, quando o mal existe; haveria até inconveniente em ver só o bem por toda parte: essa ilusão prejudicaria o progresso. O erro está em fazer essa observação reverter em prejuízo do próximo, desacreditando-o sem necessidade perante a opinião. Seria ainda repreensível fazê-lo apenas para se comprazer nisso, com um sentimento de malevolência e de alegria por encontrar os outros em falta. Tudo é diferente quando, lançando um véu sobre o mal diante do público, a pessoa se limita a observá-lo para tirar proveito pessoal, isto é, para se esforçar por evitar o que censura nos outros. Essa observação, aliás, não é útil ao moralista? Como pintaria ele os defeitos da humanidade, se não estudasse os modelos?

São Luís (Paris, 1860)

21. *Há casos em que seja útil revelar o mal alheio?*

Esta questão é muito delicada, e é aqui que se deve apelar para a caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa só prejudicam a ela mesma, nunca há utilidade em torná-las conhecidas; mas, se podem causar prejuízo a outros, deve-se preferir o interesse do maior número ao interesse de um só. Conforme as circunstânci-

as, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode ser um dever, pois mais vale que um homem caia do que muitos se tornarem seus enganados ou suas vítimas. Em semelhante caso, é preciso pesar a soma das vantagens e dos inconvenientes.

São Luís (Paris, 1860)

CAPÍTULO XI

Amar o próximo como a si mesmo

O maior mandamento. Fazer aos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós. Parábola dos credores e dos devedores. Dai a César o que é de César. Instruções dos Espíritos: A lei de amor. O egoísmo. A fé e a caridade. Caridade para com os criminosos. Deve-se expor a vida por um malfeitor?

O maior mandamento

1. Os fariseus, tendo sabido que ele fizera calar os saduceus, reuniram-se; e um deles, que era doutor da lei, veio fazer-lhe esta pergunta para pô-lo à prova: Mestre, qual é o maior mandamento da lei? Jesus lhes respondeu: Amareis o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, de toda a vossa alma e de todo o vosso espírito; este é o maior e o primeiro mandamento. E eis o segundo, semelhante a esse: Amareis o vosso próximo como a vós mesmos. Toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos. (Mateus, 22:34-40)

2. Fazei aos homens tudo o que quereis que eles vos façam; pois esta é a lei e os profetas. (Mateus, 7:12)

Tratai todos os homens da mesma maneira que gostaríeis que eles vos tratassem. (Lucas, 6:31)

3. O reino dos céus é comparável a um rei que quis tomar contas a seus servos; e, tendo começado a fazê-lo, apresentaram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Mas, como não tinha meios de pagá-los, seu senhor mandou que o vendessem, a ele, a sua mulher, a seus filhos e tudo o que possuía, para saldar aquela dívida. O servo, lançando-se a seus pés, suplicava-lhe, dizendo: Senhor, tende um pouco de paciência, e eu vos pa-

garei tudo. Então o senhor daquele servo, movido de compaixão, deixou-o ir e perdoou-lhe a dívida. Mas, mal saiu esse servo, encontrando um de seus companheiros que lhe devia cem denários, agarrou-o pelo pescoço e quase o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves. E o companheiro, lançando-se a seus pés, suplicava-lhe, dizendo: Tende um pouco de paciência, e eu vos pagarei tudo. Ele, porém, não quis escutá-lo; foi-se e mandou pô-lo na prisão, para lá mantê-lo até que lhe pagasse o que devia.

Os outros servos, seus companheiros, vendo o que se passava, ficaram extremamente aflitos e foram contar ao seu senhor tudo o que tinha acontecido. Então o senhor mandou chamá-lo e lhe disse: Servo mau, eu te havia perdoado tudo o que me devias, porque mo pediste; não devias, pois, também tu ter tido piedade do teu companheiro, como eu tive piedade de ti? E seu senhor, tomado de cólera, entregou-o às mãos dos carrascos, até que pagasse tudo o que devia.

É assim que meu Pai que está no céu vos tratará, se cada um de vós não perdoar do fundo do coração a seu irmão as faltas que tiver cometido contra ele. (Mateus, 18:23-35)

4. "Amar o próximo como a si mesmo; fazer aos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós" é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres para com o próximo. Não se pode ter guia mais seguro a esse respeito do que tomar como medida do que se deve fazer aos outros aquilo que se deseja para si. Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes mais bons procedimentos, indulgência, benevolência e devotamento do que nós mesmos temos para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo; quando os homens as tomarem como regra de sua conduta e como base de suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade e farão reinar entre si a paz e a justiça; não ha-

verá mais ódios nem dissensões, mas união, concórdia e benevolência mútua.

Dai a César o que é de César

5. *Então os fariseus, tendo-se retirado, combinaram entre si apanhá-lo em suas palavras. Enviaram-lhe, pois, os seus discípulos com os herodianos, para lhe dizerem: Mestre, sabemos que sois verdadeiro e que ensinais o caminho de Deus segundo a verdade, sem consideração por quem quer que seja, porque não fazeis acepção de pessoas; dizei-nos, pois, o vosso parecer sobre isto: É-nos lícito pagar o tributo a César, ou não pagá-lo?*

Mas Jesus, conhecendo a malícia deles, disse-lhes: Hipócritas, por que me tentais? Mostrai-me a moeda com que se paga o tributo. E, tendo-lhe eles apresentado um denário, Jesus lhes disse: De quem é esta imagem e esta inscrição? De César, responderam-lhe. Então Jesus lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

Ouvindo-o falar assim, admiraram a sua resposta e, deixando-o, retiraram-se. (Mateus, 22:15-22; Marcos, 12:13-17)

6. A pergunta feita a Jesus era motivada pela circunstância de que os judeus, tendo horror ao tributo que lhes era imposto pelos romanos, haviam feito dele uma questão religiosa; um partido numeroso se formara para recusar o imposto; o pagamento do tributo era, pois, para eles uma questão irritante e atual; sem isso, a pergunta feita a Jesus: “É-nos lícito pagar ou não pagar o tributo a César?” não teria tido sentido algum. Essa pergunta era uma armadilha, pois, conforme a resposta, esperavam excitar contra ele ou a autoridade romana ou os judeus dissidentes. Mas “Jesus, conhecendo a malícia deles”, esquiva-se da dificuldade dando-lhes uma lição de justiça e dizendo

que se dê a cada um o que lhe é devido. (Ver a Introdução, artigo: Publicanos.)

7. Esta máxima: "Dai a César o que é de César" não deve ser entendida de maneira restritiva e absoluta. Como todos os ensinamentos de Jesus, é um princípio geral resumido sob uma forma prática e usual, e deduzido de uma circunstância particular. Esse princípio é uma consequência daquele que manda agir para com os outros como gostaríamos que os outros agissem para conosco; condena todo prejuízo material e moral causado a outrem, toda violação de seus interesses; prescreve o respeito aos direitos de cada um, assim como cada um deseja que se respeitem os seus; estende-se ao cumprimento dos deveres contraídos para com a família, a sociedade, a autoridade, tanto quanto para com os indivíduos.

Instruções dos Espíritos

A lei de amor

8. O amor resume toda a doutrina de Jesus, porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso realizado. Em seu ponto de partida, o homem só tem instintos; mais adiantado e corrompido, só tem sensações; mas, instruído e purificado, tem sentimentos; e o ponto mais requintado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar da palavra, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu foco ardente todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; ela aniquila as misérias sociais. Feliz aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com um amor amplo os seus irmãos de dor! Feliz aquele que ama, porque não conhece nem a aflição da alma nem a do corpo; seus pés são leves, e

ele vive como que transportado para fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou essa palavra divina, amor, ela fez estremecer os povos, e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo.

O Espiritismo, por sua vez, vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino; estai atentos, pois essa palavra levanta a pedra dos túmulos vazios, e a reencarnação, triunfando da morte, revela ao homem deslumbrado o seu patrimônio intelectual; já não é aos suplícios que ela o conduz, mas à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito, e o Espírito deve hoje resgatar o homem da matéria.

Eu disse que, em seu início, o homem só tem instintos; aquele, pois, em quem os instintos dominam está mais perto do ponto de partida do que da meta. Para avançar rumo à meta, é preciso vencer os instintos em proveito dos sentimentos, isto é, aperfeiçoar estes últimos sufocando os germes latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; trazem consigo o progresso, como a bolota encerra o carvalho, e os seres menos adiantados são aqueles que, só se despojando pouco a pouco de sua crisálida, permanecem escravizados aos seus instintos. O Espírito deve ser cultivado como um campo; toda a riqueza futura depende do trabalho presente, e, mais do que bens terrenos, ele vos trará a gloriosa elevação; é então que, compreendendo a lei de amor que une todos os seres, nela buscareis os suaves gozos da alma, que são o prelúdio das alegrias celestes.

Lázaro (Paris, 1862)

9. O amor é de essência divina, e, desde o primeiro até o último, possuís no fundo do coração a centelha desse fogo sagrado. É um fato que já pudestes constatar muitas vezes: o homem mais abjeto, mais

vil, mais criminoso, tem por um ser ou por um objeto qualquer uma afeição viva e ardente, à prova de tudo o que tenderia a diminuí-la, e que muitas vezes atinge proporções sublimes.

Eu disse por um ser ou por um objeto qualquer, porque existem entre vós indivíduos que gastam com animais, com plantas e até com objetos materiais os tesouros de amor que lhes transbordam do coração: espécies de misantropos que se queixam da humanidade em geral e resistem à inclinação natural de sua alma, que busca ao redor de si a afeição e a simpatia; rebaixam a lei de amor ao estado de instinto. Mas, façam o que fizerem, não conseguirão sufocar o germe vivaz que Deus depositou em seu coração ao criá-los; esse germe se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência e, embora muitas vezes comprimido pelo egoísmo, é a fonte das santas e doces virtudes que formam as afeições sinceras e duradouras e vos ajudam a transpor o caminho escarpado e árido da existência humana.

Há algumas pessoas a quem a prova da reencarnação repugna, no sentido de que outros participem das simpatias afetuosas de que elas são ciumentas. Pobres irmãos! É a vossa afeição que vos torna egoístas; o vosso amor está restrito a um círculo íntimo de parentes ou de amigos, e todos os outros vos são indiferentes. Pois bem! Para praticar a lei de amor tal como Deus a entende, é preciso que chegueis, por graus, a amar todos os vossos irmãos indistintamente. A tarefa será longa e difícil, mas se cumprirá: Deus o quer, e a lei de amor é o primeiro e o mais importante preceito da vossa nova doutrina, porque é ela que um dia deve matar o egoísmo, sob qualquer forma que se apresente; pois, além do egoísmo pessoal, há ainda o egoísmo de família, de casta, de nacionalidade. Jesus disse: “Amai o vosso próximo como a vós mesmos”; ora, qual é o limite do próximo? Será a família, a seita, a nação? Não, é a humanidade inteira. Nos mundos su-

periores, é o amor mútuo que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados que os habitam, e o vosso planeta, destinado a um progresso próximo por meio de sua transformação social, verá seus habitantes praticarem essa sublime lei, reflexo da Divindade.

Os efeitos da lei de amor são o melhoramento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrena. Os mais rebeldes e os mais viciosos terão de se reformar quando virem os benefícios produzidos por esta prática: Não façais aos outros o que não quereríeis que vos fizessem, mas, ao contrário, fazei-lhes todo o bem que estiver em vosso poder fazer-lhes.

Não acrediteis na esterilidade e no endurecimento do coração humano; ele cede, mesmo contra a vontade, ao amor verdadeiro; é um ímã ao qual não pode resistir, e o contato desse amor vivifica e fecunda os germes dessa virtude que se encontram em vossos corações em estado latente. A Terra, morada de prova e de exílio, será então purificada por esse fogo sagrado e verá praticar a caridade, a humildade, a paciência, o devotamento, a abnegação, a resignação, o sacrifício, todas virtudes filhas do amor. Não vos canseis, pois, de ouvir as palavras de João Evangelista; vós o sabeis: quando a enfermidade e a velhice suspenderam o curso de suas pregações, ele só repetia estas doces palavras: “Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros.”

Caros irmãos bem-amados, aproveitai estas lições; sua prática é difícil, mas a alma colhe dela um bem imenso. Crede-me, fazei o sublime esforço que vos peço: “Amai-vos”, e logo vereis a Terra transformada e tornada o Elísio onde as almas dos justos virão gozar o repouso.

Fénelon (Bordeaux, 1861)

10. Meus caros condiscípulos, os Espíritos aqui presentes vos dizem pela minha voz: Amai bem, a fim de serdes amados. Esse pensamento é tão justo que nele encontrareis tudo o que consola e acalma as penas de cada dia; ou, antes, praticando essa sábia máxima, vos elevareis de tal modo acima da matéria que vos espiritualizareis antes do vosso despojamento terreno. Tendo os estudos espíritas desenvolvido em vós a compreensão do futuro, tendes uma certeza: o avanço para Deus, com todas as promessas que correspondem às aspirações da vossa alma; por isso deveis elevar-vos bastante alto para julgar sem as amarras da matéria, e não condenar o vosso próximo antes de ter dirigido o vosso pensamento a Deus.

Amar, no sentido profundo da palavra, é ser leal, probo, conscienci-oso, para fazer aos outros o que se quereria para si mesmo; é procurar ao redor de si o sentido íntimo de todas as dores que acabrunham os vossos irmãos, para lhes levar um alívio; é olhar a grande família humana como a sua, pois essa família vós a reencontrareis num certo período, em mundos mais adiantados, e os Espíritos que a compõem são, como vós, filhos de Deus, marcados na fronte para se elevarem rumo ao infinito. É por isso que não podeis recusar a vossos irmãos o que Deus vos deu com liberalidade, porque, de vossa parte, ficaríeis bem contentes se vossos irmãos vos dessem aquilo de que tivésseis necessidade. A todos os sofrimentos dai, pois, uma palavra de esperança e de amparo, a fim de que sejais todo amor, toda justiça.

Crede que esta sábia palavra: “Amai bem para serdes amados” fará o seu caminho; ela é revolucionária e segue a rota que é fixa, invariável. Mas vós, que me escutais, já ganhastes; sois infinitamente melhores do que há cem anos; mudastes tanto em vosso proveito que aceitais sem contestação uma multidão de ideias novas sobre a liber-

dade e a fraternidade que outrora teríeis rejeitado; ora, daqui a cem anos, aceitareis com a mesma facilidade aquelas que ainda não puderam entrar no vosso cérebro.

Hoje que o movimento espírita deu um grande passo, vede com que rapidez as ideias de justiça e de renovação contidas nos ditados dos Espíritos são aceitas pela parte média do mundo inteligente; é que essas ideias respondem a tudo o que há de divino em vós; é que estais preparados por uma semente fecunda: a do século passado, que implantou na sociedade as grandes ideias de progresso; e, como tudo se encadeia sob o dedo do Altíssimo, todas as lições recebidas e aceitas estarão contidas nessa troca universal do amor ao próximo; por meio dele, os Espíritos encarnados, julgando melhor, sentindo melhor, estender-se-ão as mãos de um extremo a outro do vosso planeta; as pessoas se reunirão para se entenderem e se amarem, para destruírem todas as injustiças, todas as causas de desinteligência entre os povos.

Grande pensamento de renovação pelo Espiritismo, tão bem descrito em O *Livro dos Espíritos*, tu produzirás o grande milagre do século vindouro, o da reunião de todos os interesses materiais e espirituais dos homens, pela aplicação desta máxima bem compreendida: Amai bem, a fim de serdes amados.

Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris (1863)

O egoísmo

11. O egoísmo, essa chaga da humanidade, deve desaparecer da Terra, cujo progresso moral ele detém; é ao Espiritismo que está reservada a tarefa de fazê-la subir na hierarquia dos mundos. O egoísmo é, pois, o alvo contra o qual todos os verdadeiros crentes devem diri-

gir as suas armas, as suas forças, a sua coragem; digo a sua coragem, porque é preciso mais coragem para vencer a si mesmo do que para vencer os outros. Que cada um ponha, pois, todo o seu empenho em combatê-lo em si, porque esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho, é a fonte de todas as misérias deste mundo. Ele é a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens.

Jesus vos deu o exemplo da caridade, e Pôncio Pilatos, o do egoísmo; pois, quando o Justo vai percorrer as santas estações do seu martírio, Pilatos lava as mãos, dizendo: Que me importa! Ele diz aos judeus: Este homem é justo, por que quereis crucificá-lo? E, no entanto, deixa que o levem ao suplício.

É a esse antagonismo entre a caridade e o egoísmo, é à invasão dessa lepra do coração humano que o cristianismo deve não ter ainda cumprido toda a sua missão. É a vós, novos apóstolos da fé, a quem os Espíritos superiores esclarecem, que incumbem a tarefa e o dever de extirpar esse mal, para dar ao cristianismo toda a sua força e desimpedir o caminho dos espinhos que lhe entravam a marcha. Expulsai o egoísmo da Terra, para que ela possa subir na escala dos mundos, pois é tempo de a humanidade vestir a sua toga viril; e, para isso, é preciso primeiro expulsá-lo do vosso coração.

Emmanuel (Paris, 1861)

12. Se os homens se amassem com um amor comum, a caridade seria mais bem praticada; mas, para isso, seria preciso que vos esforçásseis por vos desembaraçar dessa couraça que cobre os vossos corações, a fim de serdes mais sensíveis para com os que sofrem. A rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo não se desanimava; quem quer que se dirigisse a ele não era repelido: a mulher adúltera, o cri-

minoso eram socorridos por ele; nunca temia que a sua própria reputação tivesse de sofrer com isso. Quando, pois, o tomareis como modelo de todas as vossas ações? Se a caridade reinasse na Terra, o mau não teria mais domínio; fugiria envergonhado; esconder-se-ia, porque se sentiria deslocado em toda parte. É então que o mal desapareceria; compenetrai-vos bem disto.

Começai por dar vós mesmos o exemplo; sede caridosos para com todos, indistintamente; esforçai-vos por não mais reparar naqueles que vos olham com desdém e deixai a Deus o cuidado de toda justiça, porque a cada dia, em seu reino, ele separa o bom grão do joio.

O egoísmo é a negação da caridade; ora, sem a caridade não há repouso na sociedade; digo mais: não há segurança; com o egoísmo e o orgulho, que se dão as mãos, será sempre uma corrida para ver quem é mais esperto, uma luta de interesses em que são calcadas aos pés as mais santas afeições, em que nem mesmo os laços sagrados da família são respeitados.

Pascal (Sens, 1862)

A fé e a caridade

13. Eu vos disse recentemente, meus caros filhos, que a caridade sem a fé não bastava para manter entre os homens uma ordem social capaz de torná-los felizes. Deveria ter dito que a caridade é impossível sem a fé. Podereis, na verdade, encontrar impulsos generosos até mesmo na pessoa desprovida de religião; mas essa caridade austera, que só se exerce pela abnegação, pelo sacrifício constante de todo interesse egoísta, somente a fé pode inspirá-la, porque somente ela nos faz carregar com coragem e perseverança a cruz desta vida.

Sim, meus filhos, é em vão que o homem ávido de gozos quereria iludir-se quanto ao seu destino neste mundo, sustentando que lhe é permitido ocupar-se apenas da sua felicidade. Certamente Deus nos criou para sermos felizes na eternidade; no entanto, a vida terrena deve servir unicamente ao nosso aperfeiçoamento moral, o qual se adquire mais facilmente com a ajuda dos órgãos e do mundo material. Sem contar as vicissitudes comuns da vida, a diversidade dos vossos gostos, das vossas inclinações, das vossas necessidades é também um meio de vos aperfeiçoardes, exercitando-vos na caridade. Pois é só à força de concessões e de sacrifícios mútuos que podeis manter a harmonia entre elementos tão diversos.

Tereis, contudo, razão em afirmar que a felicidade está destinada ao homem neste mundo, se a procurardes não nos gozos materiais, mas no bem. A história da cristandade fala de mártires que iam alegres ao suplício; hoje, e em vossa sociedade, para ser cristão não são necessários nem o holocausto do martírio nem o sacrifício da vida, mas única e simplesmente o sacrifício do vosso egoísmo, do vosso orgulho e da vossa vaidade. Triunfareis, se a caridade vos inspirar e se a fé vos sustentar.

Um Espírito protetor (Cracóvia, 1861)

Caridade para com os criminosos

14. A verdadeira caridade é um dos mais sublimes ensinamentos que Deus deu ao mundo. Deve existir entre os verdadeiros discípulos de sua doutrina uma fraternidade completa. Deveis amar os desgraçados, os criminosos, como criaturas de Deus, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos se se arrependerem, assim como a vós mesmos, pelas faltas que cometeis contra a sua lei. Pensai que sois mais repreensíveis, mais culpados do que aqueles a quem recusais o

perdão e a comiseração, porque muitas vezes eles não conhecem a Deus como vós o conheceis, e lhes será pedido menos do que a vós.

Não julgueis, oh! não julgueis, meus caros amigos, porque o julgamento que fazeis vos será aplicado com mais severidade ainda, e precisais de indulgência para os pecados que cometeis sem cessar. Não sabeis que há muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza, e que o mundo não considera nem sequer como faltas leves?

A verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que dais, nem mesmo nas palavras de consolação com que podeis acompanhá-la; não, não é só isso que Deus exige de vós. A caridade sublime ensinada por Jesus consiste também na benevolência concedida sempre e em todas as coisas ao vosso próximo. Podeis ainda exercer essa sublime virtude para com muitos seres que não precisam de esmolas, e que palavras de amor, de consolação, de encorajamento conduzirão ao Senhor.

Estão próximos os tempos, digo-o mais uma vez, em que a grande fraternidade reinará neste globo; a lei do Cristo é a que regerá os homens: só ela será o freio e a esperança, e conduzirá as almas às moradas bem-aventuradas. Amai-vos, pois, como os filhos de um mesmo pai; não façais diferença entre os outros infelizes, pois é Deus quem quer que todos sejam iguais; não desprezeis, pois, ninguém; Deus permite que grandes criminosos estejam entre vós, para que vos sirvam de ensinamento. Em breve, quando os homens forem conduzidos às verdadeiras leis de Deus, não haverá mais necessidade desses ensinamentos, e todos os Espíritos impuros e revoltados serão dispersados por mundos inferiores, em harmonia com as suas inclinações.

Deveis àqueles de quem falo o socorro das vossas preces: essa é a verdadeira caridade. Não se deve dizer de um criminoso: "É um miserável; é preciso livrar a Terra dele; a morte que se lhe inflige é doce demais para um ser dessa espécie." Não, não é assim que deveis falar. Olhai o vosso modelo, Jesus; que diria ele, se visse esse infeliz junto de si? Teria pena dele; o consideraria como um doente muito digno de compaixão; estender-lhe-ia a mão. Vós não podeis fazê-lo na realidade, mas ao menos podeis orar por ele, assistir o seu Espírito durante os poucos instantes que ainda deve passar na vossa Terra. O arrependimento pode tocar-lhe o coração, se orardes com fé. Ele é vosso próximo, tanto quanto o melhor dos homens; sua alma transviada e revoltada foi criada, como a vossa, para se aperfeiçoar; ajudai-o, pois, a sair do lamaçal e orai por ele.

Elisabeth de França (Le Havre, 1862)

15. *Um homem está em perigo de morte; para salvá-lo, é preciso expor a própria vida; mas sabe-se que esse homem é um malfeitor e que, se escapar, poderá cometer novos crimes. Deve-se, apesar disso, expor-se para salvá-lo?*

Esta é uma questão muito grave, e que pode apresentar-se naturalmente ao espírito. Responderei de acordo com o meu adiantamento moral, já que estamos neste ponto de saber se se deve expor a vida mesmo por um malfeitor. O devotamento é cego: socorre-se um inimigo; deve-se, pois, socorrer o inimigo da sociedade, um malfeitor, numa palavra. Credes que é só à morte que se corre para arrancar esse infeliz? Talvez seja a toda a sua vida passada. Pois, pensai bem: nesses rápidos instantes que lhe arrebatam os últimos minutos da vida, o homem perdido volta-se para a sua vida passada, ou antes, ela se ergue diante dele. A morte talvez chegue cedo demais para ele;

a reencarnação poderá ser terrível; lançai-vos, pois, ó homens, vós a quem a ciência espírita esclareceu; lançai-vos, arrancai-o à sua condenação, e então talvez esse homem, que teria morrido blasfemando contra vós, se lance em vossos braços. Todavia, não deveis perguntar-vos se ele o fará ou não, mas ir em seu socorro, porque, salvando-o, obedeceis a essa voz do coração que vos diz: "Tu podes salvá-lo; salva-o!"

Lamennais (*Paris*, 1862)

CAPÍTULO XII

Amai os vossos inimigos

Retribuir o mal com o bem. Os inimigos desencarnados. Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra. Instruções dos Espíritos: A vingança. O ódio. O duelo.

Retribuir o mal com o bem

1. *Aprendestes que foi dito: Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de serdes filhos de vosso Pai que está nos céus, que faz nascer o seu sol sobre os bons e sobre os maus, e faz chover sobre os justos e os injustos; porque, se amais apenas os que vos amam, que recompensa tereis? Os publicanos não fazem também o mesmo? E, se saudais apenas os vossos irmãos, que fazeis nisso mais do que os outros? Os pagãos não fazem também o mesmo? Digo-vos que, se a vossa justiça não for mais abundante que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus.* (Mateus, 5:20, 43-47)

2. *Se amais apenas os que vos amam, que mérito vos reconhecerão, já que as pessoas de má vida também amam os que as amam? E, se fazeis o bem apenas aos que vo-lo fazem, que mérito vos reconhecerão, já que as pessoas de má vida fazem o mesmo? E, se emprestais apenas àqueles de quem esperais receber o mesmo favor, que mérito vos reconhecerão, já que as pessoas de má vida emprestam umas às outras dessa maneira, para receberem a mesma vantagem? Vós, porém, amai os vossos inimigos, fazei o bem a todos e emprestai sem nada esperar em troca, e então a vossa recompensa será muito grande, e sereis filhos do Altíssimo, por-*

que ele é bom para com os ingratos, e até para com os maus. Sede, pois, cheios de misericórdia, como o vosso Deus é cheio de misericórdia. (Lucas, 6:32-36)

3. Se o amor ao próximo é o princípio da caridade, amar os inimigos é a sua aplicação sublime, pois essa virtude é uma das maiores vitórias alcançadas sobre o egoísmo e o orgulho.

Contudo, geralmente se compreende mal o sentido da palavra *amar* nesse caso; Jesus não quis dizer, com essas palavras, que se deva ter pelo inimigo a ternura que se tem por um irmão ou por um amigo. A ternura supõe a confiança; ora, não se pode ter confiança em quem sabemos que nos quer mal; não se pode ter com ele as expansões da amizade, porque o sabemos capaz de abusar delas; entre pessoas que desconfiam umas das outras, não pode haver os impulsos de simpatia que existem entre os que estão em comunhão de pensamentos; enfim, não se pode ter o mesmo prazer em estar com um inimigo que com um amigo.

Esse próprio sentimento resulta de uma lei física: a da assimilação e da repulsão dos fluidos; o pensamento malévolo dirige uma corrente fluídica cuja impressão é penosa; o pensamento benévolo vos envolve num eflúvio agradável; daí a diferença das sensações que se experimentam à aproximação de um amigo ou de um inimigo. Amar os inimigos não pode, pois, significar que não se deva fazer nenhuma diferença entre eles e os amigos; esse preceito só parece difícil, e até impossível de praticar, porque se crê falsamente que ele prescreve dar-lhes o mesmo lugar no coração. Se a pobreza das línguas humanas obriga a servir-se da mesma palavra para exprimir diversos matizes de sentimentos, a razão deve fazer a distinção conforme os casos.

Amar os inimigos não é, pois, ter por eles uma afeição que não está na natureza, porque o contato de um inimigo faz bater o coração de modo bem diferente do de um amigo; é não ter contra eles nem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; é perdoar-lhes sem segundas intenções e sem condições o mal que nos fazem; é não pôr nenhum obstáculo à reconciliação; é desejar-lhes o bem em vez de lhes desejar o mal; é alegrar-se, em vez de se afligir, com o bem que lhes acontece; é estender-lhes uma mão amiga em caso de necessidade; é abster-se, em palavras e em atos, de tudo o que lhes possa prejudicar; é, enfim, retribuir-lhes em tudo o mal com o bem, sem intenção de humilhá-los. Quem faz isso cumpre as condições do mandamento: *Amai os vossos inimigos*.

4. Amar os inimigos é um contrassenso para o incrédulo; aquele para quem a vida presente é tudo só vê no inimigo um ser nocivo que perturba o seu repouso e do qual crê que só a morte o pode livrar; daí o desejo de vingança; não tem nenhum interesse em perdoar, a não ser para satisfazer o seu orgulho aos olhos do mundo; perdoar chega mesmo a parecer-lhe, em certos casos, uma fraqueza indigna de si; se não se vinga, nem por isso deixa de guardar rancor e um secreto desejo do mal.

Para o crente, mas sobretudo para o espírita, a maneira de ver é inteiramente outra, porque ele dirige o olhar para o passado e para o futuro, entre os quais a vida presente não passa de um ponto; sabe que, pela própria destinação da Terra, deve esperar encontrar nela homens maus e perversos; que as maldades a que está exposto fazem parte das provas que deve suportar, e o ponto de vista elevado em que se coloca torna-lhe menos amargas as vicissitudes, venham elas dos homens ou das coisas. Se não murmura contra as provas, não deve murmurar contra aqueles que são os seus instrumentos; se, em

vez de se queixar, agradece a Deus por prová-lo, deve agradecer à mão que lhe dá a ocasião de mostrar a sua paciência e a sua resignação. Esse pensamento o dispõe naturalmente ao perdão; sente, além disso, que, quanto mais generoso é, mais cresce aos próprios olhos e se coloca fora do alcance dos dardos malévolos do seu inimigo.

O homem que ocupa uma posição elevada no mundo não se julga ofendido pelos insultos daquele a quem considera seu inferior; assim também acontece com aquele que se eleva, no mundo moral, acima da humanidade material; ele compreende que o ódio e o rancor o aviltariam e rebaixariam; ora, para ser superior ao adversário, é preciso que tenha a alma maior, mais nobre, mais generosa.

Os inimigos desencarnados

5. O espírita tem ainda outros motivos de indulgência para com os seus inimigos. Sabe, primeiramente, que a maldade não é o estado permanente dos homens; que ela decorre de uma imperfeição momentânea, e que, assim como a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia os seus erros e se tornará bom.

Sabe também que a morte só o livra da presença material do inimigo, mas que este pode persegui-lo com o seu ódio mesmo depois de ter deixado a Terra; que assim a vingança erra o alvo; que, ao contrário, tem por efeito produzir uma irritação maior, que pode continuar de uma existência para outra. Cabia ao Espiritismo provar, pela experiência e pela lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, que a expressão: *apagar o ódio com sangue* é radicalmente falsa, e que o verdadeiro é que o sangue alimenta o ódio mesmo para além do túmulo; dar, por conseguinte, uma razão de ser efetiva e uma utilidade prática ao perdão e à sublime máxima do

Cristo: *Amai os vossos inimigos*. Não há coração tão perverso que não seja tocado pelos bons procedimentos, ainda que sem o perceber; pelos bons procedimentos, tira-se ao menos todo pretexto de represálias; de um inimigo pode-se fazer um amigo, antes e depois da sua morte. Pelos maus procedimentos, irrita-se o inimigo, e é então que ele mesmo serve de instrumento à justiça de Deus para punir aquele que não perdoou.

6. Pode-se, pois, ter inimigos entre os encarnados e entre os desencarnados; os inimigos do mundo invisível manifestam a sua malevolência pelas obsessões e subjugações a que tanta gente está exposta, e que são uma variedade das provas da vida; essas provas, como as outras, ajudam o adiantamento e devem ser aceitas com resignação, e como consequência da natureza inferior do globo terrestre; se não houvesse homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus em torno da Terra. Se, pois, se deve ter indulgência e benevolência para com os inimigos encarnados, deve-se tê-las igualmente para com os que estão desencarnados.

Outrora se sacrificavam vítimas sangrentas para apaziguar os deuses infernais, que não eram outros senão os Espíritos maus. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo vem provar que esses demônios não são outros senão as almas dos homens perversos que ainda não se despojaram dos instintos materiais; que só se apaziguam pelo sacrifício do próprio ódio, isto é, pela caridade; que a caridade não tem apenas o efeito de impedi-los de fazer o mal, mas de reconduzi-los ao caminho do bem e de contribuir para a sua salvação. É assim que a máxima: *Amai os vossos inimigos* não está circunscrita ao círculo estreito da Terra e da vida presente, mas se insere na grande lei da solidariedade e da fraternidade universais.

Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra

7. *Aprendestes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal que vos queiram fazer; mas, se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra; e, se alguém quiser demandar contra vós para tomar a vossa túnica, deixai-lhe também o vosso manto; e, se alguém quiser obrigar-vos a andar mil passos com ele, andai mais dois mil. Dai a quem vos pede e não rejeiteis aquele que vos quer pedir emprestado.* (Mateus, 5:38-42)

8. Os preconceitos do mundo sobre aquilo que se convencionou chamar de ponto de honra produzem essa suscetibilidade desconfiada, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade, que leva o homem a retribuir injúria com injúria, ferida com ferida, o que parece justiça para aquele cujo senso moral não se eleva acima das paixões terrenas; é por isso que a lei mosaica dizia: olho por olho, dente por dente, lei em harmonia com o tempo em que vivia Moisés. Veio o Cristo e disse: Retribuí o mal com o bem. E disse mais: "Não resistais ao mal que vos queiram fazer; se vos baterem numa face, oferecei a outra." Para o orgulhoso, essa máxima parece uma covardia, pois ele não compreende que há mais coragem em suportar um insulto do que em vingar-se, e isso sempre pela mesma causa, que faz com que a sua visão não vá além do presente. Deve-se, no entanto, tomar essa máxima ao pé da letra? Não; não mais do que aquela que manda arrancar o olho, se ele é ocasião de escândalo; levada a todas as suas consequências, ela condenaria toda repressão, mesmo legal, e deixaria o campo livre aos maus, tirando-lhes todo temor; se não se opusesse um freio às suas agressões, em breve todos os bons seriam suas vítimas. O próprio instinto de conservação, que é uma lei da natureza, diz que não se deve oferecer de bom grado o pescoço ao assassino.

Com essas palavras, Jesus não proibiu, pois, a defesa, mas condenou a vingança. Dizer que se ofereça uma face quando a outra é golpeada é dizer, sob outra forma, que não se deve retribuir o mal com o mal; que o homem deve aceitar com humildade tudo o que tende a rebaixar o seu orgulho; que é mais glorioso para ele ser golpeado do que golpear, suportar pacientemente uma injustiça do que cometer uma ele mesmo; que vale mais ser enganado do que enganador, ser arruinado do que arruinar os outros. É, ao mesmo tempo, a condenação do duelo, que não é senão uma manifestação do orgulho. Só a fé na vida futura e na justiça de Deus, que nunca deixa o mal impune, pode dar a força de suportar pacientemente os golpes desferidos contra os nossos interesses e o nosso amor-próprio; é por isso que dizemos sem cessar: Dirigi o vosso olhar para a frente; quanto mais vos elevardes pelo pensamento acima da vida material, menos sereis feridos pelas coisas da Terra.

Instruções dos Espíritos

A vingança

9. A vingança é um dos últimos destroços deixados pelos costumes bárbaros que tendem a desaparecer do meio dos homens. Ela é, com o duelo, um dos últimos vestígios desses costumes selvagens sob os quais se debatia a humanidade no começo da era cristã. Por isso a vingança é um indício seguro do estado atrasado dos homens que a ela se entregam e dos Espíritos que ainda podem inspirá-la. Portanto, meus amigos, esse sentimento nunca deve fazer vibrar o coração de quem quer que se diga e se afirme espírita. Vingar-se é, como sabeis, tão contrário a esta prescrição do Cristo: “Perdoai aos vossos inimigos!”, que aquele que se recusa a perdoar não só não é espírita,

como nem sequer é cristão. A vingança é uma inspiração tanto mais funesta quanto a falsidade e a baixeza são as suas companheiras assíduas; com efeito, quem se entrega a essa paixão fatal e cega quase nunca se vinga às claras. Quando é o mais forte, lança-se como uma fera sobre aquele a quem chama seu inimigo, quando a vista deste vem inflamar a sua paixão, a sua cólera e o seu ódio. Mas, na maioria das vezes, reveste uma aparência hipócrita, dissimulando no mais profundo do coração os maus sentimentos que o animam; toma caminhos desviados, segue na sombra o inimigo desprevenido e espera o momento propício para golpeá-lo sem perigo; esconde-se dele, enquanto o espreita sem cessar; arma-lhe ciladas odiosas e, quando há ocasião, deita veneno em sua taça. Quando o seu ódio não chega a esses extremos, ataca-o então em sua honra e em suas afeições; não recua diante da calúnia, e as suas pérfidas insinuações, habilmente espalhadas a todos os ventos, vão crescendo pelo caminho. Assim, quando aquele a quem persegue se apresenta nos ambientes por onde passou o seu sopro envenenado, espanta-se de encontrar rostos frios onde antes encontrava rostos amigos e benévolos; fica estupefato quando mãos que buscavam a sua se recusam agora a apertá-la; enfim, fica aniquilado quando os seus amigos mais caros e os seus parentes se afastam e fogem dele. Ah! o covarde que se vinga assim é cem vezes mais culpado do que aquele que vai direto ao inimigo e o insulta de rosto descoberto.

Fora, pois, com esses costumes selvagens! Fora com esses hábitos de outro tempo! Todo espírita que pretendesse hoje ter ainda o direito de se vingar seria indigno de figurar por mais tempo na falange que tomou por divisa: *Fora da caridade não há salvação!* Mas não, não posso deter-me na ideia de que um membro da grande família espíri-

ta possa algum dia, no futuro, ceder ao impulso da vingança a não ser para perdoar.

Jules Olivier (Paris, 1862)

O ódio

10. Amai-vos uns aos outros, e sereis felizes. Tomai sobretudo a peito amar aqueles que vos inspiram indiferença, ódio e desprezo. O Cristo, a quem deveis tomar por modelo, deu-vos o exemplo desse devotamento; missionário do amor, amou até dar o seu sangue e a sua vida. O sacrifício que vos obriga a amar os que vos ultrajam e perseguem é penoso; mas é precisamente isso que vos torna superiores a eles; se os odiais como eles vos odeiam, não valeis mais do que eles; é a hóstia sem mácula oferecida a Deus no altar dos vossos corações, hóstia de odor agradável, cujos perfumes sobem até ele. Embora a lei de amor queira que se amem indistintamente todos os irmãos, ela não blinda o coração contra os maus procedimentos; ao contrário, essa é a prova mais penosa, eu o sei, pois durante a minha última existência terrena experimentei essa tortura; mas Deus está presente e pune, nesta vida e na outra, aqueles que faltam à lei de amor. Não vos esqueçais, meus caros filhos, de que o amor aproxima de Deus, e o ódio afasta dele.

Fénelon (Bordeaux, 1861)

O duelo

11. Só é verdadeiramente grande aquele que, considerando a vida como uma viagem que deve conduzi-lo a uma meta, faz pouco caso das asperezas do caminho; nunca se deixa desviar, por um instante sequer, do caminho reto; com o olhar sempre voltado para o termo,

pouco lhe importa que as sarças e os espinhos da senda ameacem arranhá-lo; eles o roçam sem o atingir, e ele nem por isso deixa de prosseguir a sua jornada. Expor os próprios dias para se vingar de uma injúria é recuar diante das provas da vida; é sempre um crime aos olhos de Deus, e, se não estivésseis iludidos como estais pelos vossos preconceitos, seria uma ridícula e suprema loucura aos olhos dos homens.

Há crime no homicídio por duelo; a vossa própria legislação o reconhece; ninguém tem o direito, em caso algum, de atentar contra a vida do seu semelhante; crime aos olhos de Deus, que vos traçou a vossa linha de conduta; aqui, mais do que em qualquer outra parte, sois juízes em causa própria. Lembrai-vos de que vos será perdoado conforme vós mesmos tiverdes perdoado; pelo perdão vos aproximais da Divindade, pois a clemência é irmã do poder. Enquanto uma gota de sangue humano correr sobre a Terra pela mão dos homens, o verdadeiro reino de Deus ainda não terá chegado, esse reino de pacificação e de amor que deve banir para sempre do vosso globo a animosidade, a discórdia, a guerra. Então a palavra duelo só existirá na vossa língua como uma lembrança distante e vaga de um passado que já não existe; os homens não conhecerão entre si outro antagonismo senão a nobre rivalidade do bem.

Adolfo, bispo de Argel (Marmande, 1861)

12. O duelo pode, sem dúvida, em certos casos, ser uma prova de coragem física, de desprezo pela vida, mas é incontestavelmente a prova de uma covardia moral, como no suicídio. O suicida não tem a coragem de enfrentar as vicissitudes da vida; o duelista não tem a de enfrentar as ofensas. Não vos disse o Cristo que há mais honra e coragem em oferecer a face esquerda a quem bateu na direita do que

em vingar-se de uma injúria? Não disse o Cristo a Pedro, no jardim das Oliveiras: "Embainha a tua espada, porque aquele que matar pela espada perecerá pela espada"? Com essas palavras, não condena Jesus para sempre o duelo? Com efeito, meus filhos, que coragem é essa, nascida de um temperamento violento, sanguíneo e colérico, que ruge à primeira ofensa? Onde está a grandeza de alma daquele que, à menor injúria, quer lavá-la em sangue? Mas que ele trema! Pois sempre, no fundo da sua consciência, uma voz lhe gritará: Caim! Caim! que fizeste de teu irmão? Precisei de sangue para salvar a minha honra, dirá ele a essa voz; mas ela lhe responderá: Quiseste salvá-la diante dos homens, pelos poucos instantes que te restavam viver na Terra, e não pensaste em salvá-la diante de Deus! Pobre insensato! Quanto sangue vos pediria então o Cristo por todos os ultrajes que recebeu! Não só o ferístes com o espinho e com a lança, não só o pregastes num patíbulo infamante, mas ainda, em meio à sua agonia, ele pôde ouvir os escárnios que lhe eram prodigalizados. Que reparação, depois de tantos ultrajes, vos pediu ele? O último grito do cordeiro foi uma prece pelos seus algozes. Oh! como ele, perdoai e orai pelos que vos ofendem.

Amigos, lembrai-vos deste preceito: "Amai-vos uns aos outros", e então ao golpe desferido pelo ódio respondereis com um sorriso, e ao ultraje com o perdão. O mundo, sem dúvida, se levantará furioso e vos chamará de covardes; erguei bem alto a cabeça e mostrai então que a vossa fronte não temeria, também ela, carregar-se de espinhos a exemplo do Cristo, mas que a vossa mão não quer ser cúmplice de um homicídio que uma falsa aparência de honra pretensamente autoriza, a qual não é senão orgulho e amor-próprio. Ao criar-vos, deu-vos Deus o direito de vida e de morte uns sobre os outros? Não; esse direito ele só o deu à natureza, para se reformar e se reconstruir; a

vós, porém, nem sequer permitiu dispor de vós mesmos. Como o suicida, o duelista estará marcado de sangue quando chegar a Deus, e a um e a outro o Soberano Juiz prepara castigos rudes e longos. Se ele ameaçou com a sua justiça aquele que diz a seu irmão *Raca*, quanto mais severa não será a pena para aquele que comparecer diante dele com as mãos tintas do sangue de seu irmão!

Santo Agostinho (Paris, 1862)

13. O duelo é, como outrora aquilo que se chamava o juízo de Deus, uma dessas instituições bárbaras que ainda regem a sociedade. Que diríeis, no entanto, se vísseis os dois antagonistas mergulhados em água fervente ou submetidos ao contato de um ferro em brasa para resolverem a sua contenda, e se se desse razão àquele que melhor suportasse a prova? Chamaríeis esses costumes de insensatos. O duelo é ainda pior do que tudo isso. Para o duelista experiente, é um assassinato cometido a sangue-frio, com toda a premeditação desejada, porque ele está seguro do golpe que vai desferir; para o adversário, quase certo de sucumbir por causa da sua fraqueza e da sua inabilidade, é um suicídio cometido com a mais fria reflexão. Sei que muitas vezes se procura evitar essa alternativa, igualmente criminosa, entregando-se ao acaso; mas então não é isso, sob outra forma, voltar ao juízo de Deus da Idade Média? E ainda assim, naquela época, era-se infinitamente menos culpado; o próprio nome de juízo de Deus indica uma fé, ingênua, é verdade, mas enfim uma fé na justiça de Deus, que não podia deixar sucumbir um inocente, ao passo que no duelo se confia na força bruta, de tal sorte que muitas vezes é o ofendido que sucumbe.

Ó amor-próprio estúpido, tola vaidade e louco orgulho, quando sereis substituídos pela caridade cristã, pelo amor ao próximo e pela

humildade de que o Cristo deu o exemplo e o preceito? Só então desaparecerão esses preconceitos monstruosos que ainda governam os homens e que as leis são impotentes para reprimir, porque não basta proibir o mal e prescrever o bem: é preciso que o princípio do bem e o horror ao mal estejam no coração do homem.

Um Espírito protetor (Bordeaux, 1861)

14. Que opinião terão de mim, dizeis muitas vezes, se eu recusar a reparação que me é pedida, ou se não a pedir a quem me ofendeu? Os loucos, como vós, os homens atrasados vos censurarão; mas os que são esclarecidos pelo facho do progresso intelectual e moral dirão que agis segundo a verdadeira sabedoria. Refleti um pouco: por uma palavra muitas vezes dita à toa, ou muito inofensiva da parte de um de vossos irmãos, o vosso orgulho se sente ferido, vós lhe respondeis de modo mordaz, e daí uma provocação. Antes de chegar ao momento decisivo, perguntais a vós mesmos se agis como cristãos? Que contas devereis à sociedade se a privardes de um de seus membros? Pensais no remorso de ter tirado a uma mulher o marido, a uma mãe o filho, a filhos o pai e o seu amparo? Certamente quem fez a ofensa deve uma reparação; mas não é mais honroso para ele dá-la espontaneamente, reconhecendo os seus erros, do que expor a vida daquele que tem o direito de se queixar? Quanto ao ofendido, admito que às vezes se pode ser gravemente atingido, seja na própria pessoa, seja em relação àqueles que nos são próximos; o amor-próprio já não é o único em jogo; o coração está ferido, sofre; mas, além de ser estúpido jogar a vida contra um miserável capaz de uma infâmia, acaso, morto este, a afronta, qualquer que seja, deixa de existir? O sangue derramado não dá mais notoriedade a um fato que, se é falso, deve cair por si mesmo, e que, se é verdadeiro, deve esconder-se no silêncio? Resta, pois, apenas a satisfação da vingança saciada; ai! triste

satisfação, que muitas vezes deixa, já nesta vida, pungentes pesares. E, se é o ofendido que sucumbe, onde está a reparação?

Quando a caridade for a regra de conduta dos homens, eles conformarão os seus atos e as suas palavras a esta máxima: "Não façais aos outros o que não quereríeis que vos fizessem"; então desaparecerão todas as causas de dissensões, e com elas as dos duelos e das guerras, que são os duelos de povo a povo.

Francisco Xavier (*Bordeaux*, 1861)

15. O homem da sociedade, o homem feliz que, por uma palavra ofensiva, por um motivo leve, joga a vida que recebeu de Deus, joga a vida do seu semelhante, que só a Deus pertence, esse é cem vezes mais culpado do que o miserável que, impelido pela cupidez, às vezes pela necessidade, se introduz numa casa para roubar o que cobiça e mata os que se opõem ao seu intento. Este último é quase sempre um homem sem educação, que tem apenas noções imperfeitas do bem e do mal, ao passo que o duelista pertence quase sempre à classe mais esclarecida; um mata brutalmente, o outro com método e polidez, o que faz com que a sociedade o desculpe. Acrescento até que o duelista é infinitamente mais culpado do que o infeliz que, cedendo a um sentimento de vingança, mata num momento de exasperação. O duelista não tem por desculpa o arrebatamento da paixão, pois entre o insulto e a reparação tem sempre tempo de refletir; age, portanto, friamente e com intenção premeditada; tudo é calculado e estudado para matar mais seguramente o adversário. É verdade que ele também expõe a sua vida, e é isso que reabilita o duelo aos olhos do mundo, porque nele se vê um ato de coragem e um desprezo pela própria vida; mas há verdadeira coragem quando se está seguro de si? O duelo, resto dos tempos de barbárie em que o direito do mais

forte fazia a lei, desaparecerá com uma apreciação mais sã do verdadeiro ponto de honra e à medida que o homem tiver uma fé mais viva na vida futura.

Agostinho (Bordeaux, 1861)

16. *Observação*. Os duelos tornam-se cada vez mais raros, e, se ainda se veem de tempos em tempos exemplos dolorosos, o seu número não se compara ao que era outrora. Antigamente, um homem não saía de casa sem prever um encontro, e por isso tomava sempre as precauções correspondentes. Um sinal característico dos costumes da época e dos povos está no hábito de portar, ostensiva ou ocultamente, armas ofensivas e defensivas; a abolição desse hábito testemunha o abrandamento dos costumes, e é curioso acompanhar a sua gradação desde a época em que os cavaleiros só cavalgavam cobertos de ferro e armados de lança, até o porte de uma simples espada, que se tornara mais um adorno e um acessório do brasão do que uma arma agressiva. Outro traço de costumes é que outrora os combates singulares se davam em plena rua, diante da multidão que se afastava para deixar o campo livre, ao passo que hoje as pessoas se escondem; hoje a morte de um homem é um acontecimento, que comove; antigamente não se prestava atenção a isso. O Espiritismo varrerá esses últimos vestígios da barbárie, inculcando nos homens o espírito de caridade e de fraternidade.

CAPÍTULO XIII

Que a vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita

Fazer o bem sem ostentação. Os infortúnios ocultos. O óbolo da viúva. Convidar os pobres e os estropiados. Prestar serviço sem esperar retribuição. Instruções dos Espíritos: A caridade material e a caridade moral. A beneficência. A piedade. Os órfãos. Benefícios pagos com a ingratidão. Beneficência exclusiva.

Fazer o bem sem ostentação

1. *Tomai cuidado para não praticar vossas boas obras diante dos homens a fim de serdes vistos por eles; do contrário, não recebereis a recompensa de vosso Pai que está nos céus. Quando, pois, derdes esmola, não mandeis tocar a trombeta diante de vós, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem honrados pelos homens. Em verdade vos digo: eles já receberam a sua recompensa. Mas, quando derdes esmola, que a vossa mão esquerda não saiba o que faz a vossa mão direita; a fim de que a esmola fique em segredo; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos dará a recompensa.* (Mateus, 6:1-4)

2. *Tendo Jesus descido do monte, uma grande multidão de povo o seguiu; e ao mesmo tempo um leproso veio a ele e o adorou, dizendo: Senhor, se quiserdes, podeis curar-me. Jesus, estendendo a mão, tocou-o e lhe disse: Eu quero, sede curado; e no mesmo instante a lepra foi curada. Então Jesus lhe disse: Guardai-vos bem de falar disto a quem quer que seja; mas ide mostrar-vos aos sacerdotes e oferecei o dom prescrito por Moisés, para que isso lhes sirva de testemunho.* (Mateus, 8:1-4)

3. Fazer o bem sem ostentação é um grande mérito; esconder a mão que dá é mais meritório ainda; é o sinal incontestável de uma grande superioridade moral, pois, para ver as coisas de mais alto que o comum dos homens, é preciso abstrair-se da vida presente e identificar-se com a vida futura; é preciso, numa palavra, colocar-se acima da humanidade para renunciar à satisfação que o testemunho dos homens proporciona e esperar a aprovação de Deus. Aquele que preza o aplauso dos homens mais do que o de Deus prova que tem mais fé nos homens do que em Deus, e que a vida presente vale mais para ele do que a vida futura, ou mesmo que não crê na vida futura; se diz o contrário, age como se não acreditasse no que diz.

Quantos há que só prestam um favor na esperança de que o beneficiado vá apregoar o benefício pelos telhados; que, em plena luz do dia, darão uma grande soma, e às escondidas não dariam uma só moeda! É por isso que Jesus disse: "Os que fazem o bem com ostentação já receberam a sua recompensa"; de fato, aquele que busca a própria glorificação na Terra pelo bem que faz já se pagou a si mesmo; Deus nada mais lhe deve; resta-lhe receber apenas a punição do seu orgulho.

Que a mão esquerda não saiba o que dá a mão direita é uma imagem que caracteriza admiravelmente a beneficência modesta; mas, se existe a modéstia real, existe também a modéstia fingida, o simulacro da modéstia; há pessoas que escondem a mão que dá, tendo o cuidado de deixar aparecer uma ponta dela, e olhando se alguém não as vê escondê-la. Indigna paródia das máximas do Cristo! Se os benfeitores orgulhosos são malvistos entre os homens, que será então perante Deus! Também esses receberam a sua recompensa na Terra. Foram vistos; estão satisfeitos por terem sido vistos: é tudo o que terão.

Qual será, pois, a recompensa daquele que faz pesar seus benefícios sobre o beneficiado, que de certo modo lhe impõe demonstrações de reconhecimento, que lhe faz sentir a sua posição, exaltando o valor dos sacrifícios que se impõe por ele? Oh! esse nem sequer tem a recompensa terrena, pois fica privado da doce satisfação de ouvir abençoarem o seu nome, e esse é o primeiro castigo do seu orgulho; as lágrimas que ele enxuga em proveito da própria vaidade, em vez de subirem ao céu, recaíram sobre o coração do aflito e o feriram. O bem que faz não lhe traz proveito algum, já que ele o lança em rosto, pois todo benefício lançado em rosto é moeda falsificada e sem valor.

O favor prestado sem ostentação tem duplo mérito: além da caridade material, é caridade moral; poupa a suscetibilidade do beneficiado; faz com que ele aceite o benefício sem que seu amor-próprio sofra, e salvaguardando a sua dignidade de homem, porque há quem aceite um serviço mas não receberia uma esmola; ora, converter o serviço em esmola pela maneira de prestá-lo é humilhar quem o recebe, e há sempre orgulho e maldade em humilhar alguém. A verdadeira caridade, ao contrário, é delicada e engenhosa em dissimular o benefício, em evitar até as menores aparências que possam ferir, pois todo melindre moral se soma ao sofrimento que nasce da necessidade; ela sabe encontrar palavras doces e afáveis que deixam o beneficiado à vontade diante do benfeitor, ao passo que a caridade orgulhosa o esmaga. O sublime da verdadeira generosidade está em o benfeitor, trocando de papel, encontrar o meio de parecer ele próprio o beneficiado diante daquele a quem presta o serviço. Eis o que querem dizer estas palavras: Que a mão esquerda não saiba o que dá a mão direita.

Os infortúnios ocultos

4. Nas grandes calamidades, a caridade se comove, e veem-se impulsos generosos para reparar os desastres; mas, ao lado desses desastres gerais, há milhares de desastres particulares que passam despercebidos: pessoas que jazem num catre sem se queixar. São esses infortúnios discretos e ocultos que a verdadeira generosidade sabe ir descobrir, sem esperar que venham pedir assistência.

Quem é aquela mulher de ar distinto, de traje simples embora cuidado, seguida de uma mocinha vestida com igual modéstia? Ela entra numa casa de aparência sórdida, onde sem dúvida é conhecida, pois à porta a cumprimentam com respeito. Aonde vai? Sobe até a mansarda: ali jaz uma mãe de família rodeada de filhos pequenos; à sua chegada, a alegria brilha naqueles rostos emagrecidos; é que ela vem acalmar todas aquelas dores; traz o necessário, temperado com palavras doces e consoladoras que fazem aceitar o benefício sem corar, pois aqueles infelizes não são mendigos de profissão; o pai está no hospital e, enquanto isso, a mãe não consegue suprir as necessidades. Graças a ela, aquelas pobres crianças não sofrerão nem frio nem fome; irão à escola bem agasalhadas, e o seio da mãe não secará para os menores. Se algum deles estiver doente, nenhum cuidado material lhe causará repugnância. Dali ela segue para o hospital, a fim de levar ao pai algumas guloseimas e tranquilizá-lo quanto à sorte da família. Na esquina, espera-a um carro, verdadeiro armazém de tudo o que ela leva aos seus protegidos, que visita assim um após outro; não lhes pergunta nem a crença nem a opinião, pois para ela todos os homens são irmãos e filhos de Deus. Terminada a ronda, diz a si mesma: Comecei bem o meu dia. Qual é o seu nome? Onde mora? Ninguém sabe; para os infelizes, é um nome que nada revela; mas é o

anjo da consolação; e, à noite, um concerto de bênçãos se eleva por ela ao Criador: católicos, judeus, protestantes, todos a abençoam.

Por que esse traje tão simples? É que ela não quer insultar a miséria com o seu luxo. Por que se faz acompanhar da filha? Para lhe ensinar como se deve praticar a beneficência. A filha também quer fazer a caridade, mas a mãe lhe diz: "Que podes dar, minha filha, se nada tens de teu? Se eu te entregar alguma coisa para passares a outros, que mérito terás? Na realidade, seria eu quem faria a caridade e tu quem teria o mérito; isso não é justo. Quando vamos visitar os doentes, tu me ajudas a cuidar deles; ora, dar cuidados é dar alguma coisa. Isso não te parece suficiente? Nada mais simples: aprende a fazer trabalhos úteis e confeccionarás roupas para essas criancinhas; desse modo darás algo que vem de ti." É assim que essa mãe verdadeiramente cristã forma a filha na prática das virtudes ensinadas pelo Cristo. Será ela espírita? Que importa!

Em casa, é a mulher da sociedade, porque a sua posição o exige; mas ninguém sabe o que ela faz, porque não deseja outra aprovação senão a de Deus e a de sua consciência. Um dia, porém, uma circunstância imprevista leva à sua casa uma de suas protegidas, que lhe vinha entregar trabalho; esta a reconheceu e quis abençoar a benfeitora. "Psiu!", disse-lhe ela; "não o digais a ninguém." Assim falava Jesus.

O óbolo da viúva

5. *Estando Jesus sentado defronte do cofre das ofertas, observava de que maneira o povo ali lançava dinheiro, e que muitos ricos lançavam muito. Veio também uma pobre viúva, que lançou apenas duas pequenas moedas, no valor de um quarto de soldo. Então Jesus, tendo chamado seus*

discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo, esta pobre viúva deu mais do que todos os que lançaram no cofre; pois todos os outros deram do que lhes sobrava, mas esta deu da sua indigência, deu mesmo tudo o que tinha e tudo o que lhe restava para viver. (Marcos, 12:41-44; Lucas, 21:1-4)

6. Muita gente lamenta não poder fazer tanto bem quanto gostaria, por falta de recursos suficientes, e, se deseja a fortuna, é, segundo diz, para fazer dela bom uso. A intenção é louvável, sem dúvida, e pode ser muito sincera em alguns; mas será bem certo que seja, em todos, completamente desinteressada? Não haverá quem, desejando fazer o bem aos outros, gostasse de começar por fazê-lo a si mesmo, de se dar alguns prazeres a mais, de se proporcionar um pouco do supérfluo que lhe falta, para depois dar o resto aos pobres? Esse pensamento oculto, que talvez dissimulem a si mesmos, mas que encontrariam no fundo do coração se quisessem examiná-lo, anula o mérito da intenção, pois a verdadeira caridade pensa nos outros antes de pensar em si. O sublime da caridade, nesse caso, seria buscar no próprio trabalho, pelo emprego de suas forças, de sua inteligência, de seus talentos, os recursos que faltam para realizar suas intenções generosas; aí estaria o sacrifício mais agradável ao Senhor. Infelizmente, a maioria sonha com meios mais fáceis de enriquecer de uma só vez e sem esforço, correndo atrás de quimeras, como a descoberta de tesouros, um acaso favorável, o recebimento de heranças inesperadas etc. Que dizer daqueles que esperam encontrar entre os Espíritos auxiliares que os ajudem em buscas dessa natureza? Seguramente não conhecem nem compreendem o objetivo sagrado do Espiritismo, e menos ainda a missão dos Espíritos a quem Deus permite comunicar-se com os homens; por isso são punidos pelas decepções. (*O Livro dos Médiuns*, itens 294 e 295.)

Aqueles cuja intenção está isenta de qualquer ideia pessoal devem consolar-se da impossibilidade de fazer tanto bem quanto desejariam pensando que o óbolo do pobre, que dá privando-se, pesa mais na balança de Deus que o ouro do rico que dá sem se privar de nada. Grande seria, sem dúvida, a satisfação de poder socorrer largamente a indigência; mas, se ela nos é recusada, é preciso submeter-se e limitar-se a fazer o que se pode. Aliás, será só com ouro que se podem estancar as lágrimas, e será preciso ficar inativo porque não se tem ouro? Quem deseja sinceramente tornar-se útil aos seus irmãos encontra mil ocasiões para isso; que as procure, e as encontrará; se não de um modo, será de outro, pois não há ninguém que, tendo o livre uso de suas faculdades, não possa prestar algum serviço, dar uma consolação, abrandar um sofrimento físico ou moral, dar um passo útil; na falta de dinheiro, não tem cada um o seu esforço, o seu tempo, o seu repouso, dos quais pode dar uma parte? Também aí está o óbolo do pobre, o óbolo da viúva.

Convidar os pobres e os estropiados

7. *Disse também àquele que o havia convidado: Quando derdes um almoço ou um jantar, não convideis nem vossos amigos, nem vossos irmãos, nem vossos parentes, nem vossos vizinhos ricos, para que não vos convidem depois por sua vez, e assim vos retribuam o que de vós receberam. Mas, quando derdes um banquete, convidai os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos; e sereis felizes por eles não terem como vos retribuir, pois isso vos será retribuído na ressurreição dos justos.*

Um dos que estavam à mesa, tendo ouvido essas palavras, disse-lhe: Feliz aquele que comer o pão no reino de Deus! (Lucas, 14:12-15)

8. “Quando derdes um banquete”, diz Jesus, “não convideis vossos amigos, mas os pobres e os estropiados.” Essas palavras, absurdas se tomadas ao pé da letra, são sublimes se lhes buscarmos o espírito. Jesus não pode ter querido dizer que, em lugar dos amigos, se devam reunir à mesa os mendigos da rua; sua linguagem era quase sempre figurada, e para homens incapazes de compreender as nuances delicadas do pensamento eram necessárias imagens fortes, que produzissem o efeito de cores vivas. O fundo do seu pensamento se revela nestas palavras: “Sereis felizes por eles não terem como vos retribuir”; isto é, não se deve fazer o bem visando a uma retribuição, mas apenas pelo prazer de fazê-lo. Para dar uma comparação marcante, ele diz: Convidai aos vossos banquetes os pobres, pois sabeis que esses nada vos poderão retribuir; e por banquetes deve-se entender não as refeições propriamente ditas, mas a participação na abundância de que desfrutais.

Essa palavra pode, entretanto, ter também sua aplicação num sentido mais literal. Quantas pessoas só convidam à sua mesa os que podem, como elas dizem, honrá-las, ou que podem convidá-las por sua vez! Outras, ao contrário, sentem satisfação em receber aqueles de seus parentes ou amigos que são menos afortunados; ora, quem não os tem entre os seus? Às vezes é prestar-lhes um grande serviço sem que pareça. Essas pessoas, sem ir recrutar os cegos e os estropiados, praticam a máxima de Jesus, se o fazem por benevolência, sem ostentação, e se sabem dissimular o benefício por meio de uma sincera cordialidade.

Instruções dos Espíritos

A caridade material e a caridade moral

9. “Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que quiséramos que nos fizessem.” Toda a religião, toda a moral se encerram nesses dois preceitos; se fossem seguidos neste mundo, seríeis todos perfeitos: não haveria mais ódios, nem desavenças; direi mais ainda: não haveria mais pobreza, pois com o supérfluo da mesa de cada rico muitos pobres se alimentariam, e não veríeis mais, nos bairros sombrios onde habitei durante minha última encarnação, pobres mulheres arrastando atrás de si crianças miseráveis, carentes de tudo.

Ricos! pensai um pouco nisso; ajudai os infelizes da melhor maneira que puderdes; dai, para que Deus vos devolva um dia o bem que tiverdes feito, para que encontreis, ao sair do vosso envoltório terrestre, um cortejo de Espíritos agradecidos que vos receberão no limiar de um mundo mais feliz.

Se pudésseis saber a alegria que senti ao reencontrar lá no alto aqueles a quem eu pudera servir em minha última vida!...

Amai, pois, o vosso próximo; amai-o como a vós mesmos, pois agora o sabeis: esse infeliz que repelis é talvez um irmão, um pai, um amigo que afastais de vós; e então qual não será o vosso desespero ao reconhecê-lo no mundo dos Espíritos!

Desejo que compreendais bem o que pode ser a caridade moral, aquela que cada um pode praticar; a que nada custa de material e, no entanto, é a mais difícil de pôr em prática.

A caridade moral consiste em suportar-se uns aos outros, e é o que menos fazeis neste mundo inferior, onde estais encarnados por en-

quanto. Há grande mérito, crede-me, em saber calar-se para deixar falar alguém mais tolo do que nós; e isso também é uma forma de caridade. Saber ser surdo quando uma palavra zombeteira escapa de uma boca habituada a escarnecer; não ver o sorriso desdenhoso que acolhe a vossa entrada na casa de pessoas que, muitas vezes sem razão, se julgam superiores a vós, ao passo que, na vida espírita, a única real, estão às vezes bem longe disso: eis um mérito, não de humildade, mas de caridade; pois não reparar nas faltas alheias é a caridade moral.

Essa caridade, porém, não deve impedir a outra; mas pensai sobretudo em não desprezar o vosso semelhante; lembrai-vos de tudo o que já vos disse: é preciso recordar sem cessar que, no pobre rejeitado, talvez repilais um Espírito que vos foi caro e que se encontra momentaneamente numa posição inferior à vossa. Revi um dos pobres da vossa Terra a quem eu pudera, por felicidade, ajudar algumas vezes, e a quem agora me acontece implorar por minha vez.

Lembrai-vos de que Jesus disse que somos irmãos, e pensai sempre nisso antes de repelir o leproso ou o mendigo. Adeus; pensai nos que sofrem, e orai.

Irmã Rosália (Paris, 1860)

10. Meus amigos, ouvi vários de vós dizerem: Como posso fazer a caridade? Muitas vezes não tenho nem o necessário!

A caridade, meus amigos, se faz de muitas maneiras; podeis fazer a caridade em pensamentos, em palavras e em ações. Em pensamentos: orando pelos pobres abandonados que morreram sem terem podido ver a luz; uma prece do coração os alivia. Em palavras: dirigindo aos vossos companheiros de todos os dias alguns bons conselhos;

dizei aos homens amargurados pelo desespero, pelas privações, e que blasfemam contra o nome do Altíssimo: “Eu era como vós; sofria, era infeliz, mas acreditei no Espiritismo, e vede: agora sou feliz.” Aos velhos que vos disserem: “É inútil; estou no fim da minha jornada; morrerei como vivi”, dizei: “Deus tem para todos nós uma justiça igual; lembrai-vos dos trabalhadores da décima hora.” Às criancinhas que, já corrompidas pelo ambiente em que vivem, saem a vagar pelos caminhos, prontas a sucumbir às más tentações, dizei: “Deus vos vê, meus queridos pequenos”, e não temais repetir-lhes muitas vezes essa doce palavra; ela acabará germinando em sua jovem inteligência, e em vez de pequenos vagabundos tereis feito homens. Isso também é caridade.

Muitos de vós dizem também: “Ora! somos tão numerosos na Terra que Deus não pode ver-nos a todos.” Escutai bem isto, meus amigos: quando estais no alto de uma montanha, vosso olhar não abarca os bilhões de grãos de areia que cobrem essa montanha? Pois bem! Deus vos vê do mesmo modo; deixa-vos o vosso livre-arbítrio, como vós deixais esses grãos de areia irem ao sabor do vento que os dispersa; apenas, Deus, em sua misericórdia infinita, pôs no fundo do vosso coração uma sentinela vigilante que se chama consciência. Escutai-a; ela só vos dará bons conselhos. Às vezes a entorpeceis opondo-lhe o espírito do mal; ela então se cala; mas tende a certeza de que a pobre abandonada se fará ouvir assim que lhe tiverdes deixado entrever a sombra do remorso. Escutai-a, interrogai-a, e muitas vezes vos sentireis consolados pelo conselho que dela houverdes recebido.

Meus amigos, a cada novo regimento o general entrega uma bandeira; eu vos dou esta máxima do Cristo: “Amai-vos uns aos outros.” Praticai essa máxima; reuni-vos todos em torno desse estandarte, e dele recebereis a felicidade e a consolação.

Um Espírito protetor (Lyon, 1860)

A beneficência

11. A beneficência, meus amigos, vos dará neste mundo os mais puros e os mais doces prazeres, as alegrias do coração, que não são perturbadas nem pelo remorso nem pela indiferença. Oh! se pudésseis compreender tudo o que há de grande e de doce na generosidade das almas belas, esse sentimento que faz olhar o próximo com os mesmos olhos com que se olha a si mesmo, que faz despojar-se com alegria para cobrir o irmão! Possais, meus amigos, não ter ocupação mais doce do que a de fazer felizes! Que festas do mundo poderíeis comparar a essas festas alegres, quando, representantes da Divindade, devolveis a alegria a essas pobres famílias que da vida só conhecem as vicissitudes e as amarguras; quando vedes de repente esses rostos murchos se iluminarem de esperança, pois não tinham pão, esses infelizes, e seus filhinhos, ignorando que viver é sofrer, gritavam, choravam e repetiam estas palavras, que se cravavam como um gládio agudo no coração materno: Tenho fome!... Oh! compreendei como são deliciosas as impressões daquele que vê renascer a alegria onde, um instante antes, só via desespero! Compreendei quais são as vossas obrigações para com os vossos irmãos! Ide, ide ao encontro do infortúnio; ide em socorro sobretudo das misérias ocultas, pois são as mais dolorosas. Ide, meus bem-amados, e lembrai-vos destas palavras do Salvador: “Quando vestirdes um destes pequeninos, pensai que é a mim que o fazeis!”

Caridade! palavra sublime que resume todas as virtudes, és tu que deves conduzir os povos à felicidade; praticando-te, eles criarão para si alegrias infinitas para o futuro, e, durante o seu exílio na Terra, serás a sua consolação, o antegozo das alegrias que provarão mais tar-

de, quando se abraçarem todos juntos no seio do Deus de amor. Foste tu, virtude divina, que me proporcionaste os únicos momentos de felicidade que provei na Terra. Possam meus irmãos encarnados dar crédito à voz do amigo que lhes fala e lhes diz: É na caridade que deveis buscar a paz do coração, o contentamento da alma, o remédio contra as aflições da vida. Oh! quando estiverdes a ponto de acusar a Deus, lançai um olhar abaixo de vós; vede quantas misérias por aliviar; quantas pobres crianças sem família; quantos velhos que não têm uma mão amiga para socorrê-los e fechar-lhes os olhos quando a morte os reclama! Quanto bem por fazer! Oh! não vos queixeis; ao contrário, agradecei a Deus e prodigalizai a mãos cheias a vossa simpatia, o vosso amor, o vosso dinheiro a todos os que, deserdados dos bens deste mundo, definham no sofrimento e no isolamento. Colhereis aqui na Terra alegrias bem doces, e mais tarde... só Deus o sabe!...

Adolfo, bispo de Argel (Bordeaux, 1861)

12. Sede bons e caridosos: é a chave dos céus que tendes em vossas mãos; toda a felicidade eterna se encerra nesta máxima: Amai-vos uns aos outros. A alma só pode elevar-se às regiões espirituais pela dedicação ao próximo; só encontra felicidade e consolação nos impulsos da caridade; sede bons, amparai os vossos irmãos, deixai de lado a horrível chaga do egoísmo; esse dever cumprido deve abrir-vos o caminho da felicidade eterna. De resto, quem de vós não sentiu o coração palpitar, a alegria interior se expandir, ao ouvir o relato de um belo ato de dedicação, de uma obra verdadeiramente caridosa? Se buscásseis apenas o deleite que uma boa ação proporciona, permaneceríeis sempre no caminho do progresso espiritual. Os exemplos não vos faltam; só as boas vontades é que são raras. Vede a mul-

tidão de homens de bem cuja piedosa lembrança a vossa história vos recorda.

O Cristo não vos disse tudo o que diz respeito a essas virtudes de caridade e de amor? Por que se deixam de lado os seus divinos ensinamentos? Por que se fecham os ouvidos às suas divinas palavras, o coração a todas as suas doces máximas? Eu gostaria que se dedicasse mais interesse, mais fé às leituras evangélicas; abandona-se esse livro, faz-se dele uma palavra oca, uma carta fechada; deixa-se esse código admirável no esquecimento: vossos males provêm unicamente do abandono voluntário que fazeis desse resumo das leis divinas. Lede, pois, essas páginas todas ardentes da dedicação de Jesus, e meditai-as.

Homens fortes, cingi-vos; homens fracos, fazei armas da vossa doçura, da vossa fé; tende mais persuasão, mais constância na propagação da vossa nova doutrina; não é senão um encorajamento que viemos trazer-vos; é apenas para estimular o vosso zelo e as vossas virtudes que Deus nos permite manifestar-nos a vós; mas, se se quisesse, bastariam a ajuda de Deus e a própria vontade: as manifestações espíritas só são feitas para os olhos fechados e os corações indóceis.

A caridade é a virtude fundamental que deve sustentar todo o edifício das virtudes terrenas; sem ela, as outras não existem. Sem a caridade, não há esperança numa sorte melhor, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade, não há fé, pois a fé não é senão um raio puro que faz brilhar uma alma caridosa.

A caridade é a âncora eterna de salvação em todos os globos: é a mais pura emanação do próprio Criador; é a sua própria virtude que ele dá à criatura. Como se poderia desconhecer essa suprema bondade? Qual seria, com esse pensamento, o coração tão perverso a ponto de

reprimir e expulsar esse sentimento todo divino? Qual seria o filho tão mau a ponto de se rebelar contra esta doce carícia: a caridade?

Não ouso falar do que fiz, pois os Espíritos também têm o pudor de suas obras; mas creio que aquela que comecei é das que mais devem contribuir para o alívio dos vossos semelhantes. Vejo muitas vezes os Espíritos pedirem como missão continuar a minha tarefa; vejo-as, minhas doces e queridas irmãs, em seu piedoso e divino ministério; vejo-as praticar a virtude que vos recomendo, com toda a alegria que proporciona essa existência de dedicação e de sacrifícios; é uma grande felicidade para mim ver quanto o seu caráter é honrado, quanto a sua missão é amada e docemente protegida. Homens de bem, de boa e firme vontade, uni-vos para continuar em larga escala a obra de propagação da caridade; encontrareis a recompensa dessa virtude no seu próprio exercício; não há alegria espiritual que ela não dê desde a vida presente. Sede unidos; amai-vos uns aos outros segundo os preceitos do Cristo. Assim seja.

São Vicente de Paulo (Paris, 1858)

13. Eu me chamo a caridade; sou o caminho principal que conduz a Deus; segui-me, pois sou o alvo a que todos deveis visar.

Fiz esta manhã a minha ronda habitual e, com o coração dilacerado, venho dizer-vos: Oh! meus amigos, quantas misérias, quantas lágrimas, e quanto tendes a fazer para enxugá-las todas! Em vão procurei consolar pobres mães; eu lhes dizia ao ouvido: Coragem! há bons corações que velam por vós; não sereis abandonadas; paciência! Deus está presente; sois suas amadas, sois suas eleitas. Elas pareciam ouvir-me e voltavam para o meu lado grandes olhos desvairados; eu lia em seu pobre rosto que o corpo, esse tirano do Espírito, tinha fome, e que, se minhas palavras serenavam um pouco o seu coração, não

lhes enchiam o estômago. Eu repetia ainda: Coragem! coragem! Então uma pobre mãe, muito jovem, que amamentava um filhinho, tomou-o nos braços e o estendeu no espaço vazio, como para me pedir que protegesse aquele pobre pequeno ser, que de um seio estéril só tirava um alimento insuficiente.

Em outro lugar, meus amigos, vi pobres velhos sem trabalho e logo sem abrigo, entregues a todos os sofrimentos da necessidade e, envergonhados de sua miséria, sem ousar, eles que nunca mendigaram, ir implorar a piedade dos transeuntes. Com o coração comovido de compaixão, eu, que nada tenho, fiz-me mendiga por eles, e vou por toda parte estimular a beneficência, soprar bons pensamentos aos corações generosos e compassivos. É por isso que venho a vós, meus amigos, e vos digo: Lá adiante há infelizes cuja arca está sem pão, o lar sem fogo e o leito sem cobertor. Não vos digo o que deveis fazer; deixo a iniciativa aos vossos bons corações; se eu vos ditasse a vossa linha de conduta, não teríeis mais o mérito da vossa boa ação; digo-vos apenas: Eu sou a caridade, e vos estendo a mão em favor dos vossos irmãos que sofrem.

Mas, se peço, também dou, e dou muito; convido-vos para um grande banquete, e forneço a árvore em que todos vos saciareis! Vede como é bela, como está carregada de flores e de frutos! Ide, ide, colhei, tomai todos os frutos dessa bela árvore que se chama beneficência. No lugar dos ramos que tiverdes tomado, prenderei todas as boas ações que fizerdes, e levarei essa árvore a Deus para que ele a carregue de novo, pois a beneficência é inesgotável. Segui-me, pois, meus amigos, para que eu vos conte entre os que se alistam sob a minha bandeira; não tenhais receio; eu vos conduzirei pelo caminho da salvação, pois sou a Caridade.

Cáritas, martirizada em Roma (Lyon, 1861)

14. Há várias maneiras de fazer a caridade, que muitos de vós confundem com a esmola; no entanto, há uma grande diferença. A esmola, meus amigos, às vezes é útil, pois alivia os pobres; mas é quase sempre humilhante, tanto para quem a dá como para quem a recebe. A caridade, ao contrário, liga o benfeitor ao beneficiado, e além disso se disfarça de tantas maneiras! Pode-se ser caridoso mesmo com os parentes, com os amigos, sendo indulgentes uns com os outros, perdoando-se mutuamente as fraquezas, tendo o cuidado de não ferir o amor-próprio de ninguém; para vós, espíritas, na vossa maneira de agir com os que não pensam como vós; levando os menos esclarecidos a crer, e isso sem chocá-los, sem afrontar abertamente as suas convicções, mas trazendo-os pouco a pouco às nossas reuniões, onde poderão ouvir-nos e onde saberemos encontrar a brecha do coração por onde deveremos penetrar. Eis um dos lados da caridade.

Ouvi agora a caridade para com os pobres, esses deserdados deste mundo, mas recompensados por Deus, se souberem aceitar suas misérias sem murmurar, e isso depende de vós. Vou fazer-me compreender por um exemplo.

Vejo várias vezes por semana uma reunião de senhoras: há-as de todas as idades; para nós, bem o sabeis, são todas irmãs. Que fazem elas, então? Trabalham depressa, depressa; os dedos são ágeis; por isso, vede como os rostos estão radiantes e como os corações batem em uníssono! Mas qual é o seu objetivo? É que elas veem aproximar-se o inverno, que será rigoroso para os lares pobres; as formigas não puderam juntar durante o verão o grão necessário à provisão, e a maior parte dos pertences está empenhada; as pobres mães se inquietam e choram pensando nas criancinhas que, neste inverno, passarão frio e fome! Mas paciência, pobres mulheres! Deus inspirou outras mais afortunadas que vós; elas se reuniram e vos confeccionam

roupinhas; depois, um destes dias, quando a neve tiver coberto a terra e murmurardes, dizendo: “Deus não é justo”, pois essa é a vossa palavra habitual, a vós que sofreis, então vereis aparecer um dos filhos dessas boas trabalhadoras que se fizeram as operárias dos pobres; sim, era para vós que elas trabalhavam assim, e o vosso murmúrio se transformará em bênção, pois no coração dos infelizes o amor segue muito de perto o ódio.

Como todas essas trabalhadoras precisam de encorajamento, vejo as comunicações dos bons Espíritos chegarem-lhes de toda parte; os homens que fazem parte dessa sociedade também dão o seu concurso, fazendo uma dessas leituras que tanto agradam; e nós, para recompensar o zelo de todos e de cada um em particular, prometemos a essas operárias laboriosas uma boa clientela, que as pagará à vista, em bênçãos, única moeda que tem curso no céu, assegurando-lhes além disso, sem receio de nos adiantarmos demais, que ela não lhes faltará.

Cáritas (Lyon, 1861)

15. Meus caros amigos, todos os dias ouço alguns de vós dizerem: “Sou pobre, não posso fazer a caridade”; e todos os dias vos vejo faltar com a indulgência para com os vossos semelhantes; nada lhes perdoais e vos erigis em juízes muitas vezes severos, sem vos perguntardes se ficaríeis satisfeitos que fizessem o mesmo convosco. A indulgência não é também caridade? Vós, que só podeis fazer a caridade da indulgência, fazei-a ao menos, mas fazei-a com grandeza. Quanto à caridade material, quero contar-vos uma história do outro mundo.

Dois homens acabavam de morrer. Deus tinha dito: Enquanto estes dois homens viverem, cada uma de suas boas ações será posta num

saco, e à morte deles esses sacos serão pesados. Quando os dois homens chegaram à sua última hora, Deus mandou trazer os dois sacos; um era grosso, grande, bem cheio, e ressoava com o metal que o enchia; o outro era tão pequeno e tão fino que se viam através dele os raros vinténs que continha; e cada um daqueles homens reconheceu o seu saco. Eis o meu, disse o primeiro; reconheço-o; fui rico e dei muito. Eis o meu, disse o outro; sempre fui pobre, ai de mim! quase nada tinha para repartir. Mas, ó surpresa! postos os dois sacos na balança, o mais grosso ficou leve e o pequeno ficou pesado, a ponto de fazer pender de muito o outro prato da balança. Então Deus disse ao rico: Deste muito, é verdade, mas deste por ostentação e para ver o teu nome figurar em todos os templos do orgulho; e, além disso, ao dar, não te privaste de nada; vai para a esquerda e dá-te por satisfeito de que a esmola ainda te seja contada por alguma pequena coisa. Depois disse ao pobre: Tu deste bem pouco, meu amigo; mas cada um dos vinténs que estão nesta balança representa uma privação para ti; se não deste esmola, fizeste a caridade, e, o que é melhor, fizeste a caridade naturalmente, sem pensar que isso te seria levado em conta; foste indulgente; não julgaste o teu semelhante; ao contrário, desculpaste-o em todas as suas ações: passa para a direita e vai receber a tua recompensa.

Um Espírito protetor (Lyon, 1861)

16. A mulher rica, feliz, que não precisa empregar o seu tempo nos trabalhos domésticos, não poderá consagrar algumas horas a trabalhos úteis aos seus semelhantes? Que, com o supérfluo de suas alegrias, compre com que cobrir o infeliz que tirita de frio; que faça, com suas mãos delicadas, roupas grosseiras mas quentes; que ajude a mãe a cobrir o filho que vai nascer; se o seu filho tiver algumas ren-

das a menos, o do pobre terá mais calor. Trabalhar para os pobres é trabalhar na vinha do Senhor.

E tu, pobre operária, que não tens supérfluo, mas que queres, no teu amor pelos teus irmãos, dar também do pouco que possuis, dá algumas horas do teu dia, do teu tempo, teu único tesouro; faze desses trabalhos elegantes que tentam os afortunados; vende o trabalho dos teus serões, e poderás também proporcionar aos teus irmãos a tua parte de alívio; terás talvez algumas fitas a menos, mas darás sapatos a quem anda descalço.

E vós, mulheres consagradas a Deus, trabalhai também na sua obra, mas que os vossos trabalhos delicados e custosos não sejam feitos apenas para adornar as vossas capelas, para chamar a atenção para a vossa habilidade e a vossa paciência; trabalhai, minhas filhas, e que o preço dos vossos trabalhos seja consagrado ao alívio dos vossos irmãos em Deus; os pobres são seus filhos bem-amados; trabalhar para eles é glorificá-lo. Sede para eles a Providência que diz: Às aves do céu Deus dá o alimento. Que o ouro e a prata que se tecem sob os vossos dedos se transformem em roupas e em alimento para os que deles carecem. Fazei isso, e o vosso trabalho será abençoado.

E vós todos que podeis produzir, dai; dai o vosso gênio, dai as vossas inspirações, dai o vosso coração, que Deus abençoará. Poetas, literatos, que só sois lidos pela gente da sociedade, satisfazei os seus lazeres, mas que o produto de algumas das vossas obras seja consagrado ao alívio dos infelizes; pintores, escultores, artistas de todo gênero, que a vossa inteligência venha também em auxílio dos vossos irmãos; nem por isso tereis menos glória, e haverá alguns sofrimentos a menos.

Todos vós podeis dar; em qualquer classe em que estejais, tendes alguma coisa que podeis repartir; seja o que for que Deus vos tenha dado, deveis uma parte disso àquele que carece do necessário, porque, no lugar dele, ficaríeis bem contentes que outro repartisse convosco. Os vossos tesouros da Terra serão um pouco menores, mas os vossos tesouros no céu serão mais abundantes; ali colhereis cem vezes mais o que tiverdes semeado em benefícios neste mundo.

João (Bordeaux, 1861)

A piedade

17. A piedade é a virtude que mais vos aproxima dos anjos; é a irmã da caridade que vos conduz a Deus. Ah! deixai o vosso coração enternecer-se diante das misérias e dos sofrimentos dos vossos semelhantes; vossas lágrimas são um bálsamo que derramais sobre as suas feridas, e quando, por uma doce simpatia, conseguis devolver-lhes a esperança e a resignação, que encanto não experimentais! Esse encanto, é verdade, tem certo amargor, pois nasce ao lado da desgraça; mas, se não tem o sabor acre dos prazeres mundanos, também não tem as pungentes decepções do vazio que estes deixam atrás de si; tem uma suavidade penetrante que alegra a alma. A piedade, uma piedade bem sentida, é amor; o amor é dedicação; a dedicação é o esquecimento de si mesmo; e esse esquecimento, essa abnegação em favor dos infelizes, é a virtude por excelência, aquela que o divino Messias praticou durante toda a sua vida e que ensinou em sua doutrina tão santa e tão sublime. Quando essa doutrina for restituída à sua pureza primitiva e for aceita por todos os povos, dará a felicidade à Terra, fazendo nela reinar enfim a concórdia, a paz e o amor.

O sentimento mais apropriado para vos fazer progredir, domando o vosso egoísmo e o vosso orgulho, aquele que dispõe a vossa alma à

humildade, à beneficência e ao amor do próximo, é a piedade! essa piedade que vos comove até as entranhas diante dos sofrimentos dos vossos irmãos, que vos faz estender-lhes uma mão caridosa e vos arranca lágrimas de simpatia. Nunca sufoqueis, pois, em vossos corações essa emoção celeste; não façais como esses egoístas endurecidos que se afastam dos aflitos porque a vista de sua miséria perturbaria por um instante a sua existência alegre; temei permanecer indiferentes quando podeis ser úteis. A tranquilidade comprada ao preço de uma indiferença culpável é a tranquilidade do mar Morto, que oculta no fundo de suas águas o lodo fétido e a corrupção.

Quão longe está a piedade, entretanto, de causar a perturbação e o aborrecimento que tanto assustam o egoísta! Sem dúvida a alma experimenta, ao contato da desgraça alheia e voltando-se sobre si mesma, um abalo natural e profundo que faz vibrar todo o vosso ser e vos afeta penosamente; mas a compensação é grande quando conseguis devolver a coragem e a esperança a um irmão infeliz, que se enternece com o aperto de uma mão amiga e cujo olhar, úmido ao mesmo tempo de emoção e de reconhecimento, se volta docemente para vós antes de se fixar no céu para agradecer-lhe por lhe ter enviado um consolador, um amparo. A piedade é a melancólica, mas celeste, precursora da caridade, essa primeira das virtudes, da qual é irmã e cujos benefícios prepara e enobrece.

Michel (Bordeaux, 1862)

Os órfãos

18. Meus irmãos, amai os órfãos; se soubésseis quanto é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos para nos incitar a lhes servir de pais. Que divina caridade ajudar uma pobre criaturinha abandonada, impedi-la de sofrer fome e frio,

dirigir a sua alma para que não se extravie no vício! Quem estende a mão à criança abandonada é agradável a Deus, pois compreende e pratica a sua lei. Pensai também que muitas vezes a criança que socorreis vos foi cara numa outra encarnação; e, se pudésseis lembrar-vos, isso já não seria caridade, mas um dever. Assim, pois, meus amigos, todo ser que sofre é vosso irmão e tem direito à vossa caridade; não a essa caridade que fere o coração, não a essa esmola que queima a mão em que cai, pois os vossos óbolos são muitas vezes bem amargos! Quantas vezes seriam recusados se, na água-furtada, a doença e a miséria não os esperassem! Dai com delicadeza; acrescentai ao benefício o mais precioso de todos: uma boa palavra, uma carícia, um sorriso de amigo; evitai esse tom protetor que revolve o ferro num coração que sangra, e pensai que, fazendo o bem, trabalhais para vós e para os vossos.

Um Espírito familiar (Paris, 1860)

Benefícios pagos com a ingratidão

19. *Que se deve pensar das pessoas que, tendo sido pagas de seus benefícios com a ingratidão, não fazem mais o bem por medo de encontrar ingratos?*

Essas pessoas têm mais egoísmo que caridade; pois fazer o bem apenas para receber demonstrações de reconhecimento não é fazê-lo com desinteresse, e o benefício desinteressado é o único agradável a Deus. É também orgulho, pois elas se comprazem na humildade do beneficiado que vem depor o seu reconhecimento a seus pés. Aquele que busca na Terra a recompensa do bem que faz não a receberá no céu; mas Deus levará em conta àquele que não a busca na Terra.

É preciso sempre ajudar os fracos, mesmo sabendo de antemão que aqueles a quem se faz o bem não o agradecerão. Sabei que, se aquele a quem prestais um serviço esquecer o benefício, Deus vo-lo levará mais em conta do que se já tivésseis sido recompensados pelo reconhecimento do vosso beneficiado. Deus permite que às vezes sejais pagos com a ingratidão para provar a vossa perseverança em fazer o bem.

Aliás, que sabeis se esse benefício, esquecido no momento, não dará mais tarde bons frutos? Ao contrário, tende a certeza de que é uma semente que germinará com o tempo. Infelizmente, vedes sempre apenas o presente; trabalhais para vós, e não tendo em vista os outros. Os benefícios acabam abrandando os corações mais endurecidos; podem ser desconhecidos neste mundo, mas, quando o Espírito estiver livre do seu véu carnal, ele se lembrará, e essa lembrança será o seu castigo; então lamentará a sua ingratidão; quererá reparar a sua falta, pagar a sua dívida numa outra existência, muitas vezes até aceitando uma vida de dedicação ao seu benfeitor. É assim que, sem o suspeitardes, tereis contribuído para o seu adiantamento moral, e reconhecereis mais tarde toda a verdade desta máxima: Um benefício nunca se perde. Mas tereis também trabalhado para vós, pois tereis o mérito de ter feito o bem com desinteresse, sem vos deixardes desanimar pelas decepções.

Ah! meus amigos, se conhecêsseis todos os laços que, na vida presente, vos prendem às vossas existências anteriores; se pudésseis abarcar a multidão de relações que aproximam os seres uns dos outros para o seu progresso mútuo, admiraríeis muito mais ainda a sabedoria e a bondade do Criador, que vos permite reviver para chegar a ele.

Guia protetor (Sens, 1862)

Beneficência exclusiva

20. *A beneficência é bem compreendida quando é exclusiva entre pessoas de uma mesma opinião, de uma mesma crença ou de um mesmo partido?*

Não; é sobretudo o espírito de seita e de partido que é preciso abolir, pois todos os homens são irmãos. O verdadeiro cristão só vê irmãos em seus semelhantes e, antes de socorrer aquele que está necessitado, não consulta nem a sua crença nem a sua opinião, seja no que for. Seguiria ele o preceito de Jesus Cristo, que manda amar até os inimigos, se repelisse um infeliz porque este tivesse uma fé diferente da sua? Que o socorra, pois, sem lhe pedir conta alguma de sua consciência, pois, se for um inimigo da religião, é o meio de fazê-lo amá-la; repelindo-o, levá-lo-iam a odiá-la.

São Luís (Paris, 1860)

CAPÍTULO XIV

Honrai vosso pai e vossa mãe

Piedade filial. Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? Parentesco corporal e parentesco espiritual. Instruções dos Espíritos: A ingratidão dos filhos.

1. Conheceis os mandamentos: *não cometereis adultério; não matareis; não furtareis; não dareis falso testemunho; não fareis mal a ninguém; honrai vosso pai e vossa mãe.* (Marcos, 10:19; Lucas, 18:20; Mateus, 19:19)

2. *Honrai vosso pai e vossa mãe, a fim de viverdes longamente na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.* (Decálogo; Êxodo, 20:12)

Piedade filial

3. O mandamento "Honrai vosso pai e vossa mãe" é uma consequência da lei geral de caridade e de amor ao próximo, pois não se pode amar o próximo sem amar o pai e a mãe; mas a palavra *honrai* encerra um dever a mais para com eles: o da piedade filial. Deus quis mostrar com isso que ao amor é preciso acrescentar o respeito, a consideração, a submissão e a condescendência, o que implica a obrigação de cumprir para com eles, de maneira ainda mais rigorosa, tudo o que a caridade ordena em relação ao próximo. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que fazem as vezes de pai e de mãe, e que têm tanto mais mérito quanto menos obrigatória é a sua dedicação. Deus pune sempre de maneira rigorosa toda violação desse mandamento.

Honrar pai e mãe não é apenas respeitá-los; é também assisti-los na necessidade; é proporcionar-lhes repouso na velhice; é cercá-los de

solicitude, como eles fizeram por nós na nossa infância.

É sobretudo para com os pais sem recursos que se mostra a verdadeira piedade filial. Cumprem esse mandamento aqueles que julgam fazer um grande esforço dando-lhes apenas o bastante para não morrerem de fome, enquanto eles próprios não se privam de nada? Relegando-os aos cantos mais ínfimos da casa, para não deixá-los na rua, enquanto reservam para si o que há de melhor, de mais confortável? Felizes ainda quando não o fazem de má vontade e não os obrigam a comprar o tempo que lhes resta de vida descarregando sobre eles as fadigas da casa! Cabe, então, aos pais velhos e fracos ser os servos dos filhos jovens e fortes? A mãe regateou-lhes o leite quando estavam no berço? Contou as suas vigílias quando estavam doentes, os seus passos para lhes conseguir aquilo de que precisavam? Não; não é apenas o estritamente necessário que os filhos devem aos pais pobres; são também, tanto quanto possam, os pequenos agrados do supérfluo, as atenções, os cuidados delicados, que não passam dos juros do que receberam, do pagamento de uma dívida sagrada. Só aí está a piedade filial aceita por Deus.

Ai, pois, daquele que esquece o que deve aos que o ampararam em sua fraqueza, que com a vida material lhe deram a vida moral, que muitas vezes se impuseram duras privações para assegurar o seu bem-estar; ai do ingrato, pois será punido com a ingratidão e o abandono; será ferido em suas mais caras afeições, às vezes já na vida presente, mas certamente numa outra existência, em que sofrerá o que tiver feito os outros sofrerem.

Certos pais, é verdade, desconhecem os seus deveres e não são para os filhos o que deveriam ser; mas cabe a Deus puni-los, e não aos filhos; não compete a estes censurá-los, porque talvez eles próprios tenham merecido que assim fosse. Se a caridade faz uma lei de retri-

buir o mal com o bem, de ser indulgente para com as imperfeições alheias, de não falar mal do próximo, de esquecer e perdoar as ofensas, de amar até os inimigos, quanto maior ainda não será essa obrigação em relação aos pais! Os filhos devem, pois, tomar como regra de conduta para com eles todos os preceitos de Jesus relativos ao próximo, e dizer a si mesmos que todo procedimento censurável para com estranhos o é ainda mais para com os parentes, e que aquilo que pode ser apenas uma falta no primeiro caso pode tornar-se crime no segundo, porque então à falta de caridade se junta a ingratidão.

4. Deus disse: "Honrai vosso pai e vossa mãe, a fim de viverdes longamente na terra que o Senhor vosso Deus vos dará." Por que, então, promete como recompensa a vida na Terra e não a vida celeste? A explicação está nestas palavras: "que Deus vos dará", suprimidas na fórmula moderna do Decálogo, o que lhe desnatura o sentido. Para compreender essa palavra, é preciso reportar-se à situação e às ideias dos hebreus na época em que foi dita; eles ainda não compreendiam a vida futura; sua visão não se estendia além da vida corporal; deviam, pois, ser mais tocados pelo que viam do que pelo que não viam; por isso Deus lhes fala numa linguagem ao seu alcance e, como a crianças, lhes põe em perspectiva o que pode satisfazê-los. Estavam então no deserto; a terra que Deus lhes daria era a Terra Prometida, objeto de suas aspirações: nada mais desejavam, e Deus lhes diz que nela viverão longamente, isto é, que a possuirão por muito tempo se observarem os seus mandamentos.

Mas, à vinda de Jesus, suas ideias estavam mais desenvolvidas; tendo chegado o momento de lhes dar um alimento menos grosseiro, ele os inicia na vida espiritual, dizendo-lhes: "Meu reino não é deste mundo; é lá, e não na Terra, que recebereis a recompensa de vossas boas obras." Sob essas palavras, a Terra Prometida material se trans-

forma numa pátria celeste; por isso, quando ele os chama à observância do mandamento “Honrai vosso pai e vossa mãe”, já não é a terra que lhes promete, mas o céu. (Caps. II e III.)

Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?

5. E, *tendo ele chegado a casa, ali se juntou tão grande multidão de povo que nem sequer podiam tomar a sua refeição. Sabendo disso, os seus parentes vieram para se apoderar dele, pois diziam que ele havia perdido o juízo.*

Entretanto, tendo chegado sua mãe e seus irmãos, e ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo. Ora, o povo estava sentado ao redor dele, e disseram-lhe: Vossa mãe e vossos irmãos estão lá fora e vos procuram. Mas ele lhes respondeu: Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E, olhando para os que estavam sentados ao seu redor: Eis aqui, disse ele, minha mãe e meus irmãos; pois todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe. (Marcos, 3:20-21 e 31-35; Mateus, 12:46-50)

6. Certas palavras parecem estranhas na boca de Jesus e contrastam com a sua bondade e a sua inalterável benevolência para com todos. Os incrédulos não deixaram de fazer delas uma arma, dizendo que ele se contradizia. Um fato irrecusável é que a sua doutrina tem por base essencial, por pedra angular, a lei de amor e de caridade; ele não podia, pois, destruir de um lado o que estabelecia do outro; donde se deve tirar esta consequência rigorosa: se certas máximas estão em contradição com o princípio, é que as palavras que lhe atribuem foram mal transmitidas, mal compreendidas, ou não são dele.

7. Causa espanto, com razão, ver Jesus mostrar nessa circunstância tanta indiferença para com os seus parentes e, de certo modo, rene-

gar a sua mãe.

Quanto aos seus irmãos, sabe-se que nunca tiveram simpatia por ele; Espíritos pouco adiantados, não haviam compreendido a sua missão; a conduta dele, aos olhos deles, era estranha, e os seus ensinamentos não os haviam tocado, já que ele não teve nenhum discípulo entre eles; pareceria mesmo que partilhavam, até certo ponto, as prevenções de seus inimigos; é certo, aliás, que o acolhiam mais como estranho do que como irmão quando ele se apresentava na família, e João diz positivamente (7:5) “que não criam nele”.

Quanto à sua mãe, ninguém poderia contestar a sua ternura pelo filho; mas é preciso também reconhecer que ela não parece ter feito uma ideia muito justa da missão dele, pois nunca foi vista seguindo os seus ensinamentos nem dando testemunho dele, como fez João Batista; a solicitude materna era nela o sentimento dominante. Quanto a Jesus, supor que tenha renegado sua mãe seria desconhecer o seu caráter; tal pensamento não podia animar aquele que disse: Honrai vosso pai e vossa mãe. É preciso, pois, buscar outro sentido para as suas palavras, quase sempre veladas sob a forma alegórica.

Jesus não desprezava nenhuma ocasião de dar um ensinamento; aproveitou, pois, a que lhe oferecia a chegada de sua família para estabelecer a diferença que existe entre o parentesco corporal e o parentesco espiritual.

Parentesco corporal e parentesco espiritual

8. Os laços de sangue não estabelecem necessariamente os laços entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porque o Espírito existia antes da formação do corpo; não é o pai que cria o Espírito do filho; ele apenas lhe fornece um en-

voltório corporal, mas deve ajudar o seu desenvolvimento intelectual e moral para fazê-lo progredir.

Os Espíritos que encarnam numa mesma família, sobretudo entre parentes próximos, são na maioria das vezes Espíritos simpáticos, unidos por relações anteriores que se traduzem pela sua afeição durante a vida terrena; mas pode acontecer também que esses Espíritos sejam completamente estranhos uns aos outros, separados por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem do mesmo modo pelo seu antagonismo na Terra, para lhes servir de prova. Os verdadeiros laços de família não são, pois, os da consanguinidade, mas os da simpatia e da comunhão de pensamentos que unem os Espíritos antes, durante e depois da sua encarnação. Daí se segue que dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito do que se o fossem pelo sangue; podem atrair-se, procurar-se, sentir prazer na companhia um do outro, ao passo que dois irmãos consanguíneos podem repelir-se, como se vê todos os dias: problema moral que só o Espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências. (Cap. IV, nº 13.)

Há, pois, duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais; as primeiras, duráveis, fortalecem-se pela depuração e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das diversas migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, extinguem-se com o tempo e muitas vezes se dissolvem moralmente já na vida atual. Foi o que Jesus quis fazer compreender ao dizer de seus discípulos: Eis minha mãe e meus irmãos, isto é, minha família pelos laços do Espírito, pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

A hostilidade de seus irmãos está claramente expressa no relato de Marcos, já que, diz ele, pretendiam apoderar-se dele sob o pretexto

de que ele havia *perdido o juízo*. Ao ser anunciada a chegada deles, conhecendo os seus sentimentos a seu respeito, era natural que dissesse, falando de seus discípulos, do ponto de vista espiritual: "Eis os meus verdadeiros irmãos"; sua mãe se achava com eles, e ele generaliza o ensinamento, o que de modo algum implica que tenha pretendido que sua mãe segundo o corpo nada lhe fosse como Espírito, e que só tivesse por ela indiferença; a sua conduta, em outras circunstâncias, provou suficientemente o contrário.

Instruções dos Espíritos

A ingratidão dos filhos e os laços de família

9. A ingratidão é um dos frutos mais imediatos do egoísmo; revolta sempre os corações honestos; mas a dos filhos para com os pais tem um caráter ainda mais odioso; é mais especialmente desse ponto de vista que vamos encará-la, para lhe analisar as causas e os efeitos. Aqui, como em toda parte, o Espiritismo vem lançar luz sobre um dos problemas do coração humano.

Quando o Espírito deixa a Terra, leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza e vai pelo espaço aperfeiçoando-se ou permanecendo estacionário, até que queira ver a luz. Alguns, pois, partiram levando consigo ódios poderosos e desejos de vingança não saciados; mas a alguns desses, mais adiantados que os outros, é permitido entrever um canto da verdade; reconhecem os funestos efeitos de suas paixões, e é então que tomam boas resoluções; compreendem que, para ir a Deus, só há uma palavra que dá passagem: caridade; ora, não há caridade sem esquecimento dos ultrajes e das injúrias; não há caridade com ódios no coração e sem perdão.

Então, por um esforço inaudito, olham para aqueles a quem detestaram na Terra; mas, a essa vista, a sua animosidade desperta; revoltam-se à ideia de perdoar, mais ainda do que à de renunciar a si mesmos, sobretudo à de amar aqueles que talvez lhes tenham destruído a fortuna, a honra, a família. Entretanto, o coração desses infelizes está abalado; hesitam, vacilam, agitados por esses sentimentos contrários; se a boa resolução prevalece, oram a Deus, imploram aos bons Espíritos que lhes deem força no momento mais decisivo da prova.

Por fim, após alguns anos de meditações e de preces, o Espírito aproveita uma carne que se prepara na família daquele a quem detestou e pede aos Espíritos encarregados de transmitir as ordens supremas permissão para ir cumprir na Terra os destinos dessa carne que acaba de se formar. Qual será, então, a sua conduta nessa família? Dependerá da maior ou menor persistência de suas boas resoluções. O contato incessante com os seres a quem odiou é uma prova terrível, sob a qual às vezes sucumbe, se a sua vontade não for bastante forte. Assim, conforme prevaleça a boa ou a má resolução, ele será o amigo ou o inimigo daqueles no meio dos quais é chamado a viver. Assim se explicam esses ódios, essas repulsas instintivas que se notam em certas crianças e que nenhum ato anterior parece justificar; de fato, nada nesta existência pôde provocar essa antipatia; para compreendê-la, é preciso voltar o olhar para o passado.

Ó espíritas! compreendei hoje o grande papel da humanidade; compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; conhecei os vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar essa alma de Deus: é a missão que vos é confiada, e da qual recebereis a recompensa se a cumprirdes fielmente. Os vossos cuidados, a educação que lhe derdes ajudarão o

seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro. Pensai que a cada pai e a cada mãe Deus perguntará: Que fizestes do filho confiado à vossa guarda? Se ele ficou atrasado por culpa vossa, o vosso castigo será vê-lo entre os Espíritos sofredores, quando dependia de vós que fosse feliz. Então vós mesmos, atormentados pelo remorso, pedireis para reparar a vossa falta; solicitareis uma nova encarnação para vós e para ele, na qual o cercareis de cuidados mais esclarecidos, e ele, cheio de reconhecimento, vos cercará do seu amor.

Não rejeiteis, pois, nem a criança no berço que repele a mãe, nem aquele que vos paga com a ingratidão; não foi o acaso que o fez assim e que vo-lo deu. Uma intuição imperfeita do passado se revela, e daí concluí que um ou outro já odiou muito ou foi muito ofendido; que um ou outro veio para perdoar ou para expiar. Mães! abraçai, pois, o filho que vos causa desgosto, e dizei a vós mesmas: Um de nós dois foi culpado. Merecei as alegrias divinas que Deus associa à maternidade, ensinando a essa criança que ela está na Terra para se aperfeiçoar, amar e bendizer. Mas, ai! muitas de vós, em vez de expulsar pela educação os maus princípios inatos trazidos das existências anteriores, alimentam e desenvolvem esses mesmos princípios por uma fraqueza culpável ou por descuido, e mais tarde o vosso coração, ferido pela ingratidão de vossos filhos, será para vós, já nesta vida, o começo da vossa expiação.

A tarefa não é tão difícil quanto poderíeis crer; não exige o saber do mundo; o ignorante, como o sábio, pode cumpri-la, e o Espiritismo vem facilitá-la, dando a conhecer a causa das imperfeições do coração humano.

Desde o berço, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz de sua existência anterior; é em estudá-los que é preciso aplicar-se; todos os males têm o seu princípio no egoísmo e no orgulho; es-

preitai, pois, os menores sinais que revelam o germe desses vícios, e empenhai-vos em combatê-los sem esperar que tenham criado raízes profundas; fazei como o bom jardineiro, que arranca os maus brotos à medida que os vê despontar na árvore. Se deixardes desenvolver-se o egoísmo e o orgulho, não vos admireis de serdes mais tarde pagos com a ingratidão. Quando os pais fizeram tudo o que devem pelo adiantamento moral dos filhos, se não têm êxito, nada têm a censurar-se, e a sua consciência pode estar em paz; mas, ao desgosto muito natural que sentem pelo insucesso de seus esforços, Deus reserva uma grande, uma imensa consolação, pela certeza de que se trata apenas de um atraso, de que lhes será dado concluir numa outra existência a obra começada nesta, e de que um dia o filho ingrato os recompensará com o seu amor. (Cap. XIII, nº 19.)

Deus não fez a prova acima das forças de quem a pede; só permite aquelas que se podem cumprir; se não se tem êxito, não é, pois, a possibilidade que falta, mas a vontade; pois quantos há que, em vez de resistir aos maus arrastamentos, neles se comprazem! É a esses que estão reservados os prantos e os gemidos em suas existências posteriores; mas admirai a bondade de Deus, que nunca fecha a porta do arrependimento. Chega um dia em que o culpado está cansado de sofrer, em que o seu orgulho está enfim domado, e é então que Deus abre os braços paternos ao filho pródigo que se lança a seus pés. As provas rudes, ouvi-me bem, são quase sempre o indício de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do Espírito, quando são aceitas tendo em vista Deus. É um momento supremo, e é sobretudo então que importa não falhar murmurando, se não se quiser perder-lhe o fruto e ter de recomeçar. Em vez de vos queixardes, agradecei a Deus, que vos oferece a ocasião de vencer para vos dar o prêmio da vitória. Então, quando, saído do turbilhão do mundo terrestre, en-

trardes no mundo dos Espíritos, ali sereis aclamado como o soldado que sai vitorioso do meio da peleja.

De todas as provas, as mais penosas são as que afetam o coração; há quem suporte com coragem a miséria e as privações materiais e sucumba sob o peso dos desgostos domésticos, ferido pela ingratidão dos seus. Oh! que angústia pungente é essa! Mas o que pode, nessas circunstâncias, reerguer melhor a coragem moral do que o conhecimento das causas do mal e a certeza de que, se há longos dilaceramentos, não há desesperos eternos, pois Deus não pode querer que a sua criatura sofra para sempre? Que há de mais consolador, de mais animador do que o pensamento de que depende de nós, de nossos próprios esforços, abreviar o sofrimento destruindo em nós as causas do mal? Mas, para isso, não se deve deter o olhar sobre a Terra e ver uma só existência; é preciso elevar-se, pairar no infinito do passado e do futuro; então a grande justiça de Deus se revela aos vossos olhos, e esperais com paciência, porque compreendeis o que vos parecia monstruosidades na Terra; as feridas que nela recebeis já não vos parecem mais que arranhões. Nesse golpe de vista lançado sobre o conjunto, os laços de família aparecem à sua verdadeira luz; já não são os laços frágeis da matéria que reúnem os seus membros, mas os laços duráveis do Espírito, que se perpetuam e se consolidam ao se depurarem, em vez de se romperem pela reencarnação.

Os Espíritos que a semelhança de gostos, a identidade de progresso moral e a afeição levam a reunir-se formam famílias; esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrestres, procuram-se para se agrupar como o fazem no espaço; daí nascem as famílias unidas e homogêneas; e se, em suas peregrinações, ficam momentaneamente separados, reencontram-se mais tarde, felizes com os seus novos progressos. Mas, como não devem trabalhar apenas para si, Deus per-

mite que Espíritos menos adiantados venham encarnar entre eles, para ali haurir conselhos e bons exemplos no interesse do seu adiantamento; às vezes causam perturbação, mas aí está a prova, aí está a tarefa. Acolhei-os, pois, como irmãos; vinde-lhes em auxílio, e mais tarde, no mundo dos Espíritos, a família se felicitará por ter salvo náufragos que, por sua vez, poderão salvar outros.

Santo Agostinho (Paris, 1862)

CAPÍTULO XV

Fora da caridade não há salvação

O que é preciso para ser salvo. Parábola do bom samaritano. O maior mandamento. Necessidade da caridade segundo Paulo. Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação. Instruções dos Espíritos: Fora da caridade não há salvação.

O que é preciso para ser salvo. Parábola do bom samaritano

1. *Ora, quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono de sua glória; e, estando todas as nações reunidas diante dele, separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos bodes, e porá as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.*

Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, vós que fostes abençoados por meu Pai, possuí o reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo; pois tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; precisei de pousada, e me hospedastes; estive nu, e me vestistes; estive doente, e me visitastes; estive na prisão, e viestes ver-me.

Então os justos lhe responderão: Senhor, quando foi que vos vimos com fome e vos demos de comer, ou com sede e vos demos de beber? Quando foi que vos vimos sem pousada e vos hospedamos, ou sem roupa e vos vestimos? E quando foi que vos vimos doente ou na prisão e fomos visitar-vos? E o Rei lhes responderá: Em verdade vos digo, todas as vezes que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes.

Dirá em seguida aos que estiverem à sua esquerda: Retirai-vos de mim, malditos; ide para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e para os seus anjos; pois tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; precisei de pousada, e não me hospedastes; estive sem roupa, e não me vestistes; estive doente e na prisão, e não me visitastes.

Então eles também lhe responderão: Senhor, quando foi que vos vimos com fome, com sede, ou sem pousada, ou sem roupa, ou doente, ou na prisão, e deixamos de vos assistir? Mas ele lhes responderá: Em verdade vos digo, todas as vezes que deixastes de prestar essa assistência a um destes mais pequeninos, deixastes de prestá-la a mim mesmo.

E então estes irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna. (Mateus, 25:31-46)

2. *Então um doutor da lei, levantando-se, disse-lhe para o pôr à prova: Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna? Jesus lhe respondeu: Que está escrito na lei? Que ledes nela? Ele respondeu: Amareis o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, de toda a vossa alma, de todas as vossas forças e de todo o vosso espírito, e o vosso próximo como a vós mesmo. Jesus lhe disse: Respondestes muito bem; fazei isso e vivereis.*

Mas esse homem, querendo mostrar que era justo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? E Jesus, tomando a palavra, disse-lhe:

Um homem que descia de Jerusalém a Jericó caiu nas mãos de ladrões, que o despojaram, o cobriram de feridas e se foram, deixando-o meio morto. Aconteceu em seguida que um sacerdote descia pelo mesmo caminho, o qual, tendo-o avistado, passou adiante. Um levita, que também chegou ao mesmo lugar, tendo-o observado, passou igualmente adiante. Mas um samaritano que viajava, tendo chegado ao lugar onde estava aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. Aproximou-se,

pois, dele, derramou-lhe azeite e vinho nas feridas e as atou; e, tendo-o posto sobre o seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e lhe disse: Tende muito cuidado deste homem, e tudo o que gastardes a mais eu vos pagarei na minha volta.

Qual destes três vos parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? O doutor lhe respondeu: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Ide, pois, disse-lhe Jesus, e fazei o mesmo. (Lucas, 10:25-37)

3. Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, ele mostra essas virtudes como o caminho da felicidade eterna: Bem-aventurados, diz ele, os pobres de espírito, isto é, os humildes, porque o reino dos céus é deles; bem-aventurados os que têm o coração puro; bem-aventurados os que são mansos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que quiséreis que vos fizessem; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados; fazei o bem sem ostentação; julgai-vos a vós mesmos antes de julgar os outros. Humildade e caridade: eis o que ele não cessa de recomendar e de que ele próprio dá o exemplo; orgulho e egoísmo: eis o que ele não cessa de combater; mas faz mais do que recomendar a caridade: apresenta-a claramente, e em termos explícitos, como a condição absoluta da felicidade futura.

No quadro que Jesus traça do juízo final, é preciso, como em muitas outras coisas, separar a parte da figura e da alegoria. A homens como aqueles a quem falava, ainda incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, ele devia apresentar imagens materiais, marcantes e capazes de impressionar; para ser mais bem aceito, devia

mesmo não se afastar demais das ideias correntes, quanto à forma, reservando sempre para o futuro a verdadeira interpretação de suas palavras e dos pontos sobre os quais não podia explicar-se claramente. Mas, ao lado da parte acessória e figurada do quadro, há uma ideia dominante: a da felicidade que espera o justo e da desgraça reservada ao mau.

Nesse julgamento supremo, quais são os fundamentos da sentença? Sobre o que versa o inquérito? Pergunta o juiz se se cumpriu tal ou qual formalidade, se se observou mais ou menos tal ou qual prática exterior? Não; ele só indaga de uma coisa: a prática da caridade, e pronuncia-se dizendo: Vós que assististes os vossos irmãos, passai para a direita; vós que fostes duros para com eles, passai para a esquerda. Informa-se ele da ortodoxia da fé? Faz alguma distinção entre aquele que crê de um modo e aquele que crê de outro? Não; pois Jesus coloca o samaritano, considerado herege, mas que tem o amor do próximo, acima do ortodoxo a quem falta caridade. Jesus não faz, pois, da caridade apenas uma das condições da salvação, mas a única condição; se houvesse outras a cumprir, ele as teria expressado. Se coloca a caridade no primeiro lugar entre as virtudes, é porque ela encerra implicitamente todas as outras: a humildade, a mansidão, a benevolência, a indulgência, a justiça etc.; e porque é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo.

O maior mandamento

4. *Mas os fariseus, tendo sabido que ele havia feito calar os saduceus, reuniram-se; e um deles, que era doutor da lei, veio fazer-lhe esta pergunta para o pôr à prova: Mestre, qual é o grande mandamento da lei? Jesus lhe respondeu: Amareis o Senhor vosso Deus de todo o vosso cora-*

ção, de toda a vossa alma e de todo o vosso espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. E eis o segundo, que é semelhante a este: Amareis o vosso próximo como a vós mesmo. Toda a lei e os profetas estão contidos nestes dois mandamentos. (Mateus, 22:34-40)

5. Caridade e humildade: tal é, pois, o único caminho da salvação; egoísmo e orgulho: tal é o da perdição. Esse princípio está formulado em termos precisos nestas palavras: "Amareis a Deus de toda a vossa alma e o vosso próximo como a vós mesmo; toda a lei e os profetas estão contidos nestes dois mandamentos." E, para que não haja equívoco sobre a interpretação do amor a Deus e ao próximo, acrescenta: "E eis o segundo mandamento, que é semelhante ao primeiro"; isto é, não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus; portanto, tudo o que se faz contra o próximo é fazê-lo contra Deus. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se encontram resumidos nesta máxima: Fora da caridade não há salvação.

Necessidade da caridade segundo Paulo

6. *Ainda que eu falasse todas as línguas dos homens, e até a língua dos anjos, se não tiver caridade, não sou mais que um bronze que soa e um címbalo que retine; e ainda que eu tivesse o dom de profecia, penetrasse todos os mistérios e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda que tivesse toda a fé possível, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. E ainda que distribuísse os meus bens para sustentar os pobres e entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, tudo isso de nada me serve.*

A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária nem precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não busca os seus próprios interesses; não se melindra nem se azeda com nada; não suspeita mal; não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Agora permanecem estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade; mas, entre elas, a mais excelente é a caridade. (Paulo, 1ª Epístola aos Coríntios, 13:1-7 e 13)

7. Paulo compreendeu tão bem essa grande verdade que diz: "Ainda que eu tivesse a linguagem dos anjos; ainda que tivesse o dom de profecia e penetrasse todos os mistérios; ainda que tivesse toda a fé possível, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. Entre estas três virtudes, a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade." Coloca assim, sem equívoco, a caridade acima até da fé; é que a caridade está ao alcance de todos, do ignorante e do sábio, do rico e do pobre, e porque independe de qualquer crença particular.

Faz mais: define a verdadeira caridade; mostra-a não somente na beneficência, mas na reunião de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência para com o próximo.

Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação

8. Enquanto a máxima *Fora da caridade não há salvação* se apoia num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus o acesso à felicidade suprema, o dogma *Fora da Igreja não há salvação* se apoia não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, mas na fé especial em dogmas particulares; é ex-

clusivo e absoluto; em vez de unir os filhos de Deus, divide-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e sanciona a irritação entre os sectários dos diferentes cultos, que se consideram reciprocamente malditos na eternidade, ainda que sejam parentes ou amigos neste mundo; desconhecendo a grande lei da igualdade diante do túmulo, separa-os até no campo do repouso. A máxima *Fora da caridade não há salvação* é a consagração do princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência; com essa máxima por regra, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a sua maneira de adorar o Criador, estendem-se a mão e oram uns pelos outros. Com o dogma *Fora da Igreja não há salvação*, lançam-se anátemas, perseguem-se e vivem como inimigos; o pai não ora pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, se se julgam reciprocamente condenados sem remissão. Esse dogma é, pois, essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

9. *Fora da verdade não há salvação* seria o equivalente de *Fora da Igreja não há salvação*, e igualmente exclusivo, pois não há uma única seita que não pretenda ter o privilégio da verdade. Que homem pode gabar-se de possuí-la por inteiro, quando o círculo dos conhecimentos cresce sem cessar e as ideias se retificam a cada dia? A verdade absoluta é partilha apenas dos Espíritos da ordem mais elevada, e a humanidade terrestre não poderia pretendê-la, porque não lhe é dado saber tudo; ela só pode aspirar a uma verdade relativa e proporcional ao seu adiantamento. Se Deus tivesse feito da posse da verdade absoluta a condição expressa da felicidade futura, seria uma sentença de proscrição geral, ao passo que a caridade, mesmo em sua acepção mais ampla, pode ser praticada por todos. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo que se pode ser salvo qualquer que seja a crença, contanto que se observe a lei de Deus,

não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*; e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: *Fora da verdade não há salvação*, máxima que dividiria em vez de unir, e perpetuaria o antagonismo.

Instruções dos Espíritos

Fora da caridade não há salvação

10. Meus filhos, na máxima *Fora da caridade não há salvação* estão contidos os destinos dos homens na Terra e no céu: na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque aqueles que a tiverem praticado acharão graça diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a coluna luminosa que guia o homem no deserto da vida para conduzi-lo à Terra Prometida; brilha no céu como uma auréola santa na fronte dos eleitos e, na Terra, está gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, vós, os benditos de meu Pai. Vós os reconheceis pelo perfume de caridade que espalham ao seu redor. Nada exprime melhor o pensamento de Jesus, nada resume melhor os deveres do homem que essa máxima de ordem divina; o Espiritismo não podia provar melhor a sua origem do que dando-a como regra, pois ela é o reflexo do mais puro cristianismo; com tal guia, o homem jamais se extraviará. Aplicai-vos, pois, meus amigos, a compreender o seu sentido profundo e as suas consequências, a buscar por vós mesmos todas as suas aplicações. Submetei todas as vossas ações ao controle da caridade, e a vossa consciência vos responderá; não somente ela vos evitará fazer o mal, mas vos fará fazer o bem: pois não basta uma virtude negativa; é preciso uma virtude ativa; para fazer o bem, é sempre necessária a ação da

vontade; para não fazer o mal, bastam muitas vezes a inércia e o descuido.

Meus amigos, agradecei a Deus, que permitiu que pudésseis gozar da luz do Espiritismo; não que somente os que a possuem possam ser salvos, mas porque, ajudando-vos a compreender melhor os ensinamentos do Cristo, ela faz de vós melhores cristãos; fazei, pois, que, ao vos verem, se possa dizer que verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e mesma coisa, pois todos os que praticam a caridade são discípulos de Jesus, seja qual for o culto a que pertençam.

Paulo, apóstolo (Paris, 1860)

CAPÍTULO XVI

Não se pode servir a Deus e a Mamon

Salvação dos ricos. Guardar-se da avareza. Jesus em casa de Zaqueu. Parábola do mau rico. Parábola dos talentos. Utilidade providencial da fortuna. Provas da riqueza e da miséria. Desigualdade das riquezas. Instruções dos Espíritos: A verdadeira propriedade. Emprego da fortuna. Desprendimento dos bens terrenos. Transmissão da fortuna.

Salvação dos ricos

1. *Ninguém pode servir a dois senhores; pois ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Não podeis servir ao mesmo tempo a Deus e a Mamon.* (Lucas, 16:13)

2. *Então um jovem aproximou-se dele e lhe disse: Bom mestre, que bem devo fazer para alcançar a vida eterna? Jesus lhe respondeu: Por que me chamais bom? Só Deus é bom. Se quereis entrar na vida, guardai os mandamentos. Quais mandamentos?, perguntou ele. Jesus lhe disse: Não matareis; não cometereis adultério; não furtareis; não direis falso testemunho. Honrai vosso pai e vossa mãe, e amai vosso próximo como a vós mesmo.*

O jovem lhe respondeu: Tenho guardado todos esses mandamentos desde a minha juventude; que me falta ainda? Jesus lhe disse: Se quereis ser perfeito, ide, vendei o que tendes e dai-o aos pobres, e tereis um tesouro no céu; depois vinde e segui-me.

Ouvindo essas palavras, o jovem foi-se embora todo triste, porque possuía grandes bens. E Jesus disse a seus discípulos: Digo-vos em verdade

que é bem difícil um rico entrar no reino dos céus. Digo-vos ainda uma vez: É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus.[1] (Mateus, 19:16-24; Lucas, 18:18-25; Marcos, 10:17-25)

Guardar-se da avareza

3. *Então um homem lhe disse do meio da multidão: Mestre, dizei a meu irmão que reparta comigo a herança que nos coube. Mas Jesus lhe disse: Ó homem! quem me constituiu para vos julgar ou para fazer as vossas partilhas? Depois lhes disse: Tende o cuidado de vos guardar de toda avareza; pois, por maior que seja a abundância em que um homem esteja, sua vida não depende dos bens que possui.*

Contou-lhes em seguida esta parábola: Havia um homem rico cujas terras tinham produzido extraordinariamente; e ele discorria consigo mesmo nestes pensamentos: Que farei, pois não tenho lugar onde possa guardar tudo o que tenho para colher? Eis, disse ele, o que farei: derrubarei meus celeiros e construirei outros maiores, e neles porei toda a minha colheita e todos os meus bens; e direi à minha alma: Minha alma, tens muitos bens guardados para muitos anos; descansa, come, bebe, regala-te. Mas Deus, ao mesmo tempo, disse a esse homem: Insensato que és! esta mesma noite te vão pedir de volta a alma; e para quem será o que acumulaste?

É o que acontece àquele que acumula tesouros para si mesmo e não é rico diante de Deus. (Lucas, 12:13-21)

Jesus em casa de Zaqueu

4. *Tendo Jesus entrado em Jericó, atravessava a cidade; e havia ali um homem chamado Zaqueu, chefe dos publicanos e muito rico, que, desejando ver Jesus para conhecê-lo, não o conseguia por causa da multidão, porque era muito pequeno de estatura; por isso correu adiante e subiu num sicômoro para vê-lo, porque ele devia passar por ali. Chegando Jesus àquele lugar, ergueu os olhos para o alto e, tendo-o visto, disse-lhe: Zaqueu, apressai-vos a descer, porque hoje é preciso que eu me hospede em vossa casa. Zaqueu desceu imediatamente e o recebeu com alegria. Vendo isso, todos murmuravam, dizendo: Ele foi hospedar-se em casa de um homem de má vida.* (Ver Introdução, art. Publicanos.)

Entretanto Zaqueu, apresentando-se diante do Senhor, disse-lhe: Senhor, dou a metade dos meus bens aos pobres; e, se causei dano a alguém em qualquer coisa, restituo-lhe quatro vezes mais. Ao que Jesus lhe disse: Esta casa recebeu hoje a salvação, porque este também é filho de Abraão; pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido. (Lucas, 19:1-10)

Parábola do mau rico

5. *Havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho e se banqueteava magnificamente todos os dias. Havia também um pobre chamado Lázaro, deitado à sua porta, todo coberto de úlceras, que bem desejaria saciar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; mas ninguém lhas dava, e os cães vinham lamber-lhe as feridas. Ora, aconteceu que esse pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. O rico também morreu e teve o inferno por sepulcro. E, estando nos tormentos, ergueu os olhos para o alto e viu de longe Abraão, e Lázaro em seu seio; e, clamando, disse estas palavras: Pai Abraão, tende piedade de mim e enviai-*

me Lázaro, para que molhe na água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque sofro tormentos extremos nesta chama.

Mas Abraão lhe respondeu: Meu filho, lembrai-vos de que recebestes os vossos bens durante a vossa vida, e de que Lázaro só teve males; por isso ele está agora na consolação, e vós nos tormentos.

Além disso, há para sempre um grande abismo entre nós e vós; de modo que os que quisessem passar daqui para junto de vós não o podem, assim como não se pode passar para cá do lugar onde estais.

O rico lhe disse: Suplico-vos então, pai Abraão, que o envieis à casa de meu pai, onde tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho destas coisas, a fim de que não venham também eles para este lugar de tormentos. Abraão lhe replicou: Eles têm Moisés e os profetas; que os ouçam. Não, pai Abraão, disse ele; mas, se alguém dentre os mortos for ter com eles, farão penitência. Abraão lhe respondeu: Se não ouvem nem Moisés nem os profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite. (Lucas, 16:19-31)

Parábola dos talentos

6. *O Senhor age como um homem que, tendo de fazer uma longa viagem para fora de seu país, chamou seus servos e lhes pôs os seus bens nas mãos. E, tendo dado cinco talentos a um, dois a outro e um a outro, segundo a capacidade de cada um, partiu imediatamente. Aquele, pois, que recebera cinco talentos foi-se; negociou com esse dinheiro e ganhou outros cinco. O que recebera dois ganhou, do mesmo modo, outros dois. Mas o que recebera apenas um foi cavar a terra e ali escondeu o dinheiro de seu senhor. Muito tempo depois, tendo voltado o senhor desses servos, pediu-lhes contas. E o que recebera cinco talentos veio apresentar-lhe outros cinco, dizendo-lhe: Senhor, pusestes cinco talentos em minhas*

mãos; eis aqui, além deles, outros cinco que ganhei. Seu senhor lhe respondeu: Ó servo bom e fiel, porque fostes fiel no pouco, eu vos estabelecerei sobre muito mais; entrai na alegria de vosso Senhor. O que recebera dois talentos veio logo apresentar-se a ele e lhe disse: Senhor, pusestes dois talentos em minhas mãos; eis aqui, além deles, outros dois que ganhei. Seu senhor lhe respondeu: Ó servo bom e fiel, porque fostes fiel no pouco, eu vos estabelecerei sobre muito mais; entrai na alegria de vosso Senhor. O que recebera apenas um talento veio em seguida e lhe disse: Senhor, sei que sois um homem duro, que ceifais onde não semeastes e recolheis onde nada pusestes; por isso, como eu vos temia, fui esconder o vosso talento na terra; ei-lo, devolvo-vos o que é vosso. Mas seu senhor lhe respondeu: Servo mau e preguiçoso, sabíeis que ceifo onde não semeei e que recolho onde nada pus; devíeis, pois, ter posto o meu dinheiro nas mãos dos banqueiros, para que, na minha volta, eu retirasse com juros o que é meu. Que lhe tirem, pois, o talento que tem e o deem àquele que tem dez talentos; pois se dará a todos os que já têm, e eles serão cumulados de bens; mas àquele que não tem, tirar-se-á até mesmo o que parece ter; e que lancem esse servo inútil nas trevas exteriores: ali haverá choro e ranger de dentes. (Mateus, 25:14-30)

Utilidade providencial da fortuna. Provas da riqueza e da miséria

7. Se a riqueza devesse ser um obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, como se poderia inferir de certas palavras de Jesus interpretadas segundo a letra e não segundo o espírito, Deus, que a distribui, teria posto nas mãos de alguns um instrumento de perdição sem remédio, ideia que repugna à razão. A riqueza é, sem dúvida, uma prova muito escorregadia, mais perigosa que a miséria pelos arrastamentos que provoca, pelas tentações que oferece e pelo fascínio que

exerce; é o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual; é o laço mais poderoso que prende o homem à Terra e desvia do céu os seus pensamentos; produz tal vertigem que muitas vezes se vê aquele que passa da miséria à fortuna esquecer depressa sua primeira condição, os que a partilharam, os que o ajudaram, e tornar-se insensível, egoísta e vaidoso.

Mas, do fato de ela tornar o caminho difícil, não se segue que o torne impossível, nem que não possa tornar-se um meio de salvação nas mãos de quem sabe servir-se dela, assim como certos venenos podem restituir a saúde se forem empregados a propósito e com discernimento.

Quando Jesus disse ao jovem que o interrogava sobre os meios de ganhar a vida eterna: “Desfazei-vos de todos os vossos bens e seguime”, não pretendia estabelecer como princípio absoluto que cada um deve despojar-se do que possui e que a salvação só se obtém a esse preço, mas mostrar que o apego aos bens terrenos é um obstáculo à salvação. Esse jovem, com efeito, julgava-se quite porque havia observado certos mandamentos e, no entanto, recua diante da ideia de abandonar os seus bens; seu desejo de obter a vida eterna não chega até esse sacrifício.

A proposta que Jesus lhe faz era uma prova decisiva para pôr a descoberto o fundo de seu pensamento; ele podia, sem dúvida, ser um homem perfeitamente honesto segundo o mundo, não fazer mal a ninguém, não falar mal do próximo, não ser vaidoso nem orgulhoso, honrar pai e mãe; mas não tinha a verdadeira caridade, pois a sua virtude não ia até a abnegação. Eis o que Jesus quis demonstrar; era uma aplicação do princípio: Fora da caridade não há salvação.

A consequência dessas palavras, tomadas em sua acepção rigorosa, seria a abolição da fortuna como nociva à felicidade futura e como fonte de uma infinidade de males na Terra; seria, além disso, a condenação do trabalho que pode proporcioná-la; consequência absurda, que reconduziria o homem à vida selvagem e que, por isso mesmo, estaria em contradição com a lei do progresso, que é uma lei de Deus.

Se a riqueza é a fonte de muitos males, se excita tantas más paixões, se provoca até tantos crimes, é preciso culpar não a coisa, mas o homem que dela abusa, como abusa de todos os dons de Deus; pelo abuso, ele torna pernicioso o que lhe poderia ser mais útil; é a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza só devesse produzir o mal, Deus não a teria posto na Terra; cabe ao homem fazer sair dela o bem. Se não é um elemento direto do progresso moral, é, incontestavelmente, um poderoso elemento de progresso intelectual.

Com efeito, o homem tem por missão trabalhar pela melhoria material do globo; deve desbravá-lo, saneá-lo, prepará-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta; para alimentar essa população, que cresce sem cessar, é preciso aumentar a produção; se a produção de uma região é insuficiente, é preciso ir buscá-la longe. Por isso mesmo, as relações de povo a povo tornam-se uma necessidade; para torná-las mais fáceis, é preciso destruir os obstáculos materiais que os separam, tornar as comunicações mais rápidas. Para trabalhos que são obra dos séculos, o homem teve de buscar materiais até nas entranhas da Terra; procurou na ciência os meios de executá-los com mais segurança e rapidez; mas, para realizá-los, precisa de recursos: a necessidade levou-o a criar a riqueza, como o levou a descobrir a ciência. A atividade exigida por esses

mesmos trabalhos amplia e desenvolve a sua inteligência; essa inteligência, que ele concentra a princípio na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais. Sendo a riqueza o primeiro meio de execução, sem ela não haveria mais grandes trabalhos, nem atividade, nem estímulo, nem pesquisas; é, pois, com razão que ela é considerada um elemento do progresso.

Desigualdade das riquezas

8. A desigualdade das riquezas é um desses problemas que em vão se procura resolver quando se considera apenas a vida atual. A primeira pergunta que se apresenta é esta: Por que nem todos os homens são igualmente ricos? Não o são por uma razão muito simples: é que não são igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, sóbrios e previdentes para conservar. Aliás, é ponto matematicamente demonstrado que a fortuna repartida por igual daria a cada um uma parte mínima e insuficiente; que, supondo-se feita essa repartição, o equilíbrio seria rompido em pouco tempo pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que, supondo-a possível e duradoura, tendo cada um apenas o suficiente para viver, seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e o bem-estar da humanidade; que, supondo-se que ela desse a cada um o necessário, não haveria mais o aguilhão que impele às grandes descobertas e aos empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em certos pontos, é para que dali ela se espalhe em quantidade suficiente, segundo as necessidades.

Admitido isso, pergunta-se por que Deus a dá a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Também aí está uma prova da

sabedoria e da bondade de Deus. Dando ao homem o livre-arbítrio, quis que ele chegasse, por sua própria experiência, a distinguir o bem do mal, e que a prática do bem fosse o resultado de seus esforços e de sua própria vontade. Ele não deve ser conduzido fatalmente nem ao bem nem ao mal; sem isso, não seria mais que um instrumento passivo e irresponsável, como os animais. A fortuna é um meio de prová-lo moralmente; mas, como ao mesmo tempo é um poderoso meio de ação para o progresso, Deus não quer que ela permaneça muito tempo improdutiva; por isso a desloca incessantemente. Cada um deve possuí-la, para se exercitar em servir-se dela e mostrar o uso que dela sabe fazer; mas, como há impossibilidade material de que todos a tenham ao mesmo tempo, e como, aliás, se todo o mundo a possuísse, ninguém trabalharia e a melhoria do globo sofreria com isso, cada um a possui por sua vez: quem não a tem hoje já a teve ou a terá em outra existência, e quem a tem agora poderá não a ter mais amanhã. Há ricos e pobres porque, sendo Deus justo, cada um deve trabalhar por sua vez; a pobreza é, para uns, a prova da paciência e da resignação; a riqueza é, para outros, a prova da caridade e da abnegação.

Lamenta-se com razão o uso deplorável que certas pessoas fazem de sua fortuna, as paixões ignóbeis que a cobiça provoca, e pergunta-se se Deus é justo ao dar a riqueza a tais pessoas. É certo que, se o homem tivesse uma única existência, nada justificaria semelhante repartição dos bens da Terra; mas, se, em vez de limitar a vista à vida presente, se considerar o conjunto das existências, vê-se que tudo se equilibra com justiça. O pobre, pois, já não tem motivo para acusar a Providência nem para invejar os ricos, e os ricos já não o têm para se vangloriar do que possuem. Se abusam, não é com decretos nem com leis suntuárias que se remediará o mal; as leis podem mudar

momentaneamente o exterior, mas não podem mudar o coração; por isso têm apenas duração temporária e são sempre seguidas de uma reação mais desenfreada. A fonte do mal está no egoísmo e no orgulho; os abusos de toda natureza cessarão por si mesmos quando os homens se pautarem pela lei de caridade.

Instruções dos Espíritos

A verdadeira propriedade

9. O homem só possui como seu aquilo que pode levar deste mundo. Do que encontra ao chegar e do que deixa ao partir, ele desfruta durante a sua permanência; mas, como é forçado a abandoná-lo, tem dele apenas o usufruto, e não a posse real. Que possui ele, então? Nada do que é para uso do corpo, tudo o que é para uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais; eis o que ele traz e o que leva, o que ninguém tem o poder de lhe tirar, o que lhe servirá ainda mais no outro mundo do que neste; dele depende ser mais rico na partida do que na chegada, pois do que tiver adquirido em bem depende a sua posição futura. Quando um homem vai a um país distante, compõe a sua bagagem com objetos que têm curso nesse país; mas não se carrega dos que lhe seriam inúteis. Fazei, pois, o mesmo para a vida futura, e provede-vos de tudo o que nela vos poderá servir.

Ao viajante que chega a uma hospedaria, dá-se um belo aposento se ele pode pagá-lo; àquele que tem pouco, dá-se um menos agradável; quanto ao que nada tem, dorme sobre a palha. Assim acontece com o homem em sua chegada ao mundo dos Espíritos: o seu lugar ali está subordinado aos seus haveres; mas não é com ouro que ele o paga. Não lhe perguntarão: Quanto tínheis na Terra? que posição ocupá-

veis lá? éreis príncipe ou artesão? Mas lhe perguntarão: Que trazeis de lá? Não se calculará o valor de seus bens nem de seus títulos, mas a soma de suas virtudes; ora, nessa conta, o artesão pode ser mais rico que o príncipe. Em vão alegará ele que, antes de partir, pagou a sua entrada com ouro; ser-lhe-á respondido: Aqui os lugares não se compram, ganham-se pelo bem que se fez; com a moeda terrena, pudestes comprar campos, casas, palácios; aqui tudo se paga com as qualidades do coração. Sois rico dessas qualidades? sede bem-vindo e ide ao primeiro lugar, onde todas as felicidades vos esperam; sois pobre? ide ao último, onde sereis tratado na proporção dos vossos haveres.

Pascal (Genebra, 1860)

10. Os bens da Terra pertencem a Deus, que os distribui como lhe apraz, e o homem é deles apenas o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente. São tão pouco propriedade individual do homem que Deus frequentemente frustra todas as previsões, e a fortuna escapa àquele que julga possuí-la pelos melhores títulos.

Direis talvez que isso se compreende quanto à fortuna herdada, mas que não é o mesmo quanto à que se adquire pelo próprio trabalho. Sem dúvida alguma, se há uma fortuna legítima, é esta, quando adquirida honestamente, pois uma propriedade só é legitimamente adquirida quando, para possuí-la, não se causou dano a ninguém. Será pedida conta de um só centavo mal adquirido em prejuízo de outrem. Mas, pelo fato de um homem dever a fortuna a si mesmo, leva ele mais dela ao morrer? Os cuidados que toma para transmiti-la a seus descendentes não são muitas vezes supérfluos? pois, se Deus não quiser que ela lhes caiba, nada poderá prevalecer contra a sua

vontade. Pode ele usar e abusar dela impunemente durante a vida, sem ter de prestar contas? Não; permitindo-lhe adquiri-la, Deus pode ter querido recompensar nele, durante esta vida, os seus esforços, a sua coragem, a sua perseverança; mas, se ele a faz servir apenas à satisfação de seus sentidos ou de seu orgulho, se ela se torna em suas mãos uma causa de queda, melhor lhe teria sido não a possuir; ele perde de um lado o que ganhou do outro, anulando o mérito de seu trabalho, e, quando deixar a Terra, Deus lhe dirá que já recebeu a sua recompensa.

M., *Espírito protetor (Bruxelas, 1861)*

Emprego da fortuna

11. Não podeis servir a Deus e a Mamon; guardai bem isto, vós a quem o amor do ouro domina, vós que venderíeis a vossa alma para possuir tesouros, porque eles podem elevar-vos acima dos outros homens e dar-vos os gozos das paixões; não, não podeis servir a Deus e a Mamon! Se, pois, sentis a vossa alma dominada pelas cobiças da carne, apressai-vos a sacudir o jugo que vos oprime, pois Deus, justo e severo, vos dirá: Que fizeste, administrador infiel, dos bens que eu te havia confiado? Esse poderoso móvel das boas obras, tu o fizeste servir apenas à tua satisfação pessoal.

Qual é, então, o melhor emprego da fortuna? Procurai nestas palavras: "Amai-vos uns aos outros" a solução desse problema; aí está o segredo de bem empregar as riquezas. Aquele que é animado pelo amor do próximo tem a sua linha de conduta inteiramente traçada; o emprego que agrada a Deus é a caridade; não essa caridade fria e egoísta que consiste em espalhar ao redor de si o supérfluo de uma existência dourada, mas essa caridade cheia de amor que procura o infortúnio e o reergue sem o humilhar. Rico, dá do teu supérfluo;

faze melhor: dá um pouco do teu necessário, pois o teu necessário ainda é supérfluo; mas dá com sabedoria. Não repilas a queixa por medo de ser enganado, mas vai à fonte do mal; alivia primeiro, informa-te depois, e vê se o trabalho, os conselhos, a própria afeição não serão mais eficazes que a tua esmola. Espalha ao teu redor, com o bem-estar, o amor de Deus, o amor do trabalho, o amor do próximo. Aplica as tuas riquezas num fundo que jamais te faltará e te renderá grandes juros: as boas obras. A riqueza da inteligência deve servir-te como a do ouro; espalha ao teu redor os tesouros da instrução; derrama sobre os teus irmãos os tesouros do teu amor, e eles frutificarão.

Cheverus (Bordeaux, 1861)

12. Quando considero a brevidade da vida, fico dolorosamente impressionado com a preocupação incessante de que o bem-estar material é para vós objeto, ao passo que dais tão pouca importância e consagrais pouco ou nenhum tempo ao vosso aperfeiçoamento moral, que é o que deve contar para vós na eternidade. Ao ver a atividade que desenvolveis, dir-se-ia que nela está em jogo uma questão do mais alto interesse para a humanidade, quando quase sempre se trata apenas de vos pôr em condições de satisfazer necessidades exageradas, a vaidade, ou de vos entregar a excessos. Quantas fadigas, quantas preocupações, quantos tormentos se impõem, quantas noites sem sono, para aumentar uma fortuna muitas vezes mais que suficiente! Para cúmulo da cegueira, não é raro ver aqueles que um amor imoderado da fortuna e dos gozos que ela proporciona sujeita a um trabalho penoso alegarem uma existência dita de sacrifício e de mérito, como se trabalhassem para os outros e não para si mesmos. Insensatos! credes então realmente que vos serão levados em conta os cuidados e os esforços cujo móvel é o egoísmo, a cupidez ou o or-

gulho, enquanto negligenciais o cuidado de vosso futuro, assim como os deveres que a solidariedade fraterna impõe a todos os que gozam das vantagens da vida social? Só pensastes no vosso corpo; o seu bem-estar, os seus gozos eram o único objeto de vossa solicitude egoísta; por ele, que morre, negligenciastes o vosso Espírito, que viverá sempre. Por isso esse senhor tão mimado e acariciado tornou-se o vosso tirano; ele dá ordens ao vosso Espírito, que se fez seu escravo. Era esse o objetivo da existência que Deus vos havia dado?

Um Espírito protetor (Cracóvia, 1861)

13. Sendo o homem o depositário, o gerente dos bens que Deus lhe põe nas mãos, ser-lhe-á pedida conta severa do emprego que deles tiver feito em virtude de seu livre-arbítrio. O mau emprego consiste em fazê-los servir apenas à própria satisfação pessoal; ao contrário, o emprego é bom todas as vezes que dele resulta um bem qualquer para outrem; o mérito é proporcional ao sacrifício que a pessoa se impõe. A beneficência é apenas um dos modos de emprego da fortuna; ela alivia a miséria atual: aplaca a fome, preserva do frio e dá abrigo a quem não o tem; mas um dever igualmente imperioso, igualmente meritório, consiste em prevenir a miséria; essa é sobretudo a missão das grandes fortunas, pelos trabalhos de toda espécie que elas podem mandar executar; e, ainda que delas tirassem um lucro legítimo, o bem não deixaria de existir, pois o trabalho desenvolve a inteligência e eleva a dignidade do homem, sempre orgulhoso de poder dizer que ganhou o pão que come, ao passo que a esmola humilha e degrada. A fortuna concentrada em uma só mão deve ser como uma fonte de água viva que espalha a fecundidade e o bem-estar ao seu redor. Ó vós, ricos, que a empregardes segundo os desígnios do Senhor, o vosso coração será o primeiro a dessedentar-se nessa fonte benfazeja; tereis nesta vida os inefáveis gozos da alma em lugar

dos gozos materiais do egoísta, que deixam o vazio no coração. O vosso nome será bendito na Terra, e, quando a deixardes, o soberano Senhor vos dirigirá a palavra da parábola dos talentos: "Ó servo bom e fiel, entrai na alegria de vosso Senhor." Nessa parábola, o servo que enterra o dinheiro que lhe foi confiado não é a imagem dos avarentos, em cujas mãos a fortuna é improdutiva? Se, no entanto, Jesus fala principalmente das esmolas, é porque naquele tempo e no país onde ele vivia não se conheciam os trabalhos que as artes e a indústria criaram depois, e nos quais a fortuna pode ser empregada utilmente para o bem geral. A todos os que podem dar, pouco ou muito, direi pois: Dai esmola quando for necessário, mas, tanto quanto possível, convertei-a em salário, para que aquele que a recebe não se envergonhe dela.

Fénelon (Argel, 1860)

Desprendimento dos bens terrenos

14. Venho, meus irmãos, meus amigos, trazer o meu óbolo para vos ajudar a caminhar resolutamente no caminho de melhoria em que entrastes. Devemo-nos uns aos outros; somente por uma união sincera e fraterna entre Espíritos e encarnados a regeneração é possível.

O vosso amor pelos bens terrenos é um dos mais fortes entraves ao vosso adiantamento moral e espiritual; por esse apego à posse, despedaçais as vossas faculdades de amar, transferindo-as todas para as coisas materiais. Sede sinceros: a fortuna dá uma felicidade sem mistura? Quando os vossos cofres estão cheios, não há sempre um vazio no coração? No fundo dessa cesta de flores, não há sempre um réptil escondido? Compreendo que o homem que, por um trabalho assíduo e honrado, ganhou a fortuna, experimente uma satisfação, aliás muito justa; mas dessa satisfação, muito natural e que Deus

aprova, a um apego que absorve qualquer outro sentimento e paralisa os impulsos do coração, vai uma grande distância; tão grande quanto da avareza sórdida à prodigalidade exagerada, dois vícios entre os quais Deus colocou a caridade, santa e salutar virtude que ensina o rico a dar sem ostentação, para que o pobre receba sem baixeza.

Quer a fortuna vos venha da família, quer a tenhais ganho pelo trabalho, há uma coisa que nunca deveis esquecer: é que tudo vem de Deus e tudo volta a Deus. Nada vos pertence na Terra, nem mesmo o vosso pobre corpo: a morte vos despoja dele como de todos os bens materiais; sois depositários e não proprietários, não vos enganeis; Deus vos emprestou, deveis restituir, e ele vos empresta com a condição de que o supérfluo, ao menos, volte aos que não têm o necessário.

Um de vossos amigos vos empresta uma quantia; por pouco honestos que sejais, fazeis questão de consciência de lha devolver e lhe guardais gratidão. Pois bem, eis a posição de todo homem rico; Deus é o amigo celeste que lhe emprestou a riqueza; não pede para si senão o amor e a gratidão, mas exige que, por sua vez, o rico dê aos pobres, que são seus filhos com o mesmo direito que ele.

O bem que Deus vos confiou excita em vossos corações uma cobiça ardente e insensata; refletistes, quando vos apegais imoderadamente a uma fortuna perecível e passageira como vós, que virá um dia em que tereis de prestar contas ao Senhor daquilo que vem dele? Esqueceis que, pela riqueza, estais revestidos do caráter sagrado de ministros da caridade na Terra, para serdes os seus dispensadores inteligentes? Que sois, então, quando usais em vosso exclusivo proveito o que vos foi confiado, senão depositários infiéis? Que resulta desse esquecimento voluntário de vossos deveres? A morte inflexível, ine-

xorável, vem rasgar o véu sob o qual vos escondíeis e vos obriga a prestar contas ao próprio amigo que vos havia favorecido e que, nesse momento, se reveste para vós da toga de juiz.

É em vão que na Terra procurais iludir-vos a vós mesmos, dando o nome de virtude ao que muitas vezes não passa de egoísmo; que chamais economia e previdência ao que não passa de cupidez e avareza, ou generosidade ao que não passa de prodigalidade em vosso proveito. Um pai de família, por exemplo, se absterá de fazer a caridade, economizará, amontoará ouro sobre ouro, e isso, diz ele, para deixar aos filhos o máximo de bens possível e evitar que caiam na miséria; é muito justo e paternal, admito, e não se pode censurá-lo por isso; mas será esse sempre o único móvel que o guia? Não é muitas vezes um acordo com a própria consciência para justificar, a seus próprios olhos e aos olhos do mundo, o seu apego pessoal aos bens terrenos? Admito, contudo, que o amor paterno seja o seu único móvel; é isso motivo para esquecer os seus irmãos diante de Deus? Quando ele próprio já tem o supérfluo, deixará os filhos na miséria porque terão um pouco menos desse supérfluo? Não é dar-lhes uma lição de egoísmo e endurecer-lhes o coração? Não é sufocar neles o amor do próximo? Pais e mães, estais em grande erro se credes com isso aumentar a afeição de vossos filhos por vós; ensinando-lhes a ser egoístas para com os outros, ensinais-lhes a sê-lo para convosco mesmos.

Quando um homem trabalhou muito e, com o suor do rosto, juntou bens, ouvi-lo-eis muitas vezes dizer que, quando o dinheiro é ganho, conhece-se melhor o seu valor: nada é mais verdadeiro. Pois bem! que esse homem, que confessa conhecer todo o valor do dinheiro, faça a caridade segundo os seus meios, e terá mais mérito do que aquele que, nascido na abundância, ignora as rudes fadigas do trabalho. Mas se, ao contrário, esse mesmo homem, que se lembra de suas

penas, de seus trabalhos, for egoísta, duro para com os pobres, será bem mais culpado do que os outros; pois, quanto mais se conhecem por si mesmo as dores ocultas da miséria, mais se deve estar inclinado a aliviá-las nos outros.

Infelizmente, há sempre no homem que possui um sentimento tão forte quanto o apego à fortuna: o orgulho. Não é raro ver o novo-rico aturdir o infeliz que implora a sua assistência com o relato de seus trabalhos e de sua habilidade, em vez de socorrê-lo, e acabar por lhe dizer: "Fazei o que eu fiz." Segundo ele, a bondade de Deus em nada contribuiu para a sua fortuna; só a ele cabe todo o mérito; o seu orgulho lhe põe uma venda nos olhos e lhe tapa os ouvidos; ele não compreende que, com toda a sua inteligência e a sua destreza, Deus pode derrubá-lo com uma só palavra.

Esbanjar a fortuna não é desprendimento dos bens terrenos, é descuido e indiferença; o homem, depositário desses bens, não tem mais direito de dilapidá-los do que de confiscá-los em seu proveito; a prodigalidade não é generosidade, é muitas vezes uma forma de egoísmo; quem joga ouro às mancheias para satisfazer uma fantasia não daria um escudo para prestar um serviço. O desprendimento dos bens terrenos consiste em apreciar a fortuna em seu justo valor, em saber servir-se dela para os outros e não só para si, em não lhe sacrificar os interesses da vida futura, em perdê-la sem murmurar se aprouver a Deus retirá-la. Se, por reveses imprevistos, vos tornardes um outro Jó, dizei como ele: "Senhor, vós ma tínheis dado, vós ma tirastes; seja feita a vossa vontade." Eis o verdadeiro desprendimento. Sede submissos primeiro; tende fé naquele que, tendo-vos dado e tirado, pode restituir-vos; resisti com coragem ao abatimento, ao desespero, que paralisam a vossa força; não esqueçais jamais, quando Deus vos ferir, que ao lado da maior prova ele coloca sempre uma

consolação. Mas pensai sobretudo que há bens infinitamente mais preciosos que os da Terra, e esse pensamento vos ajudará a desprender-vos destes últimos. O pouco valor que se dá a uma coisa faz que se seja menos sensível à sua perda. O homem que se apega aos bens da Terra é como a criança que só vê o momento presente; aquele que não se prende a eles é como o adulto que vê coisas mais importantes, pois compreende estas palavras proféticas do Salvador: Meu reino não é deste mundo.

O Senhor não ordena que alguém se despoje do que possui para se reduzir a uma mendicidade voluntária, pois então se torna um peso para a sociedade; agir assim seria compreender mal o desprendimento dos bens terrenos; é um egoísmo de outro gênero, pois é libertar-se da responsabilidade que a fortuna faz pesar sobre quem a possui. Deus a dá a quem lhe apraz, para que a administre em proveito de todos; o rico tem, pois, uma missão, missão que pode tornar bela e proveitosa para si; rejeitar a fortuna quando Deus vo-la dá é renunciar ao benefício do bem que se pode fazer administrando-a com sabedoria. Saber passar sem ela quando não se tem, saber empregá-la utilmente quando se tem, saber sacrificá-la quando for necessário, é agir segundo os desígnios do Senhor. Aquele a quem acontecer o que no mundo se chama uma boa fortuna, que exclame: Meu Deus, vós me enviais um novo encargo; dai-me a força de cumpri-lo segundo a vossa santa vontade.

Eis, meus amigos, o que eu pretendia vos ensinar sobre o desprendimento dos bens terrenos; resumo-me dizendo: Sabei contentar-vos com pouco. Se sois pobres, não invejeis os ricos, pois a fortuna não é necessária à felicidade; se sois ricos, não esqueçais que esses bens vos são confiados e que tereis de justificar o seu emprego como numa prestação de contas de tutela. Não sejais depositários infiéis, fazen-

do-os servir à satisfação de vosso orgulho e de vossa sensualidade; não vos julgueis no direito de dispor unicamente para vós do que é apenas um empréstimo, e não uma dádiva. Se não sabeis restituir, já não tendes o direito de pedir; e lembrai-vos de que aquele que dá aos pobres salda a dívida que contraiu para com Deus.

Lacordaire (*Constantine*, 1863)

Transmissão da fortuna

15. O princípio em virtude do qual o homem é apenas o depositário da fortuna de que Deus lhe permite gozar durante a vida tira-lhe o direito de transmiti-la a seus descendentes?

O homem pode perfeitamente transmitir após a morte aquilo de que teve o gozo durante a vida, porque o efeito desse direito está sempre subordinado à vontade de Deus, que pode, quando quiser, impedir os seus descendentes de gozá-lo; é assim que se veem desmoronar as fortunas que parecem mais solidamente assentadas. A vontade do homem para manter a fortuna em sua linhagem é, pois, impotente, o que não lhe tira o direito de transmitir o empréstimo que recebeu, visto que Deus o retirará quando julgar conveniente.

São Luís (*Paris*, 1860)

Notas

1. Esta imagem ousada pode parecer um tanto forçada, pois não se vê que relação existe entre um camelo e uma agulha. Isso vem de que, em hebraico, a mesma palavra designava um cabo e um camelo. Na tradução deu-se a ela esta última acepção; é provável que a primeira fosse a que estava no pensamento de Jesus; ela é, pelo menos, mais natural.

CAPÍTULO XVII

Sede perfeitos

Caracteres da perfeição. O homem de bem. Os bons espíritas. Parábola da semente. Instruções dos Espíritos: O dever. A virtude. Os superiores e os inferiores. O homem no mundo. Cuidar do corpo e do espírito.

Caracteres da perfeição

1. *Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e vos caluniam; pois, se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis? Os publicanos não fazem também o mesmo? E, se saudais somente os vossos irmãos, que fazeis nisso a mais que os outros? Os pagãos não fazem também o mesmo? Sede, pois, vós outros, perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito.* (Mateus, 5:44, 46-48)

2. Uma vez que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta máxima: "Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito", tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir a perfeição absoluta. Se fosse dado à criatura ser tão perfeita quanto o Criador, ela se tornaria igual a ele, o que é inadmissível. Mas os homens a quem Jesus se dirigia não teriam compreendido essa nuance; ele se limita a apresentar-lhes um modelo e lhes diz que se esforcem por alcançá-lo.

É preciso, pois, entender por essas palavras a perfeição relativa, aquela de que a humanidade é capaz e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: "Amar os inimigos, fazer o bem aos que nos odeiam, orar pelos que nos perseguem." Mostra com isso que a essência da perfeição é a caridade em sua mais

ampla acepção, porque ela implica a prática de todas as outras virtudes.

Com efeito, se se observarem os resultados de todos os vícios, e mesmo dos simples defeitos, reconhecer-se-á que não há nenhum que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm o seu princípio no egoísmo e no orgulho, que são a sua negação; pois tudo o que superexcita o sentimento da personalidade destrói, ou pelo menos enfraquece, os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. O amor do próximo, levado até o amor dos inimigos, não podendo aliar-se a nenhum defeito contrário à caridade, é, por isso mesmo, sempre o indício de uma superioridade moral mais ou menos grande; daí resulta que o grau da perfeição está na razão da extensão desse amor; é por isso que Jesus, depois de ter dado a seus discípulos as regras da caridade no que ela tem de mais sublime, lhes diz: “Sede, pois, perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito.”

O homem de bem

3. O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza. Se interroga a consciência sobre os próprios atos, pergunta-se se não violou essa lei; se não fez o mal; se fez todo o bem que pôde; se negligenciou voluntariamente uma ocasião de ser útil; se ninguém tem do que se queixar dele; enfim, se fez a outrem tudo o que gostaria que lhe fizessem.

Tem fé em Deus, em sua bondade, em sua justiça e em sua sabedoria; sabe que nada acontece sem a sua permissão e submete-se em todas as coisas à sua vontade.

Tem fé no futuro; por isso coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações, e as aceita sem murmurar.

O homem penetrado do sentimento de caridade e de amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem esperar retribuição, paga o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte e sacrifica sempre o seu interesse à justiça.

Encontra a sua satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, nas pessoas que torna felizes, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que dá aos aflitos. Seu primeiro impulso é pensar nos outros antes de pensar em si, buscar o interesse dos outros antes do seu próprio. O egoísta, ao contrário, calcula os lucros e as perdas de toda ação generosa.

É bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque vê irmãos em todos os homens.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança o anátema aos que não pensam como ele.

Em todas as circunstâncias a caridade é o seu guia; diz a si mesmo que aquele que prejudica outrem com palavras malévolas, que fere a suscetibilidade de alguém com o seu orgulho e o seu desdém, que não recua diante da ideia de causar um desgosto, uma contrariedade, ainda que leve, quando pode evitá-la, falta ao dever do amor ao próximo e não merece a clemência do Senhor.

Não tem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só se lembra dos benefícios; pois sabe que lhe será perdoado assim como ele mesmo tiver perdoado.

É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que ele próprio precisa de indulgência, e lembra-se desta palavra do Cristo: Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra.

Não se compraz em procurar os defeitos dos outros nem em pô-los em evidência. Se a necessidade o obriga a isso, procura sempre o bem que pode atenuar o mal.

Estuda as suas próprias imperfeições e trabalha sem cessar para combatê-las. Todos os seus esforços tendem a poder dizer a si mesmo, no dia seguinte, que há nele algo de melhor do que na véspera.

Não procura fazer valer nem o seu espírito nem os seus talentos à custa dos outros; ao contrário, aproveita todas as ocasiões de fazer sobressair o que é vantajoso para os outros.

Não tira vaidade nem de sua fortuna nem de suas vantagens pessoais, porque sabe que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe retirado.

Usa, mas não abusa, dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que são um depósito do qual terá de prestar contas, e que o emprego mais prejudicial que deles pode fazer para si mesmo é fazê-los servir à satisfação de suas paixões.

Se a ordem social colocou homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa de sua autoridade para lhes elevar o moral, e não para os esmagar com o seu orgulho; evita tudo o que poderia tornar mais penosa a sua posição subalterna.

O subordinado, por sua vez, compreende os deveres de sua posição e faz questão de consciência de cumpri-los conscienciosamente. (Cap. XVII, nº 9.)

O homem de bem, enfim, respeita em seus semelhantes todos os direitos que as leis da natureza conferem, como gostaria que os respeitassem em relação a ele.

Esta não é a enumeração de todas as qualidades que distinguem o homem de bem, mas quem quer que se esforce por possuir estas está no caminho que conduz a todas as outras.

Os bons espíritas

4. O Espiritismo bem compreendido, mas sobretudo bem sentido, conduz forçosamente aos resultados acima, que caracterizam o verdadeiro espírita como o verdadeiro cristão, pois um e outro são uma só coisa. O Espiritismo não cria nenhuma moral nova; facilita aos homens a compreensão e a prática da moral do Cristo, dando uma fé sólida e esclarecida aos que duvidam ou vacilam.

Mas muitos dos que creem nos fatos das manifestações não lhes compreendem nem as consequências nem o alcance moral, ou, se os compreendem, não os aplicam a si mesmos. A que se deve isso? A uma falta de precisão da doutrina? Não, pois ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações; sua própria essência é a clareza, e é isso que faz a sua força, porque ela vai direto à inteligência. Nada tem de misterioso, e seus iniciados não possuem nenhum segredo oculto ao vulgo.

Será preciso, então, para compreendê-la, uma inteligência fora do comum? Não, pois veem-se homens de notória capacidade que não a compreendem, ao passo que inteligências comuns, e até jovens mal saídos da adolescência, lhe apreendem com admirável justeza as nuances mais delicadas. Isso vem de que a parte de certo modo material da ciência requer apenas olhos para observar, enquanto a parte es-

sencial exige certo grau de sensibilidade, que se pode chamar a maturidade do senso moral, maturidade independente da idade e do grau de instrução, porque é inerente ao desenvolvimento, num sentido especial, do Espírito encarnado.

Em alguns, os laços da matéria ainda são demasiado tenazes para permitir ao Espírito desprender-se das coisas da Terra; a névoa que os envolve lhes rouba a vista do infinito; por isso não rompem facilmente nem com os seus gostos nem com os seus hábitos, por não compreenderem algo melhor do que aquilo que têm; a crença nos Espíritos é para eles um simples fato, mas modifica pouco ou nada as suas tendências instintivas; numa palavra, veem apenas um raio da luz, insuficiente para os guiar e lhes dar uma aspiração poderosa, capaz de vencer as suas inclinações. Prendem-se mais aos fenômenos do que à moral, que lhes parece banal e monótona; pedem aos Espíritos que os iniciem sem cessar em novos mistérios, sem se perguntarem se se tornaram dignos de ser admitidos nos segredos do Criador. São os espíritas imperfeitos, alguns dos quais ficam pelo caminho ou se afastam de seus irmãos de crença, porque recuam diante da obrigação de se reformarem a si mesmos, ou então reservam as suas simpatias para os que partilham as suas fraquezas ou os seus preconceitos. Contudo, a aceitação do princípio da doutrina é um primeiro passo que lhes tornará o segundo mais fácil em outra existência.

Aquele que se pode, com razão, qualificar de verdadeiro e sincero espírita está num grau superior de adiantamento moral; o Espírito, que domina mais completamente a matéria, lhe dá uma percepção mais clara do futuro; os princípios da doutrina fazem vibrar nele fibras que permanecem mudas nos primeiros; numa palavra, ele é tocado no coração; por isso a sua fé é inabalável. Um é como o músico

que se comove com certos acordes, ao passo que outro só ouve sons. Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para dominar as suas más inclinações; enquanto um se compraz em seu horizonte limitado, o outro, que compreende algo melhor, esforça-se por desprender-se dele, e sempre o consegue quando tem a firme vontade.

Parábola da semente

5. *Nesse mesmo dia, Jesus, tendo saído de casa, sentou-se à beira-mar; e reuniu-se em torno dele uma grande multidão de povo; por isso subiu a uma barca, onde se sentou, ficando todo o povo na praia; e disse-lhes muitas coisas em parábolas, falando-lhes desta maneira:*

Aquele que semeia saiu a semear; e, enquanto semeava, uma parte da semente caiu ao longo do caminho, e as aves do céu vieram e a comeram.

Outra caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra; e logo brotou, porque a terra onde estava não tinha profundidade. Mas, tendo-se levantado o sol, ela foi queimada; e, como não tinha raiz, secou.

Outra caiu entre espinhos, e os espinhos, crescendo, a sufocaram.

Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto, rendendo alguns grãos cem por um, outros sessenta e outros trinta.

Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. (Mateus, 13:1-9)

Escutai, pois, vós outros, a parábola daquele que semeia.

Todo aquele que ouve a palavra do reino e não lhe dá atenção, vem o espírito maligno e arrebata o que fora semeado em seu coração; esse é o que recebeu a semente ao longo do caminho.

Aquele que recebe a semente no meio das pedras é o que ouve a palavra e a recebe na mesma hora com alegria; mas não tem raiz em si e dura apenas algum tempo; e, quando sobrevêm contrariedades e perseguições por causa da palavra, logo encontra nisso motivo de escândalo e de queda.

Aquele que recebe a semente entre os espinhos é o que ouve a palavra; mas depois as preocupações deste século e a ilusão das riquezas sufocam nele essa palavra e a tornam infrutífera.

Mas aquele que recebe a semente em boa terra é o que ouve a palavra, lhe dá atenção e produz fruto, e rende cem, ou sessenta, ou trinta por um. (Mateus, 13:18-23)

6. A parábola da semente representa perfeitamente as nuances que existem na maneira de aproveitar os ensinamentos do Evangelho. Quantas pessoas há, com efeito, para as quais ele não é mais que letra morta, que, semelhante à semente caída sobre a rocha, não produz fruto algum!

Ela encontra aplicação não menos justa nas diferentes categorias de espíritas. Não é ela o emblema daqueles que se prendem apenas aos fenômenos materiais e deles não tiram nenhuma consequência, porque só veem neles um objeto de curiosidade? daqueles que buscam nas comunicações dos Espíritos apenas o que é brilhante, e só se interessam por elas enquanto satisfazem a sua imaginação, mas que, depois de as terem ouvido, ficam tão frios e indiferentes como antes? dos que acham os conselhos muito bons e os admiram, mas os aplicam aos outros e não a si mesmos? daqueles, enfim, para quem essas instruções são como a semente caída em boa terra, e produzem frutos?

Instruções dos Espíritos

O dever

7. O dever é a obrigação moral, primeiro para consigo mesmo e depois para com os outros. O dever é a lei da vida; encontra-se nos mais ínfimos pormenores, assim como nos atos elevados. Quero falar aqui apenas do dever moral, e não daquele que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir, porque se encontra em antagonismo com as seduções do interesse e do coração; suas vitórias não têm testemunhas, e suas derrotas não têm repressão. O dever íntimo do homem é entregue ao seu livre-arbítrio; o aguilhão da consciência, essa guardiã da probidade interior, o adverte e o sustenta, mas ela fica muitas vezes impotente diante dos sofismas da paixão. O dever do coração, fielmente observado, eleva o homem; mas esse dever, como precisá-lo? Onde começa? onde termina? O dever começa precisamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou o sossego do vosso próximo; termina no limite que não gostaríeis de ver ultrapassado em relação a vós mesmos.

Deus criou todos os homens iguais para a dor; pequenos ou grandes, ignorantes ou esclarecidos, sofrem pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue com acerto o mal que pode fazer. O mesmo critério não existe para o bem, infinitamente mais variado em suas expressões. A igualdade diante da dor é uma sublime previdência de Deus, que quer que os seus filhos, instruídos pela experiência comum, não cometam o mal alegando ignorância de seus efeitos.

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta; é austero e flexível; pronto a dobrar-se às diversas complicações, permanece inflexí-

vel diante de suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais que às criaturas, e às criaturas mais que a si mesmo; é ao mesmo tempo juiz e escravo em sua própria causa.

O dever é o mais belo florão da razão; depende dela como o filho depende da mãe. O homem deve amar o dever, não porque ele preserva dos males da vida, aos quais a humanidade não pode subtrair-se, mas porque dá à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento.

O dever cresce e irradia sob uma forma mais elevada em cada uma das etapas superiores da humanidade; a obrigação moral jamais cessa da criatura para com Deus; ela deve refletir as virtudes do Eterno, que não aceita um esboço imperfeito, porque quer que a beleza de sua obra resplandeça diante dele.

Lázaro (Paris, 1863)

A virtude

8. A virtude, em seu mais alto grau, compreende o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caridoso, laborioso, sóbrio, modesto: essas são as qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, elas vêm muitas vezes acompanhadas de pequenas enfermidades morais que as desfiguram e as atenuam. Aquele que faz alarde de sua virtude não é virtuoso, visto que lhe falta a qualidade principal, a modéstia, e que tem o vício mais contrário a ela, o orgulho. A virtude verdadeiramente digna desse nome não gosta de se exibir; adivinha-se, mas ela se esconde na obscuridade e foge da admiração das multidões. São Vicente de Paulo era virtuoso; o digno cura d'Ars era virtuoso, e muitos outros pouco conhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses homens de bem ignoravam eles próprios que fossem virtuosos; deixavam-se le-

var pela corrente de suas santas inspirações e praticavam o bem com completo desinteresse e inteiro esquecimento de si mesmos.

É à virtude assim compreendida e praticada que vos convido, meus filhos; é a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita que vos exorto a vos consagrardes; mas afastai de vossos corações o pensamento do orgulho, da vaidade, do amor-próprio, que sempre desfiguram as mais belas qualidades. Não imiteis aquele homem que se apresenta como modelo e apregoa ele mesmo as suas próprias qualidades a todos os ouvidos complacentes. Essa virtude de ostentação esconde muitas vezes uma infinidade de pequenas torpezas e de odiosas covardias.

Em princípio, o homem que se exalta a si mesmo, que ergue uma estátua à sua própria virtude, anula, só por esse fato, todo o mérito efetivo que possa ter. Mas que direi daquele cujo único valor é parecer o que não é? Admito de bom grado que o homem que faz o bem sinta no fundo do coração uma satisfação íntima; mas, desde que essa satisfação se manifesta exteriormente para colher elogios, ela degenera em amor-próprio.

Ó vós todos, a quem a fé espírita aqueceu com os seus raios, e que sabeis quanto o homem está longe da perfeição, não caiais jamais em semelhante desvio. A virtude é uma graça que desejo a todos os espíritas sinceros; mas eu lhes direi: Mais vale menos virtudes com modéstia do que muitas com orgulho. Foi pelo orgulho que as humanidades sucessivas se perderam; é pela humildade que elas devem um dia resgatar-se.

François-Nicolas-Madeleine (Paris, 1863)

Os superiores e os inferiores

9. A autoridade, assim como a fortuna, é uma delegação da qual será pedida conta àquele que dela está investido; não creiais que lhe seja dada para lhe proporcionar o vão prazer de mandar, nem, como erroneamente creem a maioria dos poderosos da Terra, como um direito, uma propriedade. Deus, no entanto, lhes prova suficientemente que não é nem uma coisa nem outra, pois a retira quando lhe apraz. Se fosse um privilégio ligado à sua pessoa, ela seria inalienável. Ninguém pode, pois, dizer que uma coisa lhe pertence quando ela lhe pode ser tirada sem o seu consentimento. Deus dá a autoridade a título de missão ou de prova quando lhe convém, e a retira do mesmo modo.

Quem quer que seja depositário da autoridade, qualquer que seja a sua extensão, desde o patrão sobre o seu empregado até o soberano sobre o seu povo, não deve dissimular a si mesmo que tem almas a seu cargo; responderá pela boa ou pela má direção que tiver dado a seus subordinados, e as faltas que estes possam cometer, os vícios a que forem arrastados em consequência dessa direção ou dos maus exemplos, recairão sobre ele, ao passo que colherá os frutos de sua solicitude em conduzi-los ao bem. Todo homem tem na Terra uma missão pequena ou grande; qualquer que seja, é sempre dada para o bem; falseá-la em seu princípio é, portanto, falhar nela.

Se Deus pergunta ao rico: Que fizeste da fortuna que devia ser em tuas mãos uma fonte a espalhar a fecundidade por toda parte ao redor? perguntará àquele que possui uma autoridade qualquer: Que uso fizeste dessa autoridade? que mal impediste? que progresso fizeste realizar? Se te dei subordinados, não foi para fazeres deles escravos de tua vontade, nem instrumentos dóceis de teus caprichos

ou de tua cupidez; fiz-te forte e confiei-te fracos para que os sustentasses e os ajudasses a subir até mim.

O superior que está penetrado das palavras do Cristo não despreza nenhum dos que estão abaixo dele, porque sabe que as distinções sociais não estabelecem distinções diante de Deus. O Espiritismo lhe ensina que, se hoje eles lhe obedecem, podem ter-lhe dado ordens ou poderão dar-lhe ordens mais tarde, e que então ele será tratado como os tiver tratado.

Se o superior tem deveres a cumprir, o inferior, por seu lado, tem os seus, que não são menos sagrados. Se este último é espírita, a sua consciência lhe dirá ainda melhor que não está dispensado deles, mesmo que o seu chefe não cumpra os dele, porque sabe que não se deve pagar o mal com o mal e que as faltas de uns não autorizam as faltas dos outros. Se sofre com a sua posição, diz a si mesmo que sem dúvida a mereceu, porque talvez ele próprio tenha abusado outrora de sua autoridade, e deve sentir por sua vez os inconvenientes do que fez os outros sofrerem. Se é forçado a suportar essa posição, por não encontrar outra melhor, o Espiritismo lhe ensina a resignar-se a ela como a uma prova para a sua humildade, necessária ao seu adiantamento. A sua crença o guia em sua conduta; ele age como gostaria que os seus subordinados agissem para com ele se fosse chefe. Por isso mesmo é mais escrupuloso no cumprimento de suas obrigações, pois compreende que toda negligência no trabalho que lhe é confiado é um prejuízo para aquele que o remunera e a quem deve o seu tempo e os seus cuidados; numa palavra, é solicitado pelo sentimento do dever que a sua fé lhe dá e pela certeza de que todo desvio do caminho reto é uma dívida que será preciso pagar cedo ou tarde.

François-Nicolas-Madeleine, cardeal Morlot (Paris, 1863)

O homem no mundo

10. Um sentimento de piedade deve sempre animar o coração dos que se reúnem sob os olhos do Senhor e imploram a assistência dos bons Espíritos. Purificai, pois, os vossos corações; não deixeis que neles permaneça nenhum pensamento mundano ou fútil; elevai o vosso espírito para aqueles que chamais, a fim de que, encontrando em vós as disposições necessárias, possam lançar em profusão a semente que deve germinar em vossos corações e neles produzir frutos de caridade e de justiça.

Não penseis, entretanto, que, incitando-vos sem cessar à prece e à evocação mental, vos estejamos convidando a viver uma vida mística que vos mantenha fora das leis da sociedade em que estais condenados a viver. Não; vivei com os homens de vossa época, como devem viver homens; sacrificai às necessidades, e até às frivolidades do dia, mas sacrificai a elas com um sentimento de pureza que as possa santificar.

Sois chamados a estar em contato com espíritos de naturezas diferentes, com caracteres opostos: não choqueis nenhum daqueles com quem vos encontrais. Sede alegres, sede felizes, mas com a alegria que dá uma boa consciência, com a felicidade do herdeiro do céu que conta os dias que o aproximam de sua herança.

A virtude não consiste em assumir um aspecto severo e lúgubre, em repelir os prazeres que as vossas condições humanas permitem; basta referir todos os atos da vida ao Criador que deu essa vida; basta, quando se começa ou se termina uma obra, elevar o pensamento a esse Criador e pedir-lhe, num impulso da alma, ou a sua proteção para o bom êxito, ou a sua bênção para a obra concluída. O que quer que façais, remontai à fonte de todas as coisas; nunca façais nada

sem que a lembrança de Deus venha purificar e santificar os vossos atos.

A perfeição está inteiramente, como disse o Cristo, na prática da caridade absoluta; mas os deveres da caridade estendem-se a todas as posições sociais, desde a menor até a maior. O homem que vivesse sozinho não teria caridade a exercer; é somente no contato com os seus semelhantes, nas lutas mais penosas, que encontra ocasião para isso. Aquele, pois, que se isola priva-se voluntariamente do mais poderoso meio de aperfeiçoamento; tendo de pensar apenas em si, a sua vida é a de um egoísta. (Cap. V, nº 26.)

Não imagineis, pois, que, para viver em comunicação constante conosco, para viver sob o olhar do Senhor, seja preciso vestir o cilício e cobrir-se de cinzas; não, não, mais uma vez; sede felizes segundo as necessidades da humanidade, mas que na vossa felicidade nunca entre um pensamento ou um ato que possa ofendê-lo, ou fazer velar o rosto daqueles que vos amam e vos dirigem. Deus é amor e abençoa os que amam santamente.

Um Espírito protetor (Bordeaux, 1863)

Cuidar do corpo e do espírito

11. A perfeição moral consiste na maceração do corpo? Para resolver esta questão, apoio-me nos princípios elementares, e começo por demonstrar a necessidade de cuidar do corpo, que, conforme as alternâncias de saúde e de doença, influi de maneira muito importante sobre a alma, que se deve considerar como cativa na carne. Para que essa prisioneira viva, se expanda e conceba até mesmo as ilusões da liberdade, o corpo deve ser são, disposto, vigoroso. Prossigamos a comparação: eis, pois, ambos em perfeito estado; que devem fazer

para manter o equilíbrio entre as suas aptidões e as suas necessidades tão diferentes? Aqui dois sistemas estão em presença: o dos ascetas, que querem abater o corpo, e o dos materialistas, que querem rebaixar a alma; duas violências quase tão insensatas uma quanto a outra. Ao lado desses grandes partidos formiga a numerosa tribo dos indiferentes, que, sem convicção e sem paixão, amam com tibieza e gozam com economia. Onde está, pois, a sabedoria? Onde está a ciência de viver? Em parte alguma; e esse grande problema ficaria inteiramente por resolver se o Espiritismo não viesse em auxílio dos que buscam, demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma, e dizendo que, uma vez que são necessários um ao outro, é preciso cuidar de ambos. Amai, pois, a vossa alma, mas cuidai também do corpo, instrumento da alma; desconhecer as necessidades indicadas pela própria natureza é desconhecer a lei de Deus. Não o castigueis pelas faltas que o vosso livre-arbítrio o fez cometer, e pelas quais ele é tão irresponsável quanto o cavalo mal conduzido o é pelos acidentes que causa. Sereis acaso mais perfeitos se, martirizando o corpo, não deixardes de ser egoístas, orgulhosos e pouco caridosos para com o vosso próximo? Não, a perfeição não está aí; está inteiramente nas reformas que fizerdes o vosso Espírito sofrer; dobrai-o, submetei-o, humilhai-o, mortificai-o: é esse o meio de torná-lo dócil à vontade de Deus, e o único que conduz à perfeição.

Georges, Espírito protetor (Paris, 1863)

CAPÍTULO XVIII

Muitos os chamados e poucos os escolhidos

Parábola do festim de núpcias. A porta estreita. Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus. Muito se pedirá àquele que muito recebeu. Instruções dos Espíritos: Dar-se-á àquele que tem. Reconhece-se o cristão por suas obras.

Parábola do festim de núpcias

1. Jesus, falando ainda em parábola, disse-lhes:

O reino dos céus é semelhante a um rei que, querendo celebrar as núpcias de seu filho, enviou seus servos para chamar às núpcias os que nelas haviam sido convidados; mas eles se recusaram a vir. Enviou ainda outros servos, com ordem de dizer de sua parte aos convidados: Preparei o meu banquete; mandei matar os meus bois e tudo o que tinha mandado engordar; tudo está pronto, vinde às núpcias. Mas eles, sem se importarem com isso, foram-se, um para a sua casa de campo e outro para o seu negócio. Os outros agarraram os seus servos e os mataram, depois de lhes terem feito vários ultrajes. O rei, tendo sabido disso, encheu-se de cólera e, tendo enviado os seus exércitos, exterminou aqueles assassinos e incendiou a sua cidade.

Então disse a seus servos: O festim de núpcias está pronto; mas os que nele haviam sido chamados não foram dignos dele. Ide, pois, às encruzilhadas e chamai às núpcias todos os que encontrardes. Seus servos, saindo então pelas ruas, reuniram todos os que encontraram, bons e maus; e a sala de núpcias ficou cheia de pessoas que se puseram à mesa.

O rei entrou em seguida para ver os que estavam à mesa e, tendo avistado ali um homem que não estava vestido com a veste nupcial, disse-lhe: Meu amigo, como entrastes aqui sem ter a veste nupcial? E esse homem ficou mudo. Então o rei disse aos seus servidores: Atai-lhe as mãos e os pés e lançai-o nas trevas exteriores: ali haverá choro e ranger de dentes; pois muitos são os chamados e poucos os escolhidos. (Mateus, 22:1-14)

2. O incrédulo sorri desta parábola, que lhe parece de uma ingenuidade pueril, pois não compreende que se possa fazer tanta dificuldade para assistir a um festim, e menos ainda que convidados levem a resistência a ponto de massacrar os enviados do dono da casa. "As parábolas", diz ele, "são sem dúvida figuras, mas ainda assim é preciso que não saiam dos limites do verossímil."

O mesmo se pode dizer de todas as alegorias, das fábulas mais engenhosas, se não as despojarmos de seu invólucro para buscar-lhes o sentido oculto. Jesus tirava as suas dos costumes mais comuns da vida e as adaptava aos hábitos e ao caráter do povo a quem falava; a maioria tem por objetivo fazer penetrar nas massas a ideia da vida espiritual; seu sentido muitas vezes só parece ininteligível porque não se parte desse ponto de vista.

Nesta parábola, Jesus compara o reino dos céus, onde tudo é alegria e felicidade, a um festim. Pelos primeiros convidados, faz alusão aos hebreus, que Deus havia chamado em primeiro lugar ao conhecimento de sua lei. Os enviados do senhor são os profetas, que vinham exortá-los a seguir o caminho da verdadeira felicidade; mas as suas palavras eram pouco ouvidas, as suas advertências eram desprezadas; muitos deles foram até massacrados, como os servos da parábola. Os convidados que se escusam alegando os cuidados a dar a seus campos e a seus negócios são o emblema das pessoas do mundo que, absorvidas pelas coisas terrenas, são indiferentes às coisas celestes.

Era uma crença dos judeus de então que a sua nação devia adquirir a supremacia sobre todas as outras. Deus não havia, com efeito, prometido a Abraão que a sua posteridade cobriria toda a Terra? Mas, tomando sempre a forma pelo fundo, eles acreditavam numa dominação efetiva e material.

Antes da vinda do Cristo, com exceção dos hebreus, todos os povos eram idólatras e politeístas. Se alguns homens superiores ao vulgo conceberam a ideia da unidade divina, essa ideia ficou no estado de sistema pessoal, mas em parte alguma foi aceita como verdade fundamental, a não ser por alguns iniciados que ocultavam os seus conhecimentos sob um véu misterioso, impenetrável às massas. Os hebreus foram os primeiros a praticar publicamente o monoteísmo; foi a eles que Deus transmitiu a sua lei, primeiro por Moisés, depois por Jesus; foi desse pequeno foco que partiu a luz que devia espalhar-se pelo mundo inteiro, triunfar do paganismo e dar a Abraão uma posteridade espiritual "tão numerosa quanto as estrelas do firmamento". Mas os judeus, embora repelindo a idolatria, haviam negligenciado a lei moral para se apegarem à prática mais fácil das formas exteriores. O mal estava no auge; a nação, subjugada, era dilacerada pelas facções, dividida pelas seitas; a própria incredulidade havia penetrado até no santuário. Foi então que apareceu Jesus, enviado para chamá-los à observância da lei e abrir-lhes os horizontes novos da vida futura; convidados em primeiro lugar para o grande banquete da fé universal, eles repeliram a palavra do Messias celeste e o fizeram perecer; foi assim que perderam o fruto que teriam colhido de sua iniciativa.

Seria injusto, todavia, acusar o povo inteiro desse estado de coisas; a responsabilidade cabe principalmente aos fariseus e aos saduceus, que perderam a nação, uns pelo orgulho e pelo fanatismo, os outros

pela incredulidade. São sobretudo eles que Jesus compara aos convidados que se recusam a ir ao banquete de núpcias. Depois acrescenta: "O Senhor, vendo isso, mandou convidar todos os que se encontraram nas encruzilhadas, bons e maus"; com isso queria dizer que a palavra ia ser pregada a todos os outros povos, pagãos e idólatras, e que estes, aceitando-a, seriam admitidos ao festim no lugar dos primeiros convidados.

Mas não basta ser convidado; não basta ter o nome de cristão, nem sentar-se à mesa, para tomar parte no banquete celeste; é preciso, antes de tudo e como condição expressa, estar vestido com a veste nupcial, isto é, ter a pureza do coração e praticar a lei segundo o espírito; ora, essa lei está inteiramente nestas palavras: Fora da caridade não há salvação. Mas, entre todos os que ouvem a palavra divina, quão poucos a guardam e a aproveitam! Quão poucos se tornam dignos de entrar no reino dos céus! É por isso que Jesus diz: Haverá muitos chamados e poucos escolhidos.

A porta estreita

3. *Entrai pela porta estreita, porque a porta da perdição é larga e o caminho que a ela conduz é espaçoso, e muitos são os que entram por ela. Quão pequena é a porta da vida! quão estreito é o caminho que a ela conduz! e quão poucos são os que o encontram!* (Mateus, 7:13-14)

4. *Tendo-lhe alguém feito esta pergunta: Senhor, serão poucos os que se salvam? Ele lhes respondeu: Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos asseguro que muitos procurarão entrar e não o conseguirão. E, quando o pai de família tiver entrado e fechado a porta, e vós, estando do lado de fora, começardes a bater, dizendo: Senhor, abri-nos, ele vos responderá: Não sei de onde sois. Então começareis a dizer: Comemos e*

bebemos em vossa presença, e ensinastes em nossas praças públicas. E ele vos responderá: Não sei de onde sois; afastai-vos de mim, todos vós que praticais a iniquidade.

Então haverá choro e ranger de dentes, quando virdes que Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas estarão no reino de Deus, e que vós outros sereis lançados fora. Virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, os que terão lugar no festim do reino de Deus. Então os que são os últimos serão os primeiros, e os que são os primeiros serão os últimos. (Lucas, 13:23-30)

5. A porta da perdição é larga porque as más paixões são numerosas e o caminho do mal é frequentado pelo maior número. A da salvação é estreita porque o homem que quer transpô-la deve fazer grandes esforços sobre si mesmo para vencer as suas más tendências, e poucos se resignam a isso; é o complemento da máxima: Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.

Tal é o estado atual da humanidade terrena, porque, sendo a Terra um mundo de expiação, o mal nela domina; quando ela estiver transformada, o caminho do bem será o mais frequentado. Essas palavras devem, pois, ser entendidas no sentido relativo, e não no sentido absoluto. Se esse devesse ser o estado normal da humanidade, Deus teria voluntariamente votado à perdição a imensa maioria de suas criaturas; suposição inadmissível, desde que se reconheça que Deus é todo justiça e todo bondade.

Mas de que delitos essa humanidade se poderia ter tornado culpada para merecer uma sorte tão triste, em seu presente e em seu futuro, se ela estivesse toda confinada na Terra e se a alma não tivesse tido outras existências? Por que tantos entraves semeados em seu caminho? Por que essa porta tão estreita, que só ao menor número é dado

transpor, se a sorte da alma é fixada para sempre após a morte? É assim que, com a unicidade da existência, se está incessantemente em contradição consigo mesmo e com a justiça de Deus. Com a anterioridade da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se alarga; a luz se faz sobre os pontos mais obscuros da fé; o presente e o futuro são solidários com o passado; só então se pode compreender toda a profundidade, toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.

Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus

6. *Nem todos os que me dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus; mas somente entrará aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor! Senhor! não profetizamos em vosso nome? não expulsamos os demônios em vosso nome, e não fizemos muitos milagres em vosso nome? E então eu lhes direi abertamente: Afastai-vos de mim, vós que praticais obras de iniquidade.* (Mateus, 7:21-23)

7. *Todo aquele, pois, que ouve estas palavras que digo e as pratica será comparado a um homem sábio que construiu a sua casa sobre a rocha; e, quando a chuva caiu, os rios transbordaram, os ventos sopraram e vieram lançar-se contra essa casa, ela não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. Mas todo aquele que ouve estas palavras que digo e não as pratica será semelhante a um homem insensato que construiu a sua casa sobre a areia; e, quando a chuva caiu, os rios transbordaram, os ventos sopraram e vieram lançar-se contra essa casa, ela foi derrubada, e grande foi a sua ruína.* (Mateus, 7:24-27; Lucas, 6:46-49)

8. *Aquele, pois, que violar um desses menores mandamentos e ensinar os homens a violá-los será considerado o último no reino dos céus; mas aquele que os praticar e ensinar será grande no reino dos céus.* (Mateus, 5:19)

9. Todos os que confessam a missão de Jesus dizem: Senhor! Senhor! Mas de que serve chamá-lo Mestre ou Senhor, se não se seguem os seus preceitos? São cristãos os que o honram com atos exteriores de devoção e, ao mesmo tempo, sacrificam ao orgulho, ao egoísmo, à cupidez e a todas as suas paixões? São seus discípulos os que passam os dias em orações e não se tornam por isso nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com os seus semelhantes? Não, pois, como os fariseus, têm a prece nos lábios e não no coração. Com a forma, podem iludir os homens, mas não a Deus. É em vão que dirão a Jesus: "Senhor, profetizamos, isto é, ensinamos em vosso nome; expulsamos os demônios em vosso nome; bebemos e comemos convosco"; ele lhes responderá: "Não sei quem sois; afastai-vos de mim, vós que cometeis iniquidades, vós que desmentis as vossas palavras com as vossas ações, que caluniais o vosso próximo, que espoliais as viúvas e cometeis adultério; afastai-vos de mim, vós cujo coração destila o ódio e o fel, vós que derramais o sangue de vossos irmãos em meu nome, que fazeis correr lágrimas em vez de enxugá-las. Para vós haverá choro e ranger de dentes, pois o reino de Deus é para os que são mansos, humildes e caridosos. Não espereis dobrar a justiça do Senhor pela multiplicidade de vossas palavras e de vossas genuflexões; o único caminho que vos está aberto para encontrar graça diante dele é a prática sincera da lei de amor e de caridade."

As palavras de Jesus são eternas, porque são a verdade. São não somente a salvaguarda da vida celeste, mas o penhor da paz, da tran-

quilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrena; é por isso que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nessas palavras serão estáveis como a casa construída sobre a rocha; os homens as conservarão, porque nelas encontrarão a sua felicidade; mas as que forem a sua violação serão como a casa construída sobre a areia: o vento das revoluções e o rio do progresso as levarão.

Muito se pedirá àquele que muito recebeu

10. *O servo que tiver conhecido a vontade de seu senhor e, no entanto, não se tiver mantido pronto e não tiver feito o que ele desejava dele, será duramente castigado; mas aquele que não tiver conhecido a sua vontade e tiver feito coisas dignas de castigo será menos castigado. Muito se pedirá àquele a quem muito se tiver dado, e mais contas se exigirão daquele a quem mais coisas se tiverem confiado.* (Lucas, 12:47-48)

11. *Vim a este mundo para exercer um julgamento, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem se tornem cegos. Alguns fariseus que estavam com ele ouviram estas palavras e lhe disseram: Somos nós também cegos? Jesus lhes respondeu: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas agora dizeis que vedes, e é por isso que o vosso pecado permanece em vós.* (João, 9:39-41)

12. Estas máximas encontram sobretudo a sua aplicação no ensino dos Espíritos. Quem quer que conheça os preceitos do Cristo é certamente culpado de não os praticar; mas, além de o Evangelho que os contém só estar difundido entre as seitas cristãs, quantas pessoas há, entre estas, que não o leem, e, entre as que o leem, quantas há que não o compreendem! Daí resulta que as próprias palavras de Jesus se perdem para o maior número.

O ensino dos Espíritos, que reproduz essas máximas sob diferentes formas, que as desenvolve e as comenta para pô-las ao alcance de todos, tem de particular o fato de não ser circunscrito, e de que cada um, letrado ou iletrado, crente ou incrédulo, cristão ou não, pode recebê-lo, visto que os Espíritos se comunicam em toda parte; nenhum dos que o recebem, diretamente ou por intermédio de outrem, pode alegar ignorância; não pode escusar-se nem com a sua falta de instrução nem com a obscuridade do sentido alegórico. Aquele, pois, que não as aproveita para a sua melhoria, que as admira como coisas interessantes e curiosas sem que o seu coração seja tocado, que não se torna por isso nem menos vaidoso, nem menos orgulhoso, nem menos egoísta, nem menos apegado aos bens materiais, nem melhor para com o seu próximo, é tanto mais culpado quanto mais meios tem de conhecer a verdade.

Os médiuns que obtêm boas comunicações são ainda mais repreensíveis por persistirem no mal, porque muitas vezes escrevem a sua própria condenação e porque, se não estivessem cegos pelo orgulho, reconheceriam que é a eles que os Espíritos se dirigem. Mas, em vez de tomarem para si as lições que escrevem, ou que veem escrever, o seu único pensamento é aplicá-las aos outros, realizando assim esta palavra de Jesus: “Vedes um cisco no olho de vosso vizinho e não vedes a trave que está no vosso.” (Cap. X, nº 9.)

Por esta outra palavra: “Se fôsseis cegos, não teríeis pecado”, Jesus quer dizer que a culpabilidade está na razão das luzes que se possuem; ora, os fariseus, que tinham a pretensão de ser, e que eram de fato, a parte mais esclarecida da nação, eram mais repreensíveis aos olhos de Deus do que o povo ignorante. O mesmo acontece hoje.

Aos espíritas, portanto, muito será pedido, porque muito receberam; mas também àqueles que tiverem aproveitado muito será dado.

O primeiro pensamento de todo espírita sincero deve ser procurar, nos conselhos dados pelos Espíritos, se não há alguma coisa que lhe possa dizer respeito.

O Espiritismo vem multiplicar o número dos chamados; pela fé que dá, multiplicará também o número dos escolhidos.

Instruções dos Espíritos

Dar-se-á àquele que tem

13. *Aproximando-se os seus discípulos, disseram-lhe: Por que lhes falais em parábolas? E ele, respondendo-lhes, disse: É porque a vós outros foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não foi dado. Pois a quem já tem, dar-se-á ainda mais, e ele estará na abundância; mas àquele que não tem, tirar-se-á até mesmo o que tem. É por isso que lhes falo em parábolas: porque, vendo, não veem, e, ouvindo, não ouvem nem compreendem. E cumpre-se neles a profecia de Isaías, quando diz: Ouvireis com os vossos ouvidos e não entendereis; olhareis com os vossos olhos e não vereis.* (Mateus, 13:10-14)

14. *Prestai bem atenção ao que ouvis; pois se usará para convosco a mesma medida de que vos tiverdes servido para com os outros, e vos será dado ainda mais; pois a quem já tem, dar-se-á, e àquele que não tem, tirar-se-á até mesmo o que tem.* (Marcos, 4:24-25)

15. “Dá-se a quem já tem e tira-se a quem não tem”; meditai estes grandes ensinamentos, que muitas vezes vos pareceram paradoxais. Aquele que recebeu é aquele que possui o sentido da palavra divina; só recebeu porque procurou tornar-se digno dela, e porque o Senhor, em seu amor misericordioso, encoraja os esforços que tendem ao bem. Esses esforços sustentados, perseverantes, atraem as graças

do Senhor; são um ímã que chama a si o melhor progressivo, as graças abundantes que vos tornam fortes para escalar a montanha santa, em cujo cume está o repouso após o trabalho.

“Tira-se àquele que nada tem, ou que tem pouco”; tomai isto como uma oposição figurada. Deus não retira de suas criaturas o bem que se dignou fazer-lhes. Homens cegos e surdos! abri as vossas inteligências e os vossos corações; vede pelo vosso espírito; ouvi pela vossa alma, e não interpreteis de maneira tão grosseiramente injusta as palavras daquele que fez resplandecer aos vossos olhos a justiça do Senhor. Não é Deus que retira daquele que pouco havia recebido; é o próprio Espírito que, pródigo e descuidado, não sabe conservar o que tem e aumentar, fecundando-o, o óbolo caído em seu coração.

Aquele que não cultiva o campo que o trabalho de seu pai lhe ganhou e que ele herda vê esse campo cobrir-se de ervas parasitas. É o seu pai que lhe toma de volta as colheitas que ele não quis preparar? Se deixou mofar, por falta de cuidado, as sementes destinadas a produzir nesse campo, deve acusar o pai se elas nada produzem? Não, não; em vez de acusar de retomar os seus dons aquele que tudo havia preparado para ele, que acuse o verdadeiro autor de suas misérias, e que então, arrependido e ativo, se ponha à obra com coragem; que quebre o solo ingrato pelo esforço de sua vontade; que o lavre até o coração com o auxílio do arrependimento e da esperança; que nele lance com confiança a semente que tiver escolhido boa entre as más; que a regue com o seu amor e a sua caridade, e Deus, o Deus de amor e de caridade, dará àquele que já recebeu. Então ele verá os seus esforços coroados de êxito, e um grão produzir cem, e outro mil. Coragem, lavradores; tomai as vossas grades e os vossos arados; lavrai os vossos corações; arrancai deles o joio; semeai neles o bom grão que o Se-

nhor vos confia, e o orvalho do amor lhe fará produzir frutos de caridade.

Um Espírito amigo (*Bordeaux*, 1862)

Reconhece-se o cristão por suas obras

16. "Nem todos os que me dizem: Senhor, Senhor, entrarão no reino dos céus, mas somente aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus."

Escutai esta palavra do Mestre, todos vós que repelis a doutrina espírita como uma obra do demônio. Abri os vossos ouvidos; chegou o momento de ouvir.

Basta usar a libré do Senhor para ser um servo fiel? Basta dizer: "Sou cristão" para seguir o Cristo? Procurai os verdadeiros cristãos e os reconhecereis por suas obras. "Uma boa árvore não pode dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos." "Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo." Eis as palavras do Mestre; discípulos do Cristo, compreendei-as bem. Quais são os frutos que deve dar a árvore do cristianismo, árvore possante cujos ramos frondosos cobrem com a sua sombra uma parte do mundo, mas ainda não abrigaram todos os que devem reunir-se em torno dela? Os frutos da árvore da vida são frutos de vida, de esperança e de fé. O cristianismo, tal como o fizeram há muitos séculos, prega sempre essas divinas virtudes; procura espalhar os seus frutos, mas quão poucos os colhem! A árvore continua boa, mas os jardineiros são maus. Quiseram moldá-la à sua ideia; quiseram modelá-la segundo as suas necessidades; podaram-na, encolheram-na, mutilaram-na; os seus ramos estéreis não dão maus frutos, mas já não dão fruto algum. O viajante sedento que se detém à sua sombra para procurar o fruto de

esperança que lhe deve restituir a força e a coragem só vê ramos áridos, que fazem pressentir a tempestade. Em vão pede o fruto da vida à árvore da vida: as folhas caem ressequidas; a mão do homem tanto as manuseou que as queimou!

Abri, pois, os vossos ouvidos e os vossos corações, meus bem-amados! Cultivai essa árvore da vida, cujos frutos dão a vida eterna. Aquele que a plantou vos convida a tratá-la com amor, e a vereis ainda dar com abundância os seus frutos divinos. Deixai-a tal como o Cristo vo-la deu: não a mutileis; a sua sombra imensa quer estender-se sobre o universo: não lhe encurteis os ramos. Os seus frutos benfazejos caem em abundância para sustentar o viajante sedento que quer alcançar o objetivo; não os junteis, esses frutos, para os trancar e deixar apodrecer, a fim de que não sirvam a ninguém. "Muitos são os chamados e poucos os escolhidos"; é que há açambarcadores do pão da vida, como muitas vezes os há do pão material. Não vos coloqueis nesse número; a árvore que dá bons frutos deve distribuí-los a todos. Ide, pois, procurar os que têm sede; trazei-os para debaixo dos ramos da árvore e reparti com eles o abrigo que ela vos oferece. "Não se colhem uvas nos espinheiros." Meus irmãos, afastai-vos, pois, daqueles que vos chamam para vos apresentar os abrolhos do caminho, e segui os que vos conduzem à sombra da árvore da vida.

O divino Salvador, o justo por excelência, o disse, e as suas palavras não passarão: "Nem todos os que me dizem: Senhor, Senhor, entrarão no reino dos céus, mas somente os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus."

Que o Senhor de bênção vos abençoe; que o Deus de luz vos ilumine; que a árvore da vida derrame sobre vós os seus frutos com abundância! Crede e orai.

Simeão (Bordeaux, 1863)

CAPÍTULO XIX

A fé transporta montanhas

Poder da fé. A fé religiosa. Condição da fé inabalável. Parábola da figueira seca. Instruções dos Espíritos: A fé, mãe da esperança e da caridade. A fé divina e a fé humana.

Poder da fé

1. *Quando ele chegou junto ao povo, aproximou-se dele um homem que se lançou de joelhos a seus pés e lhe disse: Senhor, tende piedade de meu filho, que é lunático e sofre muito, pois cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água. Eu o apresentei a vossos discípulos, mas eles não puderam curá-lo. E Jesus respondeu, dizendo: Ó raça incrédula e depravada, até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-me aqui esse menino. E, tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que ficou curado no mesmo instante. Então os discípulos vieram ter com Jesus em particular e lhe disseram: Por que nós não pudemos expulsar esse demônio? Jesus lhes respondeu: É por causa da vossa incredulidade. Pois em verdade vos digo: se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daqui para lá, e ela se transportaria, e nada vos seria impossível.* (Mateus, 17:14-19)

2. No sentido próprio, é certo que a confiança nas próprias forças torna alguém capaz de executar coisas materiais que não se consegue fazer quando se duvida de si; mas aqui é unicamente no sentido moral que se devem entender essas palavras. As montanhas que a fé remove são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, que se encontram entre os homens, mesmo quando se trata das melhores coisas; os preconceitos da rotina, o interesse material, o

egoísmo, a cegueira do fanatismo, as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho de quem quer que trabalhe pelo progresso da humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem vencer os obstáculos, tanto nas pequenas coisas como nas grandes; a fé vacilante dá a incerteza, a hesitação, de que se aproveitam aqueles a quem se quer combater; ela não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.

3. Em outra acepção, chama-se fé à confiança que se tem na realização de uma coisa, à certeza de atingir um objetivo; ela dá uma espécie de lucidez que faz ver, em pensamento, a meta para a qual se tende e os meios de alcançá-la, de modo que quem a possui caminha, por assim dizer, com segurança. Num e noutro caso, ela pode fazer realizar grandes coisas.

A fé sincera e verdadeira é sempre calma; dá a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, está certa de chegar; a fé duvidosa sente a própria fraqueza; quando é estimulada pelo interesse, torna-se furiosa e julga suprir a força pela violência. A calma na luta é sempre sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, é prova de fraqueza e de dúvida de si mesmo.

4. É preciso guardar-se de confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé alia-se à humildade; quem a possui põe sua confiança em Deus mais do que em si mesmo, porque sabe que, simples instrumento da vontade de Deus, nada pode sem ele; é por isso que os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos fracassos que lhe são infligidos.

5. O poder da fé recebe uma aplicação direta e especial na ação magnética; por ela o homem atua sobre o fluido, agente universal; modifica-lhe as qualidades e lhe dá um impulso, por assim dizer, irresistível. É por isso que aquele que, a um grande poder fluídico normal, une uma fé ardente pode, só pela vontade dirigida para o bem, operar esses fenômenos estranhos de curas e outros que outrora passavam por prodígios e que, no entanto, não são mais que as consequências de uma lei natural. Tal é o motivo pelo qual Jesus disse a seus apóstolos: se não curastes, é que não tínheis fé.

A fé religiosa. Condição da fé inabalável

6. Do ponto de vista religioso, a fé é a crença nos dogmas particulares que constituem as diferentes religiões; todas as religiões têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, a fé pode ser raciocinada ou cega. A fé cega, nada examinando, aceita sem controle tanto o falso quanto o verdadeiro, e esbarra a cada passo na evidência e na razão; levada ao excesso, produz o fanatismo. Quando a fé repousa sobre o erro, cedo ou tarde se despedaça; somente aquela que tem por base a verdade tem o futuro assegurado, porque nada tem a temer do progresso das luzes, visto que o que é verdadeiro na sombra o é igualmente à plena luz do dia. Cada religião pretende estar na posse exclusiva da verdade; preconizar a fé cega sobre um ponto de crença é confessar a própria impotência para demonstrar que se tem razão.

7. Diz-se vulgarmente que a fé não se comanda; daí muitas pessoas dizerem que não é culpa sua se não têm fé. Sem dúvida, a fé não se comanda, e, o que é ainda mais exato, a fé não se impõe. Não, ela não se comanda, mas se adquire, e não há ninguém a quem seja recusado possuí-la, mesmo entre os mais refratários. Falamos das verdades es-

pirituais fundamentais, e não desta ou daquela crença particular. Não cabe à fé ir até eles; cabe a eles ir ao encontro da fé, e, se a procurarem com sinceridade, hão de encontrá-la. Tende, pois, por certo que aqueles que dizem: "Nada desejaríamos mais do que crer, mas não conseguimos", o dizem com os lábios e não com o coração, pois, ao dizer isso, tapam os ouvidos. As provas, no entanto, abundam ao redor deles; por que, então, se recusam a vê-las? Em uns é indiferença; em outros, o medo de serem forçados a mudar seus hábitos; na maioria, é o orgulho que se recusa a reconhecer um poder superior, porque teriam de se inclinar diante dele.

Em certas pessoas, a fé parece de algum modo inata; uma centelha basta para desenvolvê-la. Essa facilidade em assimilar as verdades espirituais é sinal evidente de progresso anterior; em outras, ao contrário, elas só penetram com dificuldade, sinal não menos evidente de uma natureza atrasada. As primeiras já creram e compreenderam; trazem, ao renascer, a intuição do que souberam: sua educação está feita; as segundas têm tudo a aprender: sua educação está por fazer; ela se fará, e, se não estiver concluída nesta existência, sê-lo-á em outra.

A resistência do incrédulo, é preciso reconhecê-lo, prende-se muitas vezes menos a ele do que à maneira como as coisas lhe são apresentadas. A fé precisa de uma base, e essa base é a compreensão perfeita daquilo em que se deve crer; para crer não basta ver, é preciso sobretudo compreender. A fé cega já não é deste século; ora, é precisamente o dogma da fé cega que hoje produz o maior número de incrédulos, porque ela quer impor-se e exige a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É sobretudo contra essa fé que o incrédulo se enrijece, e dela é que se pode dizer com verdade que não se comanda; não admitindo provas,

deixa no espírito uma imprecisão de onde nasce a dúvida. A fé raciocinada, a que se apoia nos fatos e na lógica, não deixa atrás de si nenhuma obscuridade; crê-se porque se tem certeza, e só se tem certeza quando se compreendeu; eis por que ela não se dobra; pois *só é inabalável a fé que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade*.

É a esse resultado que conduz o Espiritismo; por isso ele triunfa da incredulidade todas as vezes que não encontra oposição sistemática e interesseira.

Parábola da figueira seca

8. *Quando saíam de Betânia, ele teve fome; e, vendo de longe uma figueira, foi ver se nela encontraria alguma coisa; e, tendo-se aproximado, nada encontrou senão folhas, pois não era tempo de figos. Então Jesus disse à figueira: Que ninguém jamais coma fruto de ti; o que seus discípulos ouviram. No dia seguinte, ao passarem, viram a figueira, que tinha secado até a raiz. E Pedro, lembrando-se da palavra de Jesus, disse-lhe: Mestre, vede como secou a figueira que amaldiçoastes. Jesus, tomando a palavra, disse-lhes: Tende fé em Deus. Em verdade vos digo que todo aquele que disser a esta montanha: Tira-te daí e lança-te ao mar, e isso sem hesitar em seu coração, mas crendo firmemente que tudo o que disser acontecerá, verá de fato acontecer.* (Marcos, 11:12-14 e 20-23)

9. A figueira seca é o símbolo das pessoas que só têm as aparências do bem, mas na realidade nada produzem de bom; dos oradores que têm mais brilho do que solidez: suas palavras têm o verniz da superfície; agradam aos ouvidos, mas, quando são examinadas a fundo, nada se encontra nelas de substancial para o coração; depois de ouvi-las, pergunta-se que proveito se tirou delas.

É também o emblema de todas as pessoas que têm os meios de ser úteis e não o são; de todas as utopias, de todos os sistemas vazios, de todas as doutrinas sem base sólida. O que falta, na maioria das vezes, é a verdadeira fé, a fé fecunda, a fé que move as fibras do coração, numa palavra, a fé que transporta montanhas. São árvores que têm folhas, mas nenhum fruto; é por isso que Jesus as condena à esterilidade, pois dia virá em que estarão secas até a raiz; quer dizer que todos os sistemas, todas as doutrinas que não tiverem produzido nenhum bem para a humanidade cairão no nada; que todos os homens voluntariamente inúteis, por não terem posto em ação os recursos que havia neles, serão tratados como a figueira seca.

10. Os médiuns são os intérpretes dos Espíritos; suprem os órgãos materiais que faltam a estes para nos transmitirem suas instruções; é por isso que são dotados de faculdades para esse fim. Nestes tempos de renovação social, eles têm uma missão particular; são árvores que devem dar o alimento espiritual a seus irmãos; são multiplicados para que o alimento seja abundante; encontram-se por toda parte, em todas as regiões, em todas as camadas da sociedade, entre os ricos e entre os pobres, entre os grandes e entre os pequenos, a fim de que não haja deserdados e para provar aos homens que todos são chamados. Mas se desviam de seu fim providencial a preciosa faculdade que lhes foi concedida, se a fazem servir a coisas fúteis ou nocivas, se a põem a serviço dos interesses mundanos, se, em vez de frutos salutares, dão frutos malsãos, se se recusam a torná-la proveitosa para os outros, se não tiram dela proveito para si mesmos, melhorando-se, são como a figueira estéril; Deus lhes retirará um dom que se torna inútil em suas mãos — a semente que não sabem fazer frutificar — e os deixará tornar-se presa dos maus Espíritos.

Instruções dos Espíritos

A fé, mãe da esperança e da caridade

11. A fé, para ser proveitosa, deve ser ativa; não deve entorpecer-se. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, ela deve velar atentamente pelo desenvolvimento das filhas que gera.

A esperança e a caridade são uma consequência da fé; essas três virtudes formam uma trindade inseparável. Não é a fé que dá a esperança de ver cumprirem-se as promessas do Senhor? Pois, se não tiverdes fé, que esperareis? Não é a fé que dá o amor? Pois, se não tiverdes fé, que reconhecimento tereis, e, por conseguinte, que amor?

A fé, inspiração divina de Deus, desperta todos os nobres instintos que conduzem o homem ao bem; é a base da regeneração. É preciso, pois, que essa base seja forte e duradoura, porque, se a menor dúvida vier abalá-la, que será do edifício que construís sobre ela? Erguei, pois, esse edifício sobre fundações inabaláveis; que a vossa fé seja mais forte que os sofismas e as zombarias dos incrédulos, pois a fé que não enfrenta o ridículo dos homens não é a verdadeira fé.

A fé sincera é arrebatadora e contagiosa; comunica-se aos que não a tinham ou mesmo não quereriam tê-la; encontra palavras persuasivas que vão à alma, ao passo que a fé aparente só tem palavras sonoras que deixam frio e indiferente. Pregai pelo exemplo da vossa fé, para transmiti-la aos homens; pregai pelo exemplo das vossas obras, para lhes fazer ver o mérito da fé; pregai pela vossa esperança inabalável, para lhes fazer ver a confiança que fortalece e põe em condições de enfrentar todas as vicissitudes da vida.

Tende, pois, fé em tudo o que ela tem de belo e de bom, em sua pureza, em sua racionalidade. Não admitais a fé sem controle, filha cega

da cegueira. Amai a Deus, mas sabei por que o amais; crede em suas promessas, mas sabei por que credes nelas; segui os nossos conselhos, mas dai-vos conta do objetivo que vos mostramos e dos meios que vos trazemos para atingi-lo. Crede e esperai sem jamais fraquejar: os milagres são obra da fé.

José, Espírito protetor (Bordeaux, 1862)

A fé divina e a fé humana

12. A fé é o sentimento inato no homem de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas cujo germe foi nele depositado, a princípio em estado latente, e que ele deve fazer desabrochar e crescer por sua vontade atuante.

Até agora a fé só foi compreendida pelo lado religioso, porque o Cristo a preconizou como alavanca poderosa e porque só se viu nele o chefe de uma religião. Mas o Cristo, que realizou milagres materiais, mostrou, por esses mesmos milagres, o que pode o homem quando tem fé, isto é, a vontade de querer e a certeza de que essa vontade pode realizar-se. Os apóstolos, a seu exemplo, não fizeram também milagres? Ora, que eram esses milagres, senão efeitos naturais cuja causa era desconhecida dos homens de então, mas que hoje se explicam em grande parte e que serão completamente compreendidos pelo estudo do Espiritismo e do magnetismo?

A fé é humana ou divina, conforme o homem aplique suas faculdades às necessidades terrenas ou às suas aspirações celestes e futuras. O homem de gênio que persegue a realização de algum grande empreendimento é bem-sucedido se tem fé, porque sente em si que pode e deve chegar lá, e essa certeza lhe dá uma força imensa. O homem de bem que, crendo em seu futuro celeste, quer encher a vida

de ações nobres e belas, haure em sua fé, na certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e aí também se realizam milagres de caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há más inclinações que não se consiga vencer.

O magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação; é pela fé que ele cura e produz esses fenômenos estranhos que outrora eram qualificados de milagres.

Repito: a fé é humana e divina; se todos os encarnados estivessem bem persuadidos da força que têm em si, e se quisessem pôr a vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o que até agora se chamou de prodígios e que não é simplesmente senão um desenvolvimento das faculdades humanas.

Um Espírito protetor (Paris, 1863)

CAPÍTULO XX

Os trabalhadores da última hora

Instruções dos Espíritos: Os últimos serão os primeiros. Missão dos espíritas. Os trabalhadores do Senhor.

1. O reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de manhã bem cedo a fim de contratar trabalhadores para a sua vinha; tendo combinado com os trabalhadores que receberiam um denário pela jornada, enviou-os para a vinha. Saiu ainda por volta da terceira hora do dia e, tendo visto outros que estavam na praça sem fazer nada, disse-lhes: Ide também vós para a minha vinha, e eu vos darei o que for razoável; e eles foram. Saiu ainda por volta da sexta e da nona hora do dia e fez o mesmo. E, tendo saído por volta da undécima hora, encontrou outros que estavam ali sem fazer nada, aos quais disse: Por que ficais aí o dia inteiro sem trabalhar? É, disseram-lhe eles, que ninguém nos contratou. E ele lhes disse: Ide também vós para a minha vinha.

Chegada a tarde, o dono da vinha disse àquele que cuidava de seus negócios: Chamai os trabalhadores e pagai-lhes, começando dos últimos até os primeiros. Aproximando-se, pois, os que só tinham vindo à vinha por volta da undécima hora, receberam cada um um denário. Vindo por sua vez os que tinham sido contratados primeiro, julgaram que lhes dariam mais; mas também eles receberam só um denário cada um; e, ao recebê-lo, murmuravam contra o pai de família, dizendo: Estes últimos só trabalharam uma hora, e vós os igualais a nós, que suportamos o peso do dia e do calor.

Mas ele, em resposta, disse a um deles: Meu amigo, não vos faço injustiça; não combinastes comigo um denário pela vossa jornada? Tomai o que vos pertence e ide-vos; quanto a mim, quero dar a este último tanto

quanto a vós. Não me é permitido, pois, fazer o que quero? E o vosso olho é mau porque eu sou bom?

Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos, porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos. (Mateus, 20:1-16. Ver também: Parábola do festim de bodas, cap. XVIII, nº 1)

Instruções dos Espíritos

Os últimos serão os primeiros

2. O trabalhador da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que sua boa vontade o tenha mantido à disposição do senhor que devia empregá-lo, e que esse atraso não seja fruto de sua preguiça ou de sua má vontade. Ele tem direito ao salário porque, desde a aurora, esperava impacientemente aquele que, enfim, o chamaria ao trabalho; era laborioso, só lhe faltava o serviço.

Mas, se ele tivesse recusado o serviço a cada hora do dia; se tivesse dito: Tenhamos paciência, o repouso me é doce; quando soar a última hora, será tempo de pensar no salário da jornada. Que necessidade tenho de me incomodar por um senhor que não conheço, a quem não amo! Quanto mais tarde, melhor. Esse, meus amigos, não teria encontrado o salário do trabalhador, mas o da preguiça.

Que será, então, daquele que, em vez de permanecer simplesmente na inação, tiver empregado as horas destinadas ao labor do dia em cometer atos culpáveis; que tiver blasfemado contra Deus, derramado o sangue de seus irmãos, lançado a perturbação nas famílias, arruinado os homens confiantes, abusado da inocência; que se tiver, enfim, chafurdado em todas as ignomínias da humanidade; que será desse? Bastar-lhe-á dizer na última hora: Senhor, empreguei mal o

meu tempo; tomai-me até o fim do dia, para que eu faça um pouco, bem pouco, da minha tarefa, e dai-me o salário do trabalhador de boa vontade? Não, não; o senhor lhe dirá: Por ora não tenho serviço para ti; desperdiçaste o teu tempo; esqueceste o que tinhas aprendido, já não sabes trabalhar na minha vinha. Recomeça, pois, a aprender, e, quando estiveres mais bem disposto, virás a mim; eu te abrirei o meu vasto campo, e poderás trabalhar nele a qualquer hora do dia.

Bons espíritas, meus bem-amados, sois todos trabalhadores da última hora. Bem orgulhoso seria aquele que dissesse: Comecei a obra na aurora e só a terminarei ao declinar do dia. Todos viestes quando fostes chamados, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, para a encarnação cuja cadeia carregais; mas há quantos séculos acumulados o senhor vos chamou para a sua vinha sem que tenhais querido entrar nela! Eis-vos no momento de receber o salário; empregai bem esta hora que vos resta, e nunca esqueçais que a vossa existência, por mais longa que vos pareça, não é mais que um momento bem fugaz na imensidade dos tempos que formam para vós a eternidade.

Constantino, Espírito protetor (Bordeaux, 1863)

3. Jesus apreciava a simplicidade dos símbolos, e, em sua linguagem viril, os trabalhadores chegados na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, continuadas através dos séculos pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, enfim, pelos espíritas. Estes, vindos por último, foram anunciados e preditos desde a aurora do Messias e receberão a mesma recompensa; que digo? uma recompensa mais alta. Últimos a chegar, os espíritas aproveitam os labores intelectuais de seus predecessores, porque o homem deve

herdar do homem, e porque seus trabalhos e os resultados deles são coletivos: Deus abençoa a solidariedade. Muitos deles, aliás, revivem hoje, ou reviverão amanhã, para acabar a obra que começaram outrora; mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo do Cristo, mais de um propagador da fé cristã se encontram entre eles, porém mais esclarecidos, mais adiantados, trabalhando não mais na base, mas no coroamento do edifício; seu salário será, pois, proporcional ao mérito da obra.

A reencarnação, esse belo dogma, eterniza e precisa a filiação espiritual. O Espírito, chamado a prestar contas de seu mandato terreno, compreende a continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retomada; vê, sente que captou no ar o pensamento de seus predecessores; volta à liça, amadurecido pela experiência, para avançar ainda mais; e todos, trabalhadores da primeira e da última hora, com os olhos abertos para a profunda justiça de Deus, já não murmuram, e adoram.

Tal é um dos verdadeiros sentidos desta parábola, que encerra, como todas as que Jesus dirigiu ao povo, o germe do futuro e também, sob todas as formas, sob todas as imagens, a revelação dessa magnífica unidade que harmoniza todas as coisas no universo, dessa solidariedade que liga todos os seres presentes ao passado e ao futuro.

Henri Heine (Paris, 1863)

Missão dos espíritas

4. Não ouvis já fermentar a tempestade que deve arrebatar o velho mundo e tragar no nada a soma das iniquidades terrenas? Ah! bendizei o Senhor, vós que pusestes vossa fé em sua soberana justiça e que, novos apóstolos da crença revelada pelas vozes proféticas superio-

res, ides pregar o dogma novo da reencarnação e da elevação dos Espíritos, conforme tenham bem ou mal cumprido suas missões e suportado suas provas terrenas.

Não tremais mais! As línguas de fogo estão sobre vossas cabeças. Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo, sois os eleitos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. Chegou a hora em que deveis sacrificar à sua propagação vossos hábitos, vossos trabalhos, vossas ocupações fúteis. Ide e pregai: os Espíritos do alto estão convosco. Certamente falareis a pessoas que não quererão escutar a voz de Deus, porque essa voz as chama sem cessar à abnegação; pregareis o desinteresse aos avarentos, a abstinência aos devassos, a mansidão aos tiranos domésticos assim como aos déspotas: palavras perdidas, eu o sei; mas que importa! É preciso regar com o vosso suor o terreno que deveis semear, pois ele só frutificará e produzirá sob os esforços reiterados da enxada e do arado evangélicos. Ide e pregai!

Sim, todos vós, homens de boa-fé, que credes na vossa inferioridade ao contemplar os mundos espalhados pelo infinito, parti em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Ide e derrubai esse culto do bezerro de ouro, cada dia mais invasor. Ide, Deus vos conduz! Homens simples e ignorantes, vossas línguas serão desatadas, e falareis como nenhum orador fala. Ide e pregai, e as populações atentas recolherão com alegria vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.

Que importam as ciladas que forem lançadas em vosso caminho! Só os lobos se prenderão nas armadilhas para lobos, pois o pastor saberá defender suas ovelhas contra os carniceiros sacrificadores.

Ide, homens grandes diante de Deus, que, mais felizes que São Tomé, credes sem pedir para ver e aceitais os fatos da mediunidade

mesmo que nunca tenhais conseguido obtê-los vós mesmos; ide, o Espírito de Deus vos conduz.

Marcha, pois, para a frente, falange imponente pela tua fé! E os grossos batalhões dos incrédulos se desvanecerão diante de ti como as névoas da manhã aos primeiros raios do sol nascente.

A fé é a virtude que levantará as montanhas, vos disse Jesus; mas, mais pesadas que as mais pesadas montanhas, jazem no coração dos homens a impureza e todos os vícios da impureza. Parti, pois, com coragem para levantar essa montanha de iniquidades que as gerações futuras só deverão conhecer em estado de lenda, assim como vós mesmos só conheceis muito imperfeitamente o período dos tempos anteriores à civilização pagã.

Sim, as convulsões morais e filosóficas vão rebentar em todos os pontos do globo; aproxima-se a hora em que a luz divina aparecerá sobre os dois mundos.

Ide, pois, e levai a palavra divina: aos grandes, que a desdenharão; aos sábios, que lhe pedirão a prova; aos pequenos e aos simples, que a aceitarão; pois é sobretudo entre os mártires do trabalho, essa expiação terrena, que encontrareis o fervor e a fé. Ide; estes receberão com cânticos de ação de graças, cantando os louvores de Deus, a consolação santa que lhes levardes, e se inclinarão agradecendo-lhe o quinhão de suas misérias terrenas.

Que a vossa falange se arme, pois, de resolução e de coragem! Mãos à obra! O arado está pronto; a terra espera; é preciso lavrar.

Ide, e agradecei a Deus a tarefa gloriosa que ele vos confiou; mas lembrai-vos de que, entre os chamados ao Espiritismo, muitos se transviaram; olhai, pois, o vosso caminho e segui a via da verdade.

Pergunta: Se muitos dos chamados ao Espiritismo se transviaram, por que sinal reconhecer os que estão no bom caminho? Resposta: Vós os reconhecereis pelos princípios de verdadeira caridade que professarem e praticarem; vós os reconhecereis pelo número de aflitos a quem tiverem levado consolação; vós os reconhecereis pelo seu amor ao próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; vós os reconhecereis, enfim, pelo triunfo de seus princípios, pois Deus quer o triunfo de sua lei; os que seguem a sua lei são os seus eleitos, e ele lhes dará a vitória; mas esmagará os que falseiam o espírito dessa lei e dela fazem degrau para satisfazer a sua vaidade e a sua ambição.

Erasto, anjo guardião do médium (Paris, 1863)

Os trabalhadores do Senhor

5. Tocais o tempo do cumprimento das coisas anunciadas para a transformação da humanidade; felizes serão aqueles que tiverem trabalhado no campo do Senhor com desinteresse e sem outro móvel que não a caridade! Suas jornadas de trabalho serão pagas cem vezes acima do que tiverem esperado. Felizes serão aqueles que tiverem dito a seus irmãos: "Irmãos, trabalhemos juntos e unamos nossos esforços, a fim de que o senhor encontre a obra acabada à sua chegada", pois o senhor lhes dirá: "Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que fizestes calar vossos ciúmes e vossas discórdias para não deixar a obra em abandono!" Mas ai daqueles que, por suas dissensões, tiverem retardado a hora da colheita, pois a tempestade virá e eles serão arrebatados pelo turbilhão! Clamarão: "Graça! graça!" Mas o Senhor lhes dirá: "Por que pedis graça, vós que não tivestes piedade de vossos irmãos e que vos recusastes a estender-lhes a mão, vós que esmagastes o fraco em vez de ampará-lo? Por que pedis

graça, vós que buscastes vossa recompensa nas alegrias da terra e na satisfação de vosso orgulho? Já a recebestes, a vossa recompensa, tal como a quisestes; não peçais mais: as recompensas celestes são para aqueles que não tiverem pedido as recompensas da terra."

Deus faz neste momento o recenseamento de seus servidores fiéis, e marcou com o dedo aqueles que só têm a aparência do devotamento, a fim de que não usurpem o salário dos servidores corajosos; pois é àqueles que não recuarem diante de sua tarefa que ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo, e esta palavra se cumprirá: "Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros no reino dos céus!"

O Espírito de Verdade (Paris, 1862)

CAPÍTULO XXI

Haverá falsos cristos e falsos profetas

Conhece-se a árvore pelo fruto. Missão dos profetas. Prodígios dos falsos profetas. Não creiais em todos os Espíritos. Instruções dos Espíritos: Os falsos profetas. Características do verdadeiro profeta. Os falsos profetas da erraticidade. Jeremias e os falsos profetas.

Conhece-se a árvore pelo fruto

1. *A árvore que produz maus frutos não é boa, e a árvore que produz bons frutos não é má; pois cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos de espinheiros, nem se cortam cachos de uva dos sarçais. O homem de bem tira coisas boas do bom tesouro do seu coração, e o mau tira coisas más do mau tesouro do seu coração; pois a boca fala da abundância do coração.* (Lucas, 6:43-45)

2. *Guardai-vos dos falsos profetas que vêm a vós cobertos com peles de ovelha e que por dentro são lobos devoradores. Vós os conhecereis pelos seus frutos. Pode-se colher uvas de espinheiros ou figos de sarçais? Assim, toda árvore que é boa produz bons frutos, e toda árvore que é má produz maus frutos. Uma árvore boa não pode produzir maus frutos, e uma árvore má não pode produzi-los bons. Toda árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Vós os conhecereis, pois, pelos seus frutos.* (Mateus, 7:15-20)

3. *Tomai cuidado para que ninguém vos seduza; porque muitos virão em meu nome, dizendo: 'Eu sou o Cristo', e seduzirão a muitos.*

Levantar-se-ão muitos falsos profetas, que seduzirão muitas pessoas; e, porque a iniquidade abundará, a caridade de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim será salvo.

Então, se alguém vos disser: O Cristo está aqui, ou está ali, não acrediteis; pois se levantarão falsos Cristos e falsos profetas que farão grandes prodígios e coisas espantosas, a ponto de seduzir, se fosse possível, até os próprios eleitos. (Mateus, 24:4-5, 11-13, 23-24. Marcos, 13:5-6, 21-22)

Missão dos profetas

4. Atribui-se vulgarmente aos profetas o dom de revelar o futuro, de modo que as palavras profecias e predições se tornaram sinônimas. No sentido evangélico, a palavra profeta tem significação mais ampla; aplica-se a todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual. Um homem pode, pois, ser profeta sem fazer predições; essa era a ideia dos judeus no tempo de Jesus; é por isso que, quando ele foi levado diante do sumo sacerdote Caifás, os escribas e os anciãos, estando reunidos, cuspiram-lhe no rosto, deram-lhe socos e bofetadas, dizendo: “Cristo, profetiza-nos e dize quem é que te bateu.” Aconteceu, entretanto, que profetas tiveram a presciência do futuro, seja por intuição, seja por revelação providencial, a fim de dar advertências aos homens; tendo-se esses acontecimentos realizado, o dom de predizer o futuro passou a ser considerado um dos atributos da qualidade de profeta.

Prodígios dos falsos profetas

5. “Levantar-se-ão falsos cristos e falsos profetas que farão grandes prodígios e coisas espantosas, a ponto de seduzir até os eleitos.” Estas palavras dão o verdadeiro sentido da palavra prodígio. Na acepção teológica, os prodígios e os milagres são fenômenos excepcionais, fora das leis da natureza. Sendo as leis da natureza obra exclusiva de Deus, ele pode sem dúvida derrogá-las, se lhe aprouver; mas o simples bom senso diz que ele não pode ter dado a seres inferiores e perversos um poder igual ao seu, e menos ainda o direito de desfazer o que ele fez. Jesus não pode ter consagrado semelhante princípio. Se, pois, segundo o sentido que se atribui a essas palavras, o Espírito do mal tem o poder de fazer prodígios tais que até os eleitos sejam enganados por eles, resultaria daí que, podendo ele fazer o que Deus faz, os prodígios e os milagres não são privilégio exclusivo dos enviados de Deus e nada provam, visto que nada distingue os milagres dos santos dos milagres do demônio. É preciso, pois, procurar para essas palavras um sentido mais racional.

Aos olhos do vulgo ignorante, todo fenômeno cuja causa é desconhecida passa por sobrenatural, maravilhoso e miraculoso; uma vez conhecida a causa, reconhece-se que o fenômeno, por mais extraordinário que pareça, não é outra coisa senão a aplicação de uma lei da natureza. É assim que o círculo dos fatos sobrenaturais se estreita à medida que se alarga o da ciência. Em todos os tempos houve homens que exploraram, em proveito de sua ambição, de seu interesse e de sua dominação, certos conhecimentos que possuíam, a fim de se darem o prestígio de um poder pretensamente sobre-humano ou de uma pretensa missão divina. São esses os falsos cristos e os falsos profetas; a difusão das luzes mata o seu crédito, e é por isso que o seu número diminui à medida que os homens se esclarecem. O fato de

operar o que, aos olhos de certas pessoas, passa por prodígios não é, portanto, sinal de uma missão divina, pois pode resultar de conhecimentos que qualquer um pode adquirir, ou de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno pode possuir tão bem quanto o mais digno. O verdadeiro profeta se reconhece por características mais sérias, e exclusivamente morais.

Não creiais em todos os Espíritos

6. *Meus bem-amados, não creiais em todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, pois muitos falsos profetas se levantaram no mundo.* (1 João, 4:1)

7. Os fenômenos espíritas, longe de darem crédito aos falsos cristos e aos falsos profetas, como alguns afetam dizer, vêm, ao contrário, desferir-lhes o golpe final. Não peçais ao Espiritismo milagres nem prodígios, pois ele declara formalmente que não os produz; assim como a física, a química, a astronomia e a geologia vieram revelar as leis do mundo material, ele vem revelar outras leis desconhecidas, as que regem as relações entre o mundo corporal e o mundo espiritual, e que, assim como suas irmãs mais velhas da ciência, não deixam de ser leis da natureza; dando a explicação de certa ordem de fenômenos até hoje incompreendidos, ele destrói o que ainda restava no domínio do maravilhoso. Aqueles, pois, que fossem tentados a explorar esses fenômenos em proveito próprio, fazendo-se passar por messias de Deus, não poderiam abusar por muito tempo da credulidade e logo seriam desmascarados. Aliás, como já foi dito, esses fenômenos, por si sós, nada provam: a missão se prova por efeitos morais que não é dado a qualquer um produzir. É esse um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita; perscrutando a causa

de certos fenômenos, ela levanta o véu de muitos mistérios. Só aqueles que preferem a obscuridade à luz têm interesse em combatê-la; mas a verdade é como o sol: dissipa os mais espessos nevoeiros.

O Espiritismo vem revelar outra categoria, bem mais perigosa, de falsos Cristos e de falsos profetas, que se encontram não entre os homens, mas entre os desencarnados: é a dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudossábios que, da Terra, passaram para a erraticidade e se adornam com nomes venerados para procurar, a favor da máscara com que se cobrem, dar crédito às ideias muitas vezes mais bizarras e mais absurdas. Antes que as relações mediúnicas fossem conhecidas, eles exerciam sua ação de maneira menos ostensiva, pela inspiração, pela mediunidade inconsciente, auditiva ou falante. É considerável o número dos que, em diversas épocas, mas sobretudo nestes últimos tempos, se apresentaram como alguns dos antigos profetas, como o Cristo, como Maria, mãe do Cristo, e até como Deus. São João põe de sobreaviso contra eles quando diz: "Meus bem-amados, não creiais em todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus; pois muitos falsos profetas se levantaram no mundo." O Espiritismo dá os meios de prová-los, indicando as características pelas quais se reconhecem os bons Espíritos, características sempre morais e nunca materiais [1]. É ao discernimento dos bons e dos maus Espíritos que se podem aplicar sobretudo estas palavras de Jesus: "Reconhece-se a qualidade da árvore pelo seu fruto; uma árvore boa não pode produzir maus frutos, e uma árvore má não pode produzi-los bons." Julgam-se os Espíritos pela qualidade de suas obras, como uma árvore pela qualidade de seus frutos.

Instruções dos Espíritos

Os falsos profetas

8. Se vos disserem: “O Cristo está aqui”, não vades lá; ao contrário, ficai de sobreaviso, pois os falsos profetas serão numerosos. Mas não vedes as folhas da figueira que começam a embranquecer? Não vedes os seus numerosos rebentos à espera da época da floração? E o Cristo não vos disse: Conhece-se uma árvore pelo seu fruto? Se, pois, os frutos são amargos, julgais que a árvore é má; mas, se são doces e salutares, dizeis: Nada de puro pode sair de um tronco mau.

É assim, meus irmãos, que deveis julgar; são as obras que deveis examinar. Se aqueles que se dizem revestidos do poder divino vêm acompanhados de todas as marcas de semelhante missão, isto é, se possuem no mais alto grau as virtudes cristãs e eternas — a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilia todos os corações —, se juntam os atos às palavras, então podereis dizer: Estes são bem realmente os enviados de Deus.

Mas desconfiai das palavras melífluas, desconfiai dos escribas e dos fariseus que oram nas praças públicas, vestidos com longas túnicas. Desconfiai daqueles que pretendem ter o único e exclusivo monopólio da verdade!

Não, não, o Cristo não está aí, pois aqueles que ele envia para propagar sua santa doutrina e regenerar seu povo serão, a exemplo do Mestre, mansos e humildes de coração acima de todas as coisas; aqueles que devem, por seus exemplos e seus conselhos, salvar a humanidade que corre para a perdição e vagueia por caminhos tortuosos, esses serão acima de tudo modestos e humildes. Tudo o que revela um átomo de orgulho, fugi dele como de uma lepra contagiosa

que corrompe tudo o que toca. Lembrai-vos de que cada criatura traz na fronte, mas sobretudo em seus atos, o selo de sua grandeza ou de sua decadência.

Ide, pois, meus filhos bem-amados, caminhai sem tergiversações, sem segundas intenções, na estrada bendita em que entrastes. Ide, ide sempre sem temor; afastai corajosamente tudo o que possa entravar vossa marcha para o objetivo eterno. Viajantes, por bem pouco tempo ainda estareis nas trevas e nas dores da prova, se deixardes vossos corações entregar-se a esta doce doutrina que vem revelar-vos as leis eternas e satisfazer todas as aspirações de vossa alma para o desconhecido. Desde já podeis dar um corpo a esses leves silfos que víeis passar em vossos sonhos e que, efêmeros, só podiam encantar vosso espírito, mas nada diziam a vosso coração. Agora, meus amados, a morte desapareceu para dar lugar ao anjo radioso que conheceis, o anjo do reencontro e da reunião! Agora, vós que bem cumpristes a tarefa imposta pelo Criador nada mais tendes a temer de sua justiça, pois ele é pai e perdoa sempre a seus filhos transviados que clamam por misericórdia. Continuai, pois, avançai sem cessar; que vossa divisa seja a do progresso, do progresso contínuo em todas as coisas, até que chegueis enfim a esse termo feliz onde vos esperam todos os que vos precederam.

Luís (Bordeaux, 1861)

Características do verdadeiro profeta

9. Desconfiai dos falsos profetas. Esta recomendação é útil em todos os tempos, mas sobretudo nos momentos de transição em que, como neste, se elabora uma transformação da humanidade, pois então uma multidão de ambiciosos e de intrigantes se apresenta como reformadores e messias. É contra esses impostores que é preciso estar

em guarda, e é dever de todo homem honesto desmascará-los. Perguntareis, sem dúvida, como se pode reconhecê-los; eis os seus sinais:

Só se confia o comando de um exército a um general hábil e capaz de dirigi-lo; credes, pois, que Deus seja menos prudente que os homens? Ficai certos de que ele só confia as missões importantes àqueles que sabe capazes de cumpri-las, pois as grandes missões são fardos pesados que esmagariam o homem demasiado fraco para carregá-los. Como em todas as coisas, o mestre deve saber mais que o discípulo; para fazer avançar a humanidade moral e intelectualmente, são necessários homens superiores em inteligência e em moralidade! É por isso que são sempre Espíritos já muito adiantados, que deram suas provas em outras existências, que encarnam com esse fim; pois, se não forem superiores ao meio no qual devem agir, sua ação será nula.

Isto posto, concluí que o verdadeiro missionário de Deus deve justificar sua missão por sua superioridade, por suas virtudes, pela grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras. Tirai ainda esta consequência: se ele está, por seu caráter, por suas virtudes, por sua inteligência, abaixo do papel que se atribui ou da personagem sob cujo nome se abriga, não passa de um histrião de baixa categoria que nem sequer sabe copiar o seu modelo.

Outra consideração é que a maioria dos verdadeiros missionários de Deus ignoram que o são; realizam aquilo a que são chamados pela força de seu gênio, secundado pelo poder oculto que os inspira e os dirige sem que o saibam, mas sem desígnio premeditado. Numa palavra, *os verdadeiros profetas se revelam por seus atos: são adivinhados*; ao passo que os falsos profetas se apresentam eles mesmos como os enviados de Deus; o primeiro é humilde e modesto; o segundo é

orgulhoso e cheio de si; fala com altivez e, como todos os mentirosos, parece sempre temer não ser acreditado.

Já se viram desses impostores se apresentarem como os apóstolos do Cristo, outros como o próprio Cristo, e, para vergonha da humanidade, encontraram pessoas bastante crédulas para dar fé a semelhantes torpezas. Uma consideração bem simples, porém, deveria abrir os olhos do mais cego: se o Cristo reencarnasse na Terra, viria com todo o seu poder e todas as suas virtudes, a menos que se admitisse — o que seria absurdo — que ele tivesse degenerado; ora, assim como, se tirardes de Deus um só de seus atributos, já não tereis Deus, se tirardes uma só das virtudes do Cristo, já não tereis o Cristo. Os que se apresentam como o Cristo têm todas as suas virtudes? Eis a questão; olhai, perscrutai seus pensamentos e seus atos, e reconhecereis que lhes faltam acima de tudo as qualidades distintivas do Cristo — a humildade e a caridade —, ao passo que têm o que ele não tinha: a cupidez e o orgulho. Notai, além disso, que há neste momento, e em diferentes países, vários pretensos Cristos, assim como há vários pretensos Elias, São João ou São Pedro, e que necessariamente não podem ser todos verdadeiros. Tende por certo que são pessoas que exploram a credulidade e acham cômodo viver à custa daqueles que os escutam.

Desconfiai, pois, dos falsos profetas, sobretudo num tempo de renovação, porque muitos impostores se dirão enviados de Deus; eles obtêm uma satisfação vaidosa na Terra, mas uma terrível justiça os espera, podeis estar certos disso.

Erasto (Paris, 1862)

Os falsos profetas da erraticidade

10. Os falsos profetas não estão somente entre os encarnados; estão também, e em número bem maior, entre os Espíritos orgulhosos que, sob falsas aparências de amor e de caridade, semeiam a desunião e retardam a obra emancipadora da humanidade, atravessando-lhe no caminho seus sistemas absurdos, que fazem aceitar por seus médiuns; e, para melhor fascinar aqueles a quem querem enganar, para dar mais peso a suas teorias, adornam-se sem escrúpulo com nomes que os homens só pronunciam com respeito.

São eles que semeiam fermentos de antagonismo entre os grupos, que os impelem a isolar-se uns dos outros e a ver-se com maus olhos. Só isso bastaria para desmascará-los; pois, agindo assim, eles mesmos dão o mais formal desmentido àquilo que pretendem ser. Cegos, portanto, são os homens que se deixam apanhar numa armadilha tão grosseira.

Mas há muitos outros meios de reconhecê-los. Espíritos da ordem à qual dizem pertencer devem ser não somente muito bons, mas, além disso, eminentemente racionais. Pois bem: passai seus sistemas pelo crivo da razão e do bom senso, e vereis o que restará deles. Convinde, pois, comigo que, todas as vezes que um Espírito indica, como remédio para os males da humanidade, ou como meios de chegar à sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas; quando formula um sistema contradito pelas noções mais elementares da ciência, não pode ser senão um Espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, ficai certos de que, se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, ela o é sempre pelo bom senso das massas, e este é mais um critério. Se dois princípios se contradizem, tereis a

medida de seu valor intrínseco procurando aquele que encontra mais ecos e simpatias; *seria ilógico, com efeito, admitir que uma doutrina que visse diminuir o número de seus partidários fosse mais verdadeira que aquela que vê os seus aumentarem*. Deus, querendo que a verdade chegue a todos, não a confina num círculo restrito: fá-la surgir em diferentes pontos, a fim de que por toda parte a luz esteja ao lado das trevas.

Repeli impiedosamente todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que tendem a impor-se aos homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes louvores exagerados, a fim de fasciná-los e mantê-los sob seu domínio. São geralmente Espíritos famintos de poder, que, déspotas públicos ou privados quando vivos, querem ainda ter vítimas para tiranizar depois da morte. Em geral, *desconfiai das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de estranheza, ou que prescrevem cerimônias e atos bizarros*; há sempre, nesse caso, motivo legítimo de suspeita.

Por outro lado, ficai certos de que, quando uma verdade deve ser revelada à humanidade, ela é, por assim dizer, instantaneamente comunicada em todos os grupos sérios que possuem médiuns sérios, e não a este ou àquele, com exclusão dos outros. Ninguém é médium perfeito se está obsidiado, e há obsessão manifesta quando um médium só é apto a receber as comunicações de um Espírito especial, por mais alto que este procure colocar-se. Em consequência, todo médium, todo grupo que se julgam privilegiados por comunicações que só eles podem receber, e que, por outro lado, estão sujeitos a práticas que raiam a superstição, estão indubitavelmente sob o golpe de uma obsessão das mais caracterizadas, sobretudo quando o Espírito dominador se vangloria de um nome que todos, Espíritos e encarna-

dos, devemos honrar e respeitar, e não deixar que seja comprometido a todo propósito.

É incontestável que, submetendo ao crisol da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil repelir o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado, um grupo enganado; mas o controle severo dos outros grupos, a ciência adquirida e a alta autoridade moral dos dirigentes de grupo, as comunicações dos principais médiuns, que recebem um selo de lógica e de autenticidade de nossos melhores Espíritos, farão rapidamente justiça a esses ditados mentirosos e astuciosos emanados de uma turba de Espíritos enganadores ou maus.

(Ver na Introdução o parágrafo: II. Controle universal do ensino dos Espíritos. O Livro dos Médiuns, cap. XXIII, Da obsessão.)

Erasto, discípulo de São Paulo (Paris, 1862)

Jeremias e os falsos profetas

11. *Eis o que diz o Senhor dos exércitos: Não escuteis as palavras dos profetas que vos profetizam e que vos enganam. Eles publicam as visões de seu coração, e não o que aprenderam da boca do Senhor. Dizem aos que me blasfemam: O Senhor o disse, tereis paz; e a todos os que andam na corrupção de seu coração: Nenhum mal vos acontecerá. Mas qual deles assistiu ao conselho de Deus? Quem o viu e quem ouviu o que ele disse? Eu não enviava esses profetas, e eles corriam por si mesmos; eu não lhes falava, e eles profetizavam por sua própria cabeça. Ouvi o que disseram esses profetas que profetizam a mentira em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei. Até quando estará essa imaginação no coração dos profetas que profetizam a mentira e cujas profecias não são senão as seduções de seu coração? Se, pois, este povo, ou um profeta, ou um sacerdote vos interro-*

gar e vos disser: Qual é o fardo do Senhor? Vós lhe direis: Sois vós mesmos o fardo, e eu vos lançarei bem longe de mim, diz o Senhor. (Jeremias, 23:16-18, 21, 25-26, 33)

É sobre esta passagem do profeta Jeremias que vou falar-vos, meus amigos. Deus, falando por sua boca, diz: "É a visão de seu coração que os faz falar." Estas palavras indicam claramente que já naquela época os charlatães e os exaltados abusavam do dom de profecia e o exploravam. Abusavam, por conseguinte, da fé simples e quase cega do povo, predizendo, por dinheiro, coisas boas e agradáveis. Essa espécie de embuste era bastante generalizada na nação judia, e é fácil compreender que o pobre povo, em sua ignorância, estava na impossibilidade de distinguir os bons dos maus, e era sempre mais ou menos enganado por esses pretensos profetas, que não passavam de impostores ou fanáticos. Haverá algo mais significativo do que estas palavras: "Não enviei esses profetas, e eles correram por si mesmos; não lhes falei, e eles profetizaram"? Mais adiante, ele diz: "Ouvi esses profetas que profetizam a mentira em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei"; indicava assim um dos meios empregados para explorar a confiança que se tinha neles. A multidão, sempre crédula, não pensava em contestar a veracidade de seus sonhos ou de suas visões; achava isso muito natural e convidava sempre esses profetas a falar.

Depois das palavras do profeta, escutai os sábios conselhos do apóstolo São João, quando diz: "Não creiais em todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus"; pois entre os invisíveis há também os que se comprazem em fazer vítimas de seus enganos quando encontram ocasião. Essas vítimas são, bem entendido, os médiuns que não tomam precauções suficientes. Está aí, sem contestação, um dos maiores escolhos, contra o qual muitos vêm despedaçar-se, sobretudo quando são novatos no Espiritismo. É para eles uma prova da

qual só podem triunfar por meio de grande prudência. Aprendei, pois, antes de tudo, a distinguir os bons e os maus Espíritos, para não vos tornardes vós mesmos falsos profetas.

Luoz, Espírito protetor (Karlsruhe, 1861)

Notas

1. Ver, para a distinção dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, cap. XXIV e seguintes.

CAPÍTULO XXII

Não separeis o que Deus uniu

Indissolubilidade do casamento. Divórcio.

Indissolubilidade do casamento

1. *Os fariseus também vieram a ele para o tentar e lhe disseram: É permitido a um homem repudiar sua mulher por qualquer motivo? Ele lhes respondeu: Não lestes que aquele que criou o homem desde o princípio os criou macho e fêmea, e que está dito: Por esta razão o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois não serão mais que uma só carne? Assim, já não são dois, mas uma só carne. Que o homem, pois, não separe o que Deus uniu.*

Mas por que, então, lhe disseram eles, Moisés ordenou que se desse à mulher uma carta de separação e que se a repudiasse? Ele lhes respondeu: Foi por causa da dureza do vosso coração que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas não foi assim desde o princípio. Por isso vos declaro que todo aquele que repudia sua mulher, a não ser em caso de adultério, e se casa com outra, comete adultério; e que aquele que se casa com a que outro repudiou também comete adultério. (Mateus, 19:3-9)

2. Só é imutável o que vem de Deus; tudo o que é obra dos homens está sujeito a mudança. As leis da natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os países; as leis humanas mudam conforme os tempos, os lugares e o progresso da inteligência. No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos para operar a renovação dos seres que morrem; mas as condições que regulam essa união são

de ordem tão humana que não há, no mundo inteiro, nem mesmo na cristandade, dois países onde elas sejam absolutamente as mesmas, e não há um só onde não tenham sofrido mudanças com o tempo; daí resulta que, aos olhos da lei civil, o que é legítimo numa região e numa época é adultério em outra região e em outro tempo; e isso porque a lei civil tem por fim regular os interesses das famílias, e esses interesses variam conforme os costumes e as necessidades locais; é assim, por exemplo, que em certos países só o casamento religioso é legítimo; em outros é preciso, além dele, o casamento civil; em outros, enfim, basta o casamento civil.

3. Mas, na união dos sexos, ao lado da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: é a lei de amor. Deus quis que os seres fossem unidos não só pelos laços da carne, mas pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se transferisse aos filhos, e que fossem dois, em vez de um, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir. Nas condições ordinárias do casamento, leva-se em conta essa lei de amor? De modo algum; o que se consulta não é a afeição de dois seres que um sentimento mútuo atrai um para o outro, pois na maioria das vezes se rompe essa afeição; o que se procura não é a satisfação do coração, mas a do orgulho, da vaidade, da cupidez, numa palavra, de todos os interesses materiais; quando tudo vai pelo melhor segundo esses interesses, diz-se que o casamento é conveniente, e, quando as bolsas estão bem combinadas, diz-se que os esposos também estão e devem ser muito felizes.

Mas nem a lei civil nem os compromissos que ela faz contrair podem suprir a lei de amor, se essa lei não presidir à união; daí resulta que muitas vezes o que se uniu à força se separa por si mesmo; que o juramento pronunciado ao pé do altar se torna um perjúrio se é dito

como uma fórmula banal; daí as uniões infelizes, que acabam por se tornar criminosas; dupla desgraça que se evitaria se, nas condições do casamento, não se fizesse abstração da única que o sanciona aos olhos de Deus: a lei de amor. Quando Deus disse: "Não sereis senão uma só carne", e quando Jesus disse: "Não separareis o que Deus uniu", isso deve entender-se da união segundo a lei imutável de Deus, e não segundo a lei mutável dos homens.

4. Será, então, supérflua a lei civil, e será preciso voltar aos casamentos segundo a natureza? Certamente que não; a lei civil tem por fim regular as relações sociais e os interesses das famílias, conforme as exigências da civilização; eis por que ela é útil, necessária, mas variável; deve ser previdente, porque o homem civilizado não pode viver como o selvagem; mas nada, absolutamente nada, impede que ela seja o corolário da lei de Deus; os obstáculos ao cumprimento da lei divina vêm dos preconceitos, e não da lei civil. Esses preconceitos, embora ainda vivazes, já perderam parte de seu império entre os povos esclarecidos; desaparecerão com o progresso moral, que abrirá enfim os olhos para os males sem número, as faltas e até os crimes que resultam das uniões contraídas em vista apenas dos interesses materiais; e um dia se perguntará se é mais humano, mais caridoso, mais moral acorrentar um ao outro seres que não podem viver juntos do que lhes restituir a liberdade; se a perspectiva de uma cadeia indissolúvel não aumenta o número das uniões irregulares.

Divórcio

5. O divórcio é uma lei humana que tem por fim separar legalmente o que está separado de fato; não é contrária à lei de Deus, visto que só reforma o que os homens fizeram e só é aplicável nos casos em que

não se levou em conta a lei divina; se fosse contrária a essa lei, a própria Igreja seria forçada a considerar prevaricadores aqueles de seus chefes que, por sua própria autoridade e em nome da religião, impuseram o divórcio em mais de uma circunstância; dupla prevaricação, então, visto que era em vista apenas de interesses temporais, e não para satisfazer à lei de amor.

Mas o próprio Jesus não consagra a indissolubilidade absoluta do casamento. Não diz ele: "Foi por causa da dureza do vosso coração que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres"? O que significa que, desde o tempo de Moisés, não sendo a afeição mútua o fim único do casamento, a separação podia tornar-se necessária. Mas, acrescenta ele, "não foi assim desde o princípio"; quer dizer que, na origem da humanidade, quando os homens ainda não estavam pervertidos pelo egoísmo e pelo orgulho e viviam segundo a lei de Deus, as uniões fundadas na simpatia, e não na vaidade ou na ambição, não davam lugar ao repúdio.

Ele vai mais longe: especifica o caso em que o repúdio pode ocorrer, que é o de adultério; ora, o adultério não existe onde reina uma afeição recíproca sincera. Ele proíbe, é verdade, a todo homem casar-se com a mulher repudiada, mas é preciso levar em conta os costumes e o caráter dos homens de seu tempo. A lei mosaica, nesse caso, prescrevia o apedrejamento; querendo abolir um uso bárbaro, era preciso, no entanto, uma penalidade, e ele a encontra no estigma que a proibição de um segundo casamento devia imprimir. Era, de certo modo, uma lei civil posta no lugar de outra lei civil, mas que, como todas as leis dessa natureza, devia passar pela prova do tempo.

CAPÍTULO XXIII

Moral estranha

Quem não odeia seu pai e sua mãe. Deixar pai, mãe e filhos. Deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos. Não vim trazer a paz, mas a divisão.

Quem não odeia seu pai e sua mãe

1. *Caminhando com Jesus uma grande multidão de povo, ele se voltou para eles e lhes disse: Se alguém vem a mim e não odeia seu pai e sua mãe, sua mulher e seus filhos, seus irmãos e suas irmãs, e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E quem não carrega a sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo. Assim, qualquer um de vós que não renuncia a tudo o que tem não pode ser meu discípulo.* (Lucas, 14:25-27, 33)

2. *Aquele que ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; aquele que ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim.* (Mateus, 10:37)

3. Certas palavras, aliás muito raras, fazem um contraste tão estranho na boca do Cristo que instintivamente se lhes repele o sentido literal, e a sublimidade de sua doutrina não sofreu com elas nenhum dano. Escritas depois de sua morte, visto que nenhum Evangelho foi escrito enquanto ele vivia, é lícito crer que, nesse caso, o fundo de seu pensamento não foi bem expresso, ou, o que não é menos provável, que o sentido primitivo pode ter sofrido alguma alteração ao passar de uma língua para outra. Bastou que um erro fosse cometido uma primeira vez para que fosse repetido pelos copistas, como se vê com tanta frequência nos fatos históricos.

A palavra *odeia*, nesta frase de São Lucas: *Se alguém vem a mim e não odeia seu pai e sua mãe*, está nesse caso; não há ninguém que tenha tido a ideia de atribuí-la a Jesus; seria, pois, supérfluo discuti-la, e menos ainda procurar justificá-la. Seria preciso saber, primeiro, se ele a pronunciou e, em caso afirmativo, saber se, na língua em que se exprimia, essa palavra tinha o mesmo valor que na nossa. Nesta passagem de São João: "Aquele que odeia a sua vida neste mundo a conserva para a vida eterna", é certo que ela não exprime a ideia que lhe atribuímos [1].

A língua hebraica não era rica e tinha muitas palavras com vários significados. Tal é, por exemplo, a que, no Gênesis, designa as fases da criação e servia ao mesmo tempo para exprimir um período de tempo qualquer e a revolução diurna; daí, mais tarde, sua tradução pela palavra *dia*, e a crença de que o mundo foi obra de seis vezes vinte e quatro horas. Tal é ainda a palavra que se aplicava a um camelo e a um cabo, porque os cabos eram feitos de pelos de camelo, e que foi traduzida por *camelo* na alegoria do buraco da agulha (cap. XVI, nº 2).

É preciso, aliás, levar em conta os costumes e o caráter dos povos, que influem no gênio particular de suas línguas; sem esse conhecimento, o sentido verdadeiro de certas palavras escapa; de uma língua para outra, a mesma palavra tem mais ou menos energia; pode ser uma injúria ou uma blasfêmia numa e insignificante na outra, conforme a ideia que se lhe associa; na mesma língua, certas palavras perdem seu valor à distância de alguns séculos; é por isso que uma tradução rigorosamente literal nem sempre exprime perfeitamente o pensamento, e que, para ser exato, é preciso às vezes empregar não as palavras correspondentes, mas palavras equivalentes ou perífrases.

Estas observações encontram aplicação especial na interpretação das Santas Escrituras, e dos Evangelhos em particular. Se não se levar em conta o meio em que Jesus vivia, fica-se exposto a equivocar-se quanto ao valor de certas expressões e de certos fatos, em consequência do hábito que se tem de assimilar os outros a si mesmo. Em todo caso, é preciso, pois, afastar da palavra *odiar* a acepção moderna, como contrária ao espírito do ensino de Jesus. (Ver também cap. XIV, nº 5 e seguintes.)

Deixar pai, mãe e filhos

4. *Todo aquele que tiver deixado por causa do meu nome sua casa, ou seus irmãos, ou suas irmãs, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua mulher, ou seus filhos, ou suas terras, receberá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna.* (Mateus, 19:29)

5. *Então Pedro lhe disse: Quanto a nós, vedes que deixamos tudo e vos seguimos. Jesus lhes disse: Em verdade vos digo, ninguém deixará por causa do reino de Deus sua casa, ou seu pai e sua mãe, ou seus irmãos, ou sua mulher, ou seus filhos, que não receba já neste mundo muito mais, e no século vindouro a vida eterna.* (Lucas, 18:28-30)

6. *Um outro lhe disse: Senhor, eu vos seguirei; mas permiti-me dispor antes do que tenho em minha casa. Jesus lhe respondeu: Quem, tendo a mão no arado, olha para trás não é apto para o reino de Deus.* (Lucas, 9:61-62)

Sem discutir as palavras, é preciso aqui procurar o pensamento, que era evidentemente este: "Os interesses da vida futura sobrepõem-se a todos os interesses e a todas as considerações humanas", porque ele está de acordo com o fundo da doutrina de Jesus, ao passo que a ideia de uma renúncia à própria família seria a negação dela.

Não temos, aliás, sob os olhos a aplicação dessas máximas no sacrifício dos interesses e das afeições de família pela pátria? Censura-se um filho por deixar seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua mulher, seus filhos, para marchar em defesa de seu país? Não se lhe faz, ao contrário, um mérito de arrancar-se às doçuras do lar doméstico, aos abraços da amizade, para cumprir um dever? Há, pois, deveres que se sobrepõem a outros deveres. A lei não impõe à filha a obrigação de deixar seus pais para seguir o esposo? O mundo está repleto de casos em que as separações mais penosas são necessárias; mas nem por isso as afeições se rompem; o afastamento não diminui nem o respeito nem a solicitude que se deve aos pais, nem a ternura pelos filhos. Vê-se, pois, que, mesmo tomadas ao pé da letra, salvo a palavra *odiar*, essas palavras não seriam a negação do mandamento que prescreve honrar pai e mãe, nem do sentimento de ternura paterna, e com mais forte razão se se tomar o seu espírito. Tinham por fim mostrar, por meio de uma hipérbole, quão imperioso era o dever de ocupar-se da vida futura. Deviam, além disso, ser menos chocantes num povo e numa época em que, em consequência dos costumes, os laços de família tinham menos força do que numa civilização moral mais adiantada; esses laços, mais fracos entre os povos primitivos, fortalecem-se com o desenvolvimento da sensibilidade e do senso moral. A própria separação é necessária ao progresso; sucede com as famílias o mesmo que com as raças: degeneram se não há cruzamento, se não se enxertam umas nas outras; é uma lei da natureza, tanto no interesse do progresso moral quanto no do progresso físico.

As coisas são aqui consideradas apenas do ponto de vista terreno; o Espiritismo no-las faz ver de mais alto, mostrando-nos que os verdadeiros laços de afeição são os do Espírito, e não os do corpo; que esses laços não se rompem nem pela separação, nem mesmo pela morte

do corpo; que se fortalecem na vida espiritual pela depuração do Espírito: verdade consoladora que dá grande força para suportar as vicissitudes da vida. (Cap. IV, nº 18; cap. XIV, nº 8.)

Deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos

7. *Disse a outro: Segue-me; e ele respondeu: Senhor, permiti-me ir antes enterrar meu pai. Jesus lhe respondeu: Deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a vós, ide anunciar o reino de Deus.* (Lucas, 9:59-60)

8. Que podem significar estas palavras: "Deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos"? As considerações precedentes mostram, primeiro, que, na circunstância em que foram pronunciadas, elas não podiam exprimir uma censura contra aquele que considerava um dever de piedade filial ir enterrar seu pai; mas encerram um sentido profundo que só um conhecimento mais completo da vida espiritual podia fazer compreender.

A vida espiritual, com efeito, é a verdadeira vida; é a vida normal do Espírito; sua existência terrena não é senão transitória e passageira; é uma espécie de morte, se comparada ao esplendor e à atividade da vida espiritual. O corpo não passa de uma vestimenta grosseira de que o Espírito se reveste momentaneamente, verdadeira cadeia que o prende à gleba da terra e da qual ele se sente feliz por ser libertado. O respeito que se tem pelos mortos não se prende à matéria, mas, pela lembrança, ao Espírito ausente; é análogo ao que se tem pelos objetos que lhe pertenceram, que ele tocou e que aqueles que lhe têm afeição guardam como relíquias. É o que aquele homem não podia compreender por si mesmo; Jesus lho ensina, dizendo-lhe: Não vos

inquieteis com o corpo, mas pensai antes no Espírito; ide ensinar o reino de Deus; ide dizer aos homens que sua pátria não está na Terra, mas no céu, pois só lá está a verdadeira vida.

Não vim trazer a paz, mas a divisão

9. *Não penseis que eu vim trazer a paz à Terra; não vim trazer a paz, mas a espada; pois vim separar o homem de seu pai, a filha de sua mãe e a nora de sua sogra; e o homem terá por inimigos os de sua própria casa.* (Mateus, 10:34-36)

10. *Vim para lançar fogo à terra; e que desejo eu, senão que ele se acenda? Devo ser batizado com um batismo, e quanto me sinto impaciente até que ele se cumpra!*

Credes que vim trazer a paz à Terra? Não, eu vos asseguro, mas, ao contrário, a divisão; pois de agora em diante, se houver cinco pessoas numa casa, estarão divididas umas contra as outras: três contra duas e duas contra três. O pai estará dividido contra o filho, e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe; a sogra contra a nora, e a nora contra a sogra. (Lucas, 12:49-53)

11. Terá sido mesmo Jesus, a personificação da mansidão e da bondade, ele que não cessou de pregar o amor ao próximo, quem pôde dizer: Não vim trazer a paz, mas a espada; vim separar o filho do pai, o esposo da esposa; vim lançar fogo à terra, e tenho pressa de que ele se acenda? Essas palavras não estão em contradição flagrante com o seu ensino? Não haverá blasfêmia em atribuir-lhe a linguagem de um conquistador sanguinário e devastador? Não, não há blasfêmia nem contradição nessas palavras, pois foi de fato ele quem as pronunciou, e elas testemunham sua alta sabedoria; apenas a forma, um tanto equívoca, não exprime exatamente o seu pensamento, o

que fez que se enganassem quanto ao seu sentido verdadeiro; tomadas ao pé da letra, tenderiam a transformar sua missão, toda pacífica, numa missão de perturbações e de discórdias, consequência absurda que o bom senso faz afastar, pois Jesus não podia desmentir-se. (Cap. XIV, nº 6.)

12. Toda ideia nova encontra forçosamente oposição, e não há uma só que se tenha estabelecido sem lutas; ora, em semelhante caso, a resistência é sempre proporcional à importância dos resultados previstos, porque, quanto maior ela é, mais interesses fere. Se é notoriamente falsa, se é julgada sem consequência, ninguém se inquieta com ela, e deixam-na passar, sabendo que não tem vitalidade. Mas, se é verdadeira, se repousa sobre uma base sólida, se se entrevê para ela um futuro, um secreto pressentimento adverte seus antagonistas de que ela é um perigo para eles e para a ordem de coisas em cuja manutenção estão interessados; é por isso que golpeiam a ela e a seus partidários.

A medida da importância e dos resultados de uma ideia nova encontra-se, assim, na emoção que ela causa ao aparecer, na violência da oposição que suscita e no grau e na persistência da cólera de seus adversários.

13. Jesus vinha proclamar uma doutrina que solapava pela base os abusos de que viviam os fariseus, os escribas e os sacerdotes de seu tempo; por isso o fizeram morrer, julgando matar a ideia ao matar o homem; mas a ideia sobreviveu, porque era verdadeira; cresceu, porque estava nos desígnios de Deus, e, saída de uma obscura aldeia da Judeia, foi plantar sua bandeira na própria capital do mundo pagão, em face de seus inimigos mais encarniçados, daqueles que tinham mais interesse em combatê-la, porque ela derrubava crenças seculares às quais muitos se apegavam bem mais por interesse do

que por convicção. Lá, lutas mais terríveis esperavam seus apóstolos; as vítimas foram inumeráveis, mas a ideia cresceu sempre e saiu triunfante, porque prevalecia, como verdade, sobre as que a haviam precedido.

14. É de notar que o Cristianismo chegou quando o Paganismo estava em declínio e se debatia contra as luzes da razão. Ainda era praticado por formalidade, mas a crença havia desaparecido; só o interesse pessoal o sustentava. Ora, o interesse é tenaz; nunca cede à evidência; irrita-se tanto mais quanto mais peremptórios são os raciocínios que se lhe opõem e melhor lhe demonstram o seu erro; ele sabe bem que está no erro, mas não é isso o que o toca, pois a verdadeira fé não está em sua alma; o que ele mais teme é a luz que abre os olhos dos cegos; esse erro lhe é proveitoso, e é por isso que se agarra a ele e o defende.

Sócrates não havia também, ele próprio, emitido uma doutrina análoga, até certo ponto, à do Cristo? Por que, então, ela não prevaleceu naquela época, num dos povos mais inteligentes da Terra? É que o tempo não havia chegado; ele semeou numa terra não lavrada; o paganismo ainda não se tinha desgastado. O Cristo recebeu sua missão providencial no tempo propício. Todos os homens de seu tempo estavam longe, muito longe, de se achar à altura das ideias cristãs, mas havia uma aptidão mais geral para assimilá-las, porque se começava a sentir o vazio que as crenças vulgares deixavam na alma. Sócrates e Platão haviam aberto o caminho e predisposto os espíritos. (Ver na Introdução o parágrafo IV, Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo.)

15. Infelizmente, os adeptos da nova doutrina não se entenderam sobre a interpretação das palavras do Mestre, na maior parte veladas sob a alegoria e a figura; daí nasceram, desde o início, as numerosas

seitas que pretendiam todas possuir a verdade exclusiva e que dezoito séculos não conseguiram pôr de acordo. Esquecendo o mais importante dos preceitos divinos, aquele que Jesus fizera a pedra angular de seu edifício e a condição expressa da salvação — a caridade, a fraternidade e o amor ao próximo —, essas seitas lançaram anátemas umas às outras e se arremessaram umas contra as outras, as mais fortes esmagando as mais fracas, sufocando-as no sangue, nas torturas e nas chamas das fogueiras. Os cristãos, vencedores do Paganismo, de perseguidos se fizeram perseguidores; foi com o ferro e o fogo que foram plantar a cruz do cordeiro sem mancha nos dois mundos. É fato constante que as guerras de religião foram as mais cruéis e fizeram mais vítimas do que as guerras políticas, e que em nenhuma outra se cometeram mais atos de atrocidade e de barbárie.

A culpa será da doutrina do Cristo? Certamente que não, pois ela condena formalmente toda violência. Disse ele em alguma parte a seus discípulos: Ide, matai, massacrai, queimai os que não crerem como vós? Não, pois ao contrário lhes disse: Todos os homens são irmãos, e Deus é soberanamente misericordioso; amai o vosso próximo; amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos perseguem. Disse-lhes ainda: Quem matar pela espada perecerá pela espada. A responsabilidade, pois, não cabe à doutrina de Jesus, mas àqueles que a interpretaram falsamente e fizeram dela um instrumento a serviço de suas paixões; àqueles que desconheceram esta palavra: Meu reino não é deste mundo.

Jesus, em sua profunda sabedoria, previa o que havia de acontecer; mas essas coisas eram inevitáveis, porque se prendiam à inferioridade da natureza humana, que não podia transformar-se de repente. Era preciso que o cristianismo passasse por essa longa e cruel prova de dezoito séculos para mostrar todo o seu poder; pois, apesar de

todo o mal cometido em seu nome, saiu dela puro; jamais foi posto em causa; a censura sempre recaiu sobre aqueles que dele abusaram; a cada ato de intolerância, sempre se disse: Se o cristianismo fosse mais bem compreendido e mais bem praticado, isso não aconteceria.

16. Quando Jesus diz: Não creiais que vim trazer a paz, mas a divisão, seu pensamento era este:

"Não creiais que minha doutrina se estabeleça pacificamente; ela trará lutas sangrentas, das quais meu nome será o pretexto, porque os homens não me terão compreendido ou não terão querido compreender-me; os irmãos, separados por sua crença, desembainharão a espada um contra o outro, e a divisão reinará entre os membros de uma mesma família que não tiverem a mesma fé. Vim lançar fogo à terra para limpá-la dos erros e dos preconceitos, como se põe fogo num campo para destruir as ervas daninhas, e tenho pressa de que ele se acenda para que a depuração seja mais rápida, pois desse conflito a verdade sairá triunfante; à guerra sucederá a paz; ao ódio dos partidos, a fraternidade universal; às trevas do fanatismo, a luz da fé esclarecida. Então, quando o campo estiver preparado, eu vos enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade, que virá restabelecer todas as coisas; quer dizer que, dando a conhecer o verdadeiro sentido de minhas palavras, que os homens, mais esclarecidos, poderão enfim compreender, ele porá fim à luta fratricida que divide os filhos de um mesmo Deus. Cansados enfim de um combate sem saída, que só arrasta atrás de si a desolação e leva a perturbação até o seio das famílias, os homens reconhecerão onde estão seus verdadeiros interesses para este mundo e para o outro; verão de que lado estão os amigos e os inimigos de seu repouso. Todos então virão abrigar-se sob a mes-

ma bandeira — a da caridade —, e as coisas serão restabelecidas na Terra segundo a verdade e os princípios que vos ensinei."

17. O Espiritismo vem realizar, no tempo devido, as promessas do Cristo; entretanto, não pode fazê-lo sem destruir os abusos; como Jesus, encontra em seu caminho o orgulho, o egoísmo, a ambição, a cupidez, o fanatismo cego, que, acossados em suas últimas trincheiras, tentam barrar-lhe o caminho e lhe suscitam entraves e perseguições; é por isso que também ele precisa combater; mas o tempo das lutas e das perseguições sangrentas passou; as que ele terá de sofrer são todas morais, e o seu termo está próximo; as primeiras duraram séculos: estas durarão apenas alguns anos, porque a luz, em vez de partir de um único foco, jorra em todos os pontos do globo e abrirá mais cedo os olhos dos cegos.

18. Essas palavras de Jesus devem, pois, entender-se das cóleras que ele previa que sua doutrina ia suscitar, dos conflitos momentâneos que dela seriam a consequência, das lutas que ela teria de sustentar antes de se estabelecer, como sucedeu com os hebreus antes de sua entrada na Terra Prometida, e não de um desígnio premeditado de sua parte de semear a desordem e a confusão. O mal devia vir dos homens, e não dele. Ele era como o médico que vem curar, mas cujos remédios provocam uma crise salutar, revolvendo os humores malsãos do doente.

Notas

1. *Non odit* em latim, *kai ou misei* em grego, não quer dizer *odiar*, mas *amar menos*. O que exprime o verbo grego *misein*, o verbo hebraico de que Jesus deve ter-se servido o diz ainda melhor; ele não significa somente *odiar*, mas *amar menos*, *não amar tanto quanto*, *em igualdade com outro*. No dialeto siríaco, do qual se diz que Jesus se servia com mais frequência, esse significado é ainda mais acentuado. É nesse sentido que se diz no Gênesis (29:30-31): "E Jacó amou

também Raquel mais do que Lia, e Jeová, vendo que Lia era odiada…" É evidente que o verdadeiro sentido é *menos amada*; é assim que se deve traduzir. Em várias outras passagens hebraicas, e sobretudo siríacas, o mesmo verbo é empregado no sentido de *não amar tanto quanto a outro*, e cometer-se-ia um contrassenso traduzindo-o por *odiar*, que tem outra acepção bem determinada. O texto de São Mateus, aliás, desfaz toda dificuldade. (Nota do Sr. Pezzani.)

CAPÍTULO XXIV

Não ponhais a candeia debaixo do alqueire

Candeia debaixo do alqueire. Por que Jesus fala por parábolas. Não vades aos gentios. Não são os que têm saúde que precisam de médico. A coragem da fé. Carregar a própria cruz. Quem quiser salvar a vida a perderá.

Candeia debaixo do alqueire. Por que Jesus fala por parábolas

1. *Não se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire; põe-se, ao contrário, sobre o candeeiro, para que ilumine todos os que estão na casa.* (Mateus, 5:15)

2. *Ninguém, depois de acender uma candeia, a cobre com um vaso ou a põe debaixo de uma cama; põe-na sobre o candeeiro, para que os que entram vejam a luz; pois nada há de secreto que não deva ser descoberto, nem nada de oculto que não deva ser conhecido e vir a público.* (Lucas, 8:16-17)

3. *Aproximando-se, seus discípulos lhe disseram: Por que lhes falas por parábolas? Ele lhes respondeu: É porque a vós foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não foi dado. Falo-lhes por parábolas porque, vendo, não veem, e, ouvindo, não escutam nem compreendem. E neles se cumprirá a profecia de Isaías, quando diz: Ouvireis com os vossos ouvidos e não entendereis; olhareis com os vossos olhos e não vereis. Pois o coração deste povo se tornou pesado, seus ouvidos se fizeram surdos e eles fecharam os olhos, para que seus olhos não vejam, seus ouvidos*

não ouçam, seu coração não compreenda e, convertendo-se, eu não os cure. (Mateus, 13:10-15)

4. Causa espanto ouvir Jesus dizer que não se deve pôr a luz debaixo do alqueire, quando ele próprio esconde a todo momento o sentido de suas palavras sob o véu da alegoria, que nem todos podem compreender. Ele se explica dizendo aos apóstolos: Falo-lhes por parábolas porque não estão em condições de compreender certas coisas; veem, olham, ouvem e não compreendem; dizer-lhes tudo seria, pois, inútil por enquanto; mas a vós eu o digo, porque vos é dado compreender esses mistérios. Agia, portanto, com o povo como se faz com crianças cujas ideias ainda não se desenvolveram. Com isso indica o verdadeiro sentido da máxima: "Não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, mas sobre o candeeiro, para que todos os que entram possam vê-la." Ela não significa que se devam revelar todas as coisas sem discernimento; todo ensino deve ser proporcional à inteligência daquele a quem se dirige, pois há pessoas que uma luz forte demais ofusca sem iluminar.

Com os homens em geral acontece o mesmo que com os indivíduos: as gerações têm sua infância, sua juventude e sua idade madura; cada coisa deve vir a seu tempo, e a semente lançada fora da estação não frutifica. Mas aquilo que a prudência manda calar momentaneamente deve, cedo ou tarde, ser descoberto, porque, chegados a certo grau de desenvolvimento, os homens procuram eles mesmos a luz viva; a obscuridade lhes pesa. Tendo-lhes Deus dado a inteligência para compreender e para se guiarem nas coisas da Terra e do céu, querem raciocinar sua fé; é então que não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, porque, sem a luz da razão, a fé se enfraquece. (Cap. XIX, n.º 7.)

5. Se, pois, em sua sábia previdência, a Providência só revela as verdades gradualmente, ela as descobre sempre à medida que a humanidade está madura para recebê-las; mantém-nas em reserva, e não debaixo do alqueire. Mas os homens que as possuem, na maior parte das vezes, só as escondem do vulgo com o fim de dominá-lo; são eles que verdadeiramente põem a luz debaixo do alqueire. Foi assim que todas as religiões tiveram seus mistérios, cujo exame proibiam; mas, enquanto essas religiões ficavam para trás, a ciência e a inteligência caminharam e rasgaram o véu misterioso; o vulgo, tornado adulto, quis penetrar o fundo das coisas, e então rejeitou de sua fé aquilo que era contrário à observação.

Não pode haver mistérios absolutos, e Jesus está com a verdade quando diz que nada há de secreto que não deva ser conhecido. Tudo o que está oculto será um dia descoberto, e aquilo que o homem ainda não pode compreender na Terra lhe será sucessivamente desvendado em mundos mais adiantados, e quando ele estiver purificado; neste mundo, ele ainda está no nevoeiro.

6. Pergunta-se que proveito o povo podia tirar dessa multidão de parábolas cujo sentido lhe permanecia oculto. Convém notar que Jesus só se exprimiu por parábolas sobre as partes de certo modo abstratas de sua doutrina; mas, tendo feito da caridade para com o próximo e da humildade a condição expressa da salvação, tudo o que disse a esse respeito é perfeitamente claro, explícito e sem ambiguidade. Assim tinha de ser, porque era a regra de conduta, regra que todos deviam compreender para poder observá-la; era o essencial para a multidão ignorante, à qual ele se limitava a dizer: Eis o que é preciso fazer para ganhar o reino dos céus. Sobre as outras partes, só desenvolvia seu pensamento aos discípulos; estando estes mais adiantados moral e intelectualmente, Jesus pudera iniciá-los em verdades mais

abstratas; por isso diz: A quem já tem, ainda mais será dado. (Cap. XVIII, n.º 15.)

Contudo, mesmo com os apóstolos, ele permaneceu vago sobre muitos pontos cuja plena compreensão estava reservada a tempos ulteriores. Foram esses pontos que deram lugar a interpretações tão diversas, até que a ciência, de um lado, e o Espiritismo, do outro, vieram revelar as novas leis da natureza que fizeram compreender seu verdadeiro sentido.

7. O Espiritismo vem hoje lançar luz sobre uma multidão de pontos obscuros; contudo, não a lança sem discernimento. Os Espíritos procedem em suas instruções com admirável prudência; foi apenas sucessiva e gradualmente que abordaram as diversas partes conhecidas da doutrina, e é assim que as outras partes serão reveladas à medida que chegar o momento de tirá-las da sombra. Se a tivessem apresentado completa desde o início, ela só teria sido acessível a um pequeno número; teria até assustado os que não estavam preparados, o que teria prejudicado sua propagação. Se, portanto, os Espíritos ainda não dizem tudo abertamente, não é que haja na doutrina mistérios reservados a privilegiados, nem que ponham a candeia debaixo do alqueire, mas porque cada coisa deve vir no tempo oportuno; dão a uma ideia o tempo de amadurecer e de se propagar antes de apresentarem outra, e aos acontecimentos o tempo de preparar sua aceitação.

Não vades aos gentios

8. *Jesus enviou os seus doze [os apóstolos], depois de lhes dar as seguintes instruções: Não vades aos gentios e não entreis nas cidades dos samaritanos; ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel; e, nos lugares*

aonde fordes, pregai, dizendo que o reino dos céus está próximo. (Mateus, 10:5-7)

9. Jesus prova em muitas ocasiões que suas vistas não se limitam ao povo judeu, mas abrangem toda a humanidade. Se, pois, diz aos apóstolos que não vão aos pagãos, não é por desdém pela conversão destes, o que teria sido pouco caridoso, mas porque os judeus, que acreditavam na unidade de Deus e esperavam o Messias, estavam preparados, pela lei de Moisés e pelos profetas, para receber a sua palavra. Entre os pagãos, faltando a própria base, tudo estava por fazer, e os apóstolos ainda não eram suficientemente esclarecidos para tarefa tão pesada; por isso lhes diz: Ide às ovelhas desgarradas de Israel; isto é, ide semear num terreno já desbravado, sabendo bem que a conversão dos gentios viria a seu tempo. Mais tarde, com efeito, foi no próprio centro do paganismo que os apóstolos foram plantar a cruz.

10. Essas palavras podem aplicar-se aos adeptos e aos propagadores do Espiritismo. Os incrédulos sistemáticos, os zombadores obstinados, os adversários interessados são para eles o que os gentios eram para os apóstolos. A exemplo destes, que procurem primeiro prosélitos entre as pessoas de boa vontade, aquelas que desejam a luz, nas quais se encontra um germe fecundo — e o número delas é grande —, sem perder tempo com os que se recusam a ver e a ouvir e que, por orgulho, se obstinam tanto mais quanto mais valor se parece dar à sua conversão. Mais vale abrir os olhos a cem cegos que desejam ver claro do que a um só que se compraz na escuridão, porque assim se aumenta em proporção muito maior o número dos que sustentam a causa. Deixar os outros em paz não é indiferença, mas boa política; a vez deles chegará quando forem dominados pela opinião geral e ouvirem a mesma coisa repetida sem cessar ao seu redor; então jul-

garão aceitar a ideia voluntariamente e por si mesmos, e não sob a pressão de um indivíduo. Além disso, com as ideias acontece o mesmo que com as sementes: não podem germinar antes da estação, e somente num terreno preparado; por isso é melhor esperar o tempo propício e cultivar primeiro as que germinam, para não fazer abortar as outras forçando-as demais.

No tempo de Jesus, e em consequência das ideias estreitas e materiais da época, tudo era circunscrito e localizado; a casa de Israel era um pequeno povo; os gentios eram pequenos povos vizinhos. Hoje as ideias se universalizam e se espiritualizam. A nova luz não é privilégio de nenhuma nação; para ela já não existem barreiras; tem o seu foco em toda parte, e todos os homens são irmãos. Mas também os gentios já não são um povo: são uma opinião que se encontra por toda parte e da qual a verdade triunfa pouco a pouco, como o cristianismo triunfou do paganismo. Já não é com as armas de guerra que se combatem, mas com o poder da ideia.

Não são os que têm saúde que precisam de médico

11. *Estando Jesus à mesa na casa desse homem* [Mateus], *vieram muitos publicanos e pessoas de má vida, que se sentaram à mesa com Jesus e seus discípulos; vendo isso, os fariseus disseram aos discípulos: Por que o vosso Mestre come com publicanos e pessoas de má vida? Mas Jesus, tendo-os ouvido, disse-lhes: Não são os que têm saúde, mas os doentes, que precisam de médico.* (Mateus, 9:10-12)

12. Jesus se dirigia sobretudo aos pobres e aos deserdados, porque são eles os que mais necessitam de consolação; aos cegos dóceis e de boa-fé, porque pedem para ver, e não aos orgulhosos, que julgam

possuir toda a luz e não precisar de nada. (Ver Introdução, artigo “Publicanos, Portageiros”.)

Essa palavra, como tantas outras, encontra sua aplicação no Espiritismo. Por vezes estranha-se que a mediunidade seja concedida a pessoas indignas e capazes de fazer dela mau uso; parece, dizem, que uma faculdade tão preciosa deveria ser atributo exclusivo dos mais merecedores.

Digamos primeiro que a mediunidade se prende a uma disposição orgânica de que todo homem pode ser dotado, como da de ver, de ouvir, de falar. Não há nenhuma de que o homem, em virtude de seu livre-arbítrio, não possa abusar; e se Deus só tivesse concedido a palavra, por exemplo, aos que são incapazes de dizer coisas más, haveria mais mudos do que falantes. Deus deu faculdades ao homem; deixa-o livre para usá-las, mas pune sempre aquele que delas abusa.

Se o poder de comunicar-se com os Espíritos só fosse dado aos mais dignos, quem ousaria pretendê-lo? Onde estaria, além disso, o limite entre a dignidade e a indignidade? A mediunidade é dada sem distinção, a fim de que os Espíritos possam levar a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos sensatos, para fortalecê-los no bem; aos viciosos, para corrigi-los. Não são estes últimos os doentes que precisam do médico? Por que Deus, que não quer a morte do pecador, o privaria do socorro que pode tirá-lo do lamaçal? Os bons Espíritos vêm, pois, em seu auxílio, e seus conselhos, recebidos diretamente, são de natureza a impressioná-lo mais vivamente do que se os recebesse por vias indiretas. Deus, em sua bondade, para poupar-lhe o trabalho de ir buscar a luz longe, coloca-a em sua mão; não será ele muito mais culpado se não a olhar? Poderá desculpar-se com a ignorância, quando ele mesmo tiver escrito, visto com seus olhos, ouvido com seus ouvidos e pro-

nunciado com sua boca a própria condenação? Se não tirar proveito, é então punido pela perda ou pela perversão de sua faculdade, da qual os maus Espíritos se apoderam para obsidiá-lo e enganá-lo, sem prejuízo das aflições reais com que Deus fere seus servidores indignos e os corações endurecidos pelo orgulho e pelo egoísmo.

A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com Espíritos superiores; é simplesmente uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos dócil aos Espíritos em geral. O bom médium, portanto, não é aquele que se comunica com facilidade, mas aquele que é simpático aos bons Espíritos e só por eles é assistido. É somente nesse sentido que a excelência das qualidades morais exerce poder absoluto sobre a mediunidade.

A coragem da fé

13. *Todo aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, eu também o reconhecerei e confessarei diante de meu Pai que está nos céus; e todo aquele que me renegar diante dos homens, eu também o renegarei diante de meu Pai que está nos céus.* (Mateus, 10:32-33)

14. *Se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras*, o Filho do homem *também se envergonhará dele, quando vier na sua glória e na de seu Pai e dos santos anjos.* (Lucas, 9:26)

15. A coragem da própria opinião sempre foi tida em estima entre os homens, porque há mérito em enfrentar os perigos, as perseguições, as contrariedades e até os simples sarcasmos a que quase sempre se expõe quem não teme declarar abertamente ideias que não são as de todo o mundo. Aqui, como em tudo, o mérito está na proporção das circunstâncias e da importância do resultado. Há sempre fraqueza em recuar diante das consequências da própria opinião e em renegá-

la; mas há casos em que isso é uma covardia tão grande quanto fugir no momento do combate.

Jesus condena essa covardia, do ponto de vista especial de sua doutrina, dizendo que, se alguém se envergonhar de suas palavras, ele também se envergonhará dele; que renegará aquele que o tiver renegado; que aquele que o confessar diante dos homens, ele o reconhecerá diante de seu Pai que está nos céus; em outros termos: os que tiverem temido declarar-se discípulos da verdade não são dignos de ser admitidos no reino da verdade. Perderão o benefício de sua fé, porque é uma fé egoísta, que guardam para si mesmos, mas que escondem com medo de que ela lhes traga prejuízo neste mundo; ao passo que aqueles que, pondo a verdade acima de seus interesses materiais, a proclamam abertamente, trabalham ao mesmo tempo para o próprio futuro e para o dos outros.

16. Assim acontecerá com os adeptos do Espiritismo; uma vez que sua doutrina não é senão o desenvolvimento e a aplicação da doutrina do Evangelho, é também a eles que se dirigem as palavras do Cristo. Eles semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual; lá recolherão os frutos de sua coragem ou de sua fraqueza.

Carregar a própria cruz. Quem quiser salvar a vida a perderá

17. *Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos afastarem, quando vos tratarem com injúrias e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem. Alegrai-vos nesse dia e exultai de alegria, porque uma grande recompensa vos está reservada no céu; pois era assim que os pais deles tratavam os profetas.* (Lucas, 6:22-23)

18. *Chamando a si o povo com os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; pois aquele que quiser salvar a si mesmo se perderá; e aquele que se perder por amor de mim e do Evangelho se salvará. Com efeito, de que serviria a um homem ganhar o mundo inteiro e perder-se a si mesmo?* (Marcos, 8:34-36. Lucas, 9:23-25. Mateus, 10:39. João, 12:24-25)

19. Alegrai-vos, diz Jesus, quando os homens vos odiarem e vos perseguirem por minha causa, porque sereis recompensados no céu. Essas palavras podem ser traduzidas assim: Sede felizes quando os homens, com sua má vontade para convosco, vos derem ocasião de provar a sinceridade de vossa fé, porque o mal que vos fazem reverte em vosso proveito. Lamentai, pois, a cegueira deles, e não os amaldiçoeis.

Depois acrescenta: "Quem quiser seguir-me tome a sua cruz", isto é, suporte corajosamente as tribulações que a sua fé lhe suscitar; porque aquele que quiser salvar a vida e os bens renegando-me perderá as vantagens do reino dos céus, ao passo que aqueles que tiverem perdido tudo neste mundo, até a vida, pelo triunfo da verdade, receberão, na vida futura, o prêmio de sua coragem, de sua perseverança e de sua abnegação; mas àqueles que sacrificam os bens celestes aos gozos terrenos Deus diz: Já recebestes a vossa recompensa.

CAPÍTULO XXV

Buscai e achareis

Ajuda-te, e o céu te ajudará. Olhai as aves do céu. Não vos preocupeis em ter ouro.

Ajuda-te, e o céu te ajudará

1. *Pedi, e vos será dado; buscai, e achareis; batei à porta, e ela vos será aberta; pois todo aquele que pede recebe, quem busca acha, e àquele que bate à porta ela será aberta.*

Qual de vós, aliás, dará uma pedra ao filho quando este lhe pede pão? ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Se, pois, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, com quanto mais razão vosso Pai que está nos céus dará os verdadeiros bens àqueles que lhos pedem! (Mateus, 7:7-11)

2. Do ponto de vista terreno, a máxima: Buscai e achareis, é análoga a esta outra: Ajuda-te, e o céu te ajudará. É o princípio da lei do trabalho e, por conseguinte, da lei do progresso, porque o progresso é filho do trabalho, uma vez que o trabalho põe em ação as forças da inteligência.

Na infância da humanidade, o homem só aplica a inteligência à busca do alimento, dos meios de se proteger das intempéries e de se defender dos inimigos; mas Deus lhe deu, a mais do que ao animal, o desejo incessante do melhor; é esse desejo do melhor que o impele a procurar os meios de melhorar sua situação, que o conduz às descobertas, às invenções, ao aperfeiçoamento da ciência, pois é a ciência que lhe proporciona o que lhe falta. Por suas pesquisas, sua inteligência cresce, sua moral se depura; às necessidades do corpo suce-

dem as necessidades do espírito; depois do alimento material é preciso o alimento espiritual; é assim que o homem passa da selvageria à civilização.

Mas o progresso que cada homem realiza individualmente durante a vida é bem pouca coisa, imperceptível até em grande número deles; como poderia, então, a humanidade progredir sem a preexistência e a reexistência da alma? Se as almas partissem todos os dias para não mais voltar, a humanidade se renovaria sem cessar com os elementos primitivos, tendo tudo por fazer, tudo por aprender; não haveria, pois, razão para que o homem estivesse hoje mais adiantado do que nas primeiras idades do mundo, uma vez que a cada nascimento todo o trabalho intelectual teria de recomeçar. A alma, ao contrário, voltando com o progresso já realizado e adquirindo cada vez algo mais, passa assim gradualmente da barbárie à civilização material, e desta à civilização moral. (Ver cap. IV, n.º 17.)

3. Se Deus tivesse libertado o homem do trabalho do corpo, seus membros estariam atrofiados; se o tivesse libertado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal; por isso fez do trabalho uma necessidade para ele; disse-lhe: Busca e acharás; trabalha e produzirás; dessa maneira serás filho de tuas obras, terás o mérito delas e serás recompensado segundo o que tiveres feito.

4. É em aplicação desse princípio que os Espíritos não vêm poupar ao homem o trabalho das pesquisas, trazendo-lhe descobertas e invenções prontas e acabadas, em condições de produzir, de modo que ele só tivesse de pegar o que lhe pusessem na mão, sem o trabalho de se abaixar para apanhar, nem mesmo o de pensar. Se assim fosse, o mais preguiçoso poderia enriquecer e o mais ignorante tornar-se sábio a baixo custo, e tanto um quanto o outro atribuir-se o mérito do

que não tivessem feito. Não, os Espíritos não vêm libertar o homem da lei do trabalho, mas mostrar-lhe a meta que deve atingir e o caminho que a ela conduz, dizendo-lhe: Caminha e chegarás. Encontrarás pedras sob teus passos; olha e tira-as tu mesmo; nós te daremos a força necessária, se quiseres empregá-la. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXVI, n.º 291 e seguintes.)

5. Do ponto de vista moral, essas palavras de Jesus significam: Pedi a luz que deve iluminar o vosso caminho, e ela vos será dada; pedi a força para resistir ao mal, e a tereis; pedi a assistência dos bons Espíritos, e eles virão acompanhar-vos e, como o anjo de Tobias, vos servirão de guias; pedi bons conselhos, e eles nunca vos serão recusados; batei à nossa porta, e ela vos será aberta; mas pedi sinceramente, com fé, fervor e confiança; apresentai-vos com humildade, e não com arrogância; do contrário, sereis abandonados às vossas próprias forças, e as próprias quedas que sofrerdes serão a punição do vosso orgulho.

Tal é o sentido destas palavras: Buscai e achareis, batei e vos será aberto.

Olhai as aves do céu

6. *Não ajunteis tesouros na terra, onde a ferrugem e os vermes os consomem e onde os ladrões os desenterram e os roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a ferrugem nem os vermes os consomem; pois onde está o vosso tesouro, aí também está o vosso coração.*

Por isso vos digo: Não vos inquieteis com onde achareis o que comer para o sustento de vossa vida, nem com onde obtereis roupas para cobrir vosso corpo; a vida não é mais do que o alimento, e o corpo mais do que a roupa?

Olhai as aves do céu: não semeiam, não colhem e nada ajuntam em celeiros; mas vosso Pai celeste as alimenta; não valeis vós muito mais do que elas? E qual de vós, com todos os seus cuidados, pode acrescentar à sua estatura a altura de um côvado?

E por que vos inquietais também com a roupa? Observai como crescem os lírios dos campos: não trabalham nem fiam; e, no entanto, eu vos declaro que nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. Se, pois, Deus cuida de vestir assim uma erva do campo, que hoje existe e amanhã será lançada ao forno, com quanto mais cuidado vos vestirá a vós, homens de pouca fé!

Não vos inquieteis, pois, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos? como fazem os pagãos, que buscam todas essas coisas; porque vosso Pai sabe que tendes necessidade delas.

Buscai, pois, em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo. Por isso, não vos inquieteis com o dia de amanhã, porque o amanhã cuidará de si mesmo. A cada dia basta o seu mal. (Mateus, 6:25-34)

7. Tomadas ao pé da letra, essas palavras seriam a negação de toda previdência, de todo trabalho e, por conseguinte, de todo progresso. Com semelhante princípio, o homem ficaria reduzido a uma passividade expectante; suas forças físicas e intelectuais ficariam sem atividade; se tal tivesse sido sua condição normal na Terra, ele jamais teria saído do estado primitivo, e, se fizesse disso sua lei atual, só lhe restaria viver sem fazer nada. Tal não pode ter sido o pensamento de Jesus, pois estaria em contradição com o que ele disse em outros lugares e com as próprias leis da natureza. Deus criou o homem sem roupas e sem abrigo, mas deu-lhe a inteligência para fabricá-los. (Cap. XIV, n.º 6; cap. XXV, n.º 2.)

Não se deve, pois, ver nessas palavras senão uma poética alegoria da Providência, que nunca abandona os que nela põem sua confiança, mas quer que eles trabalhem por sua parte. Se ela nem sempre vem em auxílio com um socorro material, inspira as ideias com as quais se encontram os meios de sair por si mesmo da dificuldade. (Cap. XXVII, n.º 8.)

Deus conhece nossas necessidades e provê a elas segundo o que é necessário; mas o homem, insaciável em seus desejos, nem sempre sabe contentar-se com o que tem; o necessário não lhe basta, precisa do supérfluo; é então que a Providência o entrega a si mesmo; muitas vezes ele é infeliz por sua própria culpa e por ter desconhecido a voz que o advertia por meio de sua consciência, e Deus deixa que ele sofra as consequências, para que isso lhe sirva de lição no futuro. (Cap. V, n.º 4.)

8. A Terra produz o suficiente para alimentar todos os seus habitantes, quando os homens souberem administrar os bens que ela dá segundo as leis da justiça, da caridade e do amor ao próximo. Quando a fraternidade reinar entre os diversos povos como entre as províncias de um mesmo império, o supérfluo momentâneo de um suprirá a insuficiência momentânea do outro, e cada um terá o necessário. O rico, então, se considerará como um homem que possui grande quantidade de sementes; se as espalhar, elas produzirão cem vezes mais, para ele e para os outros; mas se comer essas sementes sozinho, e se desperdiçar e deixar perder o excedente do que comer, elas nada produzirão, e não haverá para todos; se as encerrar em seu celeiro, os vermes as comerão. Por isso Jesus disse: Não ajunteis tesouros na terra, que são perecíveis, mas ajuntai tesouros no céu, porque são eternos. Em outros termos, não deis aos bens materiais mais im-

portância do que aos bens espirituais, e sabei sacrificar os primeiros em proveito dos segundos. (Cap. XVI, n.º 7 e seguintes.)

Não é com leis que se decretam a caridade e a fraternidade; se não estiverem no coração, o egoísmo sempre as sufocará; fazê-las penetrar nele é a obra do Espiritismo.

Não vos preocupeis em ter ouro

9. *Não vos preocupeis em ter ouro, nem prata, nem outra moeda em vossa bolsa. Não prepareis nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem calçados, nem bordões, pois quem trabalha merece ser alimentado.*

10. *Em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, informai-vos de quem é digno de vos hospedar e ficai em sua casa até partirdes. Ao entrar na casa, saudai-a dizendo: A paz esteja nesta casa. Se essa casa for digna, a vossa paz virá sobre ela; e, se não for digna, a vossa paz voltará para vós.*

Quando alguém não quiser receber-vos nem ouvir vossas palavras, sacudi a poeira de vossos pés ao sair dessa casa ou dessa cidade. Em verdade vos digo: no dia do juízo, Sodoma e Gomorra serão tratadas com menos rigor do que essa cidade. (Mateus, 10:9-15)

11. Essas palavras, que Jesus dirigia aos apóstolos quando os enviou pela primeira vez a anunciar a boa-nova, nada tinham de estranho naquela época; estavam de acordo com os costumes patriarcais do Oriente, onde o viajante era sempre recebido sob a tenda. Mas então os viajantes eram raros; entre os povos modernos, o aumento da circulação teve de criar novos costumes; os dos tempos antigos só se encontram nas regiões afastadas, onde o grande movimento ainda não

penetrou; e, se Jesus voltasse hoje, já não poderia dizer aos apóstolos: Ponde-vos a caminho sem provisões.

Ao lado do sentido próprio, essas palavras têm um sentido moral muito profundo. Jesus ensinava assim os discípulos a confiar na Providência; além disso, nada tendo, eles não podiam tentar a cobiça daqueles que os recebiam; era o meio de distinguir os caridosos dos egoístas; por isso lhes diz: "Informai-vos de quem é digno de vos hospedar", isto é, de quem é humano o bastante para abrigar o viajante que não tem com que pagar, porque esses são dignos de ouvir vossas palavras; é pela caridade deles que os reconhecereis.

Quanto aos que não quiserem nem recebê-los nem ouvi-los, diz ele aos apóstolos que os amaldiçoem, que se imponham a eles, que usem de violência e de coação para convertê-los? Não; mas que se retirem pura e simplesmente para outro lugar e procurem as pessoas de boa vontade.

Assim diz hoje o Espiritismo aos seus adeptos: Não violenteis nenhuma consciência; não constranjais ninguém a deixar sua crença para adotar a vossa; não lanceis anátema sobre os que não pensam como vós; acolhei os que vêm a vós e deixai em paz os que vos repelem. Lembrai-vos das palavras do Cristo: outrora o céu se tomava pela violência; hoje, é pela brandura. (Cap. IV, n.º 10 e 11.)

CAPÍTULO XXVI

Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes

Dom de curar. Preces pagas. Vendilhões expulsos do templo. Mediunidade gratuita.

Dom de curar

1. *Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes.* (Mateus, 10:8)

2. "Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes", diz Jesus aos discípulos; com esse preceito, prescreve que não se cobre por aquilo que não se pagou. Ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os maus Espíritos; esse dom lhes fora dado gratuitamente por Deus para alívio dos que sofrem e para ajudar a propagação da fé, e ele lhes diz que não façam dele um comércio, nem objeto de especulação, nem meio de vida.

Preces pagas

3. *Disse em seguida a seus discípulos, na presença de todo o povo que o escutava: Guardai-vos dos escribas, que gostam de passear com longas vestes, que apreciam ser saudados nas praças públicas, ocupar as primeiras cadeiras nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; que, a pretexto de longas orações, devoram as casas das viúvas. Essas*

pessoas receberão por isso uma condenação mais rigorosa. (Lucas, 20:45-47. Marcos, 12:38-40. Mateus, 23:14)

4. Jesus disse também: Não cobreis por vossas preces; não façais como os escribas, que, "a pretexto de longas orações, devoram as casas das viúvas", isto é, se apoderam das fortunas. A prece é um ato de caridade, um impulso do coração; cobrar pela que se dirige a Deus em favor de outrem é transformar-se em intermediário assalariado; a prece passa a ser então uma fórmula cuja extensão se proporciona à quantia que ela rende. Ora, das duas uma: ou Deus mede suas graças pelo número de palavras, ou não mede. Se são necessárias muitas, por que dizer poucas ou nenhuma àquele que não pode pagar? É falta de caridade. Se uma só basta, o excedente é inútil; por que, então, cobrar por ele? É uma prevaricação.

Deus não vende os benefícios que concede; por que, então, aquele que nem sequer é seu distribuidor, que não pode garantir sua obtenção, cobraria por um pedido que pode ficar sem resultado? Deus não pode subordinar a uma quantia em dinheiro um ato de clemência, de bondade ou de justiça que se solicita à sua misericórdia; do contrário, resultaria que, se a quantia não fosse paga ou fosse insuficiente, a justiça, a bondade e a clemência de Deus ficariam suspensas. A razão, o bom senso, a lógica dizem que Deus, a perfeição absoluta, não pode delegar a criaturas imperfeitas o direito de pôr preço à sua justiça. A justiça de Deus é como o sol: é para todos, para o pobre como para o rico. Se se considera imoral traficar com as graças de um soberano da Terra, será mais lícito vender as do soberano do universo?

As preces pagas têm outro inconveniente: aquele que as compra se julga, na maioria das vezes, dispensado de orar ele mesmo, porque se considera quite depois de dar seu dinheiro. Sabe-se que os Espíri-

tos são tocados pelo fervor do pensamento de quem se interessa por eles; qual pode ser o fervor daquele que encarrega um terceiro de orar por ele, mediante pagamento? Qual é o fervor desse terceiro, quando delega seu mandato a outro, este a outro, e assim por diante? Não é reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda corrente?

Vendilhões expulsos do templo

5. *Foram em seguida a Jerusalém, e Jesus, tendo entrado no templo, começou a expulsar os que ali vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas; e não permitia que ninguém transportasse objeto algum através do templo. Ensinava-os também, dizendo: Não está escrito: Minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? E, no entanto, fizestes dela um covil de ladrões. Tendo ouvido isso, os príncipes dos sacerdotes procuravam um meio de perdê-lo, pois o temiam, porque todo o povo estava arrebatado de admiração por sua doutrina.* (Marcos, 11:15-18. Mateus, 21:12-13)

6. Jesus expulsou os vendilhões do templo; com isso condena o comércio das coisas santas, sob qualquer forma que seja. Deus não vende nem sua bênção, nem seu perdão, nem a entrada no reino dos céus; o homem, portanto, não tem o direito de cobrar por eles.

Mediunidade gratuita

7. Os médiuns modernos — pois os apóstolos também tinham mediunidade — receberam igualmente de Deus um dom gratuito: o de serem os intérpretes dos Espíritos para a instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, e não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, porque não são produto de

sua concepção, nem de suas pesquisas, nem de seu trabalho pessoal. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre seja dela privado e possa dizer: Não tenho fé porque não pude pagá-la; não tive a consolação de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeto daqueles por quem choro, porque sou pobre. Eis por que a mediunidade não é um privilégio e se encontra em toda parte; cobrar por ela seria, portanto, desviá-la de seu fim providencial.

8. Quem conhece as condições em que os bons Espíritos se comunicam, sua repulsa por tudo o que é interesse egoísta, e sabe quão pouco basta para afastá-los, jamais poderá admitir que Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que apareça e os chame a tanto por sessão; o simples bom senso repele semelhante ideia. Não seria também uma profanação evocar a preço de dinheiro os seres que respeitamos ou que nos são caros? Sem dúvida, podem-se obter assim manifestações, mas quem poderia garantir sua sinceridade? Os Espíritos levianos, mentirosos, travessos e toda a turba dos Espíritos inferiores, muito pouco escrupulosos, vêm sempre e estão sempre prontos a responder ao que se pergunta, sem se importar com a verdade. Aquele, pois, que deseja comunicações sérias deve primeiro pedi-las seriamente e depois informar-se sobre a natureza das afinidades do médium com os seres do mundo espiritual; ora, a primeira condição para conquistar a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o desinteresse moral e material mais absoluto.

9. Ao lado da questão moral apresenta-se uma consideração prática não menos importante, que se prende à própria natureza da faculdade. A mediunidade séria não pode ser e nunca será uma profissão, não só porque seria moralmente desacreditada e logo equiparada à dos ledores da sorte, mas porque um obstáculo material se opõe a

isso: é uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e variável, com cuja permanência ninguém pode contar. Seria, pois, para quem a explorasse, um recurso totalmente incerto, que poderia faltar-lhe no momento em que mais precisasse dele. Outra coisa é um talento adquirido pelo estudo e pelo trabalho, e que, por isso mesmo, é uma propriedade da qual é naturalmente permitido tirar proveito. Mas a mediunidade não é nem uma arte nem um talento; por isso não pode tornar-se uma profissão; ela só existe pelo concurso dos Espíritos; se esses Espíritos faltam, já não há mediunidade: a aptidão pode subsistir, mas seu exercício fica anulado. Assim, não há um só médium no mundo que possa garantir a obtenção de um fenômeno espírita num dado instante. Explorar a mediunidade é, portanto, dispor de uma coisa de que realmente não se é senhor; afirmar o contrário é enganar quem paga. Mais ainda: não é de si mesmo que se dispõe; são os Espíritos, as almas dos mortos, cujo concurso é posto a preço; essa ideia causa repugnância instintiva. Foi esse comércio, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição, que motivou a proibição de Moisés. O Espiritismo moderno, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito que lançou sobre essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão. (Ver O *Livro dos Médiuns*, cap. XXVIII; O *Céu e o Inferno*, cap. XII.)

10. A mediunidade é uma coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que exija essa condição de maneira ainda mais absoluta, é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos à custa de sacrifícios muitas vezes penosos; o magnetizador dá o seu próprio fluido, muitas vezes até a sua saúde: eles podem pôr-lhe um preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos: não tem

o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, embora pobres, não cobravam pelas curas que realizavam.

Que aquele, pois, que não tem do que viver procure recursos em outra parte que não na mediunidade; que não lhe consagre, se for preciso, senão o tempo de que materialmente pode dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer dela um degrau para subir.

CAPÍTULO XXVII

Pedi e obtereis

Qualidades da prece. Eficácia da prece. Ação da prece. Transmissão do pensamento. Preces inteligíveis. Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores. Instruções dos Espíritos: Maneira de orar. Felicidade da prece.

Qualidades da prece

1. *Quando orardes, não vos assemelheis aos hipócritas, que gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Mas, quando quiserdes orar, entrai no vosso quarto e, fechada a porta, orai a vosso Pai em segredo; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos dará a recompensa.*

Não procureis orar muito em vossas preces, como fazem os pagãos, que imaginam ser atendidos pela multidão de palavras. Não vos torneis, pois, semelhantes a eles, porque vosso Pai sabe do que tendes necessidade antes que lho peçais. (Mateus, 6:5-8)

2. *Quando vos apresentardes para orar, se tiverdes alguma coisa contra alguém, perdoai-lhe, para que vosso Pai, que está nos céus, também vos perdoe os vossos pecados. Se não perdoardes, vosso Pai, que está nos céus, também não vos perdoará os vossos pecados.* (Marcos, 11:25-26)

3. *Disse também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, como se fossem justos, e desprezavam os outros:*

Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro, publicano. O fariseu, de pé, orava assim consigo mesmo: Meu Deus, eu vos dou graças por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injus-

tos e adúlteros, nem mesmo como este publicano. Jejuo duas vezes por semana; dou o dízimo de tudo o que possuo.

O publicano, ao contrário, mantendo-se à distância, não ousava sequer levantar os olhos ao céu; mas batia no peito, dizendo: Meu Deus, tende piedade de mim, que sou pecador.

Eu vos declaro que este voltou para casa justificado, e não o outro; porque todo aquele que se eleva será rebaixado, e todo aquele que se rebaixa será elevado. (Lucas, 18:9-14)

4. As qualidades da prece são claramente definidas por Jesus. Quando orardes, diz ele, não vos ponhais em evidência, mas orai em segredo; não procureis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis atendidos, mas pela sinceridade delas; antes de orar, se tiverdes alguma coisa contra alguém, perdoai-lhe, pois a prece não pode ser agradável a Deus se não partir de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade; orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu; examinai vossos defeitos e não vossas qualidades, e, se vos comparardes aos outros, procurai o que há de mau em vós. (Cap. X, n.º 7 e 8.)

Eficácia da prece

5. *Seja o que for que pedirdes na prece, crede que o obtereis, e vos será concedido.* (Marcos, 11:24)

6. Há pessoas que contestam a eficácia da prece e se baseiam neste princípio: conhecendo Deus as nossas necessidades, é supérfluo expô-las a ele. Acrescentam ainda que, estando tudo encadeado no

universo por leis eternas, nossos votos não podem mudar os decretos de Deus.

Sem dúvida alguma, há leis naturais e imutáveis que Deus não pode revogar segundo o capricho de cada um; mas daí a crer que todas as circunstâncias da vida estão submetidas à fatalidade vai uma grande distância. Se assim fosse, o homem não passaria de um instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, só lhe restaria curvar a cabeça ao golpe de todos os acontecimentos, sem procurar evitá-los; não deveria ter procurado desviar o raio. Deus não lhe deu o juízo e a inteligência para não se servir deles, a vontade para não querer, a atividade para ficar na inação. Sendo o homem livre para agir num sentido ou noutro, seus atos têm, para ele mesmo e para os outros, consequências subordinadas ao que ele faz ou deixa de fazer; por sua iniciativa, há, portanto, acontecimentos que forçosamente escapam à fatalidade e que não destroem a harmonia das leis universais, assim como o adiantamento ou o atraso do ponteiro de um relógio não destrói a lei do movimento sobre a qual se baseia o mecanismo. Deus pode, pois, atender a certos pedidos sem derrogar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, ficando sempre o seu assentimento subordinado à sua vontade.

7. Seria ilógico concluir desta máxima: “Seja o que for que pedirdes pela prece, vos será concedido”, que basta pedir para obter, e injusto acusar a Providência se ela não atende a todo pedido que lhe é feito, pois ela sabe melhor do que nós o que é para o nosso bem. Assim procede um pai sábio que recusa ao filho as coisas contrárias ao interesse deste. O homem, em geral, só vê o presente; ora, se o sofrimento é útil à sua felicidade futura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa o doente sofrer uma operação que deve trazer a cura.

O que Deus lhe concederá, se a ele se dirigir com confiança, é a coragem, a paciência e a resignação. O que lhe concederá ainda são os meios de sair por si mesmo da dificuldade, com o auxílio das ideias que lhe faz sugerir pelos bons Espíritos, deixando-lhe assim o mérito; ele assiste os que se ajudam a si mesmos, segundo esta máxima: "Ajuda-te, e o céu te ajudará", e não os que esperam tudo de um socorro alheio sem fazer uso das próprias faculdades; mas, na maioria das vezes, prefere-se ser socorrido por um milagre, sem ter nada a fazer. (Cap. XXV, n.º 1 e seguintes.)

8. Tomemos um exemplo. Um homem está perdido num deserto; sofre horrivelmente de sede; sente-se desfalecer e se deixa cair por terra; pede a Deus que o assista e espera; mas nenhum anjo vem trazer-lhe de beber. Entretanto, um bom Espírito lhe sugere a ideia de se levantar e seguir uma das trilhas que se apresentam diante dele; então, num movimento maquinal, reunindo as forças, ele se levanta e caminha ao acaso. Chegando a uma elevação, descobre ao longe um riacho; a essa vista, recobra a coragem. Se tiver fé, exclamará: "Obrigado, meu Deus, pela ideia que me inspirastes e pela força que me destes." Se não tiver fé, dirá: "Que boa ideia eu tive! Que sorte a minha, ter tomado a trilha da direita e não a da esquerda; o acaso realmente nos serve bem às vezes! Como me felicito por minha coragem e por não me ter deixado abater!"

Mas, dirão, por que o bom Espírito não lhe disse claramente: "Segue esta trilha e, no fim, encontrarás aquilo de que precisas"? Por que não se mostrou a ele para guiá-lo e ampará-lo em seu desfalecimento? Dessa maneira o teria convencido da intervenção da Providência. Foi, primeiro, para lhe ensinar que é preciso ajudar-se a si mesmo e fazer uso das próprias forças. Depois, pela incerteza, Deus põe à prova a confiança nele e a submissão à sua vontade. Esse homem

estava na situação de uma criança que cai e que, se avista alguém, grita e espera que venham levantá-la; se não vê ninguém, faz esforços e se levanta sozinha.

Se o anjo que acompanhou Tobias lhe tivesse dito: “Sou enviado por Deus para te guiar em tua viagem e te preservar de todo perigo”, Tobias não teria tido nenhum mérito; confiando no companheiro, nem sequer teria precisado pensar; por isso o anjo só se deu a conhecer no regresso.

Ação da prece. Transmissão do pensamento

9. A prece é uma invocação; por ela, entra-se em relação de pensamento com o ser a quem se dirige. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento ou uma glorificação. Pode-se orar por si mesmo ou por outrem, pelos vivos ou pelos mortos. As preces dirigidas a Deus são ouvidas pelos Espíritos encarregados da execução de suas vontades; as que são dirigidas aos bons Espíritos são levadas a Deus. Quando se ora a outros seres que não Deus, é apenas na qualidade de intermediários, de intercessores, porque nada pode fazer-se sem a vontade de Deus.

10. O Espiritismo faz compreender a ação da prece ao explicar o modo de transmissão do pensamento, quer o ser a quem se ora venha ao nosso chamado, quer o nosso pensamento chegue até ele. Para entender o que se passa nessa circunstância, é preciso imaginar todos os seres, encarnados e desencarnados, mergulhados no fluido universal que ocupa o espaço, como neste mundo estamos mergulhados na atmosfera. Esse fluido recebe um impulso da vontade; é o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som, com a diferença de que as vibrações do ar são limitadas, ao passo que as do fluido

universal se estendem ao infinito. Quando, pois, o pensamento é dirigido a um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado a desencarnado ou de desencarnado a encarnado, estabelece-se de um ao outro uma corrente fluídica que transmite o pensamento, como o ar transmite o som.

A energia da corrente está na proporção da energia do pensamento e da vontade. É assim que a prece é ouvida pelos Espíritos onde quer que se encontrem, que os Espíritos se comunicam entre si, que nos transmitem suas inspirações, que se estabelecem relações a distância entre os encarnados.

Esta explicação visa sobretudo aos que não compreendem a utilidade da prece puramente mística; não tem por fim materializar a prece, mas tornar inteligível o seu efeito, mostrando que ela pode ter uma ação direta e efetiva; nem por isso deixa de estar subordinada à vontade de Deus, juiz supremo em todas as coisas e o único que pode tornar eficaz a sua ação.

11. Pela prece, o homem atrai o concurso dos bons Espíritos, que vêm ampará-lo em suas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos; adquire assim a força moral necessária para vencer as dificuldades e voltar ao caminho reto, se dele se afastou; e por esse meio também pode desviar de si os males que atrairia por sua própria culpa. Um homem, por exemplo, vê sua saúde arruinada pelos excessos que cometeu e arrasta, até o fim de seus dias, uma vida de sofrimento; tem ele o direito de se queixar se não obtiver a cura? Não, pois teria podido encontrar na prece a força para resistir às tentações.

12. Se dividirmos os males da vida em duas partes, uma dos que o homem não pode evitar, outra das tribulações de que ele mesmo é a causa primeira, por sua incúria e por seus excessos (cap. V, n.º 4), ve-

remos que esta supera em muito a primeira em número. É, pois, bem evidente que o homem é o autor da maior parte de suas aflições, e que as evitaria se agisse sempre com sabedoria e prudência.

Não é menos certo que essas misérias são o resultado de nossas infrações às leis de Deus, e que, se observássemos pontualmente essas leis, seríamos perfeitamente felizes. Se não ultrapassássemos o limite do necessário na satisfação de nossas necessidades, não teríamos as doenças que são consequência dos excessos, nem as vicissitudes que essas doenças acarretam; se puséssemos limites à nossa ambição, não temeríamos a ruína; se não quiséssemos subir mais alto do que podemos, não temeríamos cair; se fôssemos humildes, não sofreríamos as decepções do orgulho rebaixado; se praticássemos a lei de caridade, não seríamos nem maledicentes, nem invejosos, nem ciumentos, e evitaríamos as brigas e as discórdias; se não fizéssemos mal a ninguém, não temeríamos as vinganças, etc.

Admitamos que o homem nada possa contra os outros males; que toda prece seja supérflua para se preservar deles: já não seria muito ficar livre de todos os que provêm de sua própria conduta? Ora, aqui a ação da prece se concebe facilmente, porque ela tem por efeito atrair a inspiração salutar dos bons Espíritos, pedir-lhes a força para resistir aos maus pensamentos cuja execução nos pode ser funesta. Nesse caso, não é o mal que eles desviam; somos nós mesmos que eles desviam do pensamento que pode causar o mal; em nada embaraçam os decretos de Deus, não suspendem o curso das leis da natureza; somos nós que eles impedem de infringir essas leis, dirigindo o nosso livre-arbítrio; mas o fazem sem que o saibamos, de maneira oculta, para não acorrentar a nossa vontade. O homem se encontra então na posição de quem solicita bons conselhos e os põe em prática, mas é sempre livre para segui-los ou não; Deus quer que seja as-

sim, para que ele tenha a responsabilidade de seus atos e para deixar-lhe o mérito da escolha entre o bem e o mal. É isso que o homem tem sempre a certeza de obter, se o pedir com fervor, e é a isso, sobretudo, que se podem aplicar estas palavras: "Pedi e obtereis."

A eficácia da prece, mesmo reduzida a essa proporção, não teria um resultado imenso? Estava reservado ao Espiritismo provar-nos sua ação pela revelação das relações que existem entre o mundo corporal e o mundo espiritual. Mas seus efeitos não se limitam a isso.

A prece é recomendada por todos os Espíritos; renunciar à prece é desconhecer a bondade de Deus; é renunciar, para si mesmo, à assistência deles e, para os outros, ao bem que se lhes pode fazer.

13. Ao atender ao pedido que lhe é dirigido, Deus muitas vezes tem em vista recompensar a intenção, o devotamento e a fé de quem ora; eis por que a prece do homem de bem tem mais mérito aos olhos de Deus e sempre mais eficácia, pois o homem vicioso e mau não pode orar com o fervor e a confiança que só o sentimento da verdadeira piedade dá. Do coração do egoísta, daquele que ora com os lábios, só podem sair palavras, mas não os impulsos de caridade que dão à prece todo o seu poder. Isso é compreendido a tal ponto que, por um movimento instintivo, as pessoas se recomendam de preferência às preces daqueles cuja conduta sentem que deve ser agradável a Deus, porque são mais bem ouvidos por ele.

14. Se a prece exerce uma espécie de ação magnética, poder-se-ia julgar que seu efeito está subordinado à força fluídica; ora, não é assim. Uma vez que os Espíritos exercem essa ação sobre os homens, eles suprem, quando necessário, a insuficiência de quem ora, seja agindo diretamente em seu nome, seja dando-lhe momentaneamente uma

força excepcional, quando ele é julgado digno desse favor ou quando a coisa pode ser útil.

O homem que não se julga bastante bom para exercer uma influência salutar não deve deixar de orar por outrem, pensando que não é digno de ser ouvido. A consciência de sua inferioridade é uma prova de humildade sempre agradável a Deus, que leva em conta a intenção caridosa que o anima. Seu fervor e sua confiança em Deus são um primeiro passo para o retorno ao bem, no qual os bons Espíritos se alegram em encorajá-lo. A prece que é repelida é a do orgulhoso, que tem fé em seu poder e em seus méritos e julga poder substituir-se à vontade do Eterno.

15. O poder da prece está no pensamento; não depende nem das palavras, nem do lugar, nem do momento em que é feita. Pode-se, pois, orar em toda parte e a qualquer hora, sozinho ou em comum. A influência do lugar ou do tempo depende das circunstâncias que podem favorecer o recolhimento. A prece em comum tem ação mais poderosa quando todos os que oram se associam de coração a um mesmo pensamento e têm um mesmo objetivo, pois é como se muitos clamassem juntos e em uníssono; mas que importa estar reunidos em grande número, se cada um age isoladamente e por conta própria! Cem pessoas reunidas podem orar como egoístas, ao passo que duas ou três, unidas numa aspiração comum, orarão como verdadeiros irmãos em Deus, e sua prece terá mais poder do que a das outras cem. (Cap. XXVIII, n.º 4 e 5.)

Preces inteligíveis

16. *Se eu não entender o que significam as palavras, serei um bárbaro para aquele a quem falo, e aquele que me fala será um bárbaro para*

mim. Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas minha inteligência fica sem fruto. Se louvais a Deus só com o coração, como um homem do número dos que só entendem a própria língua responderá amém ao fim de vossa ação de graças, se não entende o que dizeis? Não que a vossa ação não seja boa, mas os outros não são edificados por ela. (Paulo, 1 Coríntios, 14:11, 14, 16-17)

17. A prece só tem valor pelo pensamento que se lhe associa; ora, é impossível associar um pensamento àquilo que não se compreende, porque o que não se compreende não pode tocar o coração. Para a imensa maioria, as preces numa língua desconhecida não passam de aglomerados de palavras que nada dizem ao espírito. Para que a prece toque, é preciso que cada palavra desperte uma ideia, e, se não é compreendida, não pode despertar nenhuma. Repete-se como uma simples fórmula, que tem mais ou menos virtude conforme o número de vezes que é repetida; muitos oram por dever, alguns até para se conformar ao costume; por isso se julgam quites quando disseram uma prece um número determinado de vezes e nesta ou naquela ordem. Deus lê no fundo dos corações; vê o pensamento e a sinceridade, e é rebaixá-lo julgá-lo mais sensível à forma do que ao fundo. (Cap. XXVIII, n.º 2.)

Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores

18. A prece é solicitada pelos Espíritos sofredores; ela lhes é útil porque, vendo que se pensa neles, sentem-se menos abandonados, são menos infelizes. Mas a prece tem sobre eles uma ação mais direta: reergue-lhes a coragem, desperta neles o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação, e pode desviá-los do pensamento

do mal; é nesse sentido que ela pode não só aliviar, mas abreviar seus sofrimentos. (Ver O *Céu e o Inferno*, 2.ª parte: Exemplos.)

19. Certas pessoas não admitem a prece pelos mortos porque, segundo sua crença, só há para a alma duas alternativas: ser salva ou condenada às penas eternas, e, num caso como no outro, a prece é inútil. Sem discutir o valor dessa crença, admitamos por um instante a realidade de penas eternas e irremissíveis, e que nossas preces sejam impotentes para pôr-lhes fim. Perguntamos se, nessa hipótese, é lógico, é caridoso, é cristão rejeitar a prece pelos réprobos. Essas preces, por impotentes que fossem para libertá-los, não seriam para eles um sinal de piedade capaz de suavizar seu sofrimento? Na Terra, quando um homem é condenado à prisão perpétua, ainda que não haja nenhuma esperança de obter seu indulto, é proibido a uma pessoa caridosa ir ajudá-lo a sustentar os grilhões para aliviar-lhe o peso? Quando alguém é acometido de um mal incurável, deve-se, porque não oferece nenhuma esperança de cura, abandoná-lo sem nenhum alívio? Pensai que entre os réprobos pode encontrar-se uma pessoa que vos foi cara, um amigo, talvez um pai, uma mãe ou um filho; e, porque, segundo vós, ele não poderia esperar perdão, lhe recusaríeis um copo de água para matar a sede? Um bálsamo para secar as feridas? Não faríeis por ele o que faríeis por um condenado às galés? Não lhe daríeis um testemunho de amor, uma consolação? Não, isso não seria cristão. Uma crença que resseca o coração não pode conciliar-se com a de um Deus que coloca o amor ao próximo no primeiro lugar entre os deveres.

A não eternidade das penas não implica de modo algum a negação de uma penalidade temporária, pois Deus, em sua justiça, não pode confundir o bem e o mal; ora, negar, nesse caso, a eficácia da prece seria negar a eficácia da consolação, dos encorajamentos e dos bons

conselhos; seria negar a força que se haure na assistência moral daqueles que nos querem bem.

20. Outros se baseiam numa razão mais especiosa: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus, dizem eles, não pode mudar suas decisões a pedido de suas criaturas; do contrário, nada seria estável no mundo. O homem, portanto, nada tem a pedir a Deus; só tem de se submeter e adorá-lo.

Há nessa ideia uma falsa aplicação da imutabilidade da lei divina, ou melhor, ignorância da lei no que diz respeito à penalidade futura. Essa lei é revelada pelos Espíritos do Senhor, hoje que o homem está maduro para compreender o que, na fé, é conforme ou contrário aos atributos divinos.

Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, não se leva em conta ao culpado nem o pesar nem o arrependimento; para ele, todo desejo de se melhorar é supérfluo: está condenado a permanecer no mal perpetuamente. Se é condenado por um tempo determinado, a pena cessará quando o tempo expirar; mas quem diz que então ele terá voltado a melhores sentimentos? Quem diz que, a exemplo de muitos condenados da Terra ao saírem da prisão, ele não será tão mau quanto antes? No primeiro caso, seria manter na dor do castigo um homem que voltou ao bem; no segundo, perdoar aquele que continuou culpado. A lei de Deus é mais previdente que isso; sempre justa, equitativa e misericordiosa, não fixa nenhuma duração à pena, qualquer que seja; ela se resume assim:

21. "O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à lei de Deus que não tenha a sua punição.

A severidade do castigo é proporcional à gravidade da falta.

A duração do castigo, para qualquer falta, é indeterminada; está subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno ao bem; a pena dura tanto quanto a obstinação no mal; seria perpétua se a obstinação fosse perpétua; é de curta duração se o arrependimento é pronto.

Assim que o culpado clama: Misericórdia!, Deus o ouve e lhe envia a esperança. Mas o simples pesar do mal não basta: é preciso a reparação; por isso o culpado é submetido a novas provas, nas quais pode, sempre por sua vontade, fazer o bem em reparação do mal que fez.

O homem é, assim, constantemente o árbitro de sua própria sorte; pode abreviar seu suplício ou prolongá-lo indefinidamente; sua felicidade ou sua infelicidade depende de sua vontade de fazer o bem."

Tal é a lei; lei imutável e conforme à bondade e à justiça de Deus.

O Espírito culpado e infeliz pode, assim, sempre salvar-se a si mesmo: a lei de Deus lhe diz em que condição pode fazê-lo. O que mais frequentemente lhe falta é a vontade, a força, a coragem; se, por nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e o encorajamos; se, por nossos conselhos, lhe damos as luzes que lhe faltam, em vez de solicitar a Deus que derrogue a sua lei, tornamo-nos instrumentos da execução de sua lei de amor e de caridade, da qual ele nos permite assim participar, dando nós mesmos uma prova de caridade. (Ver *O Céu e o Inferno*, 1.ª parte, caps. IV, VII e VIII.)

Instruções dos Espíritos

Maneira de orar

22. O primeiro dever de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar para ela o retorno à vida ativa de cada dia, é a prece. Quase todos vós orais, mas quão poucos sabem orar! Que importam ao Senhor as frases que encadeais umas às outras maquinalmente, porque tendes esse hábito, porque é um dever que cumpris e que, como todo dever, vos pesa?

A prece do cristão, do espírita, seja qual for o seu culto, deve ser feita assim que o Espírito retoma o jugo da carne; deve elevar-se aos pés da majestade divina com humildade, com profundidade, num impulso de reconhecimento por todos os benefícios concedidos até esse dia: pela noite que passou, durante a qual vos foi permitido, ainda que sem o saberdes, voltar para junto de vossos amigos, de vossos guias, para haurir em seu contato mais força e perseverança. Deve elevar-se humilde aos pés do Senhor, para lhe recomendar vossa fraqueza, pedir-lhe seu apoio, sua indulgência, sua misericórdia. Deve ser profunda, porque é vossa alma que deve elevar-se ao Criador, que deve transfigurar-se como Jesus no Tabor e chegar até ele branca e radiante de esperança e de amor.

Vossa prece deve conter o pedido das graças de que necessitais, mas de uma necessidade real. É inútil, pois, pedir ao Senhor que abrevie vossas provas, que vos dê as alegrias e a riqueza; pedi-lhe que vos conceda os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé. Não digais, como acontece a muitos de vós: “Não vale a pena orar, pois Deus não me atende.” O que pedis a Deus, na maior parte das vezes? Pensastes muitas vezes em lhe pedir vosso melhoramento moral? Oh! não, muito pouco; pensais antes em lhe pedir o êxito em

vossos empreendimentos terrenos, e exclamastes: “Deus não se ocupa de nós; se se ocupasse, não haveria tantas injustiças.” Insensatos! Ingratos! Se descêsseis ao fundo de vossa consciência, encontraríeis quase sempre em vós mesmos o ponto de partida dos males de que vos queixais; pedi, pois, antes de tudo, vosso melhoramento, e vereis que torrente de graças e de consolações se derramará sobre vós. (Cap. V, n.º 4.)

Deveis orar sem cessar, sem que para isso preciseis retirar-vos ao vosso oratório ou ajoelhar-vos nas praças públicas. A prece do dia é o cumprimento de vossos deveres, de vossos deveres sem exceção, de qualquer natureza que sejam. Não é um ato de amor para com o Senhor assistir vossos irmãos numa necessidade qualquer, moral ou física? Não é um ato de reconhecimento elevar vosso pensamento a ele quando vos chega uma felicidade, quando se evita um acidente, quando até uma contrariedade apenas vos roça, se disserdes em pensamento: Bendito sejais, meu Pai!? Não é um ato de contrição humilhar-vos diante do juiz supremo quando sentis que falhastes, ainda que só por um pensamento fugaz, e dizer-lhe: Perdoai-me, meu Deus, pois pequei (por orgulho, por egoísmo ou por falta de caridade); dai-me a força de não mais falhar e a coragem de reparar?

Isso independe das preces regulares da manhã e da noite e dos dias consagrados; mas, como vedes, a prece pode ser de todos os instantes, sem trazer nenhuma interrupção aos vossos trabalhos; dita assim, ao contrário, ela os santifica. E crede bem que um só desses pensamentos, partindo do coração, é mais ouvido por vosso Pai celeste do que as longas preces ditas por hábito, muitas vezes sem motivo determinado, e às quais a hora combinada vos chama maquinalmente.

V. Monod (Bordeaux, 1862)

Felicidade da prece

23. Vinde, vós que quereis crer: os Espíritos celestes acorrem e vêm anunciar-vos grandes coisas; Deus, meus filhos, abre os seus tesouros para vos dar todos os seus benefícios. Homens incrédulos! Se soubésseis quanto bem a fé faz ao coração e como leva a alma ao arrependimento e à prece! A prece! Ah! Como são comoventes as palavras que saem da boca na hora em que se ora! A prece é o orvalho divino que extingue o calor excessivo das paixões; filha primogênita da fé, ela nos conduz pela senda que leva a Deus. No recolhimento e na solidão, estais com Deus; para vós, não há mais mistério: ele se desvela a vós. Apóstolos do pensamento, para vós é a vida; vossa alma se desprende da matéria e percorre esses mundos infinitos e etéreos que os pobres humanos desconhecem.

Caminhai, caminhai pelas sendas da prece, e ouvireis as vozes dos anjos. Que harmonia! Já não é o ruído confuso e os sons estridentes da Terra; são as liras dos arcanjos; são as vozes doces e suaves dos serafins, mais leves que as brisas da manhã quando brincam na folhagem de vossas grandes florestas. Em que delícias não caminhareis! Vossas línguas não poderão definir essa felicidade, tanto ela entrará por todos os poros, tão viva e refrescante é a fonte em que se bebe ao orar! Vozes doces, perfumes inebriantes que a alma ouve e saboreia quando se lança nessas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Sem mistura de desejos carnais, todas as aspirações são divinas. E vós também, orai como o Cristo carregando sua cruz do Gólgota ao Calvário; carregai vossa cruz e sentireis as doces emoções que passavam por sua alma, embora carregado de um madeiro infamante; ele ia morrer, mas para viver a vida celeste na morada de seu Pai.

Santo Agostinho (Paris, 1861)

CAPÍTULO XXVIII

Coletânea de preces espíritas

Preâmbulo. I. Preces gerais: Oração dominical; Reuniões espíritas; Pelos médiuns. II. Preces por si mesmo. III. Preces por outrem. IV. Preces pelos que já não estão na Terra. V. Pelos doentes e pelos obsidiados.

Preâmbulo

1. Os Espíritos sempre disseram: "A forma não é nada, o pensamento é tudo. Orai cada um segundo as vossas convicções e do modo que mais vos toca; um bom pensamento vale mais que numerosas palavras em que o coração não toma parte."

Os Espíritos não prescrevem nenhuma fórmula absoluta de preces; quando as dão, é para fixar as ideias e, sobretudo, para chamar a atenção sobre certos princípios da doutrina espírita. É também com o fim de vir em auxílio das pessoas que têm dificuldade em exprimir suas ideias, pois há quem não acreditaria ter realmente orado se seus pensamentos não estivessem formulados.

A coletânea de preces contidas neste capítulo é uma escolha feita entre as que foram ditadas pelos Espíritos em diferentes circunstâncias; eles puderam ditar outras, e em outros termos, apropriadas a certas ideias ou a casos especiais; mas pouco importa a forma, se o pensamento fundamental é o mesmo. O objetivo da prece é elevar nossa alma a Deus; a diversidade das fórmulas não deve estabelecer nenhuma diferença entre os que nele creem, e menos ainda entre os adeptos do Espiritismo, pois Deus as aceita todas quando são sinceras.

Não se deve, portanto, considerar esta coletânea como um formulário absoluto, mas como uma variedade entre as instruções que os Espíritos dão. É uma aplicação dos princípios da moral evangélica desenvolvidos neste livro, um complemento aos seus ditados sobre os deveres para com Deus e o próximo, em que são relembrados todos os princípios da doutrina.

O Espiritismo reconhece como boas as preces de todos os cultos, quando ditas pelo coração e não pelos lábios; não impõe nenhuma e não censura nenhuma; Deus é grande demais, segundo ele, para repelir a voz que o implora ou que canta os seus louvores, só porque o faz de uma maneira e não de outra. Quem lançasse o anátema contra as preces que não estão no seu formulário provaria que desconhece a grandeza de Deus. Crer que Deus faz questão de uma fórmula é atribuir-lhe a pequenez e as paixões da humanidade.

Uma condição essencial da prece, segundo Paulo (cap. XXVII, item 16), é ser inteligível, a fim de que possa falar ao nosso espírito; para isso não basta que seja dita numa língua compreendida por quem ora; há preces em língua vulgar que não dizem muito mais ao pensamento do que se fossem em língua estrangeira, e que, por isso mesmo, não chegam ao coração; as raras ideias que encerram ficam muitas vezes sufocadas sob a superabundância das palavras e o misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil nem luxo de epítetos, que não passam de enfeites de ouropel; cada palavra deve ter seu alcance, despertar uma ideia, tocar uma fibra: numa palavra, ela deve fazer refletir; somente com essa condição a prece pode atingir o seu objetivo; do contrário, não passa de ruído. Vede, assim, com que ar de distração e com que volubilidade elas são ditas na maior parte das vezes; veem-se os lábios

que se movem; mas, pela expressão da fisionomia, pelo próprio som da voz, reconhece-se um ato maquinal, puramente exterior, ao qual a alma permanece indiferente.

As preces reunidas nesta coletânea estão divididas em cinco categorias: 1º Preces gerais; 2º Preces por si mesmo; 3º Preces pelos vivos; 4º Preces pelos mortos; 5º Preces especiais pelos doentes e pelos obsidiados.

Com o fim de chamar mais particularmente a atenção sobre o objeto de cada prece e de fazer compreender melhor o seu alcance, todas elas são precedidas de uma instrução preliminar, espécie de exposição de motivos, sob o título de *prefácio*.

I. Preces gerais

Oração dominical

2. *Prefácio*. Os Espíritos recomendaram que se colocasse a *Oração dominical* no início desta coletânea, não somente como prece, mas como símbolo. De todas as preces, é a que eles põem em primeiro lugar, seja porque vem do próprio Jesus (Mateus, 6:9-13), seja porque pode suprir todas as outras, conforme o pensamento que se lhe dê; é o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade em sua simplicidade. Com efeito, sob a forma mais reduzida, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo; encerra uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão, o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Dizê-la na intenção de alguém é pedir para ele o que se pediria para si.

Contudo, em razão mesmo de sua brevidade, o sentido profundo encerrado nas poucas palavras de que se compõe escapa à maioria; por isso, geralmente é dita sem que se dirija o pensamento às aplicações de cada uma de suas partes; é dita como uma fórmula cuja eficácia seria proporcional ao número de vezes em que é repetida; ora, esse número é quase sempre um dos números cabalísticos três, sete ou nove, tirados da antiga crença supersticiosa na virtude dos números, e usados nas operações da magia.

Para suprir a vagueza que a concisão desta prece deixa no pensamento, conforme o conselho e com a assistência dos bons Espíritos, acrescentou-se a cada proposição um comentário que lhe desenvolve o sentido e mostra as suas aplicações. Segundo as circunstâncias e o tempo disponível, pode-se, pois, dizer a Oração dominical simples ou desenvolvida.

3. *Prece.* I. *Pai nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome!*

Nós cremos em vós, Senhor, porque tudo revela o vosso poder e a vossa bondade. A harmonia do universo dá testemunho de uma sabedoria, de uma prudência e de uma previdência que ultrapassam todas as faculdades humanas; o nome de um ser soberanamente grande e sábio está inscrito em todas as obras da criação, desde a folha de relva e o menor inseto até os astros que se movem no espaço; por toda parte vemos a prova de uma solicitude paternal; por isso, cego é aquele que não vos reconhece em vossas obras, orgulhoso aquele que não vos glorifica e ingrato aquele que não vos rende graças.

II. *Venha a nós o vosso reino!*

Senhor, destes aos homens leis cheias de sabedoria, que fariam a sua felicidade se eles as observassem. Com essas leis, fariam reinar entre

si a paz e a justiça; ajudar-se-iam mutuamente, em vez de se prejudicarem como fazem; o forte sustentaria o fraco, em vez de esmagá-lo; evitariam os males que nascem dos abusos e dos excessos de toda espécie. Todas as misérias deste mundo vêm da violação das vossas leis, pois não há uma só infração que não tenha suas consequências fatais.

Destes ao animal o instinto, que lhe traça o limite do necessário, e ele a isso se conforma maquinalmente; mas ao homem, além desse instinto, destes a inteligência e a razão; destes-lhe também a liberdade de observar ou de infringir aquelas de vossas leis que lhe dizem respeito pessoalmente, isto é, de escolher entre o bem e o mal, a fim de que tenha o mérito e a responsabilidade de suas ações.

Ninguém pode alegar ignorância de vossas leis, pois, em vossa previdência paternal, quisestes que elas fossem gravadas na consciência de cada um, sem distinção de culto nem de nação; se alguns as violam, é porque vos desconhecem.

Virá um dia em que, segundo a vossa promessa, todos as praticarão; então a incredulidade terá desaparecido; todos vos reconhecerão como o soberano Senhor de todas as coisas, e o reino de vossas leis será o vosso reino na Terra.

Dignai-vos, Senhor, apressar a sua vinda, dando aos homens a luz necessária para conduzi-los no caminho da verdade.

III. *Seja feita a vossa vontade, assim na Terra como no céu!*

Se a submissão é um dever do filho para com o pai, do inferior para com o seu superior, quanto maior não deve ser a da criatura para com o seu Criador! Fazer a vossa vontade, Senhor, é observar as vossas leis e submeter-se sem queixa aos vossos decretos divinos; o ho-

mem a eles se submeterá quando compreender que sois a fonte de toda sabedoria e que sem vós ele nada pode; então fará a vossa vontade na Terra como os eleitos no céu.

IV. *O pão nosso de cada dia nos dai.*

Dai-nos o alimento para a manutenção das forças do corpo; dai-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento do nosso Espírito.

O animal encontra o seu pasto; o homem, porém, deve o seu à própria atividade e aos recursos de sua inteligência, porque vós o criastes livre.

Vós lhe dissestes: "Tirarás da terra o teu alimento com o suor do teu rosto"; com isso, fizestes do trabalho uma obrigação para ele, a fim de que exercitasse a inteligência na busca dos meios de prover às suas necessidades e ao seu bem-estar, uns pelo trabalho material, outros pelo trabalho intelectual; sem o trabalho, ele ficaria estacionário e não poderia aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

Vós ajudais o homem de boa vontade que confia em vós quanto ao necessário, mas não aquele que se compraz na ociosidade e quereria tudo obter sem esforço, nem aquele que busca o supérfluo. (Cap. XXV.)

Quantos há que sucumbem por sua própria culpa, por seu descuido, sua imprevidência ou sua ambição, e por não terem querido contentar-se com o que lhes havíeis dado! Esses são os artífices do próprio infortúnio e não têm o direito de se queixar, pois são punidos por onde pecaram. Mas mesmo a esses vós não abandonais, porque sois infinitamente misericordioso; estendeis-lhes uma mão que socorre

logo que, como o filho pródigo, voltam sinceramente para vós. (Cap. V, item 4.)

Antes de nos queixarmos da nossa sorte, perguntemo-nos se ela não é obra nossa; a cada desgraça que nos acontece, perguntemo-nos se não teria dependido de nós evitá-la; mas digamos também que Deus nos deu a inteligência para sairmos do atoleiro, e que depende de nós fazer uso dela.

Já que a lei do trabalho é a condição do homem na Terra, dai-nos a coragem e a força de cumpri-la; dai-nos também a prudência, a previdência e a moderação, a fim de não perdermos o seu fruto.

Dai-nos, pois, Senhor, o pão de cada dia, isto é, os meios de adquirir pelo trabalho as coisas necessárias à vida, pois ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo.

Se o trabalho nos for impossível, confiamos em vossa divina providência.

Se entra em vossos desígnios provar-nos pelas mais duras privações, apesar dos nossos esforços, nós as aceitamos como justa expiação das faltas que possamos ter cometido nesta vida ou numa vida anterior, pois sois justo; sabemos que não há penas imerecidas e que nunca castigais sem causa.

Preservai-nos, ó meu Deus, de sentir inveja daqueles que possuem o que não temos, nem mesmo daqueles que têm o supérfluo enquanto a nós falta o necessário. Perdoai-lhes se esquecem a lei de caridade e de amor ao próximo que lhes ensinastes. (Cap. XVI, item 8.)

Afastai também do nosso espírito o pensamento de negar a vossa justiça, ao vermos a prosperidade do mau e a desgraça que às vezes oprime o homem de bem. Sabemos agora, graças às novas luzes que

vos aprouve dar-nos, que a vossa justiça sempre se cumpre e não falta a ninguém; que a prosperidade material do mau é efêmera como a sua existência corporal, e que terá terríveis reveses, ao passo que a alegria reservada àquele que sofre com resignação será eterna. (Cap. V, itens 7, 9, 12 e 18.)

V. *Perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós as perdoamos aos nossos devedores. Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam.*

Cada uma de nossas infrações às vossas leis, Senhor, é uma ofensa a vós e uma dívida contraída, que teremos de saldar cedo ou tarde. Solicitamos a sua remissão à vossa infinita misericórdia, com a promessa de nos esforçarmos para não contrair novas dívidas.

Fizestes da caridade uma lei expressa para nós; mas a caridade não consiste apenas em assistir o semelhante na necessidade; está também no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito reclamaríamos a vossa indulgência, se nós mesmos dela carecemos para com aqueles de quem temos queixa?

Dai-nos, ó meu Deus, a força de sufocar em nossa alma todo ressentimento, todo ódio e todo rancor; fazei que a morte não nos surpreenda com um desejo de vingança no coração. Se vos aprouver retirar-nos hoje mesmo deste mundo, fazei que possamos apresentar-nos a vós puros de toda animosidade, a exemplo do Cristo, cujas últimas palavras foram para os seus algozes. (Cap. X.)

As perseguições que os maus nos fazem suportar fazem parte de nossas provas terrenas; devemos aceitá-las sem queixa, como todas as outras provas, e não amaldiçoar aqueles que, por suas maldades, nos abrem o caminho da felicidade eterna, pois vós nos dissestes pela boca de Jesus: “Bem-aventurados os que sofrem pela justiça!” Bendi-

gamos, pois, a mão que nos fere e nos humilha, porque as feridas do corpo fortalecem a nossa alma, e seremos erguidos da nossa humildade. (Cap. XII, item 4.)

Bendito seja o vosso nome, Senhor, por nos terdes ensinado que a nossa sorte não está irrevogavelmente fixada depois da morte; que encontraremos em outras existências os meios de resgatar e reparar nossas faltas passadas, de realizar numa nova vida o que não podemos fazer nesta para o nosso adiantamento. (Cap. IV; cap. V, item 5.)

Por aí se explicam, enfim, todas as anomalias aparentes da vida; é a luz lançada sobre o nosso passado e o nosso futuro, o sinal resplandecente de vossa soberana justiça e de vossa bondade infinita.

VI. *Não nos abandoneis à tentação, mas livrai-nos do mal* [1].

Dai-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos maus Espíritos que tentassem desviar-nos do caminho do bem, inspirando-nos maus pensamentos.

Mas nós mesmos somos Espíritos imperfeitos, encarnados nesta Terra para expiar e nos melhorar. A causa primeira do mal está em nós, e os maus Espíritos apenas se aproveitam de nossas inclinações viciosas, nas quais nos mantêm, para nos tentar.

Cada imperfeição é uma porta aberta à sua influência, ao passo que eles são impotentes e renunciam a qualquer tentativa contra os seres perfeitos. Tudo o que pudéssemos fazer para afastá-los é inútil, se não lhes opusermos uma vontade inabalável no bem e uma renúncia absoluta ao mal. É, pois, contra nós mesmos que devemos dirigir os nossos esforços, e então os maus Espíritos se afastarão naturalmente, porque é o mal que os atrai, ao passo que o bem os repele. (Ver adiante: Preces pelos obsidiados.)

Senhor, sustentai-nos em nossa fraqueza; inspirai-nos, pela voz de nossos anjos guardiões e dos bons Espíritos, a vontade de nos corrigirmos de nossas imperfeições, a fim de fecharmos aos Espíritos impuros o acesso à nossa alma. (Ver adiante, item 11.)

O mal não é obra vossa, Senhor, pois a fonte de todo bem não pode gerar nada de mau; somos nós mesmos que o criamos, infringindo as vossas leis e pelo mau uso que fazemos da liberdade que nos destes. Quando os homens observarem as vossas leis, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu nos mundos mais adiantados. O mal não é uma necessidade fatal para ninguém, e só parece irresistível aos que a ele se entregam com complacência. Se temos a vontade de fazê-lo, podemos ter também a de fazer o bem; por isso, ó meu Deus, pedimos a vossa assistência e a dos bons Espíritos para resistir à tentação.

VII. *Assim seja.*

Praza a vós, Senhor, que os nossos desejos se cumpram! Mas nós nos inclinamos diante da vossa sabedoria infinita. Em todas as coisas que não nos é dado compreender, seja feito segundo a vossa santa vontade, e não segundo a nossa, porque vós só quereis o nosso bem e sabeis melhor do que nós o que nos é útil.

Nós vos dirigimos esta prece, ó meu Deus, por nós mesmos; nós a dirigimos também por todas as almas sofredoras, encarnadas ou desencarnadas, por nossos amigos e nossos inimigos, por todos os que reclamam a nossa assistência, e em particular por N...

Invocamos sobre todos a vossa misericórdia e a vossa bênção.

Nota. Pode-se formular aqui aquilo por que se agradece a Deus e o que se pede para si mesmo ou para outrem. (Ver adiante as preces nº

26 e 27.)

Reuniões espíritas

4. *Em qualquer lugar onde se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, aí estou eu no meio delas*. (Mateus, 18:20)

5. *Prefácio*. Estar reunidos em nome de Jesus não quer dizer que baste estar reunidos materialmente, mas estar reunidos espiritualmente, pela comunhão de intenção e de pensamentos voltados para o bem; então Jesus se encontra no meio da assembleia, ele ou os Espíritos puros que o representam. O Espiritismo nos faz compreender como os Espíritos podem estar entre nós. Eles aí estão com seu corpo fluídico ou espiritual, e com a aparência que no-los faria reconhecer se se tornassem visíveis. Quanto mais elevados estão na hierarquia, maior é o seu poder de irradiação; é assim que possuem o dom da ubiquidade e podem encontrar-se em vários pontos simultaneamente: basta para isso um raio do seu pensamento.

Com essas palavras, Jesus quis mostrar o efeito da união e da fraternidade; não é o número maior ou menor que o atrai, pois, em lugar de duas ou três pessoas, ele poderia ter dito dez ou vinte, mas o sentimento de caridade que as anima umas para com as outras; ora, para isso, basta que haja duas. Mas se essas duas pessoas oram cada uma por seu lado, ainda que se dirijam a Jesus, não há entre elas comunhão de pensamentos, sobretudo se não são movidas por um sentimento de benevolência mútua; se chegam até a se olhar com maus olhos, com ódio, inveja ou ciúme, as correntes fluídicas de seus pensamentos se repelem, em vez de se unirem num impulso comum de simpatia, e então *elas não estão reunidas em nome de Jesus*; Jesus é apenas o pretexto da reunião, e não o seu verdadeiro móvel. (Cap. XXVII, item 9.)

Isso não implica que ele seja surdo à voz de uma só pessoa; se não disse: "Virei a todo aquele que me chamar", é que exige antes de tudo o amor ao próximo, do qual se podem dar mais provas quando se está em grupo do que no isolamento, e que todo sentimento pessoal o afasta; segue-se que se, numa assembleia numerosa, apenas duas ou três pessoas se unem de coração pelo sentimento de uma verdadeira caridade, enquanto as outras se isolam e se concentram em pensamentos egoístas ou mundanos, ele estará com as primeiras e não com as outras. Não é, pois, a simultaneidade das palavras, dos cânticos ou dos atos exteriores que constitui a reunião em nome de Jesus, mas a comunhão de pensamentos conformes ao espírito de caridade personificado em Jesus. (Cap. X, itens 7 e 8; cap. XXVII, itens 2, 3 e 4.)

Tal deve ser o caráter das reuniões espíritas sérias, daquelas em que se deseja sinceramente o concurso dos bons Espíritos.

6. *Prece*. (No começo da reunião.) Pedimos ao Senhor Deus Todo-Poderoso que nos envie bons Espíritos para nos assistirem, que afaste os que poderiam induzir-nos em erro, e que nos dê a luz necessária para distinguir a verdade da impostura.

Afastai também os Espíritos malévolos, encarnados ou desencarnados, que poderiam tentar lançar a desunião entre nós e desviar-nos da caridade e do amor ao próximo. Se alguns procurassem introduzir-se aqui, fazei que não encontrem acesso no coração de nenhum de nós.

Bons Espíritos que vos dignais vir instruir-nos, tornai-nos dóceis aos vossos conselhos; desviai-nos de todo pensamento de egoísmo, de orgulho, de inveja e de ciúme; inspirai-nos a indulgência e a benevolência para com os nossos semelhantes, presentes ou ausentes, ami-

gos ou inimigos; fazei, enfim, que pelos sentimentos de que estivermos animados reconheçamos a vossa salutar influência.

Dai aos médiuns que encarregardes de nos transmitir os vossos ensinamentos a consciência da santidade do mandato que lhes é confiado e da gravidade do ato que vão realizar, a fim de que o façam com o fervor e o recolhimento necessários.

Se na assembleia houver pessoas que tenham sido atraídas por outros sentimentos que não o do bem, abri-lhes os olhos à luz, e perdoai-lhes, como nós lhes perdoamos, se tiverem vindo com intenções malévolas.

Pedimos especialmente ao Espírito de N..., nosso guia espiritual, que nos assista e vele por nós.

7. (No fim da reunião.) Agradecemos aos bons Espíritos que houveram por bem vir comunicar-se conosco; pedimos-lhes que nos ajudem a pôr em prática as instruções que nos deram, e que façam com que, ao sairmos daqui, cada um de nós se sinta fortalecido na prática do bem e do amor ao próximo.

Desejamos igualmente que estas instruções sejam proveitosas aos Espíritos sofredores, ignorantes ou viciosos que possam ter assistido a esta reunião, e sobre os quais invocamos a misericórdia de Deus.

Pelos médiuns

8. *Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos jovens terão visões, e vossos anciãos, sonhos. Naqueles dias derramarei do meu Espírito sobre os meus servos e sobre as minhas servas, e eles profetizarão.* (Atos, 2:17-18)

9. *Prefácio*. O Senhor quis que a luz se fizesse para todos os homens e penetrasse por toda parte pela voz dos Espíritos, a fim de que cada um pudesse adquirir a prova da imortalidade; é com esse fim que os Espíritos se manifestam hoje em todos os pontos da Terra, e a mediunidade, que se revela em pessoas de todas as idades e de todas as condições, nos homens e nas mulheres, nas crianças e nos velhos, é um dos sinais do cumprimento dos tempos preditos.

Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da natureza material, Deus deu ao homem a vista do corpo, os sentidos e instrumentos especiais; com o telescópio, ele mergulha o olhar nas profundezas do espaço, e com o microscópio descobriu o mundo dos infinitamente pequenos. Para penetrar no mundo invisível, Deus lhe deu a mediunidade.

Os médiuns são os intérpretes encarregados de transmitir aos homens os ensinamentos dos Espíritos; ou melhor, são os órgãos materiais pelos quais os Espíritos se exprimem para se tornarem inteligíveis aos homens. Sua missão é santa, pois tem por fim abrir os horizontes da vida eterna.

Os Espíritos vêm instruir o homem sobre os seus destinos futuros, a fim de reconduzi-lo ao caminho do bem, e não para poupar-lhe o trabalho material que ele deve realizar neste mundo para o seu adiantamento, nem para favorecer a sua ambição e a sua cupididade. É disso que os médiuns devem estar bem compenetrados, para não fazerem mau uso de sua faculdade. Aquele que compreende a gravidade do mandato de que está investido o cumpre religiosamente; sua consciência lhe censuraria, como um ato sacrílego, fazer passatempo e distração, para si ou para os outros, de uma faculdade dada com um fim tão sério e que o põe em relação com os seres de além-túmulo.

Como intérpretes do ensinamento dos Espíritos, os médiuns devem desempenhar um papel importante na transformação moral que se opera; os serviços que podem prestar são proporcionais à boa direção que dão à sua faculdade, pois os que estão num mau caminho são mais nocivos que úteis à causa do Espiritismo; pelas más impressões que produzem, retardam mais de uma conversão. Por isso lhes será pedida conta do uso que tiverem feito de uma faculdade que lhes foi dada para o bem de seus semelhantes.

O médium que quer conservar a assistência dos bons Espíritos deve trabalhar pelo seu próprio melhoramento; aquele que quer ver crescer e desenvolver-se a sua faculdade deve ele mesmo crescer moralmente e abster-se de tudo o que tenderia a desviá-la do seu fim providencial.

Se os bons Espíritos se servem às vezes de instrumentos imperfeitos, é para dar bons conselhos e procurar reconduzi-los ao bem; mas, se encontram corações endurecidos e se seus avisos não são ouvidos, eles se retiram, e os maus têm então o campo livre. (Cap. XXIV, itens 11 e 12.)

A experiência prova que, naqueles que não aproveitam os conselhos que recebem dos bons Espíritos, as comunicações, depois de terem brilhado por certo tempo, degeneram pouco a pouco e acabam por cair no erro, no palavrório ou no ridículo, sinal incontestável do afastamento dos bons Espíritos.

Obter a assistência dos bons Espíritos, afastar os Espíritos levianos e mentirosos: tal deve ser o objeto dos esforços constantes de todos os médiuns sérios; sem isso, a mediunidade é uma faculdade estéril, que pode até reverter em prejuízo de quem a possui, pois pode degenerar em obsessão perigosa.

O médium que compreende o seu dever, em vez de se orgulhar de uma faculdade que não lhe pertence, já que lhe pode ser retirada, atribui a Deus as boas coisas que obtém. Se suas comunicações merecem elogios, não se envaidece, porque sabe que elas independem de seu mérito pessoal, e agradece a Deus por ter permitido que bons Espíritos viessem manifestar-se a ele. Se elas dão lugar à crítica, não se ofende, porque não são obra de seu próprio Espírito; diz a si mesmo que não foi um bom instrumento e que não possui todas as qualidades necessárias para se opor à intromissão dos maus Espíritos; por isso procura adquirir essas qualidades e pede, pela prece, a força que lhe falta.

10. *Prece*. Deus Todo-Poderoso, permiti aos bons Espíritos que me assistam na comunicação que solicito. Preservai-me da presunção de me julgar ao abrigo dos maus Espíritos, do orgulho que poderia iludir-me sobre o valor do que obtenho, de todo sentimento contrário à caridade para com os outros médiuns. Se eu for induzido em erro, inspirai a alguém o pensamento de me advertir, e a mim a humildade que me fará aceitar a crítica com reconhecimento e tomar para mim mesmo, e não para os outros, os conselhos que os bons Espíritos houverem por bem me ditar.

Se eu fosse tentado a abusar, no que quer que seja, ou a me envaidecer da faculdade que vos aprouve conceder-me, peço-vos que ma retireis, antes que permitir que ela seja desviada do seu fim providencial, que é o bem de todos e o meu próprio adiantamento moral.

II. Preces por si mesmo

Aos anjos guardiões e aos Espíritos protetores

11. *Prefácio.* Todos nós temos um bom Espírito que se ligou a nós desde o nosso nascimento e nos tomou sob a sua proteção. Ele desempenha junto de nós a missão de um pai junto de seu filho: a de nos conduzir no caminho do bem e do progresso através das provas da vida. Ele fica feliz quando correspondemos à sua solicitude; geme quando nos vê sucumbir.

Seu nome pouco nos importa, pois ele pode não ter nenhum nome conhecido na Terra; invocamo-lo então como nosso anjo guardião, nosso bom gênio; podemos até invocá-lo sob o nome de um Espírito superior qualquer pelo qual sintamos uma simpatia mais particular.

Além do nosso anjo guardião, que é sempre um Espírito superior, temos Espíritos protetores que, embora menos elevados, não são menos bons e benevolentes; são parentes, ou amigos, ou às vezes pessoas que não conhecemos em nossa existência atual. Assistem-nos com seus conselhos e, muitas vezes, com a sua intervenção nos atos de nossa vida.

Os Espíritos simpáticos são os que se ligam a nós por certa semelhança de gostos e de inclinações; podem ser bons ou maus, segundo a natureza das inclinações que os atraem para nós.

Os Espíritos sedutores esforçam-se por nos desviar do caminho do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas como de outras tantas portas abertas que lhes dão acesso à nossa alma. Há os que se encarniçam sobre nós como sobre uma presa, mas se afastam quando reconhecem sua impotência para lutar contra a nossa vontade.

Deus nos deu um guia principal e superior em nosso anjo guardião, e guias secundários em nossos Espíritos protetores e familiares; mas é um erro crer que temos forçosamente um mau gênio colocado junto de nós para contrabalançar as boas influências. Os maus Espíritos vêm voluntariamente, conforme encontram brecha em nós por nossa fraqueza ou por nossa negligência em seguir as inspirações dos bons Espíritos; somos nós, portanto, que os atraímos. Daí resulta que nunca se está privado da assistência dos bons Espíritos e que depende de nós afastar os maus. Sendo, por suas imperfeições, a primeira causa das misérias que suporta, o homem é, na maioria das vezes, o seu próprio mau gênio. (Cap. V, item 4.)

A prece aos anjos guardiões e aos Espíritos protetores deve ter por fim solicitar a sua intercessão junto de Deus, pedir-lhes a força de resistir às más sugestões e a sua assistência nas necessidades da vida.

12. *Prece*. Espíritos sábios e benevolentes, mensageiros de Deus, cuja missão é assistir os homens e conduzi-los pelo bom caminho, sustentai-me nas provas desta vida; dai-me a força de suportá-las sem queixa; desviai de mim os maus pensamentos e fazei que eu não dê acesso a nenhum dos maus Espíritos que tentassem induzir-me ao mal. Esclarecei a minha consciência sobre os meus defeitos e erguei de diante dos meus olhos o véu do orgulho que poderia impedir-me de percebê-los e de confessá-los a mim mesmo.

Vós sobretudo, N..., meu anjo guardião, que velais mais particularmente por mim, e vós todos, Espíritos protetores que vos interessais por mim, fazei que eu me torne digno da vossa benevolência. Conheceis as minhas necessidades; que elas sejam atendidas segundo a vontade de Deus.

13. (*Outra.*) Meu Deus, permiti aos bons Espíritos que me cercam virem em meu auxílio quando estou em aflição, e me sustentarem se eu vacilar. Fazei, Senhor, que eles me inspirem a fé, a esperança e a caridade; que sejam para mim um apoio, uma esperança e uma prova da vossa misericórdia; fazei, enfim, que eu encontre junto deles a força que me falta nas provas da vida e, para resistir às sugestões do mal, a fé que salva e o amor que consola.

14. (*Outra.*) Espíritos bem-amados, anjos guardiões, vós a quem Deus, em sua infinita misericórdia, permite velar pelos homens, sede nossos protetores nas provas de nossa vida terrena. Dai-nos a força, a coragem e a resignação; inspirai-nos tudo o que é bom, retende-nos no declive do mal; que a vossa doce influência penetre a nossa alma; fazei que sintamos que um amigo devotado está ali, junto de nós, que vê os nossos sofrimentos e partilha as nossas alegrias.

E vós, meu bom anjo, não me abandoneis; preciso de toda a vossa proteção para suportar com fé e amor as provas que aprouver a Deus enviar-me.

Para afastar os maus Espíritos

15. *Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, e por dentro estais cheios de rapina e de impureza. Fariseus cegos, limpai primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas por dentro estão cheios de toda espécie de podridão. Assim, por fora pareceis justos aos olhos dos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.* (Mateus, 23:25-28)

16. *Prefácio*. Os maus Espíritos só vão aonde encontram com que satisfazer a sua perversidade; para afastá-los, não basta pedir-lhes, nem mesmo ordenar-lhes: é preciso tirar de si o que os atrai. Os maus Espíritos farejam as chagas da alma como as moscas farejam as chagas do corpo; assim como limpais o corpo para evitar os parasitas, limpai também a alma de suas impurezas para evitar os maus Espíritos. Como vivemos num mundo em que pululam os maus Espíritos, as boas qualidades do coração nem sempre põem a salvo de suas investidas, mas dão a força de lhes resistir.

17. *Prece*. Em nome de Deus Todo-Poderoso, que os maus Espíritos se afastem de mim e que os bons me sirvam de baluarte contra eles!

Espíritos malfazejos que inspirais aos homens maus pensamentos; Espíritos velhacos e mentirosos que os enganais; Espíritos zombeteiros que vos divertis com a sua credulidade, eu vos repilo com todas as forças da minha alma e fecho os ouvidos às vossas sugestões; mas invoco sobre vós a misericórdia de Deus.

Bons Espíritos que vos dignais assistir-me, dai-me a força de resistir à influência dos maus Espíritos e as luzes necessárias para não ser enganado por suas velhacarias. Preservai-me do orgulho e da presunção; afastai do meu coração o ciúme, o ódio, a malevolência e todo sentimento contrário à caridade, que são outras tantas portas abertas ao Espírito do mal.

Para pedir a correção de um defeito

18. *Prefácio*. Nossos maus instintos são o resultado da imperfeição do nosso próprio Espírito, e não de nossa organização; do contrário, o homem escaparia a toda espécie de responsabilidade. Nosso melhoramento depende de nós, pois todo homem que está no gozo de suas

faculdades tem, em todas as coisas, a liberdade de fazer ou de não fazer; para fazer o bem, só lhe falta a vontade. (Cap. XV, item 10; cap. XIX, item 12.)

19. *Prece*. Vós me destes, ó meu Deus, a inteligência necessária para distinguir o que é bem do que é mal; ora, desde o momento em que reconheço que uma coisa é má, sou culpado se não me esforço por lhe resistir.

Preservai-me do orgulho, que poderia impedir-me de perceber os meus defeitos, e dos maus Espíritos, que poderiam incitar-me a perseverar neles.

Entre as minhas imperfeições, reconheço que sou particularmente inclinado a..., e, se não resisto a esse arrastamento, é pelo hábito que contraí de ceder a ele.

Vós não me criastes culpado, porque sois justo, mas com igual aptidão para o bem e para o mal; se segui o mau caminho, foi por efeito do meu livre-arbítrio. Mas, pela mesma razão por que tive a liberdade de fazer o mal, tenho a de fazer o bem; por conseguinte, tenho a de mudar de rumo.

Meus defeitos atuais são um resto das imperfeições que conservei de minhas existências anteriores; são o meu pecado original, do qual posso libertar-me pela minha vontade e com a assistência dos bons Espíritos.

Bons Espíritos que me protegeis, e vós sobretudo, meu anjo guardião, dai-me a força de resistir às más sugestões e de sair vitorioso da luta.

Os defeitos são as barreiras que nos separam de Deus, e cada defeito dominado é um passo dado no caminho do adiantamento que deve

aproximar-me dele.

O Senhor, em sua infinita misericórdia, dignou-se conceder-me a existência atual para que ela servisse ao meu adiantamento; bons Espíritos, ajudai-me a aproveitá-la, a fim de que não seja perdida para mim e que, quando aprouver a Deus retirar-me dela, eu saia melhor do que nela entrei. (Cap. V, item 5; cap. XVII, item 3.)

Para pedir forças para resistir a uma tentação

20. *Prefácio.* Todo mau pensamento pode ter duas fontes: a própria imperfeição de nossa alma ou uma influência funesta que atua sobre ela; neste último caso, é sempre o indício de uma fraqueza que nos torna aptos a receber essa influência e, por conseguinte, de uma alma imperfeita; de tal modo que aquele que falha não pode invocar como desculpa a influência de um Espírito estranho, pois esse Espírito não o teria solicitado ao mal se o tivesse julgado inacessível à sedução.

Quando um mau pensamento surge em nós, podemos, pois, figurar um Espírito malévolo que nos solicita ao mal, e ao qual somos tão livres de ceder ou de resistir como se se tratasse das solicitações de uma pessoa viva. Devemos ao mesmo tempo figurar o nosso anjo guardião, ou Espírito protetor, que, por seu lado, combate em nós a má influência e espera com ansiedade a decisão que vamos tomar. Nossa hesitação em fazer o mal é a voz do bom Espírito que se faz ouvir pela consciência.

Reconhece-se que um pensamento é mau quando ele se afasta da caridade, que é a base de toda verdadeira moral; quando tem por princípio o orgulho, a vaidade ou o egoísmo; quando a sua realização pode causar um prejuízo qualquer a outrem; quando, enfim, nos so-

licita a fazer aos outros o que não quereríamos que nos fizessem. (Cap. XXVIII, item 15; cap. XV, item 10.)

21. *Prece*. Deus Todo-Poderoso, não me deixeis sucumbir à tentação que sinto de falhar. Espíritos benevolentes que me protegeis, desviai de mim este mau pensamento e dai-me a força de resistir à sugestão do mal. Se eu sucumbir, terei merecido a expiação da minha falta nesta vida e na outra, porque sou livre para escolher.

Ação de graças por uma vitória obtida sobre uma tentação

22. *Prefácio*. Aquele que resistiu a uma tentação o deve à assistência dos bons Espíritos, cuja voz escutou. Deve agradecer por isso a Deus e ao seu anjo guardião.

23. *Prece*. Meu Deus, eu vos agradeço por me terdes permitido sair vitorioso da luta que acabo de sustentar contra o mal; fazei que esta vitória me dê a força de resistir a novas tentações.

E vós, meu anjo guardião, eu vos agradeço a assistência que me destes. Possa a minha submissão aos vossos conselhos fazer-me merecer de novo a vossa proteção!

Para pedir um conselho

24. *Prefácio*. Quando estamos indecisos entre fazer ou não fazer uma coisa, devemos antes de tudo fazer a nós mesmos as seguintes perguntas:

1º A coisa que hesito em fazer pode causar algum prejuízo a outrem?

2º Pode ser útil a alguém?

3º Se alguém me fizesse essa coisa, eu ficaria satisfeito?

Se a coisa só diz respeito a si mesmo, é permitido pôr na balança a soma das vantagens e dos inconvenientes pessoais que dela podem resultar.

Se ela diz respeito a outrem e, fazendo bem a um, pode fazer mal a outro, é preciso igualmente pesar a soma do bem e do mal para se abster ou agir.

Enfim, mesmo para as melhores coisas, é preciso considerar ainda a oportunidade e as circunstâncias acessórias, pois uma coisa boa em si mesma pode ter maus resultados em mãos inábeis, e se não for conduzida com prudência e circunspecção. Antes de empreendê-la, convém consultar as próprias forças e os próprios meios de execução.

Em todos os casos, pode-se sempre reclamar a assistência dos Espíritos protetores, lembrando-se desta sábia máxima: *Na dúvida, abstém-te*. (Cap. XXVIII, item 38.)

25. *Prece*. Em nome de Deus Todo-Poderoso, bons Espíritos que me protegeis, inspirai-me a melhor resolução a tomar na incerteza em que me encontro. Dirigi o meu pensamento para o bem e desviai a influência daqueles que tentassem extraviar-me.

Nas aflições da vida

26. *Prefácio*. Podemos pedir a Deus favores terrenos, e ele pode concedê-los quando têm um fim útil e sério; mas, como julgamos a utilidade das coisas do nosso ponto de vista e a nossa visão está limitada ao presente, nem sempre vemos o lado mau do que desejamos. Deus, que vê melhor do que nós e só quer o nosso bem, pode, pois, recusar-nos, como um pai recusa ao filho o que poderia prejudicá-lo. Se o que pedimos não nos é concedido, não devemos por isso desanimar;

devemos pensar, ao contrário, que a privação do que desejamos nos é imposta como prova ou como expiação, e que a nossa recompensa será proporcional à resignação com que a tivermos suportado. (Cap. XXVII, item 6; cap. II, itens 5, 6 e 7.)

27. *Prece*. Deus Todo-Poderoso, que vedes as nossas misérias, dignai-vos ouvir favoravelmente os votos que vos dirijo neste momento. Se o meu pedido é irrefletido, perdoai-mo; se ele é justo e útil aos vossos olhos, que os bons Espíritos que executam as vossas vontades venham em meu auxílio para a sua realização.

Aconteça o que acontecer, meu Deus, seja feita a vossa vontade. Se os meus desejos não forem atendidos, é que entra em vossos desígnios provar-me, e eu me submeto sem queixa. Fazei que eu não desanime por isso e que nem a minha fé nem a minha resignação sejam abaladas.

(*Formular o pedido.*)

Ação de graças por um favor obtido

28. *Prefácio*. Não se devem considerar como acontecimentos felizes somente as coisas de grande importância; as menores na aparência são muitas vezes as que mais influem em nosso destino. O homem esquece facilmente o bem e lembra-se antes do que o aflige. Se registrássemos dia a dia os benefícios de que somos objeto, sem os termos pedido, ficaríamos muitas vezes espantados por ter recebido tantos que se apagaram de nossa memória, e humilhados por nossa ingratidão.

Cada noite, ao elevar a alma a Deus, devemos recordar em nós mesmos os favores que ele nos concedeu durante o dia e agradecer-lhe por eles. É sobretudo no próprio momento em que sentimos o efeito

de sua bondade e de sua proteção que, por um movimento espontâneo, devemos testemunhar-lhe a nossa gratidão; basta para isso um pensamento que lhe atribua o benefício, sem que seja preciso desviar-se do trabalho.

Os benefícios de Deus não consistem apenas nas coisas materiais; devemos igualmente agradecer-lhe as boas ideias, as inspirações felizes que nos são sugeridas. Enquanto o orgulhoso faz disso um mérito seu e o incrédulo as atribui ao acaso, aquele que tem fé rende graças por elas a Deus e aos bons Espíritos. Para isso, longas frases são inúteis: "Obrigado, meu Deus, pelo bom pensamento que me foi inspirado" diz mais do que muitas palavras. O impulso espontâneo que nos faz atribuir a Deus o bem que nos acontece testemunha um hábito de reconhecimento e de humildade que nos granjeia a simpatia dos bons Espíritos. (Cap. XXVII, itens 7 e 8.)

29. *Prece*. Deus infinitamente bom, bendito seja o vosso nome pelos benefícios que me concedestes; eu seria indigno deles se os atribuísse ao acaso dos acontecimentos ou ao meu próprio mérito.

Bons Espíritos que fostes os executores das vontades de Deus, e vós sobretudo, meu anjo guardião, eu vos agradeço. Desviai de mim o pensamento de me orgulhar disso e de fazer deles um uso que não fosse para o bem.

Agradeço-vos especialmente por...

Ato de submissão e de resignação

30. *Prefácio*. Quando nos sobrevém um motivo de aflição, se procurarmos a sua causa, verificaremos muitas vezes que ele é consequência de nossa imprudência, de nossa imprevidência ou de uma ação anterior; nesse caso, só devemos culpar a nós mesmos. Se a causa de

uma desgraça independe de qualquer participação de nossa parte, é ou uma prova para esta vida, ou a expiação de uma existência passada; e, neste último caso, a natureza da expiação pode dar-nos a conhecer a natureza da falta, pois somos sempre punidos por onde pecamos. (Cap. V, itens 4, 6 e seguintes.)

Naquilo que nos aflige, em geral só vemos o mal presente, e não as consequências ulteriores favoráveis que ele pode ter. O bem é muitas vezes consequência de um mal passageiro, como a cura de um doente é o resultado dos meios dolorosos que se empregam para obtê-la. Em todos os casos, devemos submeter-nos à vontade de Deus e suportar com coragem as tribulações da vida, se quisermos que nos sejam levadas em conta e que esta palavra do Cristo nos seja aplicada: *Bem-aventurados os que sofrem*. (Cap. V, item 18.)

31. *Prece*. Meu Deus, vós sois soberanamente justo; todo sofrimento neste mundo deve, pois, ter a sua causa e a sua utilidade. Aceito o motivo de aflição que acabo de experimentar como uma expiação de minhas faltas passadas e uma prova para o futuro.

Bons Espíritos que me protegeis, dai-me a força de suportá-lo sem queixa; fazei que ele seja para mim uma advertência salutar; que aumente a minha experiência; que combata em mim o orgulho, a ambição, a tola vaidade e o egoísmo, e que contribua assim para o meu adiantamento.

32. (*Outra*.) Sinto, ó meu Deus, a necessidade de vos orar para que me deis a força de suportar as provas que vos aprouve enviar-me. Permiti que a luz se faça bastante viva em meu espírito para que eu aprecie toda a extensão de um amor que me aflige porque quer salvar-me. Submeto-me com resignação, ó meu Deus; mas, ai de mim!,

a criatura é tão fraca que, se não me sustentardes, receio sucumbir. Não me abandoneis, Senhor, pois sem vós nada posso.

33. (*Outra.*) Ergui os olhos para ti, ó Eterno, e me senti fortalecido. Tu és a minha força, não me abandones; ó Deus, estou esmagado sob o peso das minhas iniquidades! Ajuda-me; tu conheces a fraqueza da minha carne, e não desvias de mim o teu olhar!

Estou devorado por uma sede ardente; faze jorrar a fonte de água viva, e serei saciado. Que a minha boca só se abra para cantar os teus louvores, e não para murmurar nas aflições da minha vida. Sou fraco, Senhor, mas o teu amor me sustentará.

Ó Eterno, só tu és grande, só tu és o fim e o alvo da minha vida! Bendito seja o teu nome, se me feres, pois tu és o senhor, e eu o servo infiel; curvarei a fronte sem me queixar, pois só tu és grande, só tu és o alvo.

Num perigo iminente

34. *Prefácio.* Pelos perigos que corremos, Deus nos lembra a nossa fraqueza e a fragilidade da nossa existência. Mostra-nos que a nossa vida está em suas mãos e que ela pende de um fio que pode romper-se no momento em que menos esperamos. Sob esse aspecto, não há privilégio para ninguém, pois o grande e o pequeno estão sujeitos às mesmas vicissitudes.

Se examinarmos a natureza e as consequências do perigo, veremos que, na maioria das vezes, essas consequências, se se tivessem consumado, teriam sido a punição de uma falta cometida ou de um dever negligenciado.

35. *Prece*. Deus Todo-Poderoso, e vós, meu anjo guardião, socorrei-me! Se eu tiver de sucumbir, seja feita a vontade de Deus. Se eu for salvo, que o resto da minha vida repare o mal que eu possa ter feito e do qual me arrependo.

Ação de graças depois de ter escapado a um perigo

36. *Prefácio*. Pelo perigo que corremos, Deus nos mostra que de um momento para outro podemos ser chamados a prestar contas do emprego que fizemos da vida; adverte-nos assim a entrar em nós mesmos e a nos emendarmos.

37. *Prece*. Meu Deus, e vós, meu anjo guardião, eu vos agradeço o socorro que me enviastes no perigo que me ameaçou. Que esse perigo seja para mim uma advertência e me esclareça sobre as faltas que podem tê-lo atraído sobre mim. Compreendo, Senhor, que a minha vida está em vossas mãos e que podeis retirá-la de mim quando vos aprouver. Inspirai-me, pelos bons Espíritos que me assistem, o pensamento de empregar utilmente o tempo que ainda me concedeis neste mundo.

Meu anjo guardião, sustentai-me na resolução que tomo de reparar os meus erros e de fazer todo o bem que estiver em meu poder, a fim de chegar ao mundo dos Espíritos carregado de menos imperfeições, quando aprouver a Deus chamar-me para lá.

No momento de adormecer

38. *Prefácio*. O sono é o repouso do corpo, mas o Espírito não precisa de repouso. Enquanto os sentidos estão entorpecidos, a alma se desprende em parte da matéria e goza de suas faculdades de Espírito. O sono foi dado ao homem para a reparação das forças orgânicas e

para a das forças morais. Enquanto o corpo recupera os elementos que perdeu pela atividade da vigília, o Espírito vai retemperar-se entre os outros Espíritos; colhe naquilo que vê, naquilo que ouve e nos conselhos que lhe dão ideias que reencontra ao despertar em estado de intuição; é o regresso temporário do exilado à sua verdadeira pátria; é o prisioneiro momentaneamente devolvido à liberdade.

Mas acontece, como com o prisioneiro perverso, que o Espírito nem sempre aproveita esse momento de liberdade para o seu adiantamento; se tem maus instintos, em vez de procurar a companhia dos bons Espíritos, procura a de seus semelhantes e vai visitar os lugares onde pode dar livre curso às suas inclinações.

Aquele que está compenetrado desta verdade, eleve o pensamento no momento em que sente a aproximação do sono; faça apelo aos conselhos dos bons Espíritos e daqueles cuja memória lhe é cara, a fim de que venham reunir-se a ele no curto intervalo que lhe é concedido, e ao despertar ele se sentirá com mais força contra o mal, com mais coragem contra a adversidade.

39. *Prece.* Minha alma vai encontrar-se por um instante com os outros Espíritos. Que aqueles que são bons venham ajudar-me com os seus conselhos. Meu anjo guardião, fazei que ao despertar eu conserve deles uma impressão duradoura e salutar.

Na previsão da morte próxima

40. *Prefácio.* A fé no futuro e a elevação do pensamento, durante a vida, para os destinos futuros ajudam o pronto desprendimento do Espírito, enfraquecendo os laços que o prendem ao corpo, e muitas vezes a vida corporal ainda não se extinguiu e a alma, impaciente, já alçou voo para a imensidade. No homem, ao contrário, que concen-

tra todos os seus pensamentos nas coisas materiais, esses laços são mais tenazes, a separação é penosa e dolorosa, e o despertar no além-túmulo é cheio de perturbação e de ansiedade.

41. *Prece*. Meu Deus, creio em vós e em vossa bondade infinita; por isso não posso crer que tenhais dado ao homem a inteligência para vos conhecer e a aspiração ao futuro para mergulhá-lo no nada.

Creio que o meu corpo é apenas o envoltório perecível da minha alma e que, quando ele tiver deixado de viver, despertarei no mundo dos Espíritos.

Deus Todo-Poderoso, sinto romperem-se os laços que unem a minha alma ao meu corpo, e em breve terei de prestar contas do emprego da vida que deixo.

Vou sofrer as consequências do bem e do mal que fiz; lá não há mais ilusão, não há mais subterfúgio possível; todo o meu passado vai desenrolar-se diante de mim, e serei julgado segundo as minhas obras.

Nada levarei dos bens da Terra; honras, riquezas, satisfações da vaidade e do orgulho, enfim, tudo o que pertence ao corpo vai ficar neste mundo; nem a menor parcela me seguirá, e nada disso me será do menor socorro no mundo dos Espíritos. Só levarei comigo o que pertence à alma, isto é, as boas e as más qualidades, que serão pesadas na balança de uma rigorosa justiça; e serei julgado com tanto mais severidade quanto mais ocasiões minha posição na Terra me tiver dado de fazer o bem que não fiz. (Cap. XVI, item 9.)

Deus de misericórdia, que o meu arrependimento chegue até vós! Dignai-vos estender sobre mim a vossa indulgência.

Se vos aprouvesse prolongar a minha existência, que o resto dela seja empregado em reparar, tanto quanto de mim depender, o mal

que eu possa ter feito. Se a minha hora soou sem volta, levo o pensamento consolador de que me será permitido resgatar-me por novas provas, a fim de merecer um dia a felicidade dos eleitos.

Se não me for dado gozar imediatamente dessa felicidade sem mescla, que só é partilha do justo por excelência, sei que a esperança não me está vedada para sempre e que, com o trabalho, chegarei à meta, mais cedo ou mais tarde, segundo os meus esforços.

Sei que bons Espíritos e o meu anjo guardião estão ali, junto de mim, para me receber; em breve os verei como eles me veem. Sei que reencontrarei aqueles que amei na Terra, se o tiver merecido, e que aqueles que aqui deixo virão juntar-se a mim, para um dia estarmos todos reunidos para sempre, e que enquanto isso poderei vir visitá-los.

Sei também que vou reencontrar aqueles a quem ofendi; possam eles perdoar-me o que têm a me censurar: o meu orgulho, a minha dureza, as minhas injustiças, e não me esmagar de vergonha com a sua presença!

Perdoo aos que me fizeram ou me quiseram mal na Terra; não levo nenhum ódio contra eles e peço a Deus que lhes perdoe.

Senhor, dai-me a força de deixar sem pesar as alegrias grosseiras deste mundo, que nada são junto das alegrias puras do mundo em que vou entrar. Lá, para o justo, não há mais tormentos, nem sofrimentos, nem misérias; só o culpado sofre, mas ainda lhe resta a esperança.

Bons Espíritos, e vós, meu anjo guardião, não me deixeis falhar neste momento supremo; fazei brilhar aos meus olhos a luz divina, a fim de reanimar a minha fé, se ela vier a vacilar.

Nota. Ver adiante a seção V: Preces pelos doentes e pelos obsidiados.

III. Preces por outrem

Por alguém que está em aflição

42. Se é do interesse do aflito que sua prova siga o seu curso, ela não será abreviada a nosso pedido; mas seria um ato de impiedade desanimar porque o pedido não foi atendido; aliás, na falta da cessação da prova, pode-se esperar obter alguma outra consolação que lhe tempere a amargura. O que é verdadeiramente útil para aquele que está em sofrimento é a coragem e a resignação, sem as quais o que ele suporta não lhe traz proveito, porque será obrigado a recomeçar a prova. É, pois, para esse fim que se devem dirigir sobretudo os esforços, seja chamando os bons Espíritos em seu auxílio, seja levantando nós mesmos o ânimo do aflito com conselhos e encorajamentos, seja, enfim, assistindo-o materialmente, se possível. A prece, nesse caso, pode além disso ter um efeito direto, dirigindo sobre a pessoa uma corrente fluídica com o fim de fortalecer o seu ânimo. (Cap. V, itens 5 e 27; cap. XXVII, itens 6 e 10.)

43. *Prece*. Meu Deus, cuja bondade é infinita, dignai-vos suavizar a amargura da situação de N..., se tal puder ser a vossa vontade.

Bons Espíritos, em nome de Deus Todo-Poderoso, eu vos suplico que o assistais em suas aflições. Se, no seu interesse, elas não lhe puderem ser poupadas, fazei-o compreender que são necessárias ao seu adiantamento. Dai-lhe a confiança em Deus e no futuro, que as tornará menos amargas. Dai-lhe também a força de não sucumbir ao desespero, que o faria perder o seu fruto e tornaria a sua situação futura ainda mais penosa. Conduzi o meu pensamento até ele, e que esse pensamento ajude a sustentar a sua coragem.

Ação de graças por um benefício concedido a outrem

44. *Prefácio*. Aquele que não é dominado pelo egoísmo alegra-se com o bem que acontece ao seu próximo, mesmo que não o tenha solicitado pela prece.

45. *Prece*. Meu Deus, sede bendito pela felicidade que aconteceu a N...

Bons Espíritos, fazei que ele veja nisso um efeito da bondade de Deus. Se o bem que lhe acontece é uma prova, inspirai-lhe o pensamento de fazer dele bom uso e de não se envaidecer, a fim de que esse bem não se volte em seu prejuízo no futuro.

Vós, meu bom gênio, que me protegeis e desejais a minha felicidade, afastai do meu pensamento todo sentimento de inveja e de ciúme.

Por nossos inimigos e pelos que nos querem mal

46. *Prefácio*. Jesus disse: *Amai até os vossos inimigos*. Essa máxima é o sublime da caridade cristã; mas com ela Jesus não quer dizer que devamos ter para com os nossos inimigos a ternura que temos pelos nossos amigos; ele nos diz, com essas palavras, que esqueçamos as suas ofensas, que lhes perdoemos o mal que nos fazem, que lhes paguemos o mal com o bem. Além do mérito que daí resulta aos olhos de Deus, é mostrar aos olhos dos homens a verdadeira superioridade. (Cap. XII, itens 3 e 4.)

47. *Prece*. Meu Deus, perdoo a N... o mal que me fez e o que quis me fazer, assim como desejo que vós me perdoeis e que ele próprio me perdoe os erros que eu possa ter. Se o pusestes em meu caminho como uma prova, seja feita a vossa vontade.

Desviai de mim, ó meu Deus, a ideia de amaldiçoá-lo e todo desejo malévolo contra ele. Fazei que eu não sinta nenhuma alegria com as desgraças que lhe possam acontecer, nem nenhum pesar com os bens que lhe possam ser concedidos, a fim de não manchar a minha alma com pensamentos indignos de um cristão.

Possa a vossa bondade, Senhor, estendendo-se sobre ele, reconduzi-lo a melhores sentimentos para comigo!

Bons Espíritos, inspirai-me o esquecimento do mal e a lembrança do bem. Que nem o ódio, nem o rancor, nem o desejo de lhe pagar o mal com o mal entrem no meu coração, pois o ódio e a vingança só pertencem aos maus Espíritos, encarnados e desencarnados! Que eu esteja pronto, ao contrário, a estender-lhe uma mão fraterna, a pagar-lhe o mal com o bem e a vir em seu auxílio, se isso estiver em meu poder!

Desejo, para pôr à prova a sinceridade das minhas palavras, que me seja oferecida a ocasião de lhe ser útil; mas sobretudo, ó meu Deus, preservai-me de fazê-lo por orgulho ou ostentação, esmagando-o com uma generosidade humilhante, o que me faria perder o fruto da minha ação, pois então eu mereceria que me fosse aplicada esta palavra do Cristo: *Já recebestes a vossa recompensa*. (Cap. XIII, itens 1 e seguintes.)

Ação de graças pelo bem concedido aos nossos inimigos

48. *Prefácio*. Não desejar mal aos inimigos é ser caridoso só pela metade; a verdadeira caridade quer que lhes desejemos o bem e que fiquemos felizes com o que lhes acontece de bom. (Cap. XII, itens 7 e 8.)

49. *Prece.* Meu Deus, em vossa justiça, julgastes dever alegrar o coração de N... Eu vos agradeço por ele, apesar do mal que me fez ou que procurou fazer-me. Se ele se aproveitasse disso para me humilhar, eu o aceitaria como uma prova para a minha caridade.

Bons Espíritos que me protegeis, não permitais que eu sinta por isso nenhum pesar; desviai de mim a inveja e o ciúme, que rebaixam; inspirai-me, ao contrário, a generosidade, que eleva. A humilhação está no mal, e não no bem, e sabemos que, cedo ou tarde, justiça será feita a cada um segundo as suas obras.

Pelos inimigos do Espiritismo

50. *Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados.*

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Sereis felizes quando os homens vos cobrirem de maldições, vos perseguirem e disserem falsamente toda espécie de mal contra vós por minha causa. Alegrai-vos então, porque uma grande recompensa vos está reservada nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas que vieram antes de vós. (Mateus, 5:6, 10-12)

Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode perder a alma e o corpo no inferno. (Mateus, 10:28)

51. *Prefácio.* De todas as liberdades, a mais inviolável é a de pensar, que compreende também a liberdade de consciência. Lançar o anátema sobre os que não pensam como nós é reclamar essa liberdade para si e recusá-la aos outros; é violar o primeiro mandamento de Jesus: a caridade e o amor ao próximo. Persegui-los por sua crença é atentar contra o direito mais sagrado que todo homem tem de crer

no que lhe convém e de adorar a Deus como entende. Constrangê-los a atos exteriores semelhantes aos nossos é mostrar que se dá mais valor à forma do que ao fundo, às aparências do que à convicção. A abjuração forçada nunca deu a fé: só pode fazer hipócritas; é um abuso da força material, que não prova a verdade; a verdade é segura de si mesma: convence e não persegue, porque não precisa disso.

O Espiritismo é uma opinião, uma crença; ainda que fosse uma religião, por que não se teria a liberdade de se dizer espírita, como se tem a de se dizer católico, judeu ou protestante, partidário de tal ou qual doutrina filosófica, de tal ou qual sistema econômico? Essa crença é falsa ou é verdadeira; se é falsa, cairá por si mesma, porque o erro não pode prevalecer contra a verdade quando a luz se faz nas inteligências; se é verdadeira, a perseguição não a tornará falsa.

A perseguição é o batismo de toda ideia nova grande e justa; ela cresce com a grandeza e a importância da ideia. O encarniçamento e a cólera dos inimigos da ideia são proporcionais ao temor que ela lhes inspira. É por essa razão que o Cristianismo foi perseguido outrora e que o Espiritismo o é hoje, com esta diferença, porém: o Cristianismo o foi pelos pagãos, ao passo que o Espiritismo o é por cristãos. O tempo das perseguições sangrentas passou, é verdade; mas, se já não se mata o corpo, tortura-se a alma; ataca-se até em seus sentimentos mais íntimos, em suas afeições mais caras; dividem-se as famílias, excita-se a mãe contra a filha, a mulher contra o marido; ataca-se até o corpo em suas necessidades materiais, tirando-lhe o ganha-pão para vencê-lo pela fome. (Cap. XXIII, itens 9 e seguintes.)

Espíritas, não vos aflijais com os golpes que vos desferem, pois eles provam que estais com a verdade; do contrário, vos deixariam tranquilos e não vos atacariam. É uma prova para a vossa fé, porque é pela vossa coragem, pela vossa resignação, pela vossa perseverança

que Deus vos reconhecerá entre os seus servos fiéis, dos quais faz hoje o recenseamento para dar a cada um a parte que lhe cabe segundo as suas obras.

A exemplo dos primeiros cristãos, sede, pois, altivos de carregar a vossa cruz. Crede na palavra do Cristo, que disse: "Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma." Ele disse também: "Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos fazem mal e orai pelos que vos perseguem." Mostrai que sois os seus verdadeiros discípulos e que a vossa doutrina é boa, fazendo o que ele diz e o que ele mesmo fez.

A perseguição não durará senão algum tempo; esperai, pois, pacientemente o raiar da aurora, porque a estrela da manhã já se mostra no horizonte. (Cap. XXIV, itens 13 e seguintes.)

52. *Prece*. Senhor, vós nos fizestes dizer pela boca de Jesus, vosso Messias: "Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça; perdoai aos vossos inimigos; orai pelos que vos perseguem"; e ele próprio nos mostrou o caminho, orando pelos seus algozes.

A seu exemplo, meu Deus, invocamos a vossa misericórdia sobre aqueles que desconhecem os vossos divinos preceitos, os únicos que podem assegurar a paz neste mundo e no outro. Como o Cristo, nós vos dizemos: "Perdoai-lhes, meu Pai, porque não sabem o que fazem."

Dai-nos a força de suportar com paciência e resignação, como provas para a nossa fé e a nossa humildade, as suas zombarias, as suas injúrias, as suas calúnias e as suas perseguições; desviai-nos de todo pensamento de represália, pois a hora da vossa justiça soará para todos, e nós a esperamos submetendo-nos à vossa santa vontade.

Prece por uma criança que acaba de nascer

53. *Prefácio*. Os Espíritos só chegam à perfeição depois de terem passado pelas provas da vida corporal; os que estão errantes esperam que Deus lhes permita retomar uma existência que lhes deve fornecer um meio de adiantamento, seja pela expiação de suas faltas passadas por meio das vicissitudes a que são submetidos, seja cumprindo uma missão útil à humanidade. Seu adiantamento e sua felicidade futura serão proporcionais à maneira como tiverem empregado o tempo que devem passar na Terra. O encargo de guiar os seus primeiros passos e de dirigi-los para o bem é confiado aos seus pais, que responderão diante de Deus pela maneira como tiverem cumprido o seu mandato. É para facilitar o seu cumprimento que Deus fez do amor paterno e do amor filial uma lei da natureza, lei que nunca é violada impunemente.

54. *Prece*. (Feita pelos pais.) Espírito que te encarnaste no corpo do nosso filho, sê bem-vindo entre nós. Deus Todo-Poderoso, que o enviastes, sede bendito.

É um depósito que nos é confiado e do qual um dia teremos de prestar contas. Se ele pertence à nova geração de bons Espíritos que devem povoar a Terra, obrigado, ó meu Deus, por esse favor! Se é uma alma imperfeita, nosso dever é ajudá-la a progredir no caminho do bem por nossos conselhos e por nossos bons exemplos; se ele cair no mal por nossa culpa, responderemos por isso diante de vós, pois não teremos cumprido a nossa missão para com ele.

Senhor, sustentai-nos em nossa tarefa e dai-nos a força e a vontade de cumpri-la. Se esta criança tiver de ser para nós motivo de provas, seja feita a vossa vontade!

Bons Espíritos que viestes presidir ao seu nascimento e que deveis acompanhá-lo durante a vida, não o abandoneis. Afastai dele os maus Espíritos que tentassem induzi-lo ao mal; dai-lhe a força de resistir às suas sugestões e a coragem de suportar com paciência e resignação as provas que o esperam na Terra. (Cap. XIV, item 9.)

55. (*Outra.*) Meu Deus, vós me confiastes a sorte de um dos vossos Espíritos; fazei, Senhor, que eu seja digno da tarefa que me é imposta; concedei-me a vossa proteção; iluminai a minha inteligência, a fim de que eu possa discernir desde cedo as tendências daquele que devo preparar para entrar na vossa paz.

56. (*Outra.*) Deus de bondade, já que te aprouve permitir ao Espírito desta criança vir de novo passar pelas provas terrenas destinadas a fazê-lo progredir, dá-lhe a luz, a fim de que aprenda a te conhecer, a te amar e a te adorar. Faze, por tua onipotência, que esta alma se regenere na fonte das tuas divinas instruções; que, sob a égide do seu anjo guardião, a sua inteligência cresça, se desenvolva e o faça aspirar a aproximar-se cada vez mais de ti; que a ciência do Espiritismo seja a luz brilhante que o ilumine através dos escolhos da vida; que ele saiba, enfim, apreciar toda a extensão do teu amor, que nos prova para nos purificar.

Senhor, lança um olhar paternal sobre a família a quem confiaste esta alma; possa ela compreender a importância da sua missão e fazer germinar nesta criança as boas sementes, até o dia em que ela puder, por suas próprias aspirações, elevar-se sozinha até ti.

Digna-te, ó meu Deus, atender a esta humilde prece, em nome e pelos méritos daquele que disse: “Deixai vir a mim as criancinhas, porque o reino dos céus é dos que se parecem com elas.”

Por um agonizante

57. *Prefácio*. A agonia é o prelúdio da separação da alma e do corpo; pode-se dizer que nesse momento o homem tem apenas um pé neste mundo e já tem o outro no outro. Essa passagem é às vezes penosa para os que se apegam à matéria e viveram mais para os bens deste mundo do que para os do outro, ou cuja consciência está agitada pelos pesares e remorsos; para aqueles, ao contrário, cujos pensamentos se elevaram para o infinito e se desprenderam da matéria, os laços são menos difíceis de romper, e os últimos momentos nada têm de doloroso; a alma então só se prende ao corpo por um fio, ao passo que, na outra situação, se prende a ele por raízes profundas; em todos os casos, a prece exerce uma ação poderosa sobre o trabalho da separação. (Ver adiante: Preces pelos doentes. *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, cap. I: A passagem.)

58. *Prece*. Deus poderoso e misericordioso, eis uma alma que deixa o seu envoltório terreno para voltar ao mundo dos Espíritos, sua verdadeira pátria; possa ela entrar ali em paz, e possa a vossa misericórdia estender-se sobre ela.

Bons Espíritos que a acompanhastes na Terra, não a abandoneis neste momento supremo; dai-lhe a força de suportar os últimos sofrimentos que ela deve passar neste mundo para o seu adiantamento futuro; inspirai-a para que consagre ao arrependimento de suas faltas os últimos lampejos de inteligência que lhe restam ou que lhe possam momentaneamente voltar.

Dirigi o meu pensamento, a fim de que a sua ação torne menos penoso o trabalho da separação e leve à sua alma, no momento de deixar a Terra, as consolações da esperança.

IV. Preces pelos que já não estão na Terra

Por alguém que acaba de morrer

59. *Prefácio*. As preces pelos Espíritos que acabam de deixar a Terra não têm por fim somente dar-lhes um testemunho de simpatia; elas têm ainda por efeito ajudar o seu desprendimento e, com isso, abreviar a perturbação que sempre se segue à separação e tornar o despertar mais calmo. Mas aí também, como em qualquer outra circunstância, a eficácia está na sinceridade do pensamento, e não na abundância de palavras ditas com maior ou menor pompa, e das quais, na maioria das vezes, o coração não participa.

As preces que partem do coração ressoam em torno do Espírito, cujas ideias ainda estão confusas, como as vozes amigas que vêm nos tirar do sono. (Cap. XXVII, item 10.)

60. *Prece*. Deus Todo-Poderoso, que a vossa misericórdia se estenda sobre a alma de N..., que acabais de chamar de volta a vós. Possam as provas que ele (ou ela) passou na Terra ser-lhe levadas em conta, e possam as nossas preces suavizar e abreviar as penas que ele ainda possa sofrer como Espírito!

Bons Espíritos que viestes recebê-lo, e vós sobretudo, seu anjo guardião, assisti-o para ajudá-lo a despojar-se da matéria; dai-lhe a luz e a consciência de si mesmo, a fim de tirá-lo da perturbação que acompanha a passagem da vida corporal para a vida espiritual. Inspirai-lhe o arrependimento das faltas que possa ter cometido e o desejo de que lhe seja permitido repará-las, para apressar o seu adiantamento rumo à vida eterna bem-aventurada.

N..., acabais de voltar ao mundo dos Espíritos, e no entanto estais aqui presente entre nós; vós nos vedes e nos ouvis, pois entre vós e

nós só há a menos o corpo perecível que acabais de deixar e que em breve estará reduzido a pó.

Deixastes o envoltório grosseiro, sujeito às vicissitudes e à morte, e conservastes apenas o envoltório etéreo, imperecível e inacessível aos sofrimentos. Se já não viveis pelo corpo, viveis a vida dos Espíritos, e essa vida está isenta das misérias que afligem a humanidade.

Já não tendes o véu que oculta aos nossos olhos os esplendores da vida futura; podereis de agora em diante contemplar novas maravilhas, enquanto nós ainda estamos mergulhados nas trevas.

Ides percorrer o espaço e visitar os mundos com toda a liberdade, enquanto nós rastejamos penosamente sobre a Terra, onde nos retém o nosso corpo material, semelhante para nós a um pesado fardo.

O horizonte do infinito vai desdobrar-se diante de vós, e, em presença de tanta grandeza, compreendereis a vaidade dos nossos desejos terrenos, das nossas ambições mundanas e das alegrias fúteis com que os homens se deleitam.

A morte não é, entre os homens, mais que uma separação material de alguns instantes. Do lugar de exílio onde ainda nos retêm a vontade de Deus e os deveres que temos de cumprir neste mundo, nós vos seguiremos pelo pensamento até o momento em que nos for permitido juntar-nos a vós, como vós vos juntastes aos que vos precederam.

Se não podemos ir para junto de vós, vós podeis vir para junto de nós. Vinde, pois, para o meio daqueles que vos amam e que vós amastes; sustentai-os nas provas da vida; velai pelos que vos são caros; protegei-os segundo o vosso poder, e suavizai as suas saudades

com o pensamento de que sois agora mais feliz e com a consoladora certeza de que um dia estarão reunidos a vós num mundo melhor.

No mundo em que estais, todos os ressentimentos terrenos devem extinguir-se. Possais vós, para a vossa felicidade futura, ser doravante inacessível a eles! Perdoai, pois, aos que possam ter tido culpas para convosco, como eles vos perdoam as que possais ter tido para com eles.

Nota. Pode-se acrescentar a esta prece, que se aplica a todos, algumas palavras especiais segundo as circunstâncias particulares de família ou de relações e a posição do falecido.

Se se trata de uma criança, o Espiritismo nos ensina que não é um Espírito de criação recente, mas que já viveu e pode já ser muito adiantado. Se sua última existência foi curta, é que ela era apenas um complemento de prova ou devia ser uma prova para os pais. (Cap. V, item 21.)

61. (*Outra* [2].) Senhor Todo-Poderoso, que a vossa misericórdia se estenda sobre os nossos irmãos que acabam de deixar a Terra! Que a vossa luz brilhe aos seus olhos! Tirai-os das trevas; abri os seus olhos e os seus ouvidos! Que os vossos bons Espíritos os rodeiem e lhes façam ouvir palavras de paz e de esperança!

Senhor, por mais indignos que sejamos, ousamos implorar a vossa misericordiosa indulgência em favor daquele dos nossos irmãos que acaba de ser chamado de volta do exílio; fazei que o seu regresso seja o do filho pródigo. Esquecei, ó meu Deus, as faltas que ele possa ter cometido, para vos lembrardes do bem que ele possa ter feito. A vossa justiça é imutável, nós o sabemos, mas o vosso amor é imenso; nós vos suplicamos que abrandeis a vossa justiça por essa fonte de bondade que emana de vós.

Que a luz se faça para vós, meu irmão, que acabais de deixar a Terra! Que os bons Espíritos do Senhor desçam até vós, vos rodeiem e vos ajudem a sacudir as vossas cadeias terrenas! Compreendei e vede a grandeza do nosso Senhor; submetei-vos sem queixa à sua justiça, mas nunca desespereis da sua misericórdia. Irmão! que um sério exame do vosso passado vos abra as portas do futuro, fazendo-vos compreender as faltas que deixais para trás e o trabalho que vos resta fazer para repará-las! Que Deus vos perdoe, e que os seus bons Espíritos vos sustentem e vos encorajem! Vossos irmãos da Terra orarão por vós e vos pedem que oreis por eles.

Pelas pessoas a quem se teve afeição

62. *Prefácio*. Como é terrível a ideia do nada! Como são dignos de pena os que creem que a voz do amigo que chora o seu amigo se perde no vazio e não encontra nenhum eco que lhe responda! Nunca conheceram as afeições puras e santas os que pensam que tudo morre com o corpo; que o gênio que iluminou o mundo com a sua vasta inteligência é um jogo da matéria que se apaga para sempre como um sopro; que do ser mais querido, de um pai, de uma mãe ou de um filho adorado, só resta um pouco de pó que o tempo dissipa sem volta!

Como pode um homem de coração permanecer frio diante desse pensamento? Como a ideia de um aniquilamento absoluto não o gela de pavor e não o faz ao menos desejar que não seja assim? Se até hoje a sua razão não bastou para dissipar as suas dúvidas, eis que o Espiritismo vem dissipar toda incerteza sobre o futuro, pelas provas materiais que dá da sobrevivência da alma e da existência dos seres de além-túmulo. Por isso, em toda parte essas provas são acolhidas com alegria; a confiança renasce, pois o homem sabe doravante que a vida terrena é apenas uma curta passagem que conduz a uma vida

melhor; que os seus trabalhos neste mundo não estão perdidos para ele, e que as mais santas afeições não são rompidas sem esperança. (Cap. IV, item 18; cap. V, item 21.)

63. *Prece*. Dignai-vos, ó meu Deus, acolher favoravelmente a prece que vos dirijo pelo Espírito de N...; fazei-lhe entrever as vossas divinas claridades e tornai-lhe fácil o caminho da felicidade eterna. Permiti que os bons Espíritos lhe levem as minhas palavras e o meu pensamento.

Tu que me eras querido neste mundo, ouve a minha voz que te chama para te dar um novo penhor da minha afeição. Deus permitiu que fosses libertado primeiro: eu não poderia queixar-me disso sem egoísmo, pois seria lamentar por ti as penas e os sofrimentos da vida. Espero, pois, com resignação, o momento da nossa reunião no mundo mais feliz onde me precedeste.

Sei que a nossa separação é apenas momentânea e que, por mais longa que me possa parecer, a sua duração se apaga diante da eternidade de felicidade que Deus promete aos seus eleitos. Que a sua bondade me preserve de fazer qualquer coisa que possa retardar esse instante desejado, e que ele me poupe assim a dor de não te reencontrar ao sair do meu cativeiro terreno.

Oh! como é doce e consoladora a certeza de que entre nós só há um véu material que te oculta à minha vista! de que podes estar ali, ao meu lado, ver-me e ouvir-me como outrora, e melhor ainda que outrora; de que não me esqueces, assim como eu não te esqueço; de que os nossos pensamentos não cessam de se confundir, e de que o teu me segue e me sustenta sempre.

Que a paz do Senhor esteja contigo.

Pelas almas sofredoras que pedem preces

64. *Prefácio*. Para compreender o alívio que a prece pode proporcionar aos Espíritos sofredores, é preciso reportar-se ao seu modo de ação, explicado acima. (Cap. XXVII, itens 9, 18 e seguintes.) Aquele que está compenetrado desta verdade ora com mais fervor, pela certeza de não orar em vão.

65. *Prece*. Deus clemente e misericordioso, que a vossa bondade se estenda sobre todos os Espíritos que se recomendam às nossas preces, e especialmente sobre a alma de N...

Bons Espíritos, cuja única ocupação é o bem, intercedei comigo pelo seu alívio. Fazei brilhar aos seus olhos um raio de esperança, e que a luz divina os esclareça sobre as imperfeições que os afastam da morada dos bem-aventurados. Abri o seu coração ao arrependimento e ao desejo de se depurarem, para apressar o seu adiantamento. Fazei-os compreender que, por seus esforços, podem abreviar o tempo de suas provas.

Que Deus, em sua bondade, lhes dê a força de perseverar em suas boas resoluções!

Possam estas palavras benevolentes suavizar as suas penas, mostrando-lhes que há na Terra seres que sabem compadecer-se delas e que desejam a sua felicidade.

66. (*Outra*.) Nós vos pedimos, Senhor, que derrameis sobre todos os que sofrem, seja no espaço como Espíritos errantes, seja entre nós como Espíritos encarnados, as graças do vosso amor e da vossa misericórdia. Tende piedade das nossas fraquezas. Vós nos fizestes falíveis, mas nos destes a força de resistir ao mal e de vencê-lo. Que a vossa misericórdia se estenda sobre todos os que não puderam resistir às suas más inclinações e ainda são arrastados por um mau cami-

nho. Que os vossos bons Espíritos os rodeiem; que a vossa luz brilhe aos seus olhos, e que, atraídos pelo seu calor vivificante, venham prostrar-se aos vossos pés, humildes, arrependidos e submissos.

Nós vos pedimos igualmente, Pai de misericórdia, por aqueles dos nossos irmãos que não tiveram a força de suportar as suas provas terrenas. Vós nos dais um fardo a carregar, Senhor, e só devemos depô-lo aos vossos pés; mas a nossa fraqueza é grande, e a coragem às vezes nos falta pelo caminho. Tende piedade desses servos indolentes que abandonaram a obra antes da hora; que a vossa justiça os poupe e permita aos vossos bons Espíritos levar-lhes o alívio, as consolações e a esperança do futuro. A visão do perdão fortalece a alma; mostrai-o, Senhor, aos culpados que desesperam, e, sustentados por essa esperança, eles haurirão forças na própria grandeza de suas faltas e de seus sofrimentos para resgatar o seu passado e se preparar para conquistar o futuro.

Por um inimigo morto

67. *Prefácio*. A caridade para com os nossos inimigos deve segui-los além do túmulo. É preciso pensar que o mal que eles nos fizeram foi para nós uma prova que pode ter sido útil ao nosso adiantamento, se soubemos aproveitá-la. Pode ter-nos sido ainda mais proveitosa que as aflições puramente materiais, na medida em que, à coragem e à resignação, nos permitiu juntar a caridade e o esquecimento das ofensas. (Cap. X, item 6; cap. XII, itens 5 e 6.)

68. *Prece*. Senhor, aprouve-vos chamar antes de mim a alma de N... Perdoo-lhe o mal que me fez e as suas más intenções a meu respeito; possa ele arrepender-se disso, agora que já não tem as ilusões deste mundo.

Que a vossa misericórdia, meu Deus, se estenda sobre ele, e afastai de mim o pensamento de me alegrar com a sua morte. Se tive culpas para com ele, que ele mas perdoe, assim como eu esqueço as que ele teve para comigo.

Por um criminoso

69. *Prefácio*. Se a eficácia das preces fosse proporcional à sua extensão, as mais longas deveriam ser reservadas aos mais culpados, porque têm mais necessidade delas do que os que viveram santamente. Recusá-las aos criminosos é faltar com a caridade e desconhecer a misericórdia de Deus; julgá-las inúteis porque um homem cometeu tal ou qual falta é prejulgar a justiça do Altíssimo. (Cap. XI, item 14.)

70. *Prece*. Senhor, Deus de misericórdia, não repilais este criminoso que acaba de deixar a Terra; a justiça dos homens pôde atingi-lo, mas não o liberta da vossa justiça, se o seu coração não foi tocado pelo remorso.

Erguei a venda que lhe oculta a gravidade de suas faltas; possa o seu arrependimento encontrar graça diante de vós e aliviar os sofrimentos de sua alma! Possam também as nossas preces e a intercessão dos bons Espíritos levar-lhe a esperança e a consolação, inspirar-lhe o desejo de reparar as suas más ações numa nova existência e dar-lhe a força de não sucumbir nas novas lutas que empreender!

Senhor, tende piedade dele!

Por um suicida

71. *Prefácio*. O homem nunca tem o direito de dispor da própria vida, pois só a Deus cabe tirá-lo do cativeiro terreno quando o julgar oportuno. Todavia, a justiça divina pode abrandar os seus rigores em

atenção às circunstâncias, mas reserva toda a sua severidade para aquele que quis subtrair-se às provas da vida. O suicida é como o prisioneiro que foge da prisão antes de cumprida a sua pena e que, quando recapturado, é mantido com mais rigor. Assim acontece com o suicida, que julga escapar às misérias presentes e se precipita em desgraças maiores. (Cap. V, itens 14 e seguintes.)

72. *Prece*. Sabemos, ó meu Deus, a sorte reservada aos que violam as vossas leis abreviando voluntariamente os seus dias; mas sabemos também que a vossa misericórdia é infinita: dignai-vos estendê-la sobre a alma de N... Possam as nossas preces e a vossa compaixão suavizar a amargura dos sofrimentos que ele suporta por não ter tido a coragem de esperar o fim de suas provas!

Bons Espíritos, cuja missão é assistir os infelizes, tomai-o sob a vossa proteção; inspirai-lhe o pesar da sua falta, e que a vossa assistência lhe dê a força de suportar com mais resignação as novas provas que terá de passar para repará-la. Afastai dele os maus Espíritos que poderiam de novo levá-lo ao mal e prolongar os seus sofrimentos, fazendo-o perder o fruto de suas provas futuras.

Vós, cuja desgraça é objeto das nossas preces, possa a nossa compaixão suavizar a sua amargura e fazer nascer em vós a esperança de um futuro melhor! Esse futuro está em vossas mãos; confiai na bondade de Deus, cujo seio está aberto a todos os arrependimentos e só permanece fechado aos corações endurecidos.

Pelos Espíritos arrependidos

73. *Prefácio*. Seria injusto incluir na categoria dos maus Espíritos os Espíritos sofredores e arrependidos que pedem preces; esses podem ter sido maus, mas já não o são desde o momento em que reconhe-

cem as suas faltas e as lamentam: são apenas infelizes; alguns até começam a gozar de uma felicidade relativa.

74. *Prece*. Deus de misericórdia, que aceitais o arrependimento sincero do pecador, encarnado ou desencarnado, eis um Espírito que se comprazia no mal, mas que reconhece os seus erros e entra no bom caminho; dignai-vos, ó meu Deus, recebê-lo como a um filho pródigo e perdoar-lhe.

Bons Espíritos, cuja voz ele desconheceu, ele quer escutar-vos doravante; permiti-lhe entrever a felicidade dos eleitos do Senhor, a fim de que persista no desejo de se purificar para alcançá-la; sustentai-o em suas boas resoluções e dai-lhe a força de resistir aos seus maus instintos.

Espírito de N..., nós vos felicitamos pela vossa mudança e agradecemos aos bons Espíritos que vos ajudaram!

Se outrora vos comprazíeis em fazer o mal, é que não compreendíeis quanto é doce o gozo de fazer o bem; vós vos sentíeis também baixo demais para esperar alcançá-lo. Mas desde o instante em que pusestes o pé no bom caminho, uma luz nova se fez para vós; começastes a provar uma felicidade desconhecida, e a esperança entrou no vosso coração. É que Deus sempre ouve a prece do pecador arrependido; não repele nenhum dos que vêm a ele.

Para voltardes completamente às suas graças, aplicai-vos doravante não somente a não fazer mais o mal, mas a fazer o bem, e sobretudo a reparar o mal que fizestes; então tereis satisfeito à justiça de Deus; cada boa ação apagará uma de vossas faltas passadas.

O primeiro passo está dado; agora, quanto mais avançardes, mais fácil e agradável o caminho vos parecerá. Perseverai, pois, e um dia te-

reis a glória de figurar entre os bons Espíritos e os Espíritos bem-aventurados.

Pelos Espíritos endurecidos

75. *Prefácio*. Os maus Espíritos são aqueles a quem o arrependimento ainda não tocou; que se comprazem no mal e não sentem por ele nenhum pesar; que são insensíveis às censuras, repelem a prece e muitas vezes blasfemam o nome de Deus. São essas almas endurecidas que, depois da morte, se vingam nos homens dos sofrimentos que suportam, e perseguem com o seu ódio aqueles a quem quiseram mal durante a vida, seja pela obsessão, seja por uma influência funesta qualquer. (Cap. X, item 6; cap. XII, itens 5 e 6.)

Entre os Espíritos perversos há duas categorias bem distintas: os que são francamente maus e os que são hipócritas. Os primeiros são infinitamente mais fáceis de reconduzir ao bem que os segundos; são na maioria das vezes naturezas brutas e grosseiras, como as que se veem entre os homens, que fazem o mal mais por instinto que por cálculo e não procuram passar por melhores do que são; mas há neles um germe latente que é preciso fazer desabrochar, e consegue-se isso quase sempre com a perseverança, a firmeza aliada à benevolência, pelos conselhos, pelos raciocínios e pela prece. Na mediunidade, a dificuldade que eles têm em escrever o nome de Deus é indício de um temor instintivo, de uma voz íntima da consciência que lhes diz que são indignos dele; aquele que chegou a esse ponto está no limiar da conversão, e pode-se esperar tudo dele: basta encontrar o ponto vulnerável do coração.

Os Espíritos hipócritas são quase sempre muito inteligentes, mas não têm no coração nenhuma fibra sensível; nada os toca; simulam todos os bons sentimentos para captar a confiança, e ficam felizes

quando encontram ingênuos que os aceitam como Espíritos santos e que eles podem governar a seu bel-prazer. O nome de Deus, longe de lhes inspirar o menor temor, serve-lhes de máscara para encobrir as suas torpezas. No mundo invisível, como no mundo visível, os hipócritas são os seres mais perigosos, porque agem na sombra e ninguém desconfia deles. Têm apenas as aparências da fé, mas nenhuma fé sincera.

76. *Prece*. Senhor, dignai-vos lançar um olhar de bondade sobre os Espíritos imperfeitos que ainda estão nas trevas da ignorância e vos desconhecem, e especialmente sobre o de N...

Bons Espíritos, ajudai-nos a fazê-lo compreender que, induzindo os homens ao mal, obsidiando-os e atormentando-os, ele prolonga os seus próprios sofrimentos; fazei que o exemplo da felicidade de que gozais seja para ele um encorajamento.

Espírito que ainda vos comprazeis no mal, acabais de ouvir a prece que fazemos por vós; ela deve provar-vos que desejamos fazer-vos o bem, embora vós façais o mal.

Sois infeliz, pois é impossível ser feliz fazendo o mal; por que, então, permanecer no sofrimento quando depende de vós sair dele? Olhai os bons Espíritos que vos rodeiam; vede como são felizes, e se não seria mais agradável para vós gozar da mesma felicidade.

Direis que isso vos é impossível; mas nada é impossível para quem quer, pois Deus vos deu, como a todas as suas criaturas, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, isto é, entre a felicidade e a desgraça, e ninguém está condenado a fazer o mal. Se tendes a vontade de fazê-lo, podeis ter a de fazer o bem e de ser feliz.

Voltai o vosso olhar para Deus; elevai-vos um só instante até ele pelo pensamento, e um raio da sua divina luz virá iluminar-vos. Dizei conosco estas simples palavras: *Meu Deus, eu me arrependo, perdoai-me*. Experimentai o arrependimento e fazer o bem em vez de fazer o mal, e vereis que imediatamente a sua misericórdia se estenderá sobre vós e que um bem-estar desconhecido virá substituir as angústias que suportais.

Uma vez que tenhais dado um passo no bom caminho, o resto do trajeto vos parecerá fácil. Compreendereis então quanto tempo perdestes, por vossa culpa, para a vossa felicidade; mas um futuro radioso e cheio de esperança se abrirá diante de vós e vos fará esquecer o vosso passado miserável, cheio de perturbação e de torturas morais que seriam para vós o inferno, se tivessem de durar eternamente. Virá um dia em que essas torturas serão tais que a todo custo desejareis fazê-las cessar; mas, quanto mais esperardes, mais difícil isso vos será.

Não creiais que permanecereis sempre no estado em que estais; não, isso é impossível; tendes diante de vós duas perspectivas: uma, a de sofrer muito mais do que sofreis agora; a outra, a de ser feliz como os bons Espíritos que estão à vossa volta. A primeira é inevitável se persistirdes na vossa obstinação; um simples esforço da vossa vontade basta para vos tirar do mau passo em que estais. Apressai-vos, pois, porque cada dia de atraso é um dia perdido para a vossa felicidade.

Bons Espíritos, fazei que estas palavras encontrem acesso nesta alma ainda atrasada, a fim de que a ajudem a aproximar-se de Deus. Nós vo-lo pedimos em nome de Jesus Cristo, que teve tão grande poder sobre os maus Espíritos.

V. Pelos doentes e pelos obsidiados

Pelos doentes

77. *Prefácio*. As doenças fazem parte das provas e das vicissitudes da vida terrena; são inerentes à grosseria de nossa natureza material e à inferioridade do mundo que habitamos. As paixões e os excessos de toda espécie semeiam em nós germes malsãos, muitas vezes hereditários. Nos mundos mais adiantados física ou moralmente, o organismo humano, mais depurado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades, e o corpo não é minado surdamente pela devastação das paixões (cap. III, item 9). É preciso, pois, resignar-se a sofrer as consequências do meio em que nos coloca a nossa inferioridade, até que tenhamos merecido mudar de meio. Isso não deve impedir-nos, enquanto isso, de fazer o que depende de nós para melhorar a nossa situação atual; mas se, apesar dos nossos esforços, não o conseguirmos, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação os nossos males passageiros.

Se Deus não quisesse que os sofrimentos corporais fossem dissipados ou suavizados em certos casos, não teria posto meios curativos à nossa disposição. Sua previdente solicitude a esse respeito, de acordo nisso com o instinto de conservação, indica que é nosso dever procurá-los e aplicá-los.

Ao lado da medicação comum, elaborada pela ciência, o magnetismo nos fez conhecer o poder da ação fluídica; depois, o Espiritismo veio revelar-nos outra força na mediunidade curadora e na influência da prece. (Ver adiante a nota sobre a mediunidade curadora.)

78. *Prece*. (Feita pelo doente.) Senhor, vós sois toda justiça; a doença que vos aprouve enviar-me, devo tê-la merecido, porque nunca afli-

gis sem causa. Entrego-me, quanto à minha cura, à vossa infinita misericórdia; se vos aprouver devolver-me a saúde, bendito seja o vosso santo nome; se, ao contrário, eu ainda tiver de sofrer, que ele seja bendito do mesmo modo; submeto-me sem queixa aos vossos divinos decretos, pois tudo o que fazeis não pode ter outro fim senão o bem das vossas criaturas.

Fazei, ó meu Deus, que esta doença seja para mim uma advertência salutar e me faça entrar em mim mesmo; aceito-a como uma expiação do passado e como uma prova para a minha fé e a minha submissão à vossa santa vontade. (Ver a prece nº 40.)

79. *Prece*. (Em favor do doente.) Meu Deus, os vossos desígnios são impenetráveis, e em vossa sabedoria julgastes dever afligir N... com a doença. Lançai, eu vos suplico, um olhar de compaixão sobre os seus sofrimentos e dignai-vos pôr-lhes um termo.

Bons Espíritos, ministros do Todo-Poderoso, secundai, eu vos peço, o meu desejo de aliviá-lo; dirigi o meu pensamento, a fim de que ele vá derramar um bálsamo salutar sobre o seu corpo e a consolação em sua alma.

Inspirai-lhe a paciência e a submissão à vontade de Deus; dai-lhe a força de suportar as suas dores com uma resignação cristã, a fim de que não perca o fruto desta prova. (Ver a prece nº 57.)

80. *Prece*. (Feita pelo médium curador.) Meu Deus, se vos dignais servir-vos de mim, por indigno que eu seja, posso curar este sofrimento, se tal for a vossa vontade, porque tenho fé em vós; mas sem vós nada posso. Permiti a bons Espíritos que me penetrem com o seu fluido salutar, a fim de que eu o transmita a este doente, e desviai de mim todo pensamento de orgulho e de egoísmo que poderia alterar a sua pureza.

Pelos obsidiados

81. *Prefácio*. A obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, desde a simples influência moral, sem sinais exteriores perceptíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas; na mediunidade pela escrita, traduz-se pela obstinação de um Espírito em se manifestar com exclusão de todos os outros.

Os maus Espíritos pululam em torno da Terra, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. Sua ação malfazeja faz parte dos flagelos a que a humanidade está exposta neste mundo. A obsessão, como as doenças e todas as tribulações da vida, deve, pois, ser considerada como uma prova ou uma expiação, e aceita como tal.

Assim como as doenças são o resultado das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral que dá brecha a um mau Espírito. A uma causa física opõe-se uma força física; a uma causa moral é preciso opor uma força moral. Para preservar das doenças, fortifica-se o corpo; para proteger da obsessão, é preciso fortificar a alma; daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar pelo seu próprio melhoramento, o que basta, na maioria das vezes, para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de pessoas estranhas. Esse socorro torna-se necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, pois então o paciente às vezes perde a vontade e o livre-arbítrio.

A obsessão é quase sempre o resultado de uma vingança exercida por um Espírito, e que na maioria das vezes tem a sua origem nas rela-

ções que o obsidiado teve com ele numa existência anterior. (Ver cap. X, item 6; cap. XII, itens 5 e 6.)

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado está como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É desse fluido que é preciso livrá-lo; ora, um mau fluido não pode ser repelido por um mau fluido. Por uma ação idêntica à do médium curador nos casos de doença, é preciso expulsar o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor, que produz de certo modo o efeito de um reagente. Essa é a ação mecânica, mas ela não basta; é preciso também, e sobretudo, agir sobre o ser inteligente, ao qual é preciso ter o direito de falar com autoridade, e essa autoridade só é dada à superioridade moral; quanto maior esta for, maior será a autoridade.

Isso ainda não é tudo; para assegurar a libertação, é preciso levar o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desígnios; é preciso fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com o auxílio de instruções habilmente dirigidas, em evocações particulares feitas com vistas à sua educação moral; então se pode ter a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa torna-se mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, contribui com o concurso da sua vontade e da sua prece; não acontece o mesmo quando ele, seduzido pelo Espírito enganador, se ilude sobre as qualidades daquele que o domina e se compraz no erro em que este o mergulha; pois então, longe de colaborar, ele repele toda assistência. É o caso da *fascinação*, sempre infinitamente mais rebelde que a subjugação mais violenta. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar para agir contra o Espírito obsessor.

82. *Prece*. (Feita pelo obsidiado.) Meu Deus, permiti aos bons Espíritos que me libertem do Espírito malfazejo que se ligou a mim. Se é uma vingança que ele exerce por erros que eu tenha cometido outrora contra ele, vós o permitis, meu Deus, para a minha punição, e sofro a consequência da minha falta. Possa o meu arrependimento merecer-me o vosso perdão e a minha libertação! Mas, qualquer que seja o seu motivo, invoco sobre ele a vossa misericórdia; dignai-vos facilitar-lhe o caminho do progresso, que o desviará do pensamento de fazer o mal. Possa eu, de meu lado, pagando-lhe o mal com o bem, levá-lo a melhores sentimentos.

Mas sei também, ó meu Deus, que são as minhas imperfeições que me tornam acessível às influências dos Espíritos imperfeitos. Dai-me a luz necessária para reconhecê-las; combatei sobretudo em mim o orgulho que me cega para os meus defeitos.

Qual não deve ser a minha indignidade, já que um ser malfazejo pode dominar-me!

Fazei, ó meu Deus, que este revés infligido à minha vaidade me sirva de lição para o futuro; que me fortaleça na resolução que tomo de me depurar pela prática do bem, da caridade e da humildade, a fim de opor doravante uma barreira às más influências.

Senhor, dai-me a força de suportar esta prova com paciência e resignação; compreendo que, como todas as outras provas, ela deve ajudar o meu adiantamento, se eu não perder o seu fruto com as minhas queixas, já que me fornece uma ocasião de mostrar a minha submissão e de exercer a minha caridade para com um irmão infeliz, perdo-

ando-lhe o mal que me faz. (Cap. XII, itens 5 e 6; cap. XXVIII, itens 15 e seguintes, 46 e 47.)

83. *Prece*. (Em favor do obsidiado.) Deus Todo-Poderoso, dignai-vos dar-me o poder de libertar N... do Espírito que o obsidia; se entra em vossos desígnios pôr termo a esta prova, concedei-me a graça de falar a esse Espírito com autoridade.

Bons Espíritos que me assistis, e vós, seu anjo guardião, prestai-me o vosso concurso; ajudai-me a livrá-lo do fluido impuro de que está envolvido.

Em nome de Deus Todo-Poderoso, conjuro o Espírito malfazejo que o atormenta a retirar-se.

84. *Prece*. (Em favor do Espírito obsessor.) Deus infinitamente bom, imploro a vossa misericórdia para o Espírito que obsidia N...; fazei-lhe entrever as divinas claridades, a fim de que veja o falso caminho em que se meteu. Bons Espíritos, ajudai-me a fazê-lo compreender que tem tudo a perder fazendo o mal e tudo a ganhar fazendo o bem.

Espírito que vos comprazeis em atormentar N..., escutai-me, pois eu vos falo em nome de Deus.

Se quiserdes refletir, compreendereis que o mal não pode prevalecer sobre o bem e que não podeis ser mais forte do que Deus e os bons Espíritos.

Eles poderiam ter preservado N... de qualquer ataque de vossa parte; se não o fizeram, é que ele (ou ela) tinha uma prova a passar. Mas, quando essa prova terminar, eles vos tirarão toda ação sobre ele; o mal que lhe fizestes, em vez de prejudicá-lo, terá servido ao seu adiantamento, e ele só será mais feliz por isso; assim, a vossa maldade terá sido pura perda para vós e se voltará contra vós.

Deus, que é todo-poderoso, e os Espíritos superiores, seus delegados, que são mais poderosos do que vós, poderão, pois, pôr termo a esta obsessão quando quiserem, e a vossa tenacidade se quebrará diante dessa autoridade suprema. Mas, justamente porque Deus é bom, ele quer deixar-vos o mérito de cessar por vossa própria vontade. É uma trégua que vos é concedida; se não a aproveitardes, sofrereis as suas deploráveis consequências; grandes castigos e cruéis sofrimentos vos esperam; sereis forçado a implorar a piedade deles e as preces de vossa vítima, que já vos perdoa e ora por vós, o que é um grande mérito aos olhos de Deus e apressará a sua libertação.

Refleti, pois, enquanto ainda é tempo, porque a justiça de Deus pesará sobre vós como sobre todos os Espíritos rebeldes. Pensai que o mal que fazeis neste momento terá forçosamente um termo, ao passo que, se persistirdes no vosso endurecimento, os vossos sofrimentos irão aumentando sem cessar.

Quando estáveis na Terra, não teríeis achado estúpido sacrificar um grande bem por uma pequena satisfação de um momento? O mesmo acontece agora que sois Espírito. Que ganhais com o que fazeis? O triste prazer de atormentar alguém, o que não vos impede de ser infeliz, digais o que disserdes, e vos tornará ainda mais infeliz.

Ao lado disso, vede o que perdeis; olhai os bons Espíritos que vos rodeiam e vede se a sorte deles não é preferível à vossa. A felicidade de que gozam será a vossa partilha quando quiserdes. Que é preciso para isso? Implorar a Deus e fazer o bem em vez de fazer o mal. Sei que não podeis transformar-vos de um só golpe; mas Deus não pede o impossível; o que ele quer é a boa vontade. Experimentai, pois, e nós vos ajudaremos. Fazei que em breve possamos dizer por vós a prece pelos Espíritos arrependidos (nº 73) e não mais vos incluir entre os maus Espíritos, enquanto esperais poder figurar entre os bons.

(Ver também, acima, nº 75, a prece pelos Espíritos endurecidos.)

Observação. A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento; exige também tato e habilidade para levar ao bem Espíritos muitas vezes muito perversos, endurecidos e astuciosos, pois há os que são rebeldes ao último grau; na maioria dos casos, é preciso guiar-se segundo as circunstâncias; mas, qualquer que seja o caráter do Espírito, há um fato certo: nada se obtém pela coação ou pela ameaça; toda a influência está no ascendente moral. Outra verdade, igualmente comprovada pela experiência tanto quanto pela lógica, é a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores ou sinais materiais quaisquer.

A obsessão longamente prolongada pode ocasionar desordens patológicas e requer às vezes um tratamento simultâneo ou consecutivo, seja magnético, seja médico, para restabelecer o organismo. Destruída a causa, resta combater os efeitos. (Ver *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII: Da obsessão. *Revista Espírita*, fevereiro e março de 1864; abril de 1865: exemplos de curas de obsessões.)

Notas

1. Certas traduções trazem: *Não nos induzais em tentação* (*et ne nos inducas in tentationem*); essa expressão daria a entender que a tentação vem de Deus, que ele impele voluntariamente os homens ao mal, pensamento blasfematório que assemelharia Deus a Satanás e não pode ter sido o de Jesus. Ela está, aliás, de acordo com a doutrina vulgar sobre o papel dos demônios. (Ver *O Céu e o Inferno*, cap. X: Os demônios.)
2. Esta prece foi ditada a um médium de Bordeaux no momento em que passava diante de suas janelas o cortejo fúnebre de um desconhecido.